

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Pedro Augusto Silva Miranda

“A HISTÓRIA AO VIVO ENQUANTO A NOTÍCIA ACONTECE”:
as fases e a anatomia narrativa da grande cobertura (tele)jornalística na GloboNews.

Juiz de Fora

2024

Pedro Augusto Silva Miranda

“A HISTÓRIA AO VIVO ENQUANTO A NOTÍCIA ACONTECE”:

as fases e a anatomia narrativa da grande cobertura (tele)jornalística na GloboNews.

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação e Sociedade

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia de Albuquerque Thomé

Juiz de Fora
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Miranda, Pedro Augusto Silva.

A história ao vivo enquanto a notícia acontece : as fases e a anatomia narrativa da grande cobertura (tele)jornalística na GloboNews / Pedro Augusto Silva Miranda. -- 2024.
269 p. : il.

Orientadora: Cláudia de Albuquerque Thomé
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2024.

1. Acontecimento. 2. Memória. 3. Telejornalismo. 4. Grande cobertura. 5. GloboNews. I. Thomé, Cláudia de Albuquerque, orient. II. Título.

Pedro Augusto Silva Miranda

“A HISTÓRIA AO VIVO ENQUANTO A NOTÍCIA ACONTECE”: as fases e a anatomia narrativa da grande cobertura (tele)jornalística na GloboNews

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Aprovada em 10 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Cláudia de Albuquerque Thomé - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.ª Dr.ª Christina Ferraz Musse

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.ª Dr.ª Iluska Maria da Silva Coutinho

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.ª Dr.ª Edna de Mello Silva

Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Vitor Curvelo Fontes Belém

Universidade Federal de Sergipe

Juiz de Fora, 21/11/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Iluska Maria da Silva Coutinho, Professor(a)**, em 10/12/2024, às 17:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Christina Ferraz Musse, Professor(a)**, em 10/12/2024, às 17:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Edna de Mello Silva, Usuário Externo**, em 10/12/2024, às 17:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia de Albuquerque Thome, Professor(a)**, em 10/12/2024, às 18:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vitor Curvelo Fontes Belém, Usuário Externo**, em 11/12/2024, às 14:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj (www2.uffj.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2114088** e o código CRC **99F4F9FC**.

Aos meus pais e ao meu irmão.
Exemplos de coragem, dedicação e amor
incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por permitir que esse momento acontecesse e por ser luz em meio às adversidades dessa caminhada. Obrigado por me fazer acreditar e mostrar que todos os meus sonhos são possíveis.

Agradeço a minha família, Maria, Pedro Xavier e Pedro Junior, por sempre estarem ao meu lado com muito amor, acreditando em mim e que tudo daria certo. Mesmo sem entenderem muito bem as angústias dessa jornada sempre fizeram-se presentes, sendo meu suporte.

Agradeço ao Ronaldo Eudes, pelo tempo dedicado, pelas histórias contadas, pelas risadas compartilhadas. Sem você a caminhada seria mais difícil.

Agradeço a professora Cláudia Thomé, pelos ensinamentos, dedicação e paciência durante todo esse processo de pesquisa desde 2014. Obrigado pela parceria, pelas oportunidades e pelos incentivos.

Gratidão aos professores Christina Musse, Edna Mello Silva, Iluska Coutinho e Vitor Belém por serem inspiração e estarem comigo na conclusão desta etapa.

Agradeço aos “colegas acadêmicos” que tornaram-se amigos de vida, representados aqui pelas queridas Ana Paula Dessupoio, Laura Sanábio, Talita Magnolo e Vanessa Coutinho Martins.

Por fim, agradeço à Globo, através do Globo Universidade, pelo apoio ao projeto a partir do acesso ao acervo da GloboNews. Obrigado, também, ao PPGCOM UFJF por prover uma educação pública e de qualidade, bem como pelo acolhimento e por contribuir com a realização deste sonho.

O presente trabalho foi desenvolvido com apoio do Programa de Bolsas de Pós-graduação da Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior através da concessão de bolsa de estudo de Doutorado e apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

[...] fazer perguntas aos outros. É pouco. É pouquíssimo. Mas é uma boa maneira de cumprir uma das tarefas do jornalismo: produzir memória. (Moraes Neto, 2013)

A história nem sempre é como aconteceu. É como nos lembramos, e as gerações futuras olharão para trás e se perguntarão o que está acontecendo conosco agora. Elas verão através das lentes [...] (Chernov, 2024, tradução nossa)

RESUMO

A pesquisa apresenta uma análise do telejornalismo em canais *all news*, com foco na GloboNews, principal canal de notícias brasileiro, investigando a estrutura e as transformações da grande cobertura telejornalística ao longo de mais de 20 anos. A tese parte do entendimento da televisão como um espaço de referência e segurança, destacando a influência do telejornalismo na construção de narrativas que conectam passado, presente e futuro, em resposta às mudanças tecnológicas, sociais e culturais. Este contexto é analisado por meio de conceitos como midiatização, *bios* midiático, dramaturgia no telejornalismo e as anatomias narrativas. O estudo se insere em um cenário de transformação do consumo televisivo, onde o modelo clássico de canais *all news* indica uma transição para o paradigma convergente e expandido que denominamos “*all news everywhere*”. As situações-problemas de pesquisa concentram-se na definição das anatomias narrativas da grande cobertura, considerando os estilos, a estrutura e os recursos técnicos usados ao longo do tempo. Também investigamos as transformações e permanências na grande cobertura, propondo que a serialização narrativa — uso de elementos como *flashbacks*, *flashforwards* e *cold opens* — é um recurso central para envolver a audiência em meio a nova ambiência. A metodologia empregada combina a Análise Televisual Convergente (ATC), na estruturação de cinco fases históricas da grande cobertura da GloboNews, e a Análise Televisual (AT) utilizada no aprofundamento sobre algumas coberturas. Foram analisados três eventos emblemáticos: a cobertura da queda do avião *Fokker 100* da TAM, em São Paulo (1996), os atentados de 11 de setembro (2001), nos Estados Unidos, e o rompimento da barragem da Vale em Brumadinho (2019). O estudo observou uma modificação significativa nas práticas telejornalísticas, com a adoção de tecnologias como drones e transmissão móvel (via 4G/5G), que aumentou a mobilidade e a agilidade das coberturas. Os resultados indicam que, apesar das mudanças, a grande cobertura mantém-se como um espaço de referência para o público. A narrativa serializada mostrou-se eficaz na organização do fluxo informacional contínuo e na retenção da audiência. Além disso, a pesquisa destaca o impacto das tecnologias digitais na convergência entre a televisão e outras plataformas, consolidando um modelo de telejornalismo ubiquamente acessível. A pesquisa ainda propõe que as grandes coberturas transcendem o imediato, contribuindo para a construção de uma memória coletiva e registro histórico dos acontecimentos. O estudo oferece subsídios teóricos e metodológicos para futuras análises do telejornalismo em um contexto de permanente digitalização e midiatização.

Palavras-chave: Acontecimento. Memória. Telejornalismo. Grande Cobertura. GloboNews.

ABSTRACT

The research presents an analysis of television journalism on all-news channels, focusing on GloboNews, the main Brazilian news channel, investigating the structure and transformations of major television news coverage over more than 20 years. The thesis starts from the understanding of television as a space of reference and security, highlighting the influence of television journalism in the construction of narratives that connect past, present and future, in response to technological, social and cultural changes. This context is analyzed through concepts such as mediatization, bios midiático, dramaturgy in television journalism and narrative anatomies. The study is inserted in a scenario of transformation of television consumption, where the classic model of all-news channels indicates a transition to the convergent and expanded paradigm that we call “all news everywhere”. The research problem situations focus on the definition of the narrative anatomies of major coverage, considering the styles, structure and technical resources used over time. We also investigated the transformations and continuities in major coverage, proposing that narrative serialization — the use of elements such as flashbacks, flashforwards, and cold opens — is a key resource for engaging the audience in the midst of the new environment. The methodology used combines Análise Televisual Convergente (ATC), in the structuring of five historical phases of GloboNews major coverage, and Análise Televisual (AT) used to delve deeper into some coverage. Three emblematic events were analyzed: the coverage of the crash of the TAM Fokker 100 plane in São Paulo (1996), the September 11 attacks (2001) in the United States, and the collapse of the Vale dam in Brumadinho (2019). The study observed a significant change in television news practices, with the adoption of technologies such as drones and mobile transmission (from 4G/5G), which increased the mobility and agility of coverage. The results indicate that, despite the changes, major coverage remains a reference space for the public. Serialized narratives have proven effective in organizing continuous information flow and retaining audiences. Furthermore, the study highlights the impact of digital technologies on the convergence between television and other platforms, consolidating a ubiquitously accessible model of television journalism. The study also proposes that major coverage transcends the immediate, contributing to the construction of a collective memory and historical record of events. The study provides theoretical and methodological support for future analyses of television journalism in a context of permanent digitalization and mediatization.

Keywords: Event. Memory. Television journalism. Great coverage. GloboNews.

RESUMEN

La investigación presenta un análisis del periodismo televisivo en los canales de noticias, centrándose en GloboNews, el principal canal de noticias brasileño, investigando la estructura y las transformaciones de las principales coberturas informativas televisivas a lo largo de más de 20 años. La tesis parte de la comprensión de la televisión como espacio de referencia y seguridad, destacando la influencia del periodismo televisivo en la construcción de narrativas que conectan pasado, presente y futuro, en respuesta a los cambios tecnológicos, sociales y culturales. Este contexto se analiza a través de conceptos como mediatización, bios medios, dramaturgia en el periodismo televisivo y anatomías narrativas. El estudio se enmarca en un escenario de transformación del consumo televisivo, donde el modelo clásico *all news* indica una transición hacia el paradigma convergente y ampliado que llamamos "*all news everywhere*". Las situaciones problemáticas de investigación se centran en definir las anatomías narrativas de gran cobertura, considerando los estilos, la estructura y los recursos técnicos utilizados a lo largo del tiempo. También investigamos las transformaciones y la permanencia en la cobertura, proponiendo que la serialización narrativa (uso de elementos como flashbacks, flashforwards y cold opens) es un recurso central para involucrar a la audiencia en medio del nuevo entorno. La metodología utilizada combina el Análise Televisual Convergente (ATC), para estructurar cinco fases históricas de la gran cobertura de GloboNews, y el Análise Televisual (AT), utilizado para profundizar en algunas coberturas. Se analizaron tres eventos emblemáticos: la cobertura del accidente del avión TAM Fokker 100 en São Paulo (1996), los atentados del 11 de septiembre (2001) en Estados Unidos y el colapso de la represa de Vale en Brumadinho (2019). El estudio observó un cambio significativo en las prácticas del periodismo televisivo, con la adopción de tecnologías como drones y transmisión móvil (vía 4G/5G), que aumentaron la movilidad y agilidad de la cobertura. Los resultados indican que, a pesar de los cambios, la gran cobertura sigue siendo un espacio de referencia para el público. La narrativa serializada demostró ser eficaz para organizar el flujo continuo de información y retener a la audiencia. Además, la investigación destaca el impacto de las tecnologías digitales en la convergencia entre la televisión y otras plataformas, consolidando un modelo de periodismo televisivo ubicuamente accesible. La investigación también propone que la gran cobertura trasciende lo inmediato, contribuyendo a la construcción de una memoria colectiva y un registro histórico de los acontecimientos. El estudio ofrece soporte teórico y metodológico para futuros análisis del periodismo televisivo en un contexto de digitalización y mediatización permanente.

Palabras clave: Evento. Memoria. Periodismo televisivo. Gran cobertura. GloboNews.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Artigo de opinião de Clóvis Rossi sobre as coberturas jornalísticas nos canais <i>all news</i>	44
Figura 2 – Programação da CBS Telenotícias Brasil no SBT.....	51
Figura 3 – Reportagem de apresentação na estreia do canal	53
Figura 4 – <i>Site</i> do “BandNews TV” em 2001 e 2005.....	54
Figura 5 – Peça publicitária do BandNews TV sobre cobertura jornalística	55
Figura 6 – Peça publicitária divulga a estreia da Record News	57
Figura 7 – Reprodução do site da Record News em 2007 e 2011.....	58
Figura 8 – Nota jornalística sobre a expansão da TV a cabo nos EUA, em 1979.....	62
Figura 9 – Imagens da cobertura ao vivo da CNN da Guerra no Golfo Pérsico, em 1991	65
Figura 10 – Jornais brasileiros repercutem a cobertura da CNN da Guerra no Golfo Pérsico	66
Figura 11 – Coluna de Paulo Roberto Leandro sobre a cobertura telejornalística, em 19 mai. 1981	71
Figura 12 – Matéria sobre a morte de Gilles Lapouge no Estadão, em 1º ago. 2020.....	73
Figura 13 – Linha do tempo com todas as fases e grandes coberturas.....	80
Figura 14 – Linha do tempo com as coberturas da primeira fase da grande cobertura (1996 – 2000).....	82
Figura 15 – Reconstituição da homepage da GloboNews em jan. 1998	98
Figura 16 – Linha do tempo com as coberturas da segunda fase da grande cobertura (2001 a 2005).....	101
Figura 17 – <i>Site</i> “GloboNews.com” em sua estreia em ago. 2001.....	102
Figura 18 – <i>Site</i> institucional “GloboNews TV” em ago. 2001.....	103
Figura 19 – Novo “GloboNews.com” com a cobertura do tsunami na Ásia/África em dez. 2004.....	105
Figura 20 – Reprodução da comunidade dedicada a GloboNews no Orkut.....	111
Figura 21 – Linha do tempo com as coberturas da terceira fase da grande cobertura (2006 a 2012).....	115
Figura 22 – Colunas e blogs no site da GloboNews em 2001 e 2010.....	122
Figura 23 – Ângulos diferentes na cobertura GloboNews e Mídia Ninja.....	126
Figura 24 – Linha do tempo com as coberturas da quarta fase da grande cobertura (2013 – 2014).....	128

Figura 25 – Linha do tempo com as coberturas da quinta fase da grande cobertura (2015 a 2019).....	134
Figura 26 – Modelo das fichas de análise utilizadas na aplicação da AT.....	152
Figura 27 – Imagens do acidente na reportagem principal do “J10” em 31 out. 1996.....	158
Figura 28 – Bricolagem telejornalística com imagens sobrepostas na cobertura do “J10”....	162
Figura 29 – Imersividade e “efeito de real” potencializados pelas imagens do “J10”.....	163
Figura 30 – Cobertura jornalística no portal de notícias “GloboNews.com”.....	173
Figura 31 – Sequência na definição temática da cobertura de 11 set. 2001.....	175
Figura 32 – Imagens utilizadas na reportagem do “J10” sobre o atentado.....	179
Figura 33 – O repórter Edney Silvestre na mesma matéria exibida no “JN” e no “J10”.....	180
Figura 34 – Recursos gráficos utilizados nos telejornais em 11 set. 2001.....	180
Figura 35 – Recursos gráficos utilizados nos relatos por telefone.....	182
Figura 36 – Material produzido com o uso de smartphone na cobertura.....	192
Figura 37 – Cobertura do rompimento da barragem da Vale no site “g1 GloboNews”.....	194
Figura 38 – Playlists com a cobertura do rompimento da barragem nas plataformas da Globo.....	195
Figura 39 – Cobertura do rompimento da barragem nos perfis do canal nas redes sociais digitais.....	197
Figura 40 – Tarja apresenta o tema principal da grande cobertura no “J10” de 25 jan. 2019.....	197
Figura 41 – Imagens de câmera de monitoramento obtida pela “Band” e pela “GloboNews”.....	202
Figura 42 – Usos da imagem do rompimento como cenário no telão e como selo.....	203
Gráfico 1 – Estrutura da metodologia de ATC proposta por Becker	77
Gráfico 2 – Fluxograma dos procedimentos operacionais	78
Gráfico 3 – Fluxograma proposição de instauração do valor-notícia de memória na grande cobertura.....	87
Gráfico 4 – Identificação das dimensões na primeira fase da grande cobertura (1996 – 2000)	88
Gráfico 5 – Identificação das dimensões na segunda fase da grande cobertura (2001 a 2005).....	106
Gráfico 6 – Identificação das dimensões na terceira fase da grande cobertura (2006 a 2012).....	118

Gráfico 7 – Identificação das dimensões na quarta fase da grande cobertura (2013 a 2014).....	129
Gráfico 8 – Identificação das dimensões na quinta fase da grande cobertura (2015 – 2019).....	136
Gráfico 10 – VTs e AO VIVO na cobertura da “GloboNews” da queda do <i>Fokker</i> 100 da TAM.....	157
Gráfico 11 – Fluxo de tema e subtemas identificados – Acidente <i>Fokker</i> 100.....	159
Gráfico 12 – VTs e AO VIVO na cobertura da “GloboNews” dos atentados terroristas de 11 set. 2001.....	169
Gráfico 13 – Fluxo de tema e subtemas identificados – Ataques terroristas de 11 set. 2001.....	175
Gráfico 14 – VTs e AO VIVO na cobertura da “GloboNews” do rompimento da barragem da Vale.....	193
Gráfico 15 – Fluxo de temas identificados – Rompimento da barragem em Brumadinho.....	198
Quadro 1 – Tipologias para o acontecimento	37
Quadro 2 – Grandes coberturas identificadas na GloboNews de 1996 a 2019	79
Quadro 3 – Grandes coberturas da primeira fase (de 1996 a 2000)	81
Quadro 4 – Grandes coberturas da segunda fase (de 2001 a 2005)	100
Quadro 5 – Grandes coberturas da terceira fase (de 2006 a 2012)	114
Quadro 6 – Grandes coberturas da quarta fase (de 2013 a 2014)	123
Quadro 7 – Grandes coberturas da quinta fase (de 2015 a 2019).....	133
Quadro 8 – Síntese das características de cada fase da grande cobertura na GloboNews.....	139
Quadro 9 – Síntese do objeto empírico e do recorte.....	148
Quadro 10 – Sistematização dos indicadores analisados e dos procedimentos metodológicos	154
Quadro 11 – Unidades-análise da primeira cobertura.....	156
Quadro 12 – Unidades-análise da segunda cobertura	167
Quadro 13 – Unidades-análise da terceira cobertura	187
Quadro 14 – Síntese dos resultados	213

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A GRANDE COBERTURA NO TELEJORNALISMO.....	31
2.1 DO ACONTECIMENTO À GRANDE COBERTURA NO TELEJORNALISMO	35
3 O ALL NEWS NO TELEJORNALISMO	43
3.1 OS CANAIS ALL NEWS NA TELEVISÃO BRASILEIRA	46
3.1.1 As primeiras experiências de canais segmentados de jornalismo na televisão brasileira: GNT e Jovem Pan TV.....	47
3.1.2 A consolidação do jornalismo na TV por assinatura: GloboNews e CBS Telenotícias Brasil	49
3.1.2.1 <i>O Grupo Bandeirantes aposta no telejornalismo all news com o BandNews TV.....</i>	51
3.1.2.2 <i>Com mais de 50 anos no mercado televisivo, Record estreia canal de notícia Record News na TV aberta</i>	56
3.1.2.3 <i>Enfim, a CNN desembarca no país com a produção nacional da CNN Brasil.....</i>	60
3.2 O ALL NEWS COMO UM NOVO HÁBITO DE CONSUMO E MODO DE PRODUÇÃO DO TELEJORNALISMO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO	61
4 A GRANDE COBERTURA (TELE)JORNALÍSTICA E SUAS FASES NA GLOBONEWS.....	71
4.1 AS FASES DA GRANDE COBERTURA (TELE)JORNALÍSTICA DA GLOBONEWS	74
4.1.1 As dimensões da Análise Televisual Convergente (ATC)	75
4.1.2 Em busca das fases: os primeiros passos.....	78
4.1.3 Primeira fase – A “CNN brasileira”, a “Globo Plus” (1996 – 2000).....	81
4.1.4 Segunda fase – Uma proposta multimídia (2001 – 2005).....	100
4.1.5 Terceira fase – De cara nova: modernização televisual e na linguagem com novos formatos no ar (2006 – 2012).....	113
4.1.6 Quarta fase – A notícia em HD, nas redes sociais digitais e no streaming: grandes coberturas sobre política e mobilização social e a “serialização” ao narrar (2013 – 2014).....	123

4.1.7 Quinta fase – Mais “ao vivo” e mais “Política” do que nunca: a audiência, os fatos políticos/econômicos, a concorrência e a Covid-19 como fatores de mudança (2015 – 2019).....	132
--	------------

5 JANELAS NO TEMPO: ANÁLISE TELEVISUAL (AT) DA GRANDE COBERTURA TELEJORNALÍSTICA NA GLOBONEWS.....	143
5.1 BREVE DESCRIÇÃO DOS OBJETOS EMPÍRICOS.....	148
5.2 UM OLHAR NO TEMPO: O PERCURSO DA ANÁLISE TELEVISUAL (AT).....	150
5.2.1 Em São Paulo (SP), a queda do avião Fokker 100 da TAM, em 1996.....	155
5.2.2 Nos Estados Unidos da América, os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001.....	166
5.2.3 Em Brumadinho (MG), o rompimento da barragem da Vale, em 2019.....	186
5.2.4 Em busca de resultados: comparando os dados obtidos.....	207

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	217
------------------------------------	------------

REFERÊNCIAS.....	221
-------------------------	------------

APÊNDICES.....	237
APÊNDICE A – ESTADO DA ARTE.....	237
APÊNDICE B – ENTREVISTA COM VERA ÍRIS PATERNOSTRO.....	241

ANEXOS.....	259
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP UFJF PELA APROVAÇÃO...259	
ANEXO B – AUTORIZAÇÃO FINAL PARA USO DE MATERIAL TITULARIDADE TV GLOBO.....	265
ANEXO C – LEVANTAMENTO HISTÓRICO DOS CANAIS DE NOTÍCIA NO BRASIL NOS JORNAIS IMPRESSOS “FOLHA DE S. PAULO”, “O ESTADO DE S. PAULO” E “O GLOBO”	269

1 INTRODUÇÃO

A televisão ainda é um meio popular entre os brasileiros, indica a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua¹ (PNAD Contínua), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024), em agosto de 2024, que investigou o módulo temático sobre Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) em 2023.

No período, em cerca de 94% dos domicílios particulares permanentes no Brasil (algo em torno de 74 milhões) havia televisor. Sendo que, 65 milhões desses domicílios brasileiros tinham recepção de sinal analógico ou digital de televisão aberta, o que corresponde a 88% dos domicílios com o aparelho. Em comparação com 2022, houve uma leve queda, já que 65,5 milhões de domicílios (91,6%) possuíam acesso à TV aberta. O percentual de domicílios com acesso é um pouco maior em áreas urbanas (88,9%) do que em áreas rurais (80,9%) (IBGE, 2024).

Com relação a TV por assinatura, 25,2% dos domicílios com televisão no Brasil tinham acesso ao serviço, o que equivale a 18,6 milhões de residências. Esse percentual diminuiu em relação a 2022, quando era de 27,7%. A presença de TV por assinatura é maior nas áreas urbanas (26,2%) do que nas áreas rurais (17,4%). A Região Sudeste lidera o percentual de domicílios com acesso a serviço pago com 32,4%, enquanto a Região Nordeste tem o menor (14,2%). O rendimento médio por pessoa nos domicílios que tinham televisão com o serviço pago, em torno de R\$ 3.041, superou o daqueles com televisão sem esse tipo de serviço, em torno de R\$ 1.505 (IBGE, 2024).

A pesquisa Mídia Dados 2024, do Grupo de Mídia, indica ainda que 29% da população no país acessou à TV por assinatura em 30 dias. Sendo a TV paga o sexto meio mais acessado pelos brasileiros, a frente das revistas (impresas e digitais) e do cinema (Grupo de Mídia, 2024). De acordo com dados² da Agência Nacional de Telecomunicações (2024), em setembro de 2024, o serviço de TV paga contava com uma base de aproximadamente 10 milhões de assinantes.

¹ Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102107>>. Acesso em 30 jul. 2024.

² Disponível em: <https://midiadados.gm.org.br/view-content/tableau@fce04b81-88bb-46b0-b4a1-e17c3dbb4268?category=tv_assinatura>. Acesso em: 30 jul. 2024.

Os brasileiros com acesso à TV por assinatura assistiram diariamente em média sete horas de televisão, desse total cerca de três horas foram dedicadas ao consumo de TV por assinatura (Grupo de Mídia, 2024).

Embora ainda apresente números expressivos, o cenário atual do serviço de TV por assinatura no Brasil é de queda com relação aos indicadores de assinantes do serviço, cenário que intensificou-se a partir de 2015.

Massarolo (2021) apresenta contribuições que podem nos ajudar a compreender parte desse movimento de queda dos clientes do serviço, ao indicar que a troca da TV por assinatura trata-se de uma mudança tecnológica, uma tendência de migração da produção audiovisual para o *streaming* e, conseqüentemente, da audiência.

Portanto, a retração no número de usuários do serviço de televisão paga pode ter sido motivada, principalmente, pela expansão das plataformas de conteúdo por *streaming* e *on demand*, que oferecem um conteúdo mais customizável, diferente dos pacotes oferecidos pelas operadoras, a um custo menor. Contudo, cabe ressaltar, que na atual ambiência digital o sinal dos canais passa também a ser ofertado e consumido a partir de outras plataformas como *sites* e *apps* de *streaming*.

Apesar da diminuição no número de usuários da TV por assinatura nos últimos anos, dados de audiência da Kantar Ibope Media aferidos no serviço de televisão paga indicam um crescimento na audiência e na relevância dos canais de notícia no país. Ou seja, os dados de número de usuários no serviço indicam queda nas assinaturas. Paralelamente, os indicadores apontam uma expansão na audiência dos canais de notícia pelos clientes que permanecem com o serviço ativo.

Tomemos como exemplo a “GloboNews”. Em 2016, o canal de notícias da “Globo”, registrou um aumento de 79% na audiência na TV por assinatura. O expressivo crescimento alçou o canal à oitava posição do ranking de canais mais assistidos da TV paga naquele ano (Observatório da Televisão, 2016).

Em 2019, o canal passou a ocupar o sétimo lugar no Painel Nacional de Televisão (PNT), ranking do instituto Kantar Ibope (Padiglione, 2020). E desde 2020, a “GloboNews” ocupa a segunda posição na lista, melhor colocação desde a estreia do canal em 1996, com cerca de 119 mil telespectadores sintonizados por minuto na média de 24 horas da programação (Feltrin, 2021).

De janeiro a dezembro de 2022, a “GloboNews” se manteve no segundo lugar do PNT da Kantar ficando atrás somente do canal “Viva”, pertencente ao mesmo grupo, que reprisa produtos audiovisuais do acervo da “Globo” em sua programação (O Globo, 2022).

No primeiro semestre de 2024, o canal de notícias da “Globo” liderou a audiência no segmento de informação e notícia na TV por assinatura, que leva em conta os cinco canais disponíveis (Yahya, 2024).

O crescimento da audiência dos canais de notícia pode estar relacionado ao conturbado cenário político, econômico e internacional nos últimos anos e ao interesse do público por esses temas. Haja vista que, esses fatos tiveram ampla cobertura jornalística pelos canais de notícia e pela imprensa em geral.

Vale relembrar que, em 2016, após a primeira vitória de Donald Trump nas eleições para a presidência dos Estados Unidos, jornais como “*The New York Times*” e “*The Wall Street Journal*”, além de canais de notícia como a “CNN” registraram um aumento expressivo nas assinaturas e na audiência nos meses seguintes ao pleito (Folha de S. Paulo, 2016; Estado de S. Paulo, 2017).

Portanto, casos como esses, em que há um expressivo movimento de incremento na audiência dos veículos de imprensa, nos apontam para a relevância e a necessidade/demanda por conteúdo jornalístico principalmente em períodos de crise ou que demandam maior perícia ou esclarecimentos imediatos sobre os acontecimentos.

A pandemia global de Covid-19 e o consequente isolamento social físico desde março de 2020 evidenciaram a relevância do telejornalismo, que cobriu intensa e ininterruptamente os desdobramentos no combate ao vírus e controle da doença.

Sendo assim, o fenômeno de crescimento de audiência dos canais de jornalismo na TV por assinatura brasileira diante das crises e de acontecimentos com grande potencial midiático pode ser observado a partir da proposição conceitual do telejornalismo como um “lugar de referência e de segurança” na sociedade (Vizeu; Correia, 2007; Vizeu, 2009, p. 77) Pensando, principalmente, a partir do contexto da TV aberta, o autor defende que os brasileiros possuem certa familiaridade com o jornalismo de televisão, ao passo que esse representa um “lugar” muito semelhante ao ambiente da família, dos amigos, ao espaço escolar e ao religioso.

Sodré (2010; 2013) também partilha do pensamento de familiaridade do sujeito com a televisão, forjado a partir da discursividade e da narratividade televisiva, cujas mensagens buscam conceber características de “naturalidade” e reconhecimento ao veículo.

Vizeu (2009) ainda aponta pesquisas de recepção sobre a relação de jovens, de educadores e de trabalhadores com o telejornalismo que indicam que esse público reconhece o papel educativo exercido pela televisão e como sendo capaz de influenciar a tomada de decisões em suas vidas. Argumenta que, para esses grupos pesquisados, estar bem-informado

é saber sobre o que acontece em sua cidade, no país e no mundo, bem como tomar conhecimento das transformações na sociedade.

Sendo, portanto, a televisão e o jornalismo televisivo um “lugar de referência e de segurança” para as pessoas e “uma forma de conhecimento”, um tipo de saber, sobre acontecimentos, transformações e crises, por exemplo, que exerce impacto na organização da vida social.

A partir dessas considerações, portanto, também podemos pensar as grandes coberturas (tele)jornalísticas realizadas por canais *all news* ao longo da história como parte desse sistema de “referência”, “segurança” e de produção de um tipo de “conhecimento” sobre os acontecimentos. Quando os dados indicam um crescimento de audiência dos canais *all news* em períodos de crise podemos inferir que há uma demanda imediata dos telespectadores por conhecimento, em um lugar de referência, que lhes é familiar, sobre o que está acontecendo e sendo representado nessas grandes coberturas jornalísticas.

Além dos conceitos já apresentados destacamos outras teorias necessárias para a fundamentação teórica do presente trabalho, como o conceito de “*bios* midiático”, apresentado por Sodré (2013, p. 25). Visto que, partilhamos da perspectiva do autor de que vivemos, o que inclui o Jornalismo e seus produtos, imersos em uma nova ambiência, a midiática, virtual.

Segundo o autor, o *bios*   uma forma de vida, de sociabilidade. São as investidas onde o sujeito se aloja para ser social. Para Sodré (2013, p. 25), a m dia é um novo *bios*, o *bios* midiático ou *bios* virtual. Pensando no contemporâneo digital, o autor sugere que os sujeitos e suas práticas socioculturais também habitariam a média.

Para o autor, estamos transitando por esse *bios* midiático, que extrai do real conteúdos e formas que quer dar ao mundo das simula es que faz no *bios*. Tendo isso em vista, no telejornalismo, por exemplo, a fei o amigável dos apresentadores e a “intimidade mediada” (Fechine, 2006, p. 12; Thomé, Miranda, 2016, p. 7; Miranda, 2019, p. 48) seriam estratégias para que o público se reconheça e crie laços que facilitem essa rela o. Portanto, o *bios* midiático nos ajuda a entender a dimensão da imersão tecnológica em que a sociedade e as mídias estão na contemporaneidade.

O conceito de Sodré está em diálogo como o de telejornalismo midiaticizado, proposto por Piccinin e Soster (2012). Para os autores, as novas tecnologias digitais intensificaram o processo de midiaticiza o, sobretudo, no jornalismo. Sendo assim, podemos pensar também em um telejornalismo midiaticizado (Piccinin; Soster, 2012, p. 119). No

passado os telejornais e programas telejornalísticos não dispunham do aparato que utilizam hoje, por exemplo (*sites*, blogs, redes sociais digitais).

De acordo com Soster (2013; 2014), o jornalismo midiaticizado apresenta cinco características, tais como: a autorreferencialidade, a correferencialidade, a descentralização, a dialogia e a atorização. Portanto, é possível pensar em um telejornal midiaticizado quando essas características propostas podem ser observadas no produto jornalístico audiovisual, como no caso da “GloboNews” e da grande cobertura telejornalística (Soster, 2013, p. 2).

Nossa fundamentação contempla ainda noções como a reinvenção e hibridização das narrativas audiovisuais no telejornalismo, proposta por Becker (2016), o telejornalismo expandido, de Mello e Coutinho (2016) e a dramaturgia do telejornalismo, de Coutinho (2012), que serão abordadas ao longo do presente trabalho.

Também faz-se necessária uma reflexão sobre a grande cobertura. Ao analisar o contexto e os telejornais da televisão aberta brasileira Emerim e Brasil (2011, p. 4) definem que uma grande cobertura deve abordar um acontecimento ou evento em todas as perspectivas possíveis de serem evidenciadas.

Nessa perspectiva, as grandes coberturas telejornalísticas se distinguem das coberturas regulares por uma série de características que refletem sua relevância e impacto na sociedade. Uma grande cobertura é, geralmente, formada por fatos que possuem um alcance abrangente. Significa dizer que, os acontecimentos que se tornam grandes coberturas são aqueles que afetam a rotina das pessoas, gerando interesse e discussão em larga escala.

A partir de valores-notícia, critérios de noticiabilidade, a gradação da importância de um acontecimento é frequentemente realizada pelos próprios jornalistas e editores, que tomam a decisão de noticiar amplamente um fato que consideram digno de atenção especial. Tendo em vista a “noticiabilidade” (Wolf, 2008, p. 193), essa relevância pode ser influenciada, por exemplo, pela natureza do evento, que pode variar desde desastres naturais até atentados terroristas, ou qualquer outro acontecimento que mobilize o público.

Ainda de acordo com Emerim e Brasil (2011, p. 2), outro aspecto fundamental da grande cobertura é a transmissão ao vivo, com informações de forma rápida e precisa. Desde sua origem, a televisão é marcada pela produção ao vivo, desse modo, a experiência televisiva foi forjada, em partes, também pelas emissões diretas do telejornalismo de acontecimentos de destaque. As coberturas ao vivo operam sentidos de urgência, de imediatismo e de ubiquidade na audiência, que tende a associar esse tipo de trabalho telejornalístico à ideia de que o evento é relevante e merece ser acompanhado em tempo real.

O uso de imagens desempenha ainda função essencial no telejornalismo, segundo Emerim e Brasil (2011, p. 7). A capacidade de fornecer imagens impactantes e relevantes é um critério necessário para que um fato se transforme em notícia na televisão.

Nesse sentido, as grandes coberturas geralmente apresentam imagens do acontecimento que são capturadas o mais próximo possível de sua ocorrência, permitindo que a audiência tenha uma compreensão visual do que está sendo narrado. Especialmente em eventos que envolvem situações dramáticas, as imagens também podem representar a gravidade do fato de maneira mais eficaz.

A estrutura de produção de uma grande cobertura envolveria uma organização complexa, com equipes de repórteres espalhados em diferentes pontos, atualizando informações em tempo real, e a participação de especialistas e pesquisadores na análise e comentários sobre os eventos. Essa estrutura permitiria, pelo menos em tese, que a cobertura fosse mais abrangente, profunda e contextualizadora, oferecendo ao público uma variedade de perspectivas sobre o acontecimento.

Por fim, Emerim e Brasil (2011, p. 8) consideram a interrupção da grade de programação televisiva regular (com o plantão ou *breaking news*) como uma característica essencial da grande cobertura. Quando uma emissora interrompe sua programação para cobrir um evento, isso indicaria que o acontecimento é visto como mais importante do que o conteúdo previamente agendado. Portanto, essa interrupção seria uma estratégia utilizada para garantir acesso/conhecimento imediato ao público e para enfatizar a importância do evento noticiado.

Sendo assim, a partir do exposto, as características que definem uma grande cobertura no telejornalismo brasileiro incluiriam, na perspectiva dos autores, a relevância social do fato, na maioria dos casos determinada pelos jornalistas, a transmissão ao vivo, o uso de imagens impactantes, a complexidade da produção e a interrupção imediata da programação regular, todas elas contribuindo para a construção de uma narrativa que capta a atenção e o interesse do público.

Portanto, tendo em vista essa conceituação, faz-se necessário tencioná-la quanto a sua aplicabilidade e abrangência com relação a esse mesmo tipo de produção telejornalística nos canais de notícia na TV por assinatura, que dispõem, também, de características próprias ao representar os acontecimentos no telejornalismo.

Outra perspectiva fundamental ao tratar das grandes coberturas (tele)jornalísticas, no presente estudo, diz respeito ao que Thomé, Piccinin e Reis (2020, p. 160) propõem como “anatomias narrativas”. Retomando Scholes e Kellog (1977, p. 47 *apud* Thomé, Piccinin e

Reis, 2020, p. 160), os autores argumentam que todo período histórico possui formas de narrar características e que esse narrar é influenciado ao longo do tempo pelo contexto social e cultural, pelas tecnologias, pelas linguagens a que se referem em determinado período de seu uso e desenvolvimento. Por exemplo, como aponta Silva (2020, p. 87), a forma de narrar dos primeiros telejornais, como o “Imagens do Dia” (da TV Tupi), herdeiros de uma linguagem e de técnicas do cinema, do rádio e do jornalismo impresso. Hoje, no entanto, sete décadas depois, os telejornais consolidaram um modo mais coloquial ao informar, mais “familiar”, como sugere Sodré (2013, p. 23).

Ao analisar os telejornais durante o período de pandemia é possível observar, segundo os autores, como a forma de narrar dos programas jornalísticos foi impactada diretamente pela cobertura da Covid-19, quando passam a incluir o uso de máscaras pelos repórteres, a higienização dos equipamentos e o distanciamento no vídeo, por exemplo, em sua linguagem, “trazendo novas anatomias nos formatos previstos no telejornalismo” (Thomé; Piccinin; Reis, 2020, p. 172).

Portanto, ao refletir sobre as coberturas realizadas pela “GloboNews” em quase 25 anos de existência é pertinente propor uma reflexão sobre a “gramática narrativa”, as “anatomias narrativas”, nos termos de Piccinin e Soster (2012) e Thomé, Piccinin e Reis (2020, p. 160), que se instauraram na grande cobertura (tele)jornalística ao longo do tempo. A saber, a escolha pela “GloboNews” se justifica por ser o mais antigo canal de notícias brasileiro ainda em atividade na TV por assinatura (Miranda, 2019) e líder em número de telespectadores (com cerca de 14 mi de domicílios assinantes) e em audiência entre os demais canais do mesmo segmento (Grupo de Mídia, 2024).

Em 2022, a “GloboNews” produziu uma peça institucional, exibida na programação, com o *slogan* “A História ao vivo enquanto a notícia acontece”. A produção apresenta imagens da guerra na Ucrânia intercaladas com trechos dos telejornais em que os apresentadores narram o conflito militar. A produção é transmitida como algo representativo do que é uma grande cobertura jornalística em tempo real realizada pelo canal de notícias. Existe, portanto, nessa peça, o que pode ser entendido a partir do que propõe Coutinho (2016, p.10, 2018, p. 189, 2020, p. 174) como um “elemento paratextual” do telejornal: nesse caso, uma “promessa audiovisual” (Jost, 2004, p. 17) de pretensa multiperspectiva telejornalística do canal sobre o acontecimento e uma inscrição na História a partir do testemunho e das representações narrativas nessa grande cobertura.

Esse contexto nos remete ao que Brasil e Frazão (2012, p. 14) indicam ao tratar os telejornais e suas edições como documentos telejornalísticos capazes de servir também como

fontes históricas sobre a sociedade, sobre uma época. Uma vez arquivadas nos repositórios audiovisuais digitais das emissoras na internet (“Memória Globo”, “Globoplay”, “Canais Globo”), e acessadas posteriormente, essas reportagens, entradas “ao vivo” e edições completas passam a narrar, a partir das seleções das empresas do que deve ser arquivado e lembrado, não só o acontecimento jornalístico, com as rotinas produtivas desse conteúdo, mas dizem sobre a rotina, a estrutura, em si (os recursos técnicos selecionados/disponíveis utilizados na cobertura, as escolhas narrativas na produção, os formatos utilizados).

A grande cobertura (tele)jornalística é uma especialidade de canais de notícia como a “GloboNews” (Miranda, 2019, p. 107). Sendo, portanto, o canal e, especificamente, seus telejornais, um objeto empírico possível para se analisar o estilo narrativo, a estrutura, a forma, a estética televisual, a linguagem telejornalística audiovisual e os recursos técnicos de seu telejornalismo ao longo do tempo. Ou seja, as “anatomias narrativas” da grande cobertura (Thomé; Piccinin; Reis, 2020, p. 160).

De 1996 a 2019, podemos destacar algumas coberturas memoráveis da história da “GloboNews”, como a realizada a partir da queda do avião modelo *Fokker 100* da companhia aérea TAM, em 31 de outubro de 1996. A “GloboNews” estava no ar há menos de 15 dias. Um dos mais graves desastres aéreos do Brasil, que deixou 99 mortos após a aeronave cair no bairro do Jabaquara, em São Paulo, marcou o início das grandes coberturas telejornalísticas da emissora. O trabalho jornalístico colocou à prova a recém-instalada estrutura e os profissionais, além de ter servido como “laboratório” para as coberturas seguintes.

Cinco anos depois, em 11 de setembro de 2001, o canal de notícias se notabilizara pela grande cobertura do maior ataque terrorista da história dos Estados Unidos. Além da cobertura em tempo real, durante vários dias, com a análise de pesquisadores e de especialistas, o canal produziu uma série de programas especiais para repercutir o assunto.

Ainda lembrando algumas grandes coberturas telejornalísticas, destacamos o trabalho jornalístico a partir do rompimento da barragem da mina de rejeitos da extração de minério de ferro da Vale, em Brumadinho (MG), em 25 de janeiro de 2019.

A cobertura mobilizou centenas de profissionais no Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo em uma grande cobertura que ocupou quase toda a programação. Além dos telejornais, com cerca de 18 horas diárias de produção, programas de debate e análise e documentários também foram produzidos e exibidos durante os dias que sucederam a tragédia socioambiental.

Portanto, a partir dessas informações sistematizadas, propomos as seguintes situações-problemas: a) Tendo como referência a noção de “gramática televisual” (Piccinin;

Soster, 2012, p. 121; Thomé; Piccinin; Reis, 2020, p. 162), qual a “anatomia narrativa” da grande cobertura (tele)jornalística na “GloboNews”? Nesse sentido, quais os estilos narrativos, a estrutura, a forma, a estética televisual, a linguagem telejornalística audiovisual e os recursos técnicos?; b) Diante da dinâmica da narrativa telejornalística, quais as transformações e as permanências na grande cobertura (tele)jornalística da “GloboNews” ao longo do tempo?

A primeira hipótese que indicamos e que buscamos testar é a da “serialização” ao narrar da grande cobertura como sendo uma das características dessa “anatomia narrativa”. Ou seja, o conteúdo telejornalístico é apresentado ao público de modo serializado, em uma espécie de “capítulo a capítulo, episódio a episódio”, como em um folhetim. Com recursos adaptados em nossa perspectiva da ficção audiovisual seriada como, por exemplo: o *flashback* (uso de material de arquivo, no caso da cobertura); o *flashforward* (na cobertura corresponderia às prospecções e análises sobre os acontecimentos futuros como consequência da notícia narrada); o *recap* (que na cobertura seria um resumo do “capítulo”, das notícias do dia anterior); e o *cold open* (que no trabalho telejornalístico da “GloboNews” estaria relacionado ao uso de imagens impactantes/espetaculares antes da escalada, logo na abertura do telejornal ou na volta do intervalo). Esses recursos teriam como objetivo engajar a audiência, reter a atenção, além de criar um fluxo noticioso coeso, coerente e contextualizado frente ao grande volume de informações durante a uma grande cobertura.

Esses conceitos foram apropriados de Motta (2013, p. 108), que, a partir da teoria literária, propõe que são operadores úteis para revelar as estratégias narrativas e a organização noticiosa em função do sentido pretendido pelo narrador.

Também acreditamos que o conteúdo em tempo real compõe a “anatomia narrativa” da grande cobertura, com longas transmissões de imagens e entradas de repórteres ao vivo. Nesse sentido, essa característica na “GloboNews” se intensificou ao longo do tempo como forma de se diferenciar da concorrência de outros canais, do jornalismo digital e das redes sociais. Bem como, foi ampliada em razão do barateamento e da mobilidade dos equipamentos de transmissão ao vivo (mochilink, motolink, drones, internet móvel 4G/5G, *smartphones* com câmeras de alta resolução) e das novas funções e competências dos profissionais no telejornalismo (como o videorepórter), conforme detectam Reis, Thomé e Miranda (2018, p. 6).

As longas participações em transmissões diretas dos repórteres no local do acontecimento serviriam para conferir agilidade e ubiquidade as coberturas, por meio das informações apuradas e reportadas *in loco* e das imagens impactantes de tragédias.

Partimos do pressuposto de que as transformações e permanências na grande cobertura telejornalística da “GloboNews” são consequência, principalmente, de aspectos operacionais, tecnológicos e sociais.

Com isso, a segunda hipótese a ser testada é de que as condições operacionais da empresa (no que se refere a quantidade de profissionais envolvidos na cobertura, a estrutura física e a logística da emissora disponível em cada período), as mudanças culturais e comportamentais na sociedade (a interferência do público em possíveis re/posicionamentos editoriais durante a cobertura) e os avanços tecnológicos (qualidade de imagem, desenvolvimento da internet móvel e alta velocidade, redução de preços e mobilidade de equipamentos de transmissão) influenciaram nas transformações e permanências na forma e na narrativa da grande cobertura no canal.

Defendemos ainda que tais aspectos operacionais, tecnológicos e sociais e, ainda, características estilísticas, estéticas e de linguagem foram determinantes para cada período sendo possível, portanto, classificá-los/organizá-los em fases da grande cobertura na “GloboNews”, de modo a melhor compreendê-la, em um movimento semelhante ao que propõem Mello (2017) em sua categorização de fases do telejornalismo brasileiro e Thomé, Silva, Reis e Andrade (2020) nas fases da cobertura da pandemia no telejornalismo local do Rio de Janeiro.

Analisar a grande cobertura do canal em fases faz-se necessário como recurso pedagógico para entendermos as características de cada período proposto e da sociedade, daquele espírito de época, refletidas nas produções telejornalísticas ao observar como os acontecimentos foram noticiados a partir dos elementos, estilo, linguagem e recursos disponíveis em cada fase.

Este estudo justifica-se pela relevância histórica da TV por assinatura e pelo alcance que os canais de notícia têm atingido nos últimos anos no Brasil, como exposto anteriormente. Ao passo que, propomos, portanto, uma reflexão da produção e das práticas (tele)jornalísticas no *all news* no tempo ao revisitar períodos passados através dos arquivos audiovisuais.

Acerca das metodologias empregadas em nossa presente pesquisa, em um primeiro momento, utilizamos a Análise Documental (Moreira, 2005; Pimentel, 2001) combinada com a proposta metodológica para Análise do Percurso Histórico do Jornalismo Audiovisual (Silva, 2020) para a busca, coleta e tratamento de dados (como reportagens,

notas, artigos, peças publicitárias, institucionais e imagens) em repositórios institucionais públicos, como nos Anais do Congresso Nacional³, da Biblioteca do Senado Federal do Brasil; e nos acervos digitais dos jornais “O Globo⁴”, “O Estado de S. Paulo⁵” e “Folha de S. Paulo⁶”.

De publicações impressas, foram consultadas, coletadas e analisadas aproximadamente 162 notas, matérias, artigos, peças publicitárias, discursos e relatórios de comissões parlamentares. O período do levantamento compreende material localizado de 1973 até 2020 (ver Anexo C).

A busca nos acervos citados foi realizada através da consulta por palavras-chave, como: “cabodifusão”, “TV a cabo”, “TV por assinatura”, “*all news*”, “GloboNews”, “BandNews TV”, “Record News”, “CNN”, “CNN Brasil”, entre outras expressões.

Esse material contribuiu para a composição do capítulo 3, o histórico dos canais de notícia no Brasil e o modelo *all news*, além do capítulo 4, em que apresentamos nossa proposta de fases da cobertura telejornalística da “GloboNews”. A proposição dos segmentos foi realizada a partir da observação das instâncias/dimensões da Análise Televisual Convergente (ATC), de Becker (2019; 2020), uma atualização da Análise Televisual (AT) (2005; 2009; 2012; 2016).

A metodologia busca oferecer um procedimento analítico abrangente para o estudo de telejornais e programas televisivos, considerando a complexidade do ambiente midiático contemporâneo. A partir disso, a ATC articula quatro instâncias fundamentais que configuram os processos comunicativos: Singularidades da Ambiência, Circulação, Características das Organizações e das Práticas Produtivas e Interação das Audiências.

Nossa opção pela ATC justifica-se por permitir uma leitura crítica da grande cobertura telejornalística em um momento de transformação na produção e consumo de conteúdos jornalísticos audiovisuais, decorrente da digitalização e da midiaticização dos meios. A metodologia oferece, portanto, uma estrutura que integra a análise dos dados do produto em si com considerações sobre o contexto de produção e recepção, possibilitando uma compreensão mais profunda dos processos comunicativos no telejornalismo.

³ Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/anais>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

⁴ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

⁵ Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/acervo/>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

⁶ Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

Complementamos a composição dos capítulos com os dados obtidos através de uma entrevista semiaberta (Duarte, 2005, p. 62-83) com a jornalista Vera Íris Paternostro (2023), que atuou como supervisora de Jornalismo da “GloboNews” entre 1996 e 2008. As citações estão distribuídas ao longo do texto, com a transcrição integral disponível no Apêndice B.

Por fim, aplicamos a metodologia da Análise Televisual (AT) (Becker, 2005; 2009; 2012; 2016) em três grandes coberturas selecionadas, representando as cinco fases. A metodologia foi escolhida por nos permitir entender como o conjunto de elementos televisuais e jornalísticos produzem determinados sentidos e para testar as características das fases, observadas de modo geral a partir da ATC.

O *corpus* para a análise quanti-qualitativa (AT) compreendeu três grandes coberturas telejornalísticas. As coberturas foram realizadas nos plantões de notícias “Em Cima da Hora Eds. *Breaking News* (MH Eds. *Breaking News*)” e “Plantão GloboNews”, além dos telejornais “Jornal das Dez (J10)” e “Em Cima da Hora/Jornal GloboNews Ed. 18h (MH18)”, todos da “GloboNews”.

Os eventos analisados incluem: (1) a cobertura da queda do avião *Fokker* 100 da TAM, em 1996, em São Paulo (SP); (2) a cobertura dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos; (3) e a cobertura do rompimento da barragem da mineradora Vale em Brumadinho (MG), em 2019.

Cabe salientar que, embora seja de extrema relevância, ao passo que modificou as rotinas produtivas no telejornalismo, a cobertura telejornalística da pandemia de Covid-19 não foi selecionada como objeto empírico do estudo por, de acordo com nossa proposta, estar contemplada na quinta e última fase, que já contava com uma cobertura coletada para a análise televisual desde janeiro/fevereiro de 2019 (rompimento da barragem em Brumadinho), já estando prevista no projeto de pesquisa consolidado que originou a presente tese.

No capítulo 2, “Do acontecimento à grande cobertura no telejornalismo”, traçamos uma reflexão teórico-conceitual sobre a noção de acontecimento e sua transformação em acontecimento jornalístico articulando a partir dessas proposições a compreensão sobre a grande cobertura telejornalística. Além disso, apresentamos inicialmente uma síntese do estado da arte realizado sobre o *all news*, a grande/cobertura telejornalística e a “GloboNews” (ver a íntegra no Apêndice A).

Partindo das bases sociológicas e históricas que definem o acontecimento como um marco disruptivo no fluxo ordinário da vida, abordamos no capítulo sua condição de

construção simbólica e interpretativa, capaz de conferir sentido às mudanças sociais e históricas.

Em seguida, exploramos como o (tele)jornalismo, por meio de seus processos narrativos e tecnológicos, transforma certos eventos em acontecimentos jornalísticos, articulando os critérios de noticiabilidade, a mediação narrativa e os interesses da audiência.

O percurso teórico examina as características que definem o acontecimento jornalístico, como sua temporalidade, relevância e impacto público, conectando-o à dinâmica específica do telejornalismo. Ao enfatizar a dimensão visual, espetacular, e imediata das coberturas telejornalísticas, discutimos como a grande cobertura surge como resposta a eventos de caráter excepcional, consolidando uma estética e linguagem própria que combina dramatização, intensidade narrativa e estratégias de continuidade.

No capítulo 3, “O *all news* no telejornalismo”, como citado anteriormente, exploramos a evolução do telejornalismo no Brasil, com foco especial nos canais *all news* e seu impacto na cobertura de eventos históricos e na dinâmica da informação na contemporaneidade, a partir de uma análise histórica crítica das transformações no telejornalismo e suas implicações para a sociedade.

A partir de episódios como a guerra do Golfo, coberta pela rede estadunidense “CNN”, observamos como a emissora se tornou a principal fonte de informação em um momento crítico, modificando a forma como as notícias são transmitidas e consumidas. Discutimos também o imediatismo e a instantaneidade, características das transmissões ao vivo, que exigem dos repórteres e dos apresentadores uma adaptação constante na linguagem e na mediação, especialmente nos *breaking news*.

Além disso, examinamos a influência da expansão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na disseminação rápida de informações e na formação de uma sociedade midiática. O capítulo oferece, portanto, uma visão abrangente sobre como a cabodifusão e os canais de notícias 24 horas moldaram a percepção pública e a prática jornalística, destacando a importância da informação em fluxo contínuo em um mundo cada vez mais conectado e dinâmico.

No capítulo 4, “A grande cobertura (tele)jornalística e suas fases na ‘GloboNews’”, abordamos a complexa dinâmica da grande cobertura e sua influência na construção da memória e da História do tempo presente. A análise começa com uma reflexão, que justifica nossa proposta de divisão, sobre a periodização da História, conforme discutido por Le Goff (2015,p. 29), que enfatiza a importância de entender como a segmentação do

tempo histórico não é um ato neutro, mas uma construção humana que molda nossa percepção do passado.

Através da abordagem de Franciscato (2005, p.2) que considera os fenômenos temporais do jornalismo, como a instantaneidade e a periodicidade, discutimos como a “GloboNews” estabelece seu próprio valor-notícia de História, selecionando e produzindo significados sobre eventos que marcam a atualidade.

Além disso, apresentamos uma proposta de fases da grande cobertura telejornalística, que serve como um guia para entender a evolução e as características distintas das coberturas realizadas pela “GloboNews”.

As fases não são vistas como categorias rígidas, mas sim como delimitações sensíveis que refletem as características observadas nas coberturas. Cada fase é marcada por aspectos específicos que podem se sobrepor ou interagir com outras, evidenciando um processo orgânico de transição e adaptação. Essa dinâmica é crucial para compreender como a “GloboNews” se ajusta às demandas do público e da sociedade e às mudanças no cenário do telejornalismo, permitindo que uma ou mais coberturas apresentem elementos de diferentes fases.

Ao longo do capítulo, a partir das quatro instâncias previstas por Becker (2019, 2020), há uma descrição detalhada de cada fase, incluindo as características que as definem e exemplos de grandes coberturas emblemáticas que ilustram o referido período. O texto destaca ainda as mudanças e permanências que moldam a narrativa jornalística da “GloboNews” ao longo do tempo. Assim, a proposta de fases se torna uma ferramenta essencial para a análise crítica da grande cobertura, permitindo uma reflexão aprofundada sobre o papel do (tele)jornalismo na construção da memória social e histórica.

No capítulo 5, “Janelas no tempo: análise televisual da grande cobertura telejornalística na ‘GloboNews’”, nos aprofundamos na estrutura da grande cobertura a partir da Análise Televisual, de Becker, de três episódios cobertos pelo canal nos últimos 30 anos.

Abordamos desde questões temáticas passando pela edição até a utilização do som e das imagens na construção da dramaticidade na cobertura, enfatizando como a televisão atua como um “lugar de referência” que organiza a percepção do cotidiano. A partir da cobertura do acidente com o *Fokker 100* e os atentados de 11 de setembro de 2001, discutimos a potência das imagens de morte e a relevância do tempo midiático na construção da opinião pública.

Por fim, refletimos no capítulo sobre como a grande cobertura telejornalística informa, mas também se inscreve na memória coletiva a partir da oferta de sentidos sobre os eventos históricos.

2 A GRANDE COBERTURA NO TELEJORNALISMO

Buscando mapear e identificar a produção científica no campo da Comunicação, com base nos temas e conceitos trabalhados na pesquisa, para melhor situar nosso estudo procedemos com a feitura do estado da arte (Apêndice A).

De antemão, destacamos que foram identificadas poucas dissertações, teses e artigos, no âmbito do Catalogo da Capes e dos anais dos encontros anuais da Compós sobre o “telejornalismo *all news*”, “telejornalismo da GloboNews” e “grande cobertura telejornalística”, sendo assim, um tema que carece de estudos mais aprofundados, a fim de contribuir com outras pesquisas e para o ensino do telejornalismo com conceitos e classificações sobre a grande cobertura telejornalística e os canais *all news* no Brasil, visto que, como produtos culturais da mídia e da sociedade produzem e reproduzem as desigualdades, contradições e mudanças do meio social em que estão inseridos, como defende Meditsch (1997, p. 11) ao considerar o Jornalismo como uma forma de conhecimento de direito próprio.

Trataremos de alguns trabalhos identificados no levantamento com relação aos seus principais objetivos e metodologias, a fim de que consigamos nos inserir no campo a partir de uma nova perspectiva ou do que não foi contemplado por esses estudos quanto a nossa temática de pesquisa.

A investigação recorreu ao site do “Catálogo de Teses e Dissertações da Capes ” direcionando a busca para os estudos na área de “Comunicação” no período de 10 anos (2012 – 2022). A busca também foi realizada no *site* institucional da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, a Compós, junto aos anais dos encontros anuais, compreendendo o período de 2011 a 2021.

Os motores de buscas das plataformas foram orientados a partir das seguintes palavras-chave e expressões: “ao vivo”, “telejornalismo *all news*”, “telejornalismo GloboNews”, “GloboNews”, “cobertura telejornalística” e “grande cobertura telejornalística”. No Apêndice A disponibilizamos um quadro com os dados completos encontrados.

Primeiramente, destacamos a tese de doutorado intitulada “A qualidade da informação na mídia *all news* e o papel dos intelectuais ”, de autoria de Andréa Frasseti Escobar, sob orientação da Profa. Dra. Heloísa Buarque de Hollanda, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Mídia e Mediações Socioculturais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O trabalho tem como objetivo central investigar a qualidade da informação divulgada pelos veículos de jornalismo contínuo, conhecidos como *all news*, e compreender o papel desempenhado pelos intelectuais nesse contexto.

A análise da pesquisa parte de dois estudos de caso: o da rádio francesa “France Info” e o canal brasileiro “GloboNews”, cada um representando abordagens distintas no tratamento da informação. A “France Info”, definida como uma “torneira de fatos brutos”, privilegiaria a velocidade e a reprodução, enquanto a “GloboNews” se voltaria para a transmissão em tempo real e para a análise especializada.

A fundamentação teórica de Escobar (2010) aciona noções como o “tautismo”, desenvolvida por Lucien Sfez, que descreve o excesso de informação que acaba comprometendo a comunicação, e a ideia de “revolução dromocrática” de Paul Virilio, que critica a supremacia da velocidade na era da informação.

Escobar argumenta que o modelo *all news*, ao priorizar a rapidez e a difusão constante, muitas vezes sacrifica a profundidade e a contextualização permitida à construção do saber. A investigação sugere que essa dinâmica leva à produção de uma “semi-informação”, ou seja, a descrição por fragmentação e reprodução, que pode gerar uma falsa impressão de pleno conhecimento entre os receptores. Nesse cenário, o papel dos intelectuais é analisado como uma solução possível para a superficialidade da informação, posicionando-os como mediadores que atribuem sentido e profundidade ao conteúdo noticioso.

A pesquisa conclui que, ao incorporar intelectuais como comentaristas e analistas, os veículos *all news* buscam um equilíbrio entre a necessidade de velocidade e o fornecimento de informações contextualizadas e reflexivas. A “GloboNews”, portanto, é apresentada como um caso de sucesso ao integrar comentários de especialistas que ajudam a formar opiniões mais embasadas entre o público. Por outro lado, a tese levanta questionamentos sobre o impacto dessa lógica para o papel tradicional dos intelectuais, que podem ser cooptados pela dinâmica midiática e distanciados de suas funções críticas e acadêmicas.

A pesquisa de Escobar (2010) apresenta contribuições importantes sobre o papel dos intelectuais como mediadores capazes de qualificar a informação veiculada. Esse aspecto é particularmente relevante para a análise de grandes coberturas, que frequentemente mobiliza especialistas para comentar e analisar os acontecimentos em tempo real. No entanto, nos parece relevante tensionar a certificação ao telejornalismo do canal que a presença desses intelectuais na “arena televisiva” promove.

A tese “A qualidade da informação na mídia *all news* e o papel dos intelectuais” também nos oferece subsídios importantes para investigar até que ponto os canais *all news*

são importantes para a formação de um público mais bem informado ou se reforçam dinâmicas que privilegiam o consumo rápido e acrítico de notícias, em nossa concepção, acelerado pela imersão da sociedade no ambiente digital e pela midiatização.

A dissertação de mestrado intitulada “Notícia em tempo real: as implicações da instantaneidade na legitimidade e na credibilidade telejornalísticas”, de Bruna Weis Scirea, sob orientação da Profa. Dra. Cristiane Finger Costa, foi apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 2016.

O trabalho analisa os impactos da instantaneidade, possibilitados pelas novas tecnologias, com a adição de novas práticas jornalísticas televisivas, com foco no telejornalismo em tempo real.

Partindo do pressuposto de que o avanço da internet e das tecnologias de comunicação alterou significativamente os processos jornalísticos, a pesquisa examina como a temporalidade acelerada influencia a produção e a recepção de notícias.

Para tanto, tem como objeto de estudo a cobertura dos atentados terroristas em Paris, em 13 de novembro de 2015, realizada pela “GloboNews”. O corpus analisado é composto por 91 trechos das transmissões disponibilizados em vídeos publicados no site do canal nos cinco dias subsequentes aos ataques. Esses materiais foram observados por meio da Análise de Conteúdo, conforme a metodologia de Bardin (2016), com vistas a compreender as relações entre instantaneidade, mobilidade tecnológica e substituição informacional.

A fundamentação teórica da dissertação de Scirea (2016) contempla conceitos de Becker, Rezende, Fachine, Franciscato e outros, explorando questões como o papel da televisão como mediadora da realidade social e a construção discursiva da notícia.

Como resultado, Scirea (2016) aponta que a instantaneidade, embora amplie o alcance e a rapidez das informações, impõe desafios à legitimidade do jornalismo televisivo, principalmente pela necessidade de constantes atualizações e correções nas informações apresentadas ao público.

Scirea (2016) aborda a instantaneidade como um elemento central tanto no trabalho dos repórteres quanto no funcionamento dos canais all news. Nesse sentido, buscamos também investigar em nosso trabalho como a estruturação da narrativa da grande cobertura a partir de “lógicas e elementos serializantes” pode contribuir na organização do grande volume de informações em fluxo contínuo imposto pelo instantâneo das transmissões em tempo real.

A dissertação de mestrado intitulada “A pauta jornalística na convergência digital: outros caminhos e novos desafios”, defendida por Mozarth Dias de Almeida Miranda, em 2011, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos de Jesus e coorientação do Prof. Dr. Francisco Rolfsen Belda, foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em TV Digital: Informação e Conhecimento, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista.

O estudo aborda como as transformações tecnológicas, em especial aquelas promovidas pela convergência digital, estão redefinindo os processos de produção jornalística no telejornalismo, com foco específico na etapa de produção da pauta.

Para isso, Miranda (2011) estrutura a pesquisa a partir de três eixos principais: a revisão bibliográfica sobre a relação entre TV digital, convergência midiática e práticas jornalísticas; a análise de telejornais matinais da “GloboNews” e do “BandNews TV”, utilizados como estudo de caso para compreender as dinâmicas contemporâneas de produção; e, por fim, a aplicação de questionários a profissionais da área para validar as observações e análises realizadas.

A pesquisa aciona conceitos relacionados à convergência tecnológica e seus impactos sobre a produção midiática, destacando o papel da interatividade e da integração entre a televisão e as plataformas digitais. As teorias discutidas incluem a “cultura da convergência”, de Jenkins, para abordar o jornalismo digital e multimídia.

Como resultado do estudo, Miranda (2011) aponta que o processo de construção da pauta no telejornalismo é profundamente afetado pelas novas tecnologias, tanto na escolha de temas quanto na forma de apresentação dos conteúdos. As redes sociais e outras plataformas digitais emergem como fontes instantâneas de informação, alterando os critérios tradicionais de noticiabilidade e ampliando as possibilidades de interação com o público. A digitalização permite, ainda, a personalização e a reaproveitamento de conteúdos em diferentes plataformas, o que exige habilidades técnicas e criativas dos profissionais envolvidos.

A dissertação de Miranda (2011), ao investigar os impactos da convergência midiática e da digitalização na produção jornalística e, especialmente, na construção da pauta no telejornalismo, articula-se de maneira significativa com nossos estudos sobre grandes coberturas telejornalísticas em canais *all news*.

Conforme observado por Miranda (2011), a convergência redefiniu os fluxos informativos. Em nossa perspectiva, permitindo que as grandes coberturas combinem a transmissão regular pela televisão com as de plataformas digitais, como portais de notícias,

aplicativos e redes sociais digitais. No caso dos canais all news, esse avanço tecnológico representa uma mudança paradigmática, uma vez que a informação não é apenas difundida de maneira linear, mas também, de forma rizomática, complementada e amplificada no ambiente digital.

2.1 DO ACONTECIMENTO À GRANDE COBERTURA NO TELEJORNALISMO

A transição para a pós-modernidade reflete mudanças culturais, políticas e econômicas, que se traduzem, entre outros aspectos, na aceleração dos ritmos da vida social e na prevalência de valores imediatistas.

A estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo o fermento, instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais (Harvey, 1992, p. 148)

No contexto da pós-modernidade, conceitos como simultaneidade, efemeridade e fragmentação ganham destaque, atualizando as ideias da modernidade capitalista de linearidade e progresso contínuo. Para Harvey (1992, p. 56) essa transição está enraizada nas alterações estruturais do capitalismo, que, ao adotar um modelo de “acumulação flexível”, ampliou a concepção moderna do tempo e do espaço, estabelecendo uma nova ordem marcada pela instabilidade e fragmentação. A mudança, nesse contexto, não é apenas tecnológica, mas também sociocultural, alterando a maneira como indivíduos e comunidades experimentam o presente.

Silva (2019, p. 15), a partir de Maffesoli, também aponta que a pós-modernidade é caracterizada por um ritmo de vida acelerado, onde as interações sociais e a comunicação ocorrem em um tempo cada vez mais comprimido. Maffesoli (1984) observa que essa aceleração impacta a forma como as pessoas se relacionam, levando a uma busca por experiências intensas e imediatas, que se manifestariam, por exemplo, a partir de eventos sociais efêmeros, como festas e rituais.

Na pós-modernidade o imediatismo manifesta-se como a busca pelo “aqui e agora”, onde a experiência presente substitui o ideal de futuro da modernidade. Ainda de acordo com Maffesoli (2014), esse movimento pode ser observado em culturas voltadas para a criatividade e para o prazer, contrastando com o *ethos* do trabalho e da produtividade exacerbada, específico do período anterior.

O avanço tecnológico, representado pela internet e pelas redes sociais digitais, reforça o ritmo intenso das interações humanas midiaticizadas e a necessidade de atualização

constante, promovendo uma conectividade incessante e uma lógica de fluxos contínuos de informações e sensações. Em um mundo onde tudo acontece rapidamente, as identidades e os laços sociais tornam-se mais fluidos ou seletivos, a partir dos agrupamentos virtuais promovidos pelas “tribos” (Maffesoli, 2014) em seus interesses em comum. Nesse sentido, a tecnologia e a comunicação digital também contribuem para essa aceleração, permitindo que as interações ocorram em tempo real e dissociadas de um espaço físico. Essa comunicação instantânea, portanto, também altera a natureza das relações interpessoais, promovendo uma forma de conexão que é rápida e movida por interesses e paixões, mas, também, pode configurar-se como superficial.

No entanto, Maffesoli (2014) indica que, as mudanças contemporâneas não estabelecem uma ruptura total com a modernidade, mas sim uma recomposição de seus elementos com novas práticas socioculturais. Ou seja, a pós-modernidade, portanto, representaria uma reformulação dos valores sociais, marcada pela aceleração do tempo, pela centralidade do presente e pela reconfiguração das dinâmicas tecnológicas e culturais.

Segundo Moretzsohn (2002), a noção de “tempo real”, amplamente explorada na era da informação, reflete esse avanço, instaurando um “presente contínuo”, onde as interações de forma instantânea, e as decisões e ações são realizadas em intervalos cada vez mais curtos.

No jornalismo, passa a ser o principal “valor-notícia”: antes de tudo, importa chegar na frente do concorrente, e alimentar o sistema com dados novos, num *continuum* vertiginoso a pautar o trabalho nas grandes redações, que, além dos tradicionais produtos impressos diários, oferecem simultaneamente serviços de informações em “tempo real” (Moretzsohn, 2002, p. 12-13).

A partir do prólogo sobre a pós-modernidade, nos parece necessário adentrar em uma reflexão sobre uma noção fundamental para o Jornalismo e, conseqüentemente, para a grande cobertura: o acontecimento. Uma primeira análise da relação entre pós-modernidade e acontecimento aponta alterações na maneira como os eventos são construídos, percebidos e experimentados. A pós-modernidade, enquanto período cultural e histórico, caracteriza-se, como visto anteriormente, também, pela fragmentação e pela efemeridade, o que contribuiria para uma estetização e uma espetacularização dos acontecimentos no contemporâneo, por exemplo. Eventos como desastres ambientais ou acidentes aeroviários seriam transformados em produtos midiáticos por meio de imagens impactantes e narrativas efêmeras que exploram o drama humano, tornando-se espetáculos para o consumo imediato (Debord, 1997, p. 14).

Mas de que ou de quais acontecimentos falamos? Essa pergunta faz-se necessária ao abordar a questão do acontecimento por tratar-se de um conceito polissêmico e complexo,

amplamente estudado por teóricos de várias áreas do conhecimento. Portanto, abordaremos algumas de suas principais correntes teóricas, o que inclui a que nos parece mais alinhada as discussões no presente trabalho.

Diante da quantidade de nomenclaturas e com a proposta de identificar as correntes teóricas do conceito de acontecimento, Berger e Tavares (2010, p. 140) elaboraram uma síntese com mais de 30 denominações para o termo. Elas foram divididas a partir dos autores e do tipo de acontecimento abordado: geral ou midiático, sendo esse último subdividido em duas categorias (imprevistos e previstos) (ver quadro 1).

TIPOS DE ACONTECIMENTO			
Denominações e autores	Acontecimento em geral	Acontecimento da/na mídia	
	Acontecimento (Baudrillard, 2007; Bourdieu, 1998; Charaudeau, 2006; Mendonça, 2006; Queré, 2005; Rebelo, 2006; Rodrigues, 1993; Sousa, 2002; Acontecimento contemporâneo (Nora, 1974); Acontecimento vivido (Contera, 2004); Acontecimento legítimo (Vaz e França, 2009); Acontecimento social (Medina, 2008; Verón, 1995); Acontecimento cotidiano/puro (Deleuze, 1975); Acontecimento bruto (Charaudeau, 2006); Acontecimento discursivo (Pechêux, 1990); Acontecimentos autogerados e heterogerados (Charaudeau, 2006).	Acontecimento midiático (Augé, 2001; Dayan, Katz, 1995; Katz, 1993; Le Goff, 1988; Mesquita, 2004; Nora, 1974; Queré, 2005); Acontecimento da mídia (Mouillaud, 2002); Acontecimentos	
		Acontecimentos imprevistos	Acontecimentos previstos
		Microacontecimentos, macroacontecimentos e mega-acontecimentos (Santos, 2006); Grandes e pequenos acontecimentos (Miranda, 2005); Acontecimento-acidente (Charaudeau, 2006); Cênicos, dramaturgicos, experienciados, acontecimentos réplica ou reduzidos (Babo-Lança, 2008); Não-acontecimento (Augé, 2001; Morin, 1995); Acontecimentos inesperados (Tuchman, 1983).	Acontecimentos rotina (Molotch, Lester, 1996); Acontecimentos programados (Charaudeau, 2006; Dayan, Katz, 1995); Acontecimentos suscitados (Babo-Lança, 2008; Charaudeau, 2006); Pseudoacontecimentos (Babo-Lança, 2008, Boorstin, 1961); Acontecimentos/eventos interpretados e acontecimentos/eventos encenados (Eco, 1984); Acontecimentos pré-determinados (ou anunciados), em desenvolvimento e acontecimentos esperados (Tuchman, 1983).

Quadro 1 –Tipologias para o acontecimento
Fonte: Berger e Tavares (2010)

Na sistematização os autores tentam, portanto, apresentar algumas definições possíveis para o acontecimento, mas reconhecem a impossibilidade de nomear e de explicar todos os tipos.

Ao mesmo tempo em que é difícil “cercar o conceito” a ideia do que é um acontecimento nos parece muito familiar. Intuitivamente utilizamos expressões como: “Aconteceu comigo!”, “Você sabe o que aconteceu?”, “Acontece! É a vida”, em uma tentativa de traduzir experiências cotidianas destacando o que julgamos ser relevante, estabelecendo, portanto, o que é digno de ser ressaltado, como sinônimo de acontecimento. Ou seja, ainda que não seja facilmente definido, o experienciamos e o dominamos diariamente.

Na historiografia o acontecimento aparece como manifestação de uma determinada temporalidade na construção da historicidade (Koselleck, 2006, p. 48). Nesse sentido, podemos pensar em uma história do acontecimento, que constrói sua narrativa a partir de fatos considerados notáveis, marcantes.

Como a “História do Brasil”, por exemplo, que pode também ser entendida a partir do “agrupamento” de acontecimentos e como eles reverberam e se desdobram em outros acontecimentos. Desde a ocupação do território pelos povos originários, a chegada das caravelas portuguesas no litoral, o processo compulsório de aculturação dos indígenas, a fuga da família real portuguesa com a transferência da corte para a então colônia, o golpe de Estado que deu origem ao sistema republicano, a eleição da primeira mulher à presidência da república, são, portanto, acontecimentos históricos que organizados de forma cronológica, a partir da história do acontecimento, integram o que convencionamos denominar como “História do Brasil”.

Simões (2014, p. 157-174) apresenta um percurso do conceito de “acontecimento” e sua articulação com outras correntes teóricas, destacando sua relevância no campo da Comunicação. Para a autora (2014, p. 154) embora o conceito de acontecimento não ocupe um lugar de destaque nas teorias clássicas da Comunicação, ele possui raízes significativas em tradições filosóficas e sociológicas, especialmente na Escola de Chicago e no pragmatismo. Essa base teórica é fundamental para a compreensão contemporânea do conceito, que é abordado através das contribuições de pensadores como George Herbert Mead e John Dewey.

Segundo Simões (2014, p. 155), para Mead e Dewey, a comunicação é entendida como um processo de compartilhamento de significados que constitui a experiência. Essa perspectiva enfatiza a interação e a reflexividade das relações comunicativas, onde cada ato de comunicação é uma ação situada que envolve gestos significantes e a presença da

linguagem. A autora argumenta que essa abordagem pragmatista permite uma compreensão mais profunda do acontecimento, visto como uma emergência que não apenas ocorre no presente, mas que também estabelece um passado e um futuro, refletindo a dinâmica da experiência social.

Na mesma linha de pensamento, Quéré (2010) propõe uma abordagem construtivista do acontecimento, enfatizando que os acontecimentos são sempre construções sociais e não algo posto a princípio. Em uma de suas formas de pensar o acontecimento (como acontecimento-objeto), o autor trabalha com a ideia de “*agenda setting*”, que sugere que o acontecimento é uma ocorrência saliente que retém a atenção pública, seja da mídia, do público ou de atores sociais. Essa perspectiva nos permite entender como a mídia desempenha um papel crucial na hierarquização de temas e na construção da relevância dos acontecimentos, moldando a forma como eles são percebidos e discutidos na esfera pública.

O conceito de acontecimento também é significativo nos estudos de Jornalismo na perspectiva de Patrick Charaudeau (2019). O autor defende a ideia de que a prática jornalística se constrói em torno dos acontecimentos. “O acontecimento significado nasce num processo evenemencial que se constrói ao término de uma mimese tripla. É daí que nasce o que se convencionou chamar de ‘a notícia’” (Charaudeau, 2019, p. 132).

Logo, na concepção de Charaudeau, a prática jornalística busca e identifica o fato para narra-lo e, ao fazê-lo, torna-o público criando o acontecimento (jornalístico). Existe, portanto, uma técnica para classificar e definir o fato relevante. Nessa perspectiva podemos pensar nos critérios de noticiabilidade, ou “registros de notabilidade dos fatos”, segundo Rodrigues (2016), como o excesso, a falha, a inversão, a morte e o próprio jornalismo como fatores para a seleção dos fatos alçados à acontecimentos.

A perspectiva de Charaudeau é compartilhada por outros autores (como Verón, Rétat) dentro da abordagem construtivista sobre o acontecimento, a mesma de Quéré. Como ressaltado, essa vertente defende que o acontecimento é justamente a transformação do fato em narrativa. Ou seja, uma ocorrência/experiência específica, narrada, convertida em informação jornalística e assim alçada à condição de acontecimento jornalístico vertendo-se em notícia. Em suma, a ideia é de que o acontecimento sequer existe fora da mídia.

Simões (2014, p. 167) destaca a contribuição de Maurice Mouillaud, que também analisa o acontecimento no contexto do jornalismo. Mouillaud argumenta que, quando um acontecimento ocorre, há uma “explosão do sentido” que precisa ser moldada pela informação. Para ele, o acontecimento é a “modalidade transparente da informação”, e a construção da notícia é um processo que busca dar sentido a essa explosão de detalhes. Essa

ideia complementa a reflexão de Quéré, ao enfatizar a importância da construção midiática na configuração da visibilidade dos acontecimentos.

Embora não seja amplamente reconhecida nas teorias clássicas da Comunicação, a noção de acontecimento trouxe contribuições significativas para os estudos na área, especialmente no Brasil. A análise dos acontecimentos, portanto, não apenas revela aspectos da experiência social, mas também oferece uma lente através da qual se pode entender a complexidade das interações humanas e a construção de significados em um contexto midiático/jornalístico dinâmico.

Retomando, portanto, a perspectiva de Quéré (2010), os acontecimentos são construções sociais que emergem na experiência dos sujeitos. Isso implica que uma cobertura telejornalística não apenas informa sobre o que ocorreu, mas também molda a percepção pública sobre o evento. Os jornalistas, ao decidirem quais acontecimentos merecem destaque e como apresentá-los, desempenham um papel fundamental na configuração da realidade social. Essa seleção pode ser influenciada por fatores como a relevância do evento, a sua saliência no contexto atual e a capacidade de atrair a atenção do público.

Ainda acerca do papel do jornalismo na construção do acontecimento, trataremos da grande cobertura telejornalística, foco da presente pesquisa, como um dos instrumentos pelo qual o telejornalismo representa os acontecimentos na sociedade.

Emerim e Cavenaghi (2012) propõem que uma cobertura jornalística em televisão pode ser definida como o trabalho de reportagem realizado no local de ocorrência de um fato a ser noticiado. Essa definição visa incluir todo o trabalho de reportagem que apresenta um tema sob diferentes abordagens, permitindo um aprofundamento, desenvolvimento ou diversificação do tema central. Assim, a cobertura jornalística televisiva não se limita a simplesmente noticiar eventos, mas envolve a atualização de informações que surgem a partir dos desdobramentos e das prospecções relacionadas ao fato. Dessa forma, a cobertura, seguindo as premissas do telejornalismo tradicional, configura-se como um espaço de reconhecimento e exibição dos fatos, construindo efeitos de realidade e identificação de forma potencializada.

As autoras ressaltam, a partir do contexto da TV aberta, que para que um fato seja coberto, ele precisa ter uma grande repercussão ou ser de interesse significativo para a emissora. Isso implica que, embora as técnicas de transmissão direta sejam empregadas, muitas vezes as reportagens são pré-gravadas e editadas, com o tempo dedicado ao material ao vivo sendo mais restrito à ancoragem dos apresentadores do que à participação das equipes externas.

Segundo Emerim e Brasil (2011, p. 5), as grandes coberturas são formadas por eventos que possuem um impacto significativo na sociedade, ou seja, acontecimentos que afetam a rotina e a experiência das pessoas, despertando um interesse generalizado. A decisão de interromper a programação regular para noticiar um fato é frequentemente tomada pelos jornalistas e editores, com base no julgamento do acontecimento a partir de critérios de noticiabilidade e/ou valores-notícia, de acordo com Wolf (2008).

Uma característica essencial da grande cobertura, para Emerim e Brasil (2011, p. 7), é a transmissão ao vivo contínua, que é uma marca distintiva do telejornalismo especialmente neste tipo de trabalho. Essa abordagem permite que os telespectadores tenham acesso imediato aos eventos à medida que ocorrem, criando uma sensação de urgência e envolvimento com a notícia. A interrupção da grade de programação para cobrir um evento também seria um indicador de que trata-se de uma grande cobertura telejornalística. Essa interrupção indica que o acontecimento é considerado mais importante do que os programas regulares, refletindo sua relevância.

A estrutura de produção também é mais complexa em grandes coberturas, envolvendo equipes de repórteres espalhados em diferentes locais e especialistas comentando os eventos. Isso contrasta com coberturas mais simples ou regulares, que podem não exigir o mesmo nível de recursos e planejamento.

Tomando o trabalho de Emerim e Brasil (2011) como ponto de partida, Negrini e Brandalise (2014) acrescentam novas características de uma grande cobertura jornalística em televisão, enfatizando a necessidade de um trabalho de reportagem que ocorra no local onde o fato se desenrola. Propondo que as coberturas podem ser classificadas em duas categorias principais: as retrospectivas e as prospectivas (Negrini; Brandalise, 2014, p. 57).

Segundo as autoras, as coberturas retrospectivas são aquelas que se baseiam em eventos que já ocorreram, permitindo que a equipe de reportagem analise e relate o que aconteceu, proporcionando um contexto e uma narrativa sobre o evento. Por outro lado, as coberturas prospectivas são aquelas que se concentram em eventos que se espera que ocorram, possibilitando que os profissionais se preparem adequadamente para a cobertura, antecipando-se aos acontecimentos e organizando a logística necessária para reportá-los.

Além disso, ressaltam a importância de uma abordagem que considere a complexidade e a heterogeneidade da realidade sociocultural e histórica em que os eventos estão inseridos. Isso implica que os jornalistas devem estar atentos às dinâmicas de produção e consumo do discurso jornalístico, reconhecendo que suas coberturas não apenas refletem a realidade, mas também têm o potencial de moldá-la.

Nesse sentido, para Negrini e Brandalise (2014, p. 61), a cobertura em televisão deve ser realizada com uma compreensão crítica dos contextos sociais, culturais e históricos, evitando reforçar estereótipos e preconceitos, e buscando promover uma representação justa e informativa dos eventos.

Com base nos conceitos apresentados, seguiremos com o desenvolvimento de um inventário sobre o telejornalismo *all news* no Brasil e sua importância para a consolidação de um novo hábito de consumo de notícias com a oferta em tempo integral de conteúdo jornalístico.

3 O *ALL NEWS* NO TELEJORNALISMO

Durante quase 40 anos, o jornalista Clóvis Rossi dedicou-se ao trabalho no jornal “Folha de São Paulo”. Não por acaso, mas em razão dessas quatro décadas, tornou-se o decano da redação. De 1980 a 2019, ano em que morreu vítima das consequências de um infarto, cobriu eventos históricos, viagens presidenciais, mundiais de futebol e assinava uma coluna que tratava de temas da política partidária ao cotidiano das grandes cidades.

Em um de seus textos, “Te vi na TV. E fui atrás⁷” (Folha de São Paulo, seção Opinião), de 27 de dezembro de 2001, Rossi avalia o papel agitador e mobilizador da televisão e, especificamente, dos canais *all news* na TV a cabo na Argentina.

Ao tratar das manifestações populares contra a crise econômica e o governo do então presidente argentino Fernando de la Rúa, que levaria sua renúncia ao cargo, o jornalista analisa a profunda diferença entre o *all news* brasileiro, representado naquele período pelo recém-lançado “BandNews TV” e pela veterana “GloboNews”, a quem ele atribui uma edição “asséptica” nas coberturas em território nacional.

Em contrapartida, defende que os canais argentinos, privilegiariam a imagem e o som neste tipo de trabalho jornalístico sem a preocupação com o “tempo morto” ou algo que viesse a “sujar” a transmissão, como a movimentação de “*los piqueteros*”, os ruídos, os gritos de protesto e os painéis. Para o jornalista, essa lógica de cobertura dos canais *all news* argentinos seria em parte responsável pelo engajamento e pela mobilização da população daquele país na participação nos protestos.

No Brasil, portanto, a cobertura “limpa”, da segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000, produziria um distanciamento quase gélido frente ao desenrolar dos acontecimentos, o que até poderia envolver emocionalmente e prender a atenção dos telespectadores, mas não a ponto de mobilizá-los.

⁷ ROSSI, Clóvis. “Te vi na TV. E fui atrás” (Folha de São Paulo, 27 dez. 2001). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2712200104.htm>>. Acesso em: 3 mai. 2024.

Figura 1 – Artigo de opinião de Clóvis Rossi sobre as coberturas jornalísticas nos canais *all news*

Fonte: Folha de S. Paulo (2001)

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2712200104.htm>. Acesso em: 31 jul. 2024.

O telejornalismo está presente na vida dos brasileiros desde 1950. Estreando no segundo dia da TV Tupi de São Paulo, a primeira emissora brasileira, como nos lembra Silva (2020).

A primeira exibição de um telejornal no Brasil aconteceu no dia seguinte à estreia da televisão no país, em 19 de setembro de 1950, quando o telejornal Imagens do Dia noticiou o desfile cívico-militar pelas ruas de São Paulo (Silva, 2020, p. 8).

Setenta anos após a estreia, o jornalismo de televisão se diversificou ao longo do tempo e se apresenta em outros formatos e gêneros, como o *all news*, como apontado por José Carlos Aronchi de Souza (2005, p. 68). O *all news* estreia na televisão brasileira na virada da década de 1990, caracterizando uma outra forma de noticiar, que foi se alterando e amadurecendo ao longo das décadas. Adiante faremos um inventário sobre o desenvolvimento e a consolidação dos canais *all news* na televisão brasileira.

O presente capítulo foi desenvolvido a partir de extensa pesquisa bibliográfica e Análise Documental (Moreira, 2005, p. 269-279; Pimentel, 2001, p. 179-195) combinada com a proposta metodológica para Análise do Percurso Histórico do Jornalismo Audiovisual (Silva, 2020, p. 157-169), com a busca, coleta e tratamento de dados (reportagens, notas,

artigos, peças publicitárias, institucionais e imagens) em arquivos institucionais públicos, como na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional e nos Anais do Congresso Nacional, da Biblioteca do Senado Federal do Brasil; e na imprensa, nos acervos digitais dos jornais “O Globo”, “O Estado de S. Paulo” e “Folha de S. Paulo”, respectivamente (veja o levantamento das matérias nos jornais impressos no Anexo C).

Os ensaios, artigos científicos, dissertações e teses foram obtidos através do “Catálogo de Teses e Dissertações da Capes” e, de modo complementar, com o auxílio do *software* acadêmico “*Harzing’s Publish or Perish*”⁸ (Capello, 2021, p. 11), que reúne fontes de dados como *Google Scholar*, *Scopus* e *Web of Science*.

Consultamos, coletamos e analisamos aproximadamente 162 notas, matérias, artigos, peças publicitárias, discursos e relatórios de comissões parlamentares. O período do levantamento compreende material localizado de 1973 até 2020. A busca nos repositórios foi realizada através da consulta de palavras-chave, como: “TV a cabo”, “TV por Assinatura”, “*all news*”, “GloboNews”, “BandNews TV”, “Record News”, “CNN”, “CNN Brasil”, entre outras expressões.

Nos procedimentos metodológicos da Análise do Percurso Histórico do Jornalismo Audiovisual, Silva (2020, p. 162) indica que o analista deve definir claramente os objetivos da investigação, estabelecendo quais aspectos do jornalismo audiovisual serão abordados. Em seguida, é necessário determinar o período que será analisado dos jornais publicados, bem como definir a amostragem de dados que será utilizada.

A coleta de dados deve ser realizada de maneira sistemática, começando pela identificação de palavras-chave relevantes que guiarão a busca nos acervos digitalizados. O pesquisador deve estar atento ao funcionamento das plataformas de busca, criando listas de termos que estejam diretamente relacionados ao tema de interesse. Essa etapa é crucial, pois a precisão na escolha das palavras-chave influenciará a qualidade e a relevância dos resultados obtidos.

Uma vez que os dados tenham sido reunidos, procedemos com a análise do conteúdo encontrado, avaliando a pertinência das informações em relação aos objetivos estabelecidos. A análise deve contemplar além da descrição dos fatos, também, a

⁸ O *Harzing’s Publish or Perish* é um software utilizado no meio acadêmico para a análise da produtividade e do impacto científico. Esse sistema possibilita a extração e avaliação de citações provenientes de diversas fontes, como *Google Scholar*, *Microsoft Academic*, *Scopus* e *CrossRef*, oferecendo métricas bibliométricas abrangentes, como o total de citações, artigos citados, entre outras (Capello, 2021, p. 11).

compreensão da produção de sentido e do impacto dos eventos noticiados, considerando o contexto social e histórico em que ocorreram, de modo a contribuir para um entendimento mais profundo do papel do jornalismo audiovisual na sociedade e na construção da memória coletiva.

3.1 OS CANAIS *ALL NEWS* NA TELEVISÃO BRASILEIRA

Segundo Silva (2017, p. 24), o final da década de 1980 e início dos anos de 1990 podem ser classificados como correspondendo à terceira fase do telejornalismo brasileiro. Os avanços tecnológicos impulsionaram o crescimento da TV por assinatura no país e, conseqüentemente, a oferta de canais exclusivos de notícias. Em sua maioria os canais surgiram com a promessa de oferecer um jornalismo ágil, em tempo real, aprofundado e disponível 24 horas por dia, sete dias por semana (Silva, 2017, p. 25).

Apesar de algumas tentativas neste período, o Brasil só entraria efetivamente no mercado *all news* televisivo mais de uma década depois dos estadunidenses. Em 1980, o empresário Ted Turner colocava no ar a “*Cable News Network*”⁹ (CNN) nos Estados Unidos, um marco para o telejornalismo e para o modelo *all news* na televisão. Em pouco tempo, a “CNN” se tornaria sinônimo de canal de notícias e de exclusividade, o que ficaria evidente em seu slogan: “*Be the first to know*” (Seja o primeiro a saber) Denotando o apreço pela ideia de velocidade. (Souza, 2005, p. 71).

As grandes coberturas telejornalísticas ao vivo, como a da Guerra do Golfo Pérsico (1990–1991), a qual nos aprofundaremos adiante no capítulo, contribuíram para o prestígio do canal junto ao público (Becker, 2016, p. 39’). Ao refletir sobre o papel da “CNN” no contexto da globalização, Souza (2005, p. 71) afirma que o domínio do “ao vivo” e do modo de produção instantâneo da notícia conferiram grande poder às emissoras de TV *all news*.

A partir desse período, final das décadas de 1980 e início de 1990, grandes conglomerados de comunicação ingressaram no mercado brasileiro de TV por assinatura, como o Grupo Globo, Abril, Algar e a RBS.

Inicialmente, a estratégia do Grupo Globo para o ramo de TV paga não era muito objetiva e pode-se dizer que surgiu casualmente (Possebon, 2009, p. 38-39). Em 1990, a

⁹ *Cable News Network*, CNN, canal de televisão a cabo estadunidense de notícias 24 horas, com sede em Atlanta, está disponível em mais 212 países.

proposta original da Globo apresentada ao governo federal era distribuir em todo o país canais com conteúdo educativo produzido pela Fundação Roberto Marinho, pela Fundação Padre Anchieta (a TV Cultura) e pelo Ministério da Educação (MEC) através do sistema de antenas parabólicas. No entanto, a proposta foi rejeitada pelo governo que optou por outro sistema de distribuição para o conteúdo produzido pelo MEC.

Ainda em 1990, o Grupo Globo abandona o projeto de distribuição de canais educativos por parabólicas e começa a desenvolver um sistema comercial de canais segmentados por assinatura concebendo o formato de quatro canais direcionados a esportes, filmes, shows e notícias. Surgia então o conceito da Globosat, hoje Canais Globo, que no primeiro momento atuaria no mercado como programadora dos canais e operadora (Possebon, 2009, p. 38-39).

A programadora iniciou as atividades em 26 de outubro de 1991, lançando quatro canais (“Telecine”, “Top Sport”, “Multishow” e “GNT” - Globosat News Television) sem que tivesse nenhum assinante. Nos primeiros meses de operação o sinal permaneceu aberto no satélite e disponível nas antenas parabólicas, somente depois foi codificado e distribuído exclusivamente aos primeiros assinantes do serviço.

3.1.1 As primeiras experiências de canais segmentados de jornalismo na televisão brasileira: GNT e Jovem Pan TV

O canal por assinatura “GNT”, lançado pela Globosat/Organizações Globo, tinha programação formada basicamente por documentários e produções jornalísticas, como o telejornal “Cinco Minutos”, que contava com 11 edições diárias e utilizava material da “BBC” e da “NBC” nas notícias internacionais (Araújo, 2010). O “GNT” ficava no ar durante 18 horas. No começo a operação da Globosat era precária, improvisada, e o conteúdo do canal altamente dependente de produções estrangeiras.

De acordo com Possebon (2009), para os diretores da programadora o canal deveria ser inovador na produção de jornalismo audiovisual. “O GNT pode e deve experimentar novas formas e novos formatos de fazer jornalismo” (Possebon, 2009, p. 46). Em março de 1993, o canal levou ao ar pela primeira vez um dos programas jornalísticos mais tradicionais da televisão paga, o “*Manhattan Connection*”¹⁰. O programa de debates e

¹⁰ O programa também foi exibido pela GloboNews, TV Cultura e, após um período sem exibição, reestreou na TV junto ao canal BM&C NEWS.

entrevistas sobre os assuntos em destaque na mídia internacional e brasileira era comandado pelos jornalistas Lucas Mendes, Caio Blinder, Nelson Motta e Paulo Francis, e apresentado direto de Nova York.

O “GNT” foi uma das primeiras experiências de canal brasileiro segmentado dedicado ao jornalismo na televisão por assinatura (Becker, 2016, p. 39; Miranda, 2019, p. 30). Desde 1996, é atribuído a “GloboNews” o título de “primeiro canal brasileiro de jornalismo” (Paternostro, 2006, p. 64). Nesse sentido, o “Globosat News Television” é preterido por ter sido, dentre os quatro primeiros canais implantados pela Globosat, o com a “personalidade menos definida” (Possebon, 2009, p. 46).

Foi um canal que seguiu timidamente rumo ao jornalismo no começo, mas com a falta de um direcionamento contundente e poucos investimentos o canal foi remodelado, antes da chegada da “GloboNews”, e passou a ter o público feminino como alvo com programas de variedade e de comportamento.

Na TV aberta a “Jovem Pan TV”, de São Paulo, foi o primeiro canal brasileiro dedicado ao jornalismo. A emissora, que se apresentava ao público como “o canal brasileiro da informação”, começou a transmitir o sinal em caráter experimental em janeiro de 1991 com programação todos os dias do meio-dia à meia noite. Somente em maio do mesmo ano as transmissões em definitivo começaram (Demarchi, 1990). Com investimentos iniciais estimados em cerca de 40 milhões de dólares a “JPTV” tinha estrutura técnica de alta qualidade o que proporcionava qualidade de som e imagem superior ao de canais como a “Globo”.

A programação da recém-criada emissora seria semelhante à da “CNN” estadunidense, com telejornais a cada 30 minutos. Cerca de 60% das notícias se repetiriam na programação, enquanto 40% seriam de produção inédita, com entradas ao vivo de repórteres, repercussão de fatos importantes do dia e prestação de serviço. O objetivo era ser um canal totalmente jornalístico com uma grade de programação com telejornais, debates, entrevistas e outros programas do gênero durante 16 horas diárias de exibição. Contudo, a “JPTV” ficaria conhecida por suas transmissões esportivas ao vivo. O jornalismo factual estava presente na grade, porém com um espaço bem menor do que o planejado (Demarchi, 1990).

O ano de 1992 ficou marcado pelo início da derrocada do canal. A “JPTV” perdeu o direito de transmissão dos campeonatos da qual era detentora, o que impactou diretamente na receita que era gerada pelos anunciantes nesses eventos esportivos. Os contratos com os fornecedores e os trabalhadores foram descumpridos com o atraso nos pagamentos. Não havia mais entendimento entre os três sócios sobre os rumos do negócio.

Em maio de 1993, teve início no Congresso Nacional uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) para investigar irregularidades na formação da “Jovem Pan TV” (Krieger, 1993). No relatório final¹¹, a CPMI concluiu que houve a prática de sonegação fiscal, enriquecimento ilícito por parte de dois sócios, além do reconhecimento de dívidas com o FGTS e o INSS (Faustino; Campos, 1994, p. 124).

Em 1995, a emissora foi extinta, no lugar os detentores da concessão colocaram no ar o “Canal Brasileiro de Informação” (CBI), especializado em televidas.

3.1.2 A consolidação do jornalismo na TV por assinatura: GloboNews e CBS Telenotícias Brasil

A regulamentação do serviço de TV por assinatura no Brasil em 1988, a partir de decretos e portarias publicados pelo presidente Sarney, deu início a uma série de investimentos no setor (Possebon, 2009, p. 96). A partir de 1995, as programadoras começaram a diversificar o conteúdo criando canais e produzindo/comprando conteúdo nacional e internacional. É nesse período de reformulações e investimentos na TV paga, na segunda metade da década de 1990, que a “GloboNews”, canal brasileiro dedicado ao jornalismo foi criado em outubro de 1996 (Possebon, 2009, p. 124).

A chegada da “GloboNews” representa um marco do telejornalismo brasileiro. Inicialmente o canal era anunciado como a “CNN brasileira” para que o mercado publicitário e os assinantes pudessem se familiarizar com modelo *all news* fazendo uma analogia à rede estadunidense de notícias. Nos primeiros meses, contudo, o canal permanecia apenas 18 horas no ar (Kogut, 1996).

No início, a grade de programação do canal consistia em um telejornal de 30 minutos de duração a cada hora, batizados de “Em Cima da Hora”. Entre um telejornal e outro eram intercalados programas de entrevista, debates com especialistas que aprofundassem os assuntos mais relevantes do dia, geralmente chamados de “Espaço Aberto”. Durante o dia e nos fins de semana alguns noticiários da “Rede Globo” eram reapresentados.

A partir dos anos 2000, a “GloboNews” recebeu investimentos na parte digital, desenvolvendo estratégias de interatividade e a convergência de mídias com o lançamento do portal “GloboNews.com”. A “Globo” unificou os principais produtos jornalísticos do grupo

¹¹ Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/85083>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

com a promessa de informação online em tempo real. No portal era possível encontrar conteúdo jornalístico da “TV Globo”, do jornal “O Globo”, da revista “Época”, da rádio “CBN” além de reportagens da “GloboNews”. Os usuários participavam de enquetes e podiam comentar as notícias e ainda assistir à programação ao vivo do canal pela internet.

Um ano após a estreia da “GloboNews”, a “CBS Brasil” colocou no ar o “CBS Telenotícias Brasil”, em outubro de 1997, o primeiro canal de notícias em língua portuguesa produzido no exterior (Miami, EUA) para o Brasil, disponível pela TV por assinatura (DirecTV e TVA).

Cerca de 50 profissionais brasileiros trabalhavam no canal. No primeiro ano de operação o “CBS Telenotícias” contava com cerca de 12 horas de programação em português e o restante era ocupado com programas jornalísticos da “CBS” estadunidense no idioma original. Somente em outubro de 1998 passou a exibir 20 horas de conteúdo em português e quatro horas de conteúdo em inglês com legendas em português (Folha de S. Paulo, 1998b).

Em março de 1996, o “Sistema Brasileiro de Televisão” (“SBT”) havia firmado um acordo com o Grupo Abril (TVA) e anunciado a implantação de um canal pago dedicado a notícias, desejo antigo da emissora paulista. O projeto intitulado de “CNA” (“Canal de Notícias Abril”) foi idealizado para concorrer com a “GloboNews”. Contudo, em agosto de 1997, o Grupo Abril anunciou o cancelamento do “CNA” antes mesmo de levá-lo ao ar sob a justificativa de que haveria “impasses operacionais” (Folha de S. Paulo, 1997).

Em fevereiro de 1998, após o rompimento do acordo entre a Abril e o “SBT”, a “Columbia Broadcasting System” (“CBS”) e a emissora de Silvio Santos fecharam um acordo inédito no Brasil que concedeu à rede estadunidenses seis horas diárias de programação na tevê aberta brasileira através do “SBT”.

A “CBS” através do canal de notícias em português “CBS Telenotícias Brasil” exibiria cinco horas de programação, da 1h às 6h, todos os dias. O bloco da rede estrangeira nas madrugadas do “SBT” era chamado de “Sinal” (“Sistema de Notícias da América Latina”).

Além do “Sinal”, a rede ainda produziria um telejornal diário, o “Jornal do SBT/CBS Telenotícias”, exibido no canal brasileiro no horário nobre, às 19h30, apresentado pelo então casal de jornalistas Leila Cordeiro e Eliakim Araújo, direto de Miami, nos EUA, e por Hermano Henning, em São Paulo. As transmissões na TV aberta começaram em março de 1998. Em contrapartida, o “SBT” repassava a “CBS” conteúdo jornalístico brasileiro produzido pelas redações regionais e das afiliadas para ser utilizado no canal pago.

Figura 2 – Programação da “CBS Telenotícias Brasil” no “SBT”



Fonte: Youtube (1998)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J8HS4c5YWI>. Acesso em: 31 jul. 2024.

Em agosto de 1998, o contrato entre as duas redes foi rompido por iniciativa do “SBT”. Em 2000, o canal “CBS Telenotícias Brasil” foi vendido à rede hispano-americana “Telemundo”, controlada pela *Sony Pictures Corporation*. Em março do mesmo ano, o canal foi renomeado para “Telemundo Internacional” e teve o conteúdo jornalístico reformulado exclusivamente para atender o público latino de língua espanhola (Lee, 2000). Mudança que beneficiou diretamente a “GloboNews” que permaneceu até março de 2001 sem a concorrência direta de um canal de notícias em português.

3.1.2.1 O Grupo Bandeirantes aposta no telejornalismo *all news* com o *BandNews TV*

O “BandNews TV” começou a ser formatado e foi apresentado pelo Grupo Bandeirantes de Rádio e Televisão como uma alternativa nacional à “GloboNews” (Castro, 2000). Foi a terceira tentativa de empresas de mídia de implantação de um canal de notícias que fizesse frente ao do Grupo Globo.

A proposta do novo canal, de um telejornal único na grade de programação, com meia hora, atualizado a cada edição com as últimas notícias, se assemelhava ao extinto “CBS Telenotícias” e aos noticiários das rádios *all news*, que repetiam as informações a cada edição atualizando-as com a finalidade de informar a audiência rotativa. Fato é que, dentre os canais de notícia, o “BandNews TV” era o que mais se assemelhava ao formato do *all news* dos EUA.

Ao analisar o canal em sua pesquisa de mestrado, Candil (2013, p. 16) propõe o conceito de “telejornal sem fim”, para se referir ao primeiro formato do “BandNews TV”, inspirado no estadunidense “*CNN Headline News*”. A aceleração no processo de produção e

as notícias curtas implementadas pelos brasileiros são também influência do jornalismo *online* em estágio avançado já experimentado pelos Estados Unidos desde a década de 1990.

Segundo notícias do período de implantação¹²¹³ (ver Anexo C), o investimento total declarado pela Band no canal foi de cerca de US\$ 6 milhões a US\$8 milhões (Garcez, 2001; Castro, 2001). A importação de equipamentos foi um dos entraves apontado pela emissora como responsável por sucessivos adiamentos na estreia do canal prevista inicialmente para a primeira semana de fevereiro de 2001. Os investimentos possibilitaram que o canal operasse totalmente digital, sem fitas, desde o início, diferente do padrão das emissoras de televisão brasileiras na época (Candil, 2013, pág. 42).

Somente em 19 de março de 2001, o “BandNews TV”, primeiro canal de jornalismo do tipo “*headline news*” (manchetes, destaques), entrou em operação. Em 2001, o “BandNews TV” também foi o primeiro canal brasileiro a exibir exclusivamente telejornais durante 24 horas, diariamente. Na fig. 3, estão reproduções da reportagem exibida na estreia do canal explicando o formato e modo de operação do canal.

A programação do *all news* estava disponível para cerca de um milhão de assinantes através das operadoras TVA, DirecTV e Neo TV, que não contavam com os canais Globosat, incluindo a GloboNews, em seus pacotes (Garcez, 2001). O perfil do público do “BandNews TV” era composto em sua maioria por homens (58%), com mais de 25 anos de idade (80%) e, predominantemente, da classe social “A” (61%) (com renda média entre R\$ 7 mil e R\$ 15 mil, em 2004) (Newco, 2004).

O canal de notícias da “Band” tornou-se uma alternativa àquelas prestadoras que, por motivos comerciais, não estavam autorizadas pela Globo a comercializar seus canais. Cabe destacar que, nesse período o grupo carioca era acionista da NET e da Sky, as duas principais operadoras de TV por assinatura do Brasil, o que lhe possibilitava escolher quais prestadoras distribuiriam o sinal da Globosat e, também, quais canais pagos seriam incluídos no *line-up* de suas duas operadoras. A “Band” já acusou a Globo de barrar a entrada de seus canais na NET e na Sky. Alegação que o grupo controlado pela família Marinho sempre negou (Castro, 2005, p. 4).

¹² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u10676.shtml>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

¹³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv1803200110.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

Figura 3 – Reportagem de apresentação na estreia do canal



Fonte: YouTube (2001)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4JHkjpJUy4o&t>. Acesso em: 31 jul. 2024.

Inicialmente, o “BandNews TV” não contava com outros programas jornalísticos ou de entrevistas na programação, além do telejornal. Os primeiros blocos eram divididos entre o noticiário nacional e internacional. Seguidos por blocos com notícias de cultura, meteorologia, saúde, esporte e tecnologia (Garcez, 2001).

A inauguração do canal, na sede da TV Bandeirantes, no bairro do Morumbi, em São Paulo, mostrou-se também um evento político com a presença de autoridades e de figuras políticas, como parlamentares e governadores, o que evidencia as relações com o poder e o prestígio da família Saad, controladora do grupo de comunicação (Folha de S. Paulo, 2001a).

Um desafio para o “BandNews TV” nos primeiros meses de operação foi a falta de acesso ao material jornalístico internacional fornecido pela “CNN”. A única agência com contrato vigente com o canal era a britânica “Reuters”, o que limitava as coberturas e a produção de notícias.

Segundo o Grupo Bandeirantes, à época, a “CNN” se recusava a negociar a venda de material, o que favorecia diretamente a “GloboNews”, que tinha contrato firmado com a rede americana e realizara importantes coberturas jornalísticas, como a morte da princesa Diana, em Paris, em 1997, a partir de imagens fornecidas pela “CNN”.

Somente em julho de 2002, mais de um ano da estreia, a *Turner Broadcasting System Latin America*, responsável pelo gerenciamento da “CNN”, e o grupo brasileiro fecharam acordo para o fornecimento de conteúdo jornalístico (Castro, 2002).

A implantação do “BandNews TV” foi comercialmente bem-sucedida, segundo a avaliação do grupo paulistano. O que, além de outros fatores, impulsionou investimentos em projetos da emissora em multiplataforma e multimídia. Em agosto de 2001, por exemplo, o

canal ganhou espaço dentro da programação da “Band”, na TV aberta, com um telejornal exibido simultaneamente nas manhãs.

Ainda que contasse com uma página sem muitos recursos de interatividade ou acesso às notícias, o canal também estava presente na rede mundial por meio de seu site, onde eram apresentados a equipe de jornalistas, a estrutura e o formato, quase que como um guia, um “manual de instruções”, para os telespectadores de como o canal funcionava. Veja na fig. 4 a reprodução do site bandnews.com.br nos primeiros anos.

Figura 4 – Site do “BandNews TV” em 2001 e 2005

The figure displays two versions of the BandNews website. The left screenshot, from 2001, features a prominent 'BANDNEWS' logo and a navigation menu on the left. The main content area is filled with text and small images, including a photo of a news anchor. The right screenshot, from 2005, has a more structured layout with a blue header and a list of technical specifications under the heading 'Edição não-linear:'. The list includes items like 'AP NEWS: Software de Redação', 'Automação dos Intervalos', 'Teleprompter', 'Cabine de Off', 'Ingest', 'Switcher de produção', 'Switcher master', and 'Servidor'. Each item is followed by a brief description of its function.

Fonte: Reprodução *Internet Archive*/BandNews (2001, 2005)

Desde setembro de 2001, os usuários do serviço de banda larga do “iG” (*Internet Group*) puderam assistir à programação do “Band News TV” ao vivo nos computadores conectados. Em 2004, o canal foi um dos pioneiros a chegar aos telefones celulares da Nokia através do serviço *wap* da TIM, que permitia acesso 24 horas por dia, na palma da mão, dando início à mobilidade da televisão brasileira, com a reprodução *streaming* em aparelhos conectados à internet móvel de qualquer lugar que dispusesse do sinal da operadora (Folha de S. Paulo, 2001b).

As grandes coberturas são parte importante da história do “BandNews TV”, trazendo prestígio e audiência. Em 2005, a cobertura jornalística da CPMI dos Correios, criada para investigar o pagamento de propina na estatal, que desvendou posteriormente o esquema do mensalão, elevou a audiência do canal de notícias, o fazendo saltar da oitava para a segunda posição no ranking de canais mais assistido dentro da DirecTV (Jimenez, 2005, p. 7).

Em 2007, a viagem apostólica internacional do Papa Bento XVI ao Brasil teve extensa cobertura pela emissora, que acompanhou 24 horas por dia a visita do pontífice. Peças publicitárias sobre o trabalho jornalístico histórico para o canal foram publicadas nos principais impressos do país. Na fig. 5 reproduzimos uma publicidade veiculada no jornal “Folha de S. Paulo”, em 9 de maio de 2007, em razão da cobertura.

Figura 5 – Peça publicitária do BandNews TV sobre cobertura jornalística

O Papa entre nós

O maior país católico do mundo merece a melhor cobertura.

O BandNews TV mostra passo a passo a visita de Sua Santidade ao Brasil. Cobertura 24 horas por dia:

- Desembarque do Papa • Encontro com o presidente Lula • Encontro com jovens no Pacaembu • Canonização de Frei Galvão
- Missa Campal • Encontro com bispos brasileiros na Catedral da Sé • Missa em Aparecida • Noticiários exclusivos.

Consulte uma operadora de TV por Assinatura.

70 Anos BANDEIRANTES

BAND NEWS
A notícia em primeiro lugar

Fonte: Reprodução Folha de S. Paulo (2007, p. 4)

Este tipo de trabalho jornalístico conferia um “selo” de qualidade ao canal e, portanto, ganhava destaque nas publicidades como forma de ressaltar as produções e atrair novos telespectadores.

Desde 2007, o canal foi internacionalizado, sendo transmitido na íntegra e em tempo real para os assinantes nos EUA e começou a operar em alta definição (HD), com a modernização de estúdios e câmeras, a partir de 2011 (Jimenez, 2007, p. 6; Padiglione, 2011, p. 6). Treze anos após a sua estreia, em 2014, auge da TV por assinatura no Brasil, o

“BandNews TV” já era assistido por cerca de 17 milhões de telespectadores, (Padiglione, 2015, p. 6).

3.1.2.2 Com mais de 50 anos no mercado televisivo, Record estreia canal de notícia Record News na TV aberta

Em fevereiro de 2007, o Grupo Record começou a movimentação para a implantação do seu primeiro canal de notícias: a “Record News”. A empresa de mídia também é concessionária de outros canais, “Record”, por exemplo, o mais antigo do país ainda em atividade, no ar desde 1953, controlado pelo fundador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Edir Macedo Bezerra, desde 1989.

Um acordo fechado com a Telefônica possibilitou que a “RN” estivesse disponível na TV por assinatura através da TVA. O canal tornou-se um dos principais da operadora, que contava com pouco conteúdo jornalístico e nacional em razão da concorrência com a Net e a Sky (Globo/Globosat) (Castro, 2007).

Uma particularidade da “Record News”, que a diferenciava dos demais canais de notícia, é que, além de estar disponível na TV por assinatura, também poderia ser assistida gratuitamente na TV aberta, através do sinal terrestre (UHF) e das parabólicas (satélite). A transmissão só foi possível devido à substituição do canal “Rede Mulher” pela “RN”, ambos pertencentes ao Grupo Record.”

A “Rede Mulher” foi adquirida pela IURD/Record, em 1999. Com sede em Araraquara, interior de São Paulo, contava, em 2007, ano de estreia da “RN”, como uma rede de mais de 100 emissoras abertas afiliadas em todo o território nacional, que passou a retransmitir o sinal da “Record News” a partir da migração (Castro, 2007). O canal já estrearia com uma grande penetração entre o público devido a área de cobertura do sinal por essas emissoras locais.

Apesar da disponibilidade gratuita na TV aberta, o novo canal seguiria o formato clássico *all news* difundido pela “CNN” na TV paga. Antes da implantação, executivos da Record visitaram os estúdios da emissora estadunidense em Atlanta para analisar a operação. Segundo a Record, o investimento no canal brasileiro foi de US\$ 7 milhões, que contaria com um complexo de estúdios de quase mil metros quadrados (Jimenez, 2007, p.10).

Alguns dias antes da estreia a Record promoveu a divulgação do canal com peças publicitárias nos principais veículos impressos do país. A publicidade dava destaque a uma das principais características dos canais *all news*: a notícia em fluxo. Veja na fig. 6.

Figura 6 – Peça publicitária divulga a estreia da Record News



Fonte: Reprodução O Estado de S. Paulo (2007, p. 20)

A “Record News” entrou no ar na noite de 27 de setembro de 2007. A solenidade de lançamento foi também um evento político com a presença de membros da Igreja Universal e de autoridades do legislativo e judiciário estadual e federal, além do presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva (Amorim *et al*, 2007, p.10).

A primeira grade programação contava com telejornais e programas jornalísticos temáticos (sobre tecnologia, saúde) e com entrevistas e grandes reportagens, com cerca de 19 horas de produção inédita e cinco horas de reapresentações de programa da “Record” (Abramo, 2007).

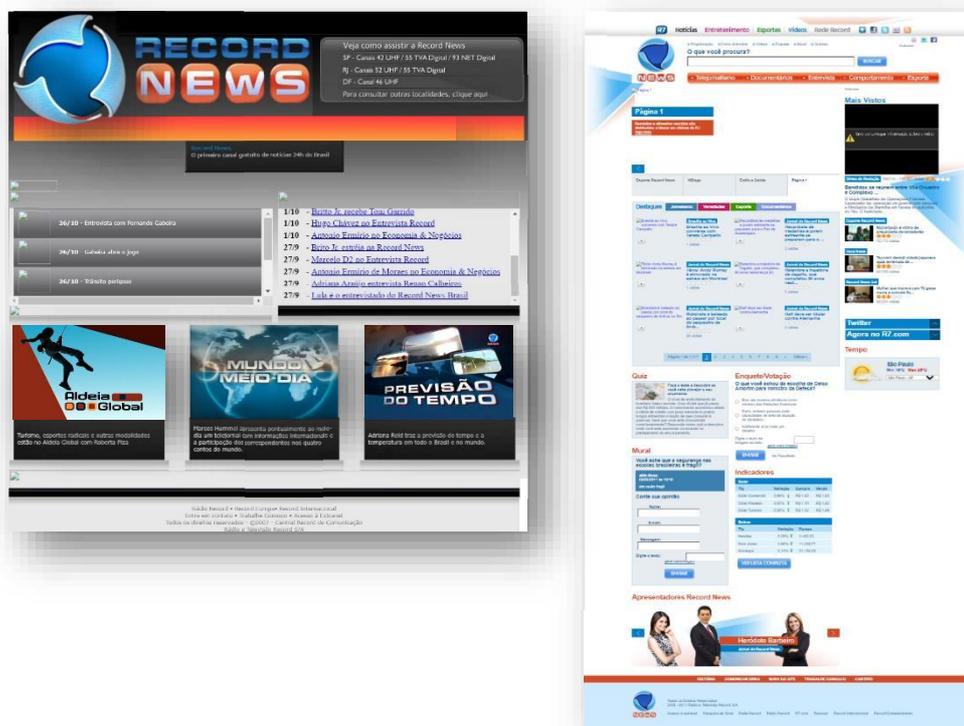
Além de dois grandes telejornais (“Página 1” – 9h e “Record News Brasil” – 21h), o canal investiu em quatro telejornais locais vespertinos, gerados para toda rede, produzidos/apresentados diretamente dos estúdios da “Record” em três regiões diferentes do

Brasil (“Record News Nordeste”, de Salvador, “Record News Paulista”, de Araraquara, “Record News Sul”, de Porto Alegre e “Record News Sudeste”, do Rio de Janeiro) (Abramo, 2007). A regionalização do telejornalismo para a rede nacional nos canais de notícias foi uma inovação experimentada brevemente apenas pelo “BandNews”, em 2004.

Com o crescente índice de brasileiros acessando a internet, no período de lançamento, a “RN” investiu em programas sobre tecnologia. O programa “Link Brasil”, apresentava semanalmente reportagens sobre telefonia, internet, transmissão de imagens e sons, redes sociais digitais. Ainda recebia especialistas para orientações e debates sobre os impactos da tecnologia digital na sociedade brasileira (Fonseca, 2008).

A emissora está presente nas redes sociais digitais com perfis nas plataformas X (desde 2011) e Facebook (desde 2012) e conta também com um *site*, com informações sobre o canal e notícias/vídeos, desde o lançamento. Ao longo dos anos, o recordnews.com.br passou por modificações, adicionando mais conteúdo jornalístico do canal e de outros produtos jornalísticos do grupo, até ser incorporado ao portal de notícias da “Record”, o r7.com, em 2011. Na fig. 7 estão duas reproduções de páginas do *site* “RN” em diferentes períodos.

Figura 7 – Reprodução do *site* da Record News em 2007 e 2011



Fonte: Reprodução *Internet Archive/RecordNews*, (2007, 2011)

Sob a condução do jornalista Heródoto Barbeiro no horário nobre do canal, o “Jornal da Record News”, criado em 2011, foi apresentado pela emissora como o primeiro telejornal transmídia do país (Record News, 2011). O “JR News” foi transmitido simultaneamente na televisão, no portal de notícias r7 e no Facebook.

Durante os intervalos comerciais na televisão, o telejornal não saía do ar na *live* da rede social, o que possibilitava um espaço de interatividade entre o apresentador e o público que comentava o noticiário. O público conectado ainda contava com um bloco extra do jornalístico produzido para as plataformas digitais. Durante o dia, parte da reunião de pauta e outros bastidores da produção eram compartilhados através de *lives* no Facebook, Periscope e Instagram.

Em sua dissertação, Rêgo (2017), ao analisar o “JR News”, principal noticiário do canal, indica que o telejornal utiliza estratégias transmídia, tais como, a “propagação” e a “expansão” do conteúdo na construção de informação transmídia (do tipo “convocação”, “recuperação”, “autenticação” e “prolongamento”). O que configura, de fato, o jornalístico como um produto transmídia.

A “RN” também se notabilizou ao longo dos anos pelas grandes coberturas jornalísticas envolvendo dramas humanos, como, por exemplo, a cobertura do sequestro da jovem Eloá, mantida refém pelo ex-namorado, no apartamento em que vivia com a mãe em Santo André (SP), em outubro de 2008. O desenvolvimento do sequestro, noticiado por toda a imprensa brasileira, representou um crescimento na audiência da “RN” e de outros canais (Castro, 2008).

Distanciando-se do conteúdo totalmente noticioso/jornalístico em busca de consolidação nos números de audiência, a “RN” apostou nos grandes eventos esportivos em sua programação. O Grupo Record, com seus canais, adquiriu os direitos exclusivos de transmissão na TV aberta brasileira dos Jogos Pan-americanos de Guadalajara, em 2011, dos Jogos Olímpicos de Inverno de Vancouver, em 2010, e das Olimpíadas de Londres, em 2012. Em 2011, a “RN” chegou a exibir cerca de oito horas diárias das competições do Pan (Merguizo, Lajolo, 2011, p. 16; Jimenez, 2011, p. 16).

Em 2016, a “Record News” passou a ser transmitida em alta definição (HD). Em 2024, o canal estava disponível na TV aberta em 22 estados e no Distrito Federal, presente em mais de 500 municípios, acessível a uma população estimada de mais de 100 milhões de brasileiros. Segundo a Kantar Ibope Media (2024), é assistido por cerca de 26 milhões de telespectadores únicos por mês na televisão aberta e por 4 milhões na TV por assinatura.

3.1.2.3 Enfim, a CNN desembarca no país com a produção nacional da CNN Brasil

A implantação de uma versão nacional da “CNN” sempre foi um desejo antigo de emissoras e de empresários. Na década de 1990, o canal de notícias, referência no seguimento, serviu como inspiração para os canais brasileiros, como apresentado anteriormente. Desde 2008, Edir Macedo Bezerra, líder da IURD e proprietário da TV “Record”, tentava adquirir os direitos para a exploração da marca no Brasil. O objetivo era implantar a “CNN Brasil” no lugar da “Record News”. Em 2015, porém, as negociações foram encerradas sem um acordo entre os grupos de mídia. Dois anos depois, a “RedeTV!”, de Marcelo de Carvalho, Amilcare Dallevo Jr., tentou sem sucesso fechar contrato com o canal estadunidense (Castro, 2019).

Janeiro de 2019 marcou o mercado de comunicação com o anúncio da *CNN International Commercial* de um acordo de licenciamento para um grupo brasileiro, Novus Mídia, que possibilitaria a implantação do canal de notícia no país. Segundo Andrade (2020),

a emissora surgiu (com sedes em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília) com a pretensão de se tornar a principal concorrente da sedimentada Globo News, em meio a profundas transformações no telejornalismo (Andrade, 2020, p. 4).

O canal estreou na TV por assinatura em 15 de março de 2020. A Novus Mídia, detentora da licença de operação da “CNN Brasil”, até então era de propriedade do jornalista Douglas Tavolaro, ex-vice-presidente de jornalismo do Grupo Record, e de Rubens Menin, proprietário da construtora MRV Engenharia e do banco Inter. Em março de 2021, o empresário assumiu o controle total do canal após a saída de Tavolaro do negócio.

Além de estar disponível nas principais operadoras do país, o canal é transmitido ao vivo através do YouTube¹⁴, do portal cnnbrasil.com.br e nos aparelhos de TVs conectadas, que possuem o serviço de *FAST channel*¹⁵ ou *streaming*. Também é possível assistir gratuitamente a emissora de todo o Brasil pelo serviço de antena parabólica.

Em uma proposta de transmídia no jornalismo, em 13 de outubro de 2020, entrou no ar a rádio “CNN Brasil”, parceria do canal com a rádio “Transamérica”. A programação contava com programas exclusivos para o rádio com a participação de apresentadores e

¹⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/@CNNbrasil/streams>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

¹⁵ *Free Ad-supported Television (F.A.S.T.)* são canais gratuitos de televisão custeados por anunciantes das programadoras durante a exibição do conteúdo. Funcionam exclusivamente através da internet e estão disponíveis em plataformas de *streaming*, como Globoplay (Globo) e Pluto TV (Paramount), por exemplo, ou, principalmente, embutidos como parte do sistema operacional de televisores como Samsung, LG e TCL.

comentaristas do canal, além disso, alguns telejornais e programas jornalísticos da televisão eram retransmitidos na rádio.

A programação era exibida de segunda a sexta-feira das 6h ao meio-dia. Ao longo da tarde os apresentadores entram com os destaques e atualizações das notícias do dia em boletins informativos. O acordo foi encerrado em dezembro de 2023.

3.2 O *ALL NEWS* COMO UM NOVO HÁBITO DE CONSUMO E MODO DE PRODUÇÃO DO TELEJORNALISMO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

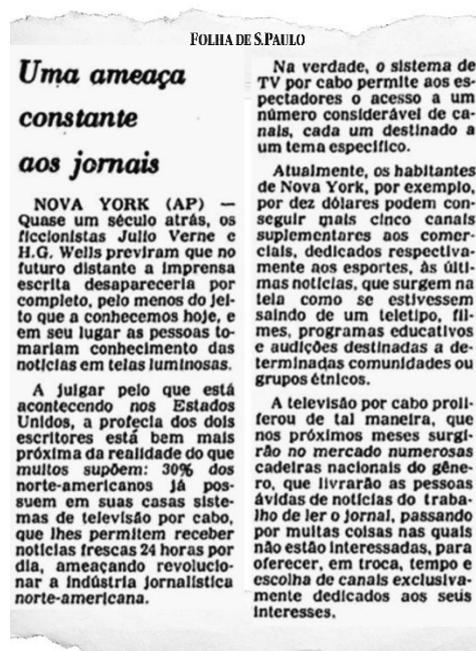
Em 10 de agosto de 1979, o jornal “Folha de S. Paulo” reproduziu em seu caderno “Ilustrada” uma nota jornalística traduzida da agência de notícias *Associated Press* (AP), intitulada “Uma ameaça constante aos jornais”, em que analisava o cenário da época da TV por assinatura/TV por cabos nos EUA (fig. 8).

Citando Verne e Wells, que supuseram o fim da imprensa escrita em um futuro remoto, suplantada pelas novas tecnologias da informação, o texto avaliava como promissora a expansão e o alcance da TV a cabo naquele país: 30% das casas já tinham acesso ao serviço.

Apesar de não ignorar os outros gêneros e conteúdos disponíveis na TV paga, como competições esportivas, filmes, séries, *realities*, o jornal destaca o jornalismo e, mais especificamente, como o serviço permitia ao telespectador “receber notícias frescas 24 horas por dia, ameaçando revolucionar a indústria jornalística norte-americana” (Folha de S. Paulo, 1979, p. 42).

A publicação destaca um movimento em consolidação com a expansão da TV por assinatura nos Estados Unidos e no mundo: a segmentação de conteúdo audiovisual em fluxo. Em outra perspectiva nos diz sobre o surgimento de um novo hábito e de um público interessado em informação todo o tempo. Visto que neste período, anterior ao jornalismo digital (surgido no início dos anos 1980) e a plena expansão dos canais de notícia (nos anos de 1990), o modelo predominante de telejornalismo era o dos noticiários com horário definido e espaço limitado na grade de programação das emissoras da TV aberta. Sendo assim, esse novo modelo, de entregar conteúdo jornalístico especializado em fluxo na televisão, poderia representar o fim do jornal impresso, sentenciava a nota.

Figura 8 – Nota jornalística sobre a expansão da TV a cabo nos EUA, em 1979



Fonte: Reprodução Folha de S. Paulo (1979, p. 42)

Antes de seguir com a reflexão sobre o *all news* no audiovisual, é importante observar um estágio que é anterior. Ou seja, a adoção e, conseqüente, pioneirismo e desenvolvimento do formato nas emissoras de rádio.

A primeira operação de rádio de notícias contínuas tem origem na fronteira do México com os EUA, em maio de 1961, com a “XETRA FM”, uma emissora mexicana de Tijuana, que transmitia o radiojornal “XETRA News” com os transmissores voltados para o sul da Califórnia.

A radiodifusora era emitida em inglês, repetindo e atualizando as notícias a cada 15 minutos, seguindo um sistema criado pelo radialista Gordon McLendon (Ferraretto, 2011, p. 26). Nos meses seguintes o modelo de emissora *all news* se expandiu pelo país chegando a regiões como Washington DC, Chicago e Nova York.

Não há um consenso entre os pesquisadores da área sobre a chegada do *all news* no rádio brasileiro devido às hibridizações e adaptações do formato realizadas em território nacional para que houvesse a aceitação do público e do mercado publicitário.

Contudo, Ferraretto defende que “o pioneirismo coube à Rádio Jornal do Brasil AM, do Rio de Janeiro” (Ferraretto, 2011, p. 26), quando, em maio de 1980, dedicou-se exclusivamente à transmissão de notícias. O modelo da “JB AM” durou apenas seis anos, como aponta Moreira (1987). Em 1986, foi substituído pelo que a autora definiu como um

“*all news* amenizado”, uma vez que, a partir desse período, o noticiário estava restrito a parte da programação (manhãs e tardes) (Moreira, 1987, p. 116-118).

Outros grupos de comunicação também apostaram em modelos híbridos de *all news* e *all talk*¹⁶, como o sulista RBS, em Porto Alegre, que “investiu pesada e continuamente na transformação da Rádio Gaúcha AM em uma emissora voltada 24 horas por dia ao jornalismo” (Ferraretto, 2011, p. 27).

A experiência *talk and news* bem-sucedida da “Gaúcha”, cujo grupo proprietário era parceiro de negócios do grupo Globo, inspirou a criação da “Central Brasileira de Notícias”, a rádio “CBN”, em outubro de 1991.

Autores como Haussen (2011), afirmam que a rádio do grupo Globo foi o primeiro projeto *all news* a operar no espectro brasileiro. “Foi a CBN que inseriu, pela primeira vez no cenário nacional, o modelo *all-news* de fazer rádio informativo, o que fez escola, com muitas outras rádios o adotando como base de sua programação jornalística” (Haussen, 2011, p. 169). Ainda que se contraponha a essência desta ideia, Ferraretto (2011) reconhece o pioneirismo da “CBN” como uma *all news* nos moldes estadunidenses, sendo, portanto “[...] uma cadeia de emissoras – a primeira desse tipo no país – baseada no *all-news* estadunidense” (Ferraretto, 2011, p. 28).

Meditich e Betti (2016, p. 53) apontam o *all news* no rádio brasileiro como uma “importação”, que passou por um processo de adaptação à realidade local. Sendo, portanto, considerado um modelo estadunidense de radiojornalismo por excelência (Parada, 2000).

Como características fundamentais do formato, destacam-se a transmissão contínua de notícias, atualizações e informações ao longo do dia, sem intervalos longos com música ou conteúdo de entretenimento, o conteúdo factual, *hard news*, e ciclos de notícias, que seguem um padrão de atualizações frequentes em curtos intervalos de tempo para manter os ouvintes informados de forma constante.

A ênfase estaria, portanto, na atualidade das notícias, na interatividade e participação dos ouvintes, bem como na segmentação do público-alvo das rádios, tendo como foco um ouvinte interessado em se manter atualizado rapidamente.

No contexto brasileiro, Meditsch e Betti (2016, p. 52) apontam a necessidade de adaptação do *all news* à tradição radiofônica local, incorporando elementos como a flexibilidade na programação, transmissões ao vivo e uma linguagem mais coloquial, próxima

¹⁶ Em tradução livre significa “totalmente falado, conversado”. São as emissoras de rádio com conteúdo baseado em entrevistas, debates, mesa-redonda e interações com a audiência.

da oralidade da população brasileira, para se adequar ao público e aos profissionais de rádio do país.

Como consequência, o *all news* radiofônico adaptou-se à realidade brasileira, consolidando-se como um formato competitivo e de interesse popular, capaz de atrair e manter a audiência, mesmo em um cenário de concorrência acirrada entre as emissoras.

De regresso, no que tange o sistema televisivo, cuja expansão dos satélites de telecomunicação entre as décadas de 1960 e 1980, impulsionada pelo contexto da Guerra Fria, possibilitou o estabelecimento das grandes redes e canais de televisão em território nacional e internacional.

É nesse cenário que os canais *all news* se desenvolvem, haja vista a bem-sucedida experiência do modelo no rádio dos EUA e no mundo, a começar pela “CNN”, em Atlanta, pioneira no gênero na televisão.

Se duas décadas antes, o rádio *all news*, com a “XETRA FM”, era um dos principais veículos pelo qual os estadunidenses se informavam diariamente sobre o desenrolar da Guerra no Vietnã, criando um imaginário radiofônico de um conflito acompanhado em fluxo, desde os anos 1980, as imagens em tempo real da “CNN”, sendo a Guerra no Golfo Pérsico (1990 a 1991) a primeira televisionada ao vivo ininterruptamente pela rede, levava as ações militares dos EUA para dentro de cerca de 60% dos domicílios norte-americanos (Sotero, 1990, p. 11) e demais países do globo, com imagens dignas dos filmes hollywoodianos. Alterando, portanto, a forma, a noção de “distribuição” de imagens para a de “fluxo televisivo”, conforme Williams (2016, p. 89), a estética e, sobretudo, a escala de alcance das grandes coberturas (tele)jornalísticas.

Na fig. 9, reproduzimos imagens da cobertura telejornalística, em 16 de janeiro de 1991, noite que marcou o início do bombardeio a Bagdá, capital iraquiana, pelas forças anti-Iraque. Nos frames, os pontos iluminados indicam os mísseis disparados e os alvos atingidos no Centro da cidade. Enquanto se abrigavam no hotel, três repórteres da “CNN” narravam minuto a minuto, por uma linha telefônica direta, a tensão e o medo instaurados pela operação militar em meio ao som das explosões, em ritmo acelerado e encadeado como em um *reality show*.

Figura 9 – Imagens da cobertura ao vivo da CNN da Guerra no Golfo Pérsico, em 1991



Fonte: Reprodução CNN/Youtube (2023)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dw6lV-Yp2Ik>. Acesso em: 31 jul. 2024.

Machado (2000, p. 119) aponta que naquela cobertura a “CNN” “converte-se na única fonte de informação presente no palco dos acontecimentos”. Assumindo, portanto, o papel de mediador dos mediadores, visto que, emissoras de todo o mundo passaram a retransmitir o sinal do canal e as redações de jornais impressos improvisaram televisores com a transmissão para que seus editores e repórteres pudessem cobrir aquele episódio do conflito, “certificando” (Reis, 2018; Thomé, Piccinin, Reis, 2020) e difundindo a estética apresentada pela emissora de Turner. “Transformando a crise no primeiro grande confronto internacional travado pela televisão” (Sotero, 1990), e, em nossa perspectiva, aproximando-se, a partir da grande cobertura em escala mundial, da “aldeia global”, descrita por McLuhan (1964, p. 112) cerca de três décadas antes, e que emerge com as redes de conexão/comunicação e satélites deste período.

Nas páginas dos jornais de maior circulação do país, o trabalho (tele)jornalístico da “CNN” naquela cobertura virara notícia. Na fig. 10, reproduzimos manchetes da “Folha de S. Paulo”, de “O Globo” e de “O Estado de S. Paulo”, em que destacam a relevância e o ineditismo da cobertura do canal *all news*. Tem origem nessa cobertura o imaginário de que para estar sempre informado em tempo real é preciso estar sintonizado na “CNN”.

Figura 10 – Jornais brasileiros repercutem a cobertura da CNN da Guerra no Golfo Pérsico



Fonte: Folha de S. Paulo (1991, p. 7); O Globo (1991, p. 23); O Estado de S. Paulo (1991, p. 17)

O surgimento da “CNN” é um sintoma expressivo das dinâmicas comunicacionais experimentadas pela comunidade global neste período como consequência dos avanços das TICs¹⁷. Nessa perspectiva, a expansão dos canais segmentados na televisão a cabo, como os noticiosos, bem como a gênese de uma outra estética e “fluxo televisivo” (Williams, 2016, p. 89), está em consonância com o conceito, sendo causa e produto, de/na “sociedade da informação”.

O contexto da expressão, utilizada para caracterizar o estágio da sociedade a partir dos anos 1980, suplantando a noção de “sociedade pós-industrial”, impulsionada pela informação e pelo conhecimento, representa uma nova etapa no processo de industrialização

¹⁷ As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) englobam as tecnologias modernas e o papel de mediador destas nos processos de comunicação e que são intensificados pelos avanços tecnocientíficos como os semicondutores, satélites, Internet, entre outros.

iniciado na Europa Ocidental, entre 1760 e 1840, e, que, se globaliza durante o século XX. Desta forma, a sociedade da informação assume a função de “embaixadora da globalização” (Balan *et al.*, 2015, p. 12).

No mundo industrializado entre os séculos XIX e XX, as organizações comerciais, culturais e políticas demandavam redes de comunicação avançadas para funcionarem de forma integrada. Essas redes permitiriam a circulação eficiente de bens, pessoas, informações e insumos. Em vista disso, uma sociedade em que o uso, a criação, a distribuição, a manipulação e a integração da informação são atividades significativas, essenciais, pode ser interpretada como “sociedade da informação” (Bell, 1973).

Essa noção, portanto, caracteriza o contemporâneo, em que a informação emerge como um recurso essencial e que impacta todos os aspectos da vida social, econômica, política e cultural. Nesse contexto, o acesso à informação é crucial e, frequentemente, determina o poder e a influência de indivíduos, organizações e veículos de mídia/comunicação, como os canais *all news*.

A rápida disseminação de informações, a conectividade global e a capacidade de compartilhar conhecimento de forma instantânea são características marcantes do estilo de vida e do espírito do tempo em uma sociedade que também pode ser entendida como “mediatizada”, nos termos de Hjarvard (2014, p. 24).

Esse avanço, impulsionado pelas TICs, tem como consequência um *boom* informacional, que transforma de maneira significativa setores da sociedade, impactando os fluxos comunicacionais na educação, na economia, na ciência, e a forma como percebemos o cotidiano, a governança pública, os conflitos bélicos, por exemplo.

Ted Turner, da “CNN”, se antecipou a essa tendência ao observar, em função das viagens internacionais que realizava, a necessidade/demanda que outros empresários e cidadãos estadunidenses, além de autoridades do governo em missão diplomática em outros países, tinham de acesso às informações “domésticas” (leia-se, dos EUA) nesses territórios estrangeiros, produzidas por jornalistas e canais estadunidenses.

Já no início da década de 1960, com o lançamento do primeiro satélite de comunicação, o *Telstar One*, Turner acompanhara com entusiasmo a tecnologia que possibilitaria transmissões a longa distância, intercontinentais. Segundo Souza (2005), desde 1976, Turner tinha contrato com uma empresa de telecomunicações que lhe permitia o uso do satélite principal da companhia para transmissões.

Outro fator observado por Turner era o descompasso entre a programação televisiva aberta daquele período e o dia a dia dos estadunidenses, tendo em vista a extensa

jornada de trabalho que impedia que muitos tivessem acesso aos telejornais noturnos das emissoras abertas (“NBC”, “ABC” e “CBS”), exibidos ao vivo tradicionalmente às 18h30, na costa leste, às 15h30, na costa oeste.

Com a compra de uma estação de televisão local em Atlanta, Turner iniciou o projeto de criar uma rede de notícias contínua que fosse nacional e, ao mesmo tempo, global, levando a todos os continentes o conteúdo jornalístico audiovisual direto da potência ocidental. Expandindo, portanto, a influência política, econômica, cultural e militar norte-americana em tempo real através do fluxo televisivo da “CNN”. Uma vez que, Turner não exportara apenas notícias, mas as narrativas, o pensamento, os ideais e o estilo de vida dos norte-americanos.

Sidney Pike (2006, p. 157), um dos fundadores do canal ao lado de Turner, afirma que, a “CNN” não é apenas um canal de notícias disponível 24 horas ao público, mas com o tempo se estabeleceu como um modelo de negócio lucrativo, como uma marca norte-americana com atuação global, com amplo portfólio de produtos (agência de notícias, produtora de filmes e conteúdo audiovisual digital, rede de afiliadas e licenciadas, entre outros).

Os canais de notícias, tal qual a “CNN” e os demais citados no capítulo, são como uma “janela aberta” para o público, permitindo o acesso as últimas notícias a qualquer momento. Se comparado a um telejornal da TV aberta, o noticiário *all news* indica uma mudança na produção telejornalística ao explorar a natureza dinâmica da transmissão televisiva ao vivo, indicando uma alteração no modo como os profissionais e a sociedade lidam com o tempo e o espaço atualmente. Expandindo, por exemplo, princípios discursivos do telejornal como a ubiquidade, descrita por Becker (2005, p. 76), como o sentido de onipresença espaço-temporal do noticiário televisivo.

A exploração de alguns aspectos da transmissão ao vivo em seus telejornais, como a imagem em tempo real, a mobilidade e a permanência contínua no ar, são fatores importantes e característicos desses canais e que podem ser comparados a atualização e a rapidez dos sites de notícias e redes sociais digitais. Promovendo, portanto, uma nova/outra forma de acesso ao conteúdo jornalístico audiovisual. A instantaneidade na internet e as notícias de última hora no *all news* são elementos disruptivos que extrapolam o conceito tradicional de periodicidade fixa e organizada na maioria dos noticiários.

Embora não conte com o espaço quase ilimitado dessas plataformas *online*, o *all news* televisivo tem a possibilidade de dedicar a cada reportagem/pauta minutagem maior do que em um telejornal da TV aberta. Aprofundando-se nos detalhes que considera relevantes

em determinado evento/cobertura sem a preocupação de adequação a um formato tradicional como na TV aberta, com tempo definido e maior dependência dos anunciantes/intervalos para o custeio da emissora. Nos canais pagos todos os horários tendem a ser “nobres”, visto que o assinante arca com parte dos custos para a sua manutenção.

A sucessão contínua de edições dos telejornais na grade de programação é outra característica fundamental. Possibilita atualizações do conteúdo a cada exibição e que as notícias colocadas em *stand-by* sejam posteriormente incluídas no noticiário. Cabe ressaltar também a capacidade de alterar a programação a qualquer momento, outra peculiaridade deste modelo, diante da importância de uma notícia de última hora ou de um evento que deve ser transmitido ao vivo na íntegra.

Nesse sentido, cabe tensionar como esses aspectos citados (maior tempo disponível, fluxo ao vivo, flexibilidade, imediatismo) alteram o limiar da noticiabilidade, os valores-notícia (Wolf, 2008, p. 193), no *all news* em relação aos outros veículos. Alguns acontecimentos, temas e eventos não teriam espaço em um telejornal da TV aberta, por exemplo, ou, ainda que fossem exibidos, poderiam não contar com o mesmo tempo dedicado no canal de notícias, a depender ainda da “presunção de audiência” (Vizeu, 2015, p. 51), da seleção dos jornalistas (*gatekeeping*), da linha editorial, além, como já citado, do tempo disponível para a exibição, como valor-notícia, para hierarquizá-los no espelho do noticiário.

Ainda no que diz respeito ao espaço e ao tempo disponíveis e seus impactos na construção e oferta de sentidos da narrativa jornalística, em casos como o da CPI da Covid-19, no Congresso Nacional, em 2021, por exemplo, enquanto a “GloboNews” transmitia a íntegra das sessões, o “Jornal Nacional” (TV Globo), fazia uma seleção das falas dos parlamentares e dos depoentes, prática usual no telejornalismo, a depender do foco da matéria. O que pode ter influenciado na percepção do público sobre o contexto em que determinadas falas foram utilizadas.

O imediatismo nas coberturas ao vivo do *all news* também pode interferir na dinâmica de mediação dos apresentadores/telejornal com o público. Uma transmissão ao vivo de última hora (*breaking news*, *latest news*) requer uma comunicação rápida, pelo menos a princípio, com objetividade e linguagem direta. Mesmo com todo o rigor jornalístico que deveria envolver a apuração, checagem e validação dos dados, especialmente com as notícias urgentes transmitidas por esses canais (ataques terroristas, acidentes, desastres ambientais, protestos), as informações são divulgadas quase que de modo imediato, assim que chegam à redação da emissora.

Em alguns casos, um breve alerta de agências de notícia, mesmo que com poucas imagens ou informações geradas, é suficiente para desencadear uma extensa cobertura. Como rememora sobre o início da cobertura jornalística dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, nos EUA, a jornalista e chefe de telejornais da GloboNews à época, Vera Iris Paternostro, em entrevista concedida especialmente para a pesquisa (ver Apêndice B).

E aí, quando chega [...] o 11 de setembro, você tem no ar a Leila Sterenberg, que era uma apresentadora, eu lembro bem, também, e que fala quatro ou cinco línguas, uma menina muito culta, jovem jornalista. Ela então põe a transmissão da CNN no ouvido e ela começa a falar aquilo que ela estava ouvindo e a gente fica no ar o mesmo, igualzinho a CNN. Aí a gente estava horas, horas e horas no ar com ela falando e aquilo ali deu uma potência também, um salto. Significou um salto na cobertura da GloboNews (Paternostro, 2023)

Tendo em vista esse relato, observamos que o apresentador que está no ar precisa se manter atualizado tendo pouca informação disponível, sendo necessário estar constantemente atualizado e possuir os instrumentos necessários para contextualizar as notícias que apresenta. Sendo assim, os canais de notícias 24 horas proporcionam uma experiência imediata e autêntica aos telespectadores, exigindo dos jornalistas uma mudança na mediação, que envolve adaptação na linguagem e no estilo para transmitir informações de forma clara e concisa em tempo real à medida que também vai se informando no ar.

4 A GRANDE COBERTURA (TELE)JORNALÍSTICA E SUAS FASES NA GLOBONEWS

Em 19 de maio de 1981, o jornalista Paulo Roberto Leandro, falecido em janeiro de 2015, crítico de televisão do jornal “O Estado de S. Paulo”, com passagem pelas mais importantes redações de jornalismo do país, publicou em sua coluna no diário o texto intitulado “Atentado: a pálida atuação do repórter” (ver fig. 11), em que analisou a grande cobertura de emissoras brasileiras sobre o atentado sofrido pelo Papa João Paulo II, em 13 de maio daquele mesmo ano, no Vaticano.

Figura 11 – Coluna de Paulo Roberto Leandro sobre a cobertura telejornalística, em 19 mai. 1981



Fonte: Reprodução O Estado de S. Paulo (1981, p. 23)

O crítico rememora as primeiras décadas do telejornalismo no Brasil em que afirma que as grandes coberturas eram raras, devido à falta de estrutura, de equipamentos e de mão de obra nas emissoras. Mas que, ainda assim, havia boas reportagens conduzidas por profissionais vindos do cinema, do impresso e do rádio, como Carlos Spera, um dos primeiros repórteres do telejornalismo brasileiro. Reconhecido por seu estilo sóbrio e apuro técnico,

frequentemente, colocava-se no centro das reportagens, destacando-se pela sua presença no local dos acontecimentos, o que ajudava a construir o senso de atualidade, credibilidade e a conexão com o público (Vilas Bôas, 2022).

A partir da grande cobertura da “Globo” e da “Band” sobre o ataque do atirador turco ao sumo pontífice na praça São Pedro, o jornalista questiona a “pálida atuação” dos repórteres brasileiros diante da História, que, segundo ele, submetidos ao modelo norte-americano, estariam condicionados a serem apenas “narradores de sua própria informação”. Em suma, o autor tensiona a falta de bons questionamentos nas entrevistas e de perspicácia na condução das reportagens, o que impactaria a sensação de atualidade e de urgência da notícia. Além da falta de identidade, de um estilo próprio, e de profundidade para essas grandes coberturas no telejornalismo brasileiro.

Saudosista, Leandro (1981, p. 23) afirma que, ainda que o início do nosso telejornalismo tenha sido marcado pelo imprevisto e precariedade, “correspondia a um clima de dedicação apaixonada do profissional, no caso o repórter, que garantia ao telespectador bons momentos de testemunho da atualidade” em suas coberturas. Com grande parte dos profissionais vindos das redações do impresso e do rádio, estes, por sua vez, dominavam a linguagem caracteristicamente ubíqua, urgente e atual dos meios em que atuavam.

O autor nos indica, portanto, que, além de criatividade e de boas perguntas, a atualidade jornalística¹⁸, que está intrínseca a noção de tempo presente (Franciscato, 2005, p. 5), também é um valor, uma característica que deve ser potencializada, para uma grande cobertura no (tele)jornalismo, dada a sua relação com essa temporalidade especialmente experimentada a partir da narrativa jornalística.

Nesse sentido, o tempo presente é visto como o tempo de referência para a ação humana e o jornalismo desempenha um papel crucial ao oferecer formas específicas pelas quais indivíduos e sociedade vivenciam esse momento presente.

Contemporâneo de redação de Paulo Roberto Leandro, o jornalista e escritor francês, radicado no Brasil, Gilles Lapouge também atuou como repórter e colunista no “Estadão”. Lapouge, morto em julho de 2020, foi contratado em 1951 como redator de Economia por Julio de Mesquita Filho, então diretor e herdeiro do jornal, por indicação do

¹⁸ Franciscato (2005, p. 5) compreende a “atualidade” no contexto do jornalismo como uma dimensão articulada que envolve a produção e a vivência social do tempo presente. Desse modo, propõe que a atualidade jornalística não é apenas uma soma de características temporais isoladas, mas sim um imbricamento de fenômenos interligados que manifestam um modo comum de vivenciar o presente.

historiador francês Fernand Braudel (da segunda geração da *École des Annales*) (Pereira, Beraldo, p. 16).

Com quase 70 anos de atuação no diário, o jornalista cobriu importantes acontecimentos mundiais, como revela seu perfil póstumo, publicado nas páginas do “Estadão”, em 1º de agosto de 2020. Com destaque para as grandes coberturas da guerra de independência da Argélia, entre 1954 e 1962, país no qual passou parte da infância, e a morte do presidente francês Charles de Gaulle, em 1970.

No texto sobre a trajetória de Lapouge (ver fig. 12), Batista e Leite (2020, p. 17) apontam para a atualidade, para a persistência de seu trabalho jornalístico no tempo e na História, afirmando que, hoje, consistem em fontes documentais que certificam os episódios que ajudaram a forjar o nosso mundo. “O que foi escrito por Lapouge no calor de uma cobertura jornalística é hoje consenso entre historiadores, sociólogos, cientistas políticos e outros estudiosos que buscam compreender o passado” (Batista, Leite, 2020, p. 17).

Figura 12 – Matéria sobre a morte de Gilles Lapouge no Estadão, em 1º ago. 2020



Fonte: Reprodução O Estado de S. Paulo (2020, p. 17)

Ao examinar a evolução do jornalismo desde suas primeiras formas nos séculos XVII e XVIII até sua institucionalização no século XIX, enfatizando como esses desenvolvimentos moldaram as experiências sociais do tempo, Franciscato (2005, p. 3) menciona que a análise histórica revela que o jornalismo se consolida como uma “forma de escrita sobre eventos” desenvolvida para a construção de relações sociais ligadas ao presente.

Para o autor a produção jornalística não se limita a marcar eventos, mas também os define socialmente, caracterizando-os e reconhecendo-os coletivamente. Além disso, o conteúdo jornalístico e suas formas expressivas influenciam como discussões e ações sociais

ocorrem no tempo presente, contribuindo, portanto, para a construção de um sentido temporal na sociedade.

Como visto, portanto, a constante reflexão do Jornalismo sobre si próprio, sobre os processos e rotinas produtivas, bem como as inquietações sobre a relação da História, das temporalidades, com as grandes coberturas jornalísticas nos impulsionam a investigar essa prática, que não é uma exclusividade da televisão, mas encontra nesse meio terreno fértil para o seu desenvolvimento a partir de características como a transmissão direta simultânea (ao vivo), o imediatismo, a atualidade e a possibilidade do fluxo televisivo (Williams, 2016, p.89).

Nesse sentido, buscamos neste capítulo, apresentar definições e características desse tipo de trabalho (tele)jornalístico, bem como, embasados pela Análise Televisual Convergente (Becker, 2018, 2019, 2020) e suas dimensões/instâncias/categorias, desenvolver a noção de fases da grande cobertura (tele)jornalística da “GloboNews” e definir e delimitar cada período, a partir dos quais extrairemos as amostras necessárias para a Análise Televisual (AT) (Becker, 2005, 2009, 2012, 2016) das coberturas no próximo capítulo, a fim de identificar e analisar as “anatomias narrativas” (Piccinin e Soster, 2012; Thomé, Piccinin e Reis, 2020) e as mudanças e permanências na grande cobertura do canal.

4.1 AS FASES DA GRANDE COBERTURA (TELE)JORNALÍSTICA DA GLOBONEWS

Um dos problemas fundamentais da humanidade é exercer domínio sobre o “tempo terrestre” (Le Goff, 2015, p. 11). A periodização da História é uma prática que busca facilitar o entendimento e a análise dos eventos históricos.

O recorte do tempo em períodos é necessário à história, quer seja ela considerada no sentido geral de estudo da evolução das sociedades ou no de tipo particular de saber e de ensino, ou ainda no sentido de simples desenrolar do tempo (Le Goff, 2015, p. 12).

Le Goff (2015, p. 29) ainda argumenta que essa divisão não é um “ato neutro ou inocente”, mas sim uma construção humana que tem implicações significativas na forma como percebemos e nos relacionamos com o passado.

A periodização, obra do homem, é portanto ao mesmo tempo artificial e provisória. Ela evolui com a própria história. Em relação a isso ela tem dupla utilidade: permite melhor controlar o tempo passado, mas também sublinha a fragilidade desse instrumento do saber humano que é a história (Le Goff, 2015, p. 29)

O desejo de periodização da História aparece nos séculos XIV e XV, especialmente na Itália, quando surge a ideia de uma cultura histórica inédita, implicando uma

visão pejorativa do período anterior, a Idade Média. O autor enfatiza que essa divisão permite aos historiadores formatarem uma concepção do tempo e ao mesmo tempo oferecer “uma imagem contínua e global do passado”, o que torna mais fácil o controle do tempo histórico (Le Goff, 2015, p. 33).

Além disso, a divisão em períodos ajuda a destacar transformações sociais, políticas e culturais que ocorrem ao longo da História, permitindo que se identifiquem momentos de continuidade e ruptura.

Nessa perspectiva, Kosellec (2014, p. 10) defende que os tempos históricos são distintos dos tempos naturais, embora ambos se influenciem mutuamente. Para o autor a história não é apenas uma sequência de eventos, mas uma narrativa que envolve mudanças sociais, políticas e culturais, refletindo a experiência humana ao longo do tempo.

Considerando isso, enfatiza a importância da experiência e da metodologia na compreensão do tempo histórico. Como a periodização ou a estratificação do tempo, recurso didático e metodológico com abordagem cronológica, empregada, portanto, para tornar a compreensão do conhecimento histórico mais acessível.

Inspirados também pela proposta de categorização das fases do telejornalismo, elaborada por Silva (2018, p. 20), a partir das “características históricas de desenvolvimento técnico e de linguagem de cada época, bem como a influência desses elementos nos formatos da informação veiculada” estabelecemos, dessa forma, uma dinâmica semelhante como forma de observação e organização da grande cobertura (tele)jornalística da “GloboNews” ao longo do tempo de atividade do canal de notícias.

4.1.1 As dimensões da Análise Televisual Convergente (ATC)

Becker (2018, 2019, 2020) propõe a metodologia de Análise Televisual Convergente (ATC) como uma atualização da Análise Televisual (AT) (Becker, 2005, 2009, 2012, 2016) em face à cibercultura. A Análise Televisual Convergente configura-se, portanto, como uma proposta para a leitura crítica dos processos comunicativos de telejornais e de programas televisivos, ou seja, produções audiovisuais, em geral, desenvolvida a partir das transformações na produção e no consumo de conteúdos audiovisuais.

Para a autora (2018, 2019, 2020) a proposta metodológica está inserida em um contexto midiático impulsionado, principalmente, pela digitalização dos meios de comunicação, pela convergência midiática (Jenkins, 2013, p. 150) e pela midiatização da sociedade (Hjarvard, 2014). Nesse cenário, a indústria audiovisual e suas produções não

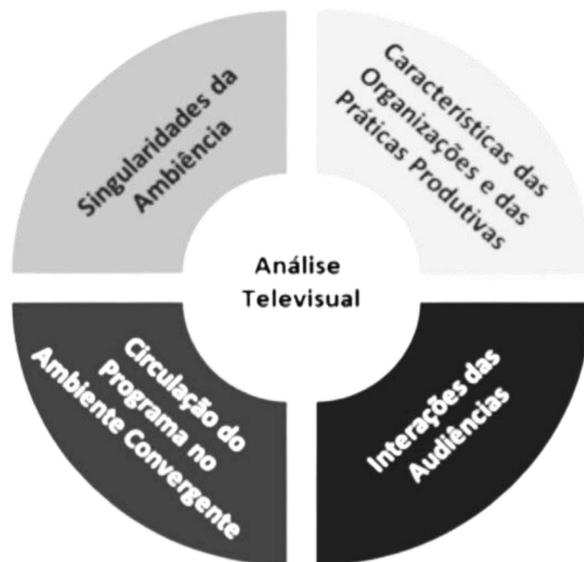
apenas reproduzem, mas também são moldadas por práticas culturais, políticas e econômicas que influenciam a forma como as audiências interagem com os conteúdos. Esses fenômenos trouxeram, portanto, novas plataformas e formatos, alterando as dinâmicas de circulação e de recepção de conteúdos audiovisuais no contemporâneo. “A convergência das mídias torna inevitável o fluxo de conteúdos pelas múltiplas plataformas de mídia” (Jenkins, 2013, p. 150).

Segundo observa Becker (2019, p. 75-76), para compreender esses processos comunicativos de maneira mais ampla, é necessário avançar nas análises tradicionais que, sem demérito, frequentemente, concentram-se em textualidades específicas do objeto audiovisual (vocábulo e imagem). A ATC, em vista disso, pretende oferecer uma compreensão mais abrangente dos conteúdos audiovisuais, considerando, além dos aspectos clássicos do produto (estrutura narrativa, temática, visualidade, sonoridade, edição e vozes), observados, por exemplo, em métodos como a própria AT, fatores como o contexto sociocultural e político em que esses conteúdos são inseridos. Sendo fundamental, na atual paisagem midiática, considerar as singularidades da ambiência, que incluem os aspectos tecnológicos e sociais que cercam a produção e a recepção dos conteúdos, bem como, deve levar em conta as características das organizações que produzem esses programas, além das interações das audiências, que se tornaram mais complexas e diversificadas na era digital.

Em síntese, a ATC busca, dessa forma, articular quatro dimensões/instâncias que compõem esses processos, auxiliando, portanto, na identificação de como os produtos jornalísticos audiovisuais se inserem na cultura digital, sendo elas: (1) as singularidades da ambiência, (2) as características das organizações e das práticas produtivas, (3) as interações das audiências e (4) a circulação dos conteúdos no ambiente convergente (Becker, 2019, p. 76; 2020, p. 208).

Além das dimensões, a metodologia ainda é composta inicialmente pela leitura a partir das categorias e dos princípios enunciativos propostos na Análise Televisual (AT) (Becker, 2005, 2009, 2012, 2016) (ver gráf. 1). No capítulo seguinte analisaremos amostras da grande cobertura (tele)jornalística das fases propostas na presente unidade.

Gráfico 1 – Estrutura da metodologia de ATC proposta por Becker



Fonte: Becker (2019, p. 79)

Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/39781/30398>.

Acesso em: 31 jul. 2024.

Sendo assim, tanto a Análise Televisual quanto a Análise Televisual Convergente se apresentam como instrumentos importantes para o presente trabalho contribuindo para uma leitura crítica e contextualizada da grande cobertura telejornalística na “GloboNews”, bem como para a definição e organização de suas fases, com o agrupamento das grandes coberturas tendo como referência as similaridades entre os elementos presentes em cada trabalho jornalístico a serem observados a partir das quatro instâncias.

Contudo, cabe ressaltar que, para fins de adequação aos objetivos e limitações deste estudo realizaremos a ATC a partir de uma “leitura flutuante¹⁹”, nos termos de Bardin (2016, p. 145), para, deste modo, identificar os elementos em cada cobertura correspondentes a cada uma das quatro instâncias e, então, agrupá-las segundo as similaridades estabelecendo assim as fases. Ou seja, a observação livre e não estruturada das características das 33 grandes coberturas telejornalísticas da “GloboNews”, embasada pelas dimensões das ATC, contribuirão para essa identificação.

¹⁹ A “leitura flutuante” consiste em uma observação livre e não estruturada do conteúdo com o objetivo de obter uma visão geral dos dados. É uma “imersão” primária no material, na qual o pesquisador tenta captar as primeiras impressões, identificar aspectos relevantes e começar a estruturar ideias preliminares sobre o que pode ser importante ou significativo na análise posterior (Bardin, 2016, p. 145).

Gráfico 2 – Fluxograma dos procedimentos operacionais



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Nessa construção, soma-se a essa leitura pela ATC, a produção intelectual e bibliográfica sobre as fases da grande cobertura na “GloboNews” realizada, desde 2015, no âmbito da Faculdade de Comunicação Social da UFJF (Facom UFJF), do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFJF (PPGCOM UFJF) e do grupo de pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF), e consolidada na monografia sobre a rotina produtiva e a oferta de sentido nas narrativas audiovisuais do “GloboNews Em Pauta”, na dissertação de mestrado sobre as estratégias narrativas também no “Em Pauta”, além dos artigos publicados em anais de eventos científicos da área de conhecimento, bem como em periódicos e capítulos de livros.

Nessas produções, ao analisar diversas coberturas e o histórico do canal de notícias, desenvolvemos também um esboço das características e divisões de cada fase que consolidamos a partir da AT e da ATC.

4. 1. 2 Em busca das fases: os primeiros passos

Inicialmente, buscamos identificar as grandes coberturas da “GloboNews” de 1996 a 2019. Nesse processo utilizamos como fontes: (a) o acervo do pesquisador, composto por reportagens e edições de telejornais do canal, reunidas nos últimos anos para pesquisas científicas; (b) as coberturas indicadas por Paternostro na entrevista exclusiva concedida ao pesquisador, em 2023, e as contidas nos livros: “GloboNews – 10 anos, 24 horas no ar” (Ed. Globo, 2006) e “O texto na TV: manual de telejornalismo” (Elsevier Ed., 2006); (c) o conteúdo especial do *site* “Memória Globo²⁰”, que concentra o que a emissora destaca como sendo as principais coberturas jornalísticas do canal; (d) a página especial sobre os 25 anos da

²⁰ O projeto “Memória Globo” possui conteúdo audiovisual em que destaca as principais coberturas da “GloboNews” de 1996 a 2016. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5375493/>> <<https://globoplay.globo.com/v/5376597/>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

“GloboNews” no portal²¹ “g1”, que também destaca alguns trabalhos jornalísticos ao longo de duas décadas e meia; (e) e, por fim, o *podcast*²² “As histórias na GloboNews”, que elenca as coberturas a serem lembradas pelos profissionais e pela audiência. Em seguida, avaliamos cada grande cobertura presente nessas fontes e destacamos 33 que foram mais citadas ou mais se repetiram no material utilizado como fonte (ver quadro 2).

GRANDES COBERTURAS TELEJORNALÍSTICAS NA GLOBONEWS	
ANO	GRANDE COBERTURA
1996	Queda do avião <i>Fokker 100</i> da TAM, em São Paulo
1997	Morte da Princesa Diana, em Paris
1998	Desabamento do Palace II, no Rio de Janeiro
1999	Guerra do Kosovo
2000	Sequestro do ônibus 174, no Rio de Janeiro
2001	Atentados terroristas nos EUA
2001	Guerra ao terror (Guerra no Afeganistão e no Iraque)
2002	Assassinato de Marisia e Manfred von Richthofen
2003	Caçada a Saddam Hussein no Iraque
2004	Tsunami no Oceano Índico
2005	Mensalão
2005	Morte do Papa João Paulo II e eleição de Bento XVI
2006	Apagão aéreo no Brasil
2007	Acidente com o avião da TAM no aeroporto de Congonhas (SP)
2008	Caso Isabella Nardoni
2008	Eleição de Barack Obama como presidente dos EUA
2009	Morte de Michael Jackson
2010	Deslizamentos em Angra dos Reis (RJ)
2010	Ocupação da Vila Cruzeiro e Complexo do Alemão pelas forças de segurança
2010	Resgate dos mineiros no Chile
2011	Captura e morte de Osama Bin Laden
2012	Julgamento do Mensalão pelo STF
2012	Rio+20
2013	Manifestações de junho pelo Brasil
2013	Visita do Papa Francisco e Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro
2014	Operação Lava-jato
2015	Ataques terroristas em Paris
2015	Rompimento da barragem da Samarco em Mariana, MG
2016	<i>Impeachment</i> da presidente Dilma Rousseff
2017	<i>Brexit</i> na Europa
2018	Greve dos caminhoneiros

²¹ Em razão dos 25 anos da “GloboNews”, o portal de notícias “g1” publicou uma página especial em que rememora as coberturas mais emblemáticas do canal. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/especial-25-anos/noticia/2021/06/02/25-anos-de-globonews-relembra-as-coberturas-mais-marcantes.ghtml>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

²² Ainda dentro das atividades de comemoração do vigésimo quinto aniversário de seu lançamento, o canal disponibilizou um podcast apresentado pela jornalista Maria Beltrão em que, junto com outros profissionais, relembra as grandes coberturas. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/podcast/as-historias-na-globonews/>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

2018	Meninos da caverna na Tailândia
2019	Rompimento da barragem da Vale em Brumadinho
TOTAL: 33 COBERTURAS	

Quadro 2 – Grandes coberturas identificadas na GloboNews de 1996 a 2019

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na segunda etapa, desenvolvemos uma linha do tempo a fim de organizar as coberturas em ordem cronológica (de 1996 a 2019). Nesse processo utilizamos a plataforma “Padlet”, que permite criar murais interativos e colaborativos. A linha do tempo está disponível²³ *online* e conta com vídeos das coberturas que podem ser reproduzidos diretamente no “Padlet”. Para fins ilustrativos, a representação gráfica dessa cronologia pode ser conferida a seguir (fig. 13).

Figura 13 – Linha do tempo com todas as fases e grandes coberturas



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Posteriormente, com a conclusão da ATC, adicionamos a linha do tempo os marcadores com as fases identificadas e algumas peças institucionais encontradas e que foram exibidas durante a programação do canal de notícias e, que, também, nos auxiliaram a compreender o estilo e a linguagem do período em que estão inseridas, da mesma maneira que a “promessa audiovisual” do canal (Jost, 2004, p. 17-18). Segundo Jost (2004), além das promessas constitutivas do gênero televisivo, também devemos nos atentar para as promessas feitas pelo produto audiovisual. Em vista disso, o pesquisador não deve restringir-se ao conteúdo principal, mas atentar-se também para “o que se fala a seu respeito, como se fala dele e o que se diz” (Jost, 2004, p. 18).

A seguir, prosseguiremos com a Análise Televisual Convergente. Tomando como base o modelo apresentado por Becker (2019, p. 79) (gráf. 1), realizamos a “leitura flutuante” nas 33 coberturas e identificamos os elementos dentro de cada uma das quatro instâncias. Cabe ressaltar que as fases propostas não são objetos rígidos, inflexíveis, mas delimitações sensíveis, a partir de características observadas nas coberturas. Podendo, dessa forma, uma ou mais coberturas conterem características de outras fases anterior ou posterior.

²³ Disponível em: <<https://padlet.com/pedroasmiranda/as-fases-da-grande-cobertura-tele-jornal-stica-na-globonews-swwqiza4x9ld21cc>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

Tal como, uma fase pode apresentar aspectos de outra. Essa dinâmica indica o processo orgânico de transição entre as fases, tal como pode evidenciar as mudanças e as permanências, as quais buscamos identificar, enquanto situação-problema de pesquisa, ao final da aplicação da AT no próximo capítulo.

4. 1. 3 Primeira fase – A “CNN brasileira”, a “Globo Plus” (1996 – 2000)

Agrupamos cinco grandes coberturas dentro da primeira fase (quadro 3) de 1996, estreia da “GloboNews”, até 2000. Dentre elas destacamos a primeira grande cobertura do canal de notícias, realizada cerca de 15 dias após a sua inauguração, sobre a queda do avião Fokker 100 da TAM minutos após a decolagem do aeroporto de Congonhas, que mobilizou a estrutura da “TV Globo” em São Paulo, para viabilizar a cobertura ao vivo na “GloboNews”. A segunda cobertura, de 31 de agosto de 1997, sobre a morte de *Lady Di*, Princesa de Gales, em um acidente de carro em Paris, contou com os profissionais da redação do Rio de Janeiro e com os correspondentes na Europa.

ANO	GRANDE COBERTURA
1996	Queda do avião <i>Fokker</i> 100 da TAM, em São Paulo
1997	Morte da Princesa Diana, em Paris
1998	Desabamento do <i>Palace II</i> , no Rio de Janeiro
1999	Guerra do Kosovo
2000	Sequestro do ônibus 174, no Rio de Janeiro

Quadro 3 – Grandes coberturas da primeira fase (de 1996 a 2000)
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na sequência, temos os trabalhos jornalísticos sobre o desabamento do edifício *Palace II*, na Barra da Tijuca, Rio, em 22 de fevereiro de 1998, a guerra no Kosovo, nos Balcãs, entre 1998 e 1999, sendo o primeiro conflito armado envolvendo a OTAN desde a sua criação, e, por fim, o sequestro do ônibus 174, na zona sul do Rio de Janeiro, em 12 de junho de 2000, amplamente coberto pela imprensa nacional, transmitido ao vivo pelas emissoras de televisão por mais de quatro horas.

Figura 14 – Linha do tempo com as coberturas da primeira fase da grande cobertura (1996 – 2000)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Essas coberturas, dispostas em ordem cronológica (na fig. 14), têm em comum a influência e a viabilidade proporcionada pelos avanços tecnológicos das últimas décadas (como a redução de custos e a expansão do sistema de satélites, a mobilidade dos equipamentos de gravação e transmissão, a melhoria na qualidade das transmissões e o acesso ao conteúdo das agências internacionais de notícia, por exemplo), tal como a revolução digital que estava no horizonte vislumbrado pela direção da “Globo” impulsionando um crescimento significativo nas coberturas ao vivo e de notícias factuais na televisão brasileira.

O cenário de expansão da TV por assinatura no Brasil, após a série de decretos e portarias de Sarney, se consolidou com a promulgação da lei da TV a cabo (nº 8.977), em janeiro de 1995, que, enfim, regulamentou o setor e proveu o surgimento de novas prestadoras do serviço (Possebon, 2009, p. 109). A regulamentação também foi fundamental para a oferta de novos canais por assinatura como a “GloboNews” (Paternostro, 2006a).

Quando [...] a GloboNews foi lançada, o panorama das comunicações no Brasil era muito diferente [...] simplesmente não havia ainda a chamada banda larga. Nossa aposta era que esse quadro mudaria rapidamente, tornando tecnologicamente possível e com custos razoáveis uma emissora que, por definição, deveria estar em todos os lugares, em todos os momentos, pronta para entrar no ar sem demora (Marinho, 2006 *apud* Paternostro, 2006a, p. 9).

Em que pese as constantes crises globais e a instabilidade econômica nos mercados, Becker (2022) destaca que o período de 1970 até os anos de 1990, que fomentou e foi impactado pela globalização, foi fundamental para o desenvolvimento e expansão da televisão que denomina como “TV mundializada”, “em decorrência da multiplicação de

satélites e cabos imbricados em operações do mercado global e do expressivo aumento de transmissões ao vivo de acontecimentos de grande repercussão” (Becker, 2022, p. 22).

Estimulando, portanto, nas emissoras, como a “Globo”, a ampliação da capacidade técnica de cobrir eventos em tempo real, como desastres, conflitos militares e mobilizações populares, que contribuíram no estabelecimento do modelo e da identidade do telejornalismo *all news* da “GloboNews”.

Para Becker, em razão dos significativos eventos históricos do período (Guerra Fria, a recessão econômica mundial, a reunificação da Alemanha, dissolução da União Soviética, guerra do Kosovo, por exemplo) a televisão “pautou a agenda pública e se consagrou como o principal veículo de comunicação do séc. XX” (Becker, 2022, p. 66).

A partir dessa perspectiva, coberturas como a da morte de *Lady Di* e da guerra do Kosovo, ambos episódios cobertos pela “Globo”/“GloboNews”, são exemplos contundentes do agendamento da conversação pública pela mídia e da inscrição dos eventos na memória coletiva com a transmissão intensa de informações e de imagens ao vivo sobre os acontecimentos.

No caso da morte de *Lady Di*, por exemplo, a cobertura midiática global foi marcada pela intensidade emocional devido as circunstâncias do gravíssimo acidente automobilístico (por perseguição de *paparazzis*) e pela hiperexposição e exploração de sua imagem pública enquanto uma celebridade, membro da aristocracia europeia. “A cobertura jornalística de acontecimentos trágicos intensifica a dramaticidade dos eventos, a compaixão com os sofredores e a identificação dos culpados” (Becker, 2022, p. 96).

Essa abordagem promoveu uma onda de comoção mundial, transformando o episódio em uma espécie de “morte cerimonial” (Barbosa, 2004, p. 12) com um luto coletivo. A imprensa, em vista disso, reforçou a narrativa de Diana como a “princesa do povo”, cujas ações humanitárias e imagem carismática simbolizavam uma proximidade com o cidadão comum, contrastando-a com a sisuda e distante monarquia britânica.

Dessa forma, a grande cobertura (tele)jornalística contribuiu para promover uma idealização de *Lady Di*, que ressoou no agendamento de discussões públicas globais e na construção de uma memória coletiva em torno da figura forjada midiaticamente, associando-a a valores de empatia, humildade e solidariedade.

Por outro lado, o trabalho jornalístico sobre a guerra no Kosovo operou com valores relativamente distintos, mas igualmente eficientes ao pautar a agenda pública.

Os editores da Internacional também se envolveram com as cenas fortes a que assistiam durante a cobertura da guerra no Kosovo, no início de 1999. “As imagens das filas de centenas de refugiados, fugindo de suas casas, a pé, eram chocantes”, lembra Maria Tereza Narvaez, uma das editoras mais experientes. “Um drama que parecia muito próximo de nós”, diz, ainda, referindo-se a uma país, a então Iugoslávia, distante e pouco conhecido (Paternostro, 2006a, p. 126-127).

A “Globo”/“GloboNews” e a imprensa ocidental (como a “CNN”) enfatizaram o conflito como sendo uma causa humanitária, reforçando o discurso intervencionista pró-OTAN, com amplo destaque para crimes e violações de direitos humanos cometidos por forças militares e paramilitares sérvias apoiadas pelo governo da federação iugoslava, na região do Kosovo, “onde a OTAN e os refugiados diziam ocorrer uma limpeza étnica” (Plasse, 1999, p. 2).

Sérvia – incluindo a província de Kosovo – e Montenegro formavam, então, a nova Iugoslávia, governada pelo sérvio Slobodan Milosevic, que reagiu à autonomia das repúblicas com ataques violentos que logo revelaram seu real objetivo: fazer o que chamavam de *limpeza étnica*, eliminando quem não fosse sérvio. Seguiram-se os massacres: dezenas de milhares de muçumanos foram mortos e outros milhares expulsos de suas casas – eram refugiados da guerra (Paternostro, 2006a, p. 127).

“A população civil da Bósnia estava sendo dizimada, praticamente *ao vivo*, diante das câmeras das inúmeras redes de televisão” (Memória Globo, 2021a). A narrativa hegemônica de parte da imprensa influenciou a opinião pública global, causando indignação e impulsionando um discurso de responsabilização da Iugoslávia, bem como de necessidade de intervenção internacional (dos EUA, Canadá e europeus alinhados através da OTAN) sem maiores questionamentos quanto ao direito a soberania territorial dos países envolvidos e ignorando outras formas de mediação do conflito interno.

Nesse sentido, parte dos veículos jornalísticos, principalmente através do conteúdo gerado/distribuído pela rede estadunidense “CNN” e das informações oficiais da OTAN, direcionou a atenção do público para a situação dos refugiados e para os ataques das forças sérvias, o que criou um contexto internacional favorável a uma invasão territorial e ação bélica igualmente sangrenta por parte da OTAN, com bombardeios a locais sensíveis (hospitais, escolas, sede da televisão estatal iugoslava “RTS”) e áreas residenciais habitadas por civis sem envolvimento no conflito. O banimento e as proibições impostas ao exercício da atividade de jornalistas estrangeiros pelo presidente da Iugoslávia Slobodan Milosevic após os bombardeios da OTAN contribuíram para o fortalecimento do discurso oficial militar da OTAN e da “CNN” (Plasse, 1999, p. 2) demonstrando a centralidade do jornalismo em grandes coberturas de guerra.

Ramonet (1999, p. 73) avalia que algumas coberturas da mídia internacional sob a égide do “tempo midiático”, como a da guerra no Kosovo, contribuem para a circulação de conteúdo que também pode desinformar, a fim de criar a partir da opinião pública um ambiente favorável para determinados interesses escusos.

Em Kosovo, no começo de outubro de 1998, ossadas são descobertas. Mais uma vez, são imediatamente apresentadas pela maior parte da mídia ocidental como prova de massacres de albaneses cometidos pelos sérvios. E as pressões militares sobre Belgrado se intensificam. As investigações da medicina legal concluirá todavia que se trata de esqueletos que remontam provavelmente à Segunda Guerra Mundial... Toca-se aqui, como em Timisoara, na desinformação: “Desinformar – explica Philippe Breton – é cobrir uma mentira com aparência de verdade. Em democracia, onde as empresas manipuladoras são maioria, a desinformação é a rainha das técnicas que visam enganar a opinião (Ramonet, 1999, p. 73).

Sendo assim, o trabalho jornalístico da “Globo”/“GloboNews” e da imprensa ocidental sobre esses acontecimentos corrobora para a compreensão da grande cobertura (tele)jornalística como uma das forças interpretativas e narrativas da memória, que auxilia no estabelecimento de quais temas serão discutidos pela sociedade e de que forma esses temas serão/ficarão registrados, documentados a partir na narrativa jornalística no tempo presente, como adverte Franciscato (2005, p. 4). Perpetuando, portanto, através dos acervos audiovisuais, dos livros e dos *sites* dedicados a rememorar e cultuar sua história uma compreensão possível, própria e alinhada as suas políticas editoriais sobre os acontecimentos que narrou/cobriu.

Franciscato (2005, p. 12) afirma que o jornalismo, ao relatar eventos e temas do tempo presente, contribui para a construção de uma narrativa histórica e social, ajudando a moldar a percepção coletiva do tempo e da experiência social. Assim, a relação entre Jornalismo e História é vista como uma dinâmica em que o Jornalismo não apenas documenta o presente, mas também participa ativamente na formação da memória social e na construção de significados históricos.

Dessa forma, a “GloboNews” inscreve-se na memória a partir da grande cobertura telejornalística narrando, visibilizando e presentificando temas geopolíticos, econômicos, sociais, trazendo-os para a sua “arena” televisiva de discussão, colocando-se, simultaneamente, como espaço, narrador e ator, eixos centrais na elucidação desses temas, mesmo que, aparentemente, alheios à realidade brasileira.

Com base nos “fenômenos temporais que o jornalismo opera²⁴”, descritos por Franciscato (2005, p.2), refletimos sobre o modo como a grande cobertura jornalística da “GloboNews” se inscreve na memória social, documentando esses episódios. Como veremos em outras coberturas, o canal de notícias instaura seu próprio valor-notícia²⁵ de memorável, de documental/registro. E o faz selecionando os acontecimentos a serem cobertos, produzindo significados e sentidos sobre esses fatos através do texto e da imagem enquadrados, apagados, minimizados e/ou ampliados, repercutindo/compartilhando essas narrativas, para depois arquivá-las e, em momento oportuno (efemérides, comemorações, retrospectivas, especiais) recircular, fazer relembrar, não necessariamente do acontecimento, mas, também, da cobertura (tele)jornalística em si (ver gráf. 3).

Em nossa proposição, o canal de notícias buscaria ainda, dentro da circulação e compartilhamento, como um dos modos de certificar a sua grande cobertura (tele)jornalística enquanto operadora de memórias e narradora da história, associar-se aos especialistas e historiadores como pares para as discussões em sua arena televisiva. Como veremos adiante, a presença destas fontes especializadas é uma das características, da “anatomia narrativa”, da grande cobertura na “GloboNews”.

Ao longo dos anos, a Globo News montou uma bancada de comentaristas para ajudar o assinante a entender as grandes questões do mundo contemporâneo. [...] o especialista aprofunda a notícia, dá opinião e, o mais importante, levanta novos pontos para a reflexão desses assuntos – exerce, portanto funções complementares, dando uma dimensão mais ampla às coberturas jornalísticas do canal. Márcio Scalécio, professor de História Contemporânea da Universidade Cândido Mendes e da PUC-Rio, é frequentemente convidado para esclarecer assuntos como guerras, ações terroristas, armamentos, conflitos militares [...] Francisco Carlos Teixeira é professor de História Contemporânea e pesquisador voltado principalmente aos estudos das transformações políticas no mundo no Laboratório do Tempo Presente, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Paternostro, 2006a, p. 128-129)

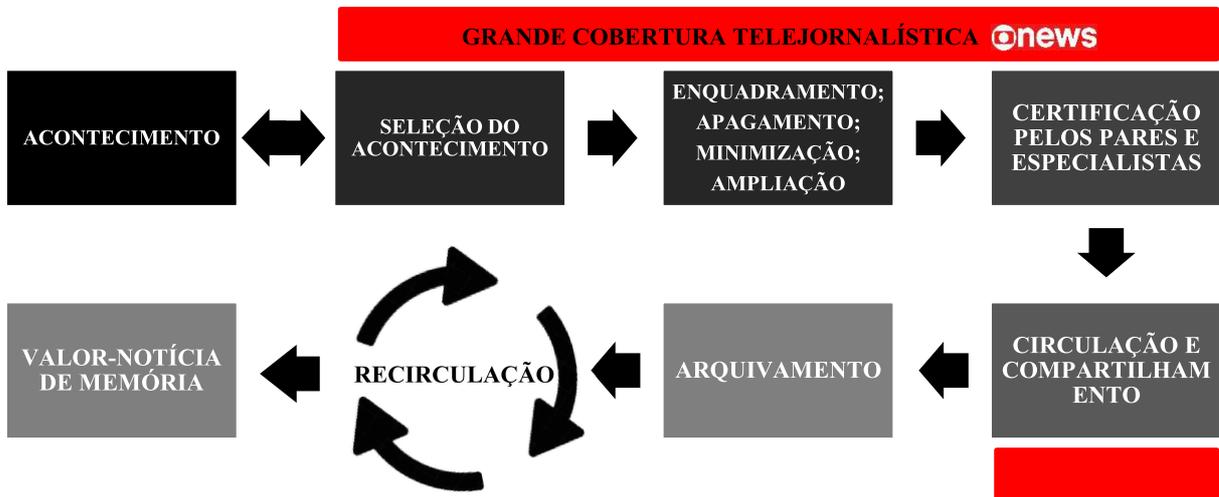
Nesse sentido, a memória coletiva sobre tais eventos não é formada unicamente pela experiência, vivência ou pelos fatos em si, mas, também, pelo modo como eles são

²⁴ O autor (2005, p. 5-12) identifica cinco categorias descritivas de fenômenos temporais que o jornalismo desencadeia, ligadas a ações, situações e modos de tratamento de eventos no tempo presente: a instantaneidade, a simultaneidade, a periodicidade, a novidade e a revelação pública. Essas categorias ajudam a entender como o jornalismo opera e como ele influencia a experiência social do tempo presente. Esses fenômenos estão interconectados, portanto, a reflexão sobre a atualidade e a construção da História deve considerar suas especificidades e interrelações, refletindo a complexidade da prática jornalística e sua função social.

²⁵ Os “valores-notícias” definidos por Wolf (2008, p. 208-226) são parâmetros que orientam a seleção e a produção de conteúdos jornalísticos com base em critérios que tornam determinados fatos e acontecimentos mais noticiáveis do que outros. Esses valores foram estruturados pelo autor em cinco categorias (substantivos, relativos ao produto, ao meio, ao público e a concorrência), que se desdobram em critérios específicos para avaliar aspectos como a relevância, o interesse e a qualidade da informação.

editorialmente apresentados, enquadrados, apagados e/ou amplificados, ou seja, narrados pela grande cobertura (tele)jornalística no canal.

Gráfico 3 – Fluxograma proposição de instauração do valor-notícia de memória na grande cobertura



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Em ambos os casos, o jornalismo reforçou e perpetuou sentidos e significados simbólicos, inscrevendo-os na memória coletiva de forma a consolidar visões de mundo e valores que acompanham influentes essas narrativas audiovisuais enquanto documento ao longo do tempo.

O gráfico 4 apresenta, em síntese, as considerações sobre as grandes coberturas da primeira fase a partir das instâncias. Na primeira dimensão da ATC, verificamos as “Singularidades da Ambiência”, definida como um componente que permite a investigação dos contextos em que os conteúdos audiovisuais são apresentados. Esta dimensão se concentra em examinar os elementos contextuais que influenciam a forma como a mensagem televisiva é percebida e interpretada pelo público. Inclui aspectos tecnológicos, econômicos e sociais que moldam a experiência de visualização e a interação do público com os produtos midiáticos.

Becker (2020, p. 216) enfatiza que a instância abrange não apenas o ambiente midiático em que a transmissão ocorre, mas também os dispositivos tecnológicos utilizados para acessar o conteúdo, como televisores, computadores e dispositivos móveis. Esses fatores são determinantes na configuração da experiência do espectador, pois moldam a interação e a recepção do material audiovisual.

Portanto, essa dimensão permite compreender como as condições de exibição e os contextos socioculturais interagem para criar significados distintos, influenciando a forma como as narrativas são construídas e recebidas.

Gráfico 4 – Identificação das dimensões na primeira fase da grande cobertura (1996 – 2000)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Legenda: (1) UMJ – Unidade Móvel de Jornalismo; (2) Telefone celular; (3) Antena parabólica e receptor/decodificador digital de TV por assinatura via satélite; (4) Televisor CRT; (5) Fita VHS

Conforme aponta Jenkins (2013, p. 39), o período da cultura da convergência midiática tem início a partir do final do século XX, delineando-se no final da década de 1980, quando novos padrões de concentração de meios de comunicação começaram a surgir, e consolidando-se especialmente na década de 1990.

Essa fase é vista como o início de um longo processo em que empresas de mídia passaram a serem agrupadas sob o controle de poucas corporações, formando os

conglomerados midiáticos, impulsionando essas unidades para que distribuíssem o conteúdo através de seus vários canais, em vez de um único *player*.

No mercado televisivo brasileiro os avanços tecnológicos do período classificado como pré-digitalização (anterior a 2007), para referir-se ao estágio que antecede a instalação do Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre (SBTVD-T), foi o propulsor da “convergência entre telecomunicações e informática, criando novos equipamentos e reunindo os existentes”, segundo Brittos e Simões (2010 *apud* Barbosa, 2013, p. 348).

Nesse sentido, cabe ressaltar que, a “GloboNews” é implantada, em outubro de 1996, justamente no contexto amplo da convergência midiática (Jenkins, 2013), da “TV mundializada” (Becker, 2022, p. 65) e da pré-digitalização massiva da televisão brasileira (Brittos; Simões, 2010, p. 25).

Contudo, nessa primeira fase, como pode ser observado no gráfico 4, a principal ambiência da grande cobertura no canal ainda era a TV por assinatura com acesso por cabos, modelo principal de oferta da prestadora “NET”, ou via satélite (DTH), tecnologia mais avançada, introduzida no Brasil em 1995, com o lançamento da “TVA Digisat”, do grupo Abril e, posteriormente, em 1996, pela “SKY”. Sendo a “TVA” a primeira operadora de TV por assinatura no país a transmitir via satélite com sinal digital (Lobato, 1996). Tecnologia essa, amplamente difundida nos anos seguintes pelas prestadoras “SKY”, “DirecTV” e “NetSat”, essa primeira representada no fluxograma. Esse sistema permitia a transmissão de sinal digital de televisão por assinatura, com canais como a “GloboNews” (comercializado pela “SKY” e pela “NetSat”), diretamente do satélite para as residências dos assinantes, oferecendo cobertura em áreas onde os serviços de TV por cabo não chegavam em um movimento de interiorização da TV por assinatura no Brasil.

A grande cobertura na “GloboNews” apresentava-se, basicamente, das seguintes formas: fluxo e arquivo. A primeira a partir da cobertura factual, transmitida ao vivo, em tempo real, que irrompia a programação com o *breaking news*; e a cobertura consolidada, exibida nos principais telejornais (“J10”), com o conteúdo gravado anteriormente e editado, em ilha de edição linear analógica (para fitas de vídeo magnéticas “Sony Betacam”). Apenas o sinal distribuído pelas operadoras aos assinantes era digital as produções jornalísticas audiovisuais no canal de notícias eram, até então, captadas e editadas no padrão analógico.

Nesse período, o conteúdo da “GloboNews” era produzido de modo a ser consumido, principalmente, a partir dos televisores de tubo, como eram popularmente conhecidos os aparelhos do modelo CRT (tubo de raios catódicos, na tradução da sigla em

inglês), conectados aos decodificadores digitais e antenas das operadoras via satélite ou através do sistema a cabo (CATV).

Embora, a maioria dos sistemas desses televisores fosse de recepção/exibição analógica, o padrão dos decodificadores por assinatura via satélite (do tipo “TVA Digisat”, “NETSat” “DirecTV”, “SKY”) era digital com formato de exibição (proporção entre a largura e a altura da imagem) de 4:3. O mesmo da TV aberta, analógica, na ocasião. Apresentando, assim, boa qualidade de áudio e uma imagem padrão (*Standard Definition* ou SDTV), com resolução máxima de 480i *pixels*, já que o sinal das prestadoras, enviado ao consumidor diretamente do satélite, não sofria com as interferências observadas no modelo VHF/UHF, utilizado na TV aberta.

Cabe ressaltar, que essas especificações se traduziam na prática na maior qualidade audiovisual disponível no mercado televisivo brasileiro na época. Mesmo com qualidade padrão de imagem (SD), o sinal de televisão entregue pelo DTH já era digital (DTV). Efetivamente, essa digitalização pelas emissoras/canais facilitou o processo de integração e de convergência de mídias que veremos se consolidando nas próximas fases. No entanto, isso não significa que não houvesse, mesmo que em pequena oferta, nesse período (de 1996 a 2000). Como, por exemplo, na disponibilização de reportagens curtas e trechos de programas jornalísticos no *site* da “GloboNews”, como veremos mais detalhadamente adiante nas dimensões “Interação das Audiências” e “Circulação no Ambiente Convergente” da primeira fase.

Contudo, ainda quanto a ambiência do canal, no caso da exibição em definição padrão (SDTV), faz-se necessário ponderar que esse modelo também afetava consideravelmente a fruição, a percepção e a experiência do espectador, se comparado aos padrões de hoje (HDTV).

Em termos de qualidade, o padrão SD, analógico, dos televisores CRT, mesmo com a entrega digital (DTV) do sinal pelos satélites/decodificadores, oferecia uma imagem menos nítida e pouco detalhada, sem ênfase em elementos mais finos, como texturas, cenários ou paisagens, como, por exemplo, as imagens em plano aberto ou aéreas captadas por helicópteros nas coberturas, sobretudo, se compararmos aos padrões atuais.

O formato da tela dos televisores CRT seguia a proporção de 4:3, mais quadrada, que limita o campo de visão e pode dar um aspecto de “achatamento” na imagem. Diferentemente, da proporção 16:9, adotada nas telas de Plasma e de LCD (*Liquid Crystal Display*), no começo da HDTV, que são mais amplas e se aproximam do campo visual humano, proporcionando uma experiência visual mais agradável, natural e imersiva. O atual

padrão (HDTV) torna a visualização nessas telas mais envolvente e realista, o que é especialmente interessante em grandes coberturas ao vivo onde a amplitude do ambiente/paisagem e dos detalhes aumenta a sensação de presença.

A legibilidade de textos e recursos gráficos também é afetada nesse modelo. No padrão SD, os textos e informações dos gráficos, créditos e tarjas aparecem menores e com baixa resolução na tela dificultando a leitura. O que compromete a capacidade do telespectador de acompanhar informações em texto e/ou limita os caracteres a serem exibidos na tela pela emissora.

Por fim, observamos como característica das coberturas no período, ainda dentro das singularidades da ambiência, o fenômeno do consumo do conteúdo televisivo gravado em fitas VHS nos videocassetes domésticos (VCRs). Por isso, destacamos a fita magnética no fluxograma.

Parte do material de pesquisa das primeiras grandes coberturas (tele)jornalísticas da “GloboNews” foi obtido em *sites* de compartilhamento de conteúdo audiovisual (YouTube, Vimeo, *Dailymotion*), a partir da digitalização de gravações em VHS dos telejornais e da programação da “GloboNews” pelo público. Essa conclusão é possível graças as marcações televisuais das gravações pelo VCR preservadas no material digitalizado, como as falhas nas fitas magnéticas, o chiado característico e as indicações de “REC”, “REW” e “TRACKING” no vídeo. O fenômeno é explicado por Barbosa (2013, p.348) pela expansão do acesso aos equipamentos domésticos de videocassete nas décadas de 1980 e 1990.

Nessa perspectiva, a gravação da programação televisiva, em especial dos telejornais e coberturas, em VHS possibilitou uma nova experiência quanto a temporalidade do consumo televisivo criando uma espécie de “presente estendido” (Barbosa, 2013, p. 336) e conferindo aos espectadores a competência de arquivistas, guardiões, desse conteúdo.

A televisão nessa fase, se configurava como um meio para consumo imediato, no qual a audiência dependia da programação e assistia exclusivamente aos programas no momento exato em que eram transmitidos. As transmissões ao vivo conferiam à TV uma temporalidade direta e efêmera: o que era exibido existia apenas naquele instante, criando uma experiência coletiva de tempo real. Para Machado (2000) o ao vivo representa a característica primordial da experiência televisiva.

A transmissão *ao vivo* talvez seja, dentre todas as possibilidades de televisão, aquela que marca mais profundamente a experiência desse meio. A televisão nasceu ao vivo, desenvolveu todo o seu repertório básico de recursos expressivos num momento em que ainda operava ao vivo e esse continua sendo o seu traço distintivo mais importante dentro universo audiovisual (Machado, 2000, p. 125).

Com as reprises na TV aberta e na TV por assinatura uma nova temporalidade da repetição e de experiência de recepção já se apresentava ao público, mas ainda dentro do fluxo televisivo, programada pelas estações. A “GloboNews”, por exemplo, reprisava durante a programação diária telejornais da “Globo” como o “Bom Dia Brasil”, o “Jornal Nacional” e o “Jornal da Globo” e programas jornalísticos como o “Globo Repórter”. Com o VCR e o VHS, porém, o espectador da “GloboNews” conquista certa autonomia e toma para si a possibilidade de gravar esse conteúdo telejornalístico, assisti-lo posteriormente e, se assim desejar, armazená-lo e/ou compartilhá-lo.

Na segunda instância, “Características das Organizações e das Práticas Produtivas”, que segundo Becker (2020, p. 217), evidencia as formas de produção, modelos de operação e as atuações dos profissionais envolvidos, verificamos principalmente uma estrutura de produção das grandes coberturas na “GloboNews” muito dependente da Central Globo de Jornalismo (CGJ) da “Globo”.

De acordo com Becker (2019, p. 78), essa dimensão refere-se à análise das estruturas e das dinâmicas que regem as instituições responsáveis pela produção de conteúdos audiovisuais, como emissoras de televisão e plataformas digitais. Buscando, desse modo, compreender como as características organizacionais e as práticas de produção, influenciam a criação e a circulação dos produtos audiovisuais.

A autora aponta que as organizações de mídia não operam apartadas da sociedade, mas são moldadas por contextos históricos, sociais e econômicos que, conseqüentemente, afetam as decisões editoriais e as estratégias de mercado. Na perspectiva tecnológica, a segunda instância da ATC concentra-se nos instrumentos e plataformas que as organizações empregam para a criação de seus produtos. A escolha dessas tecnologias pode determinar a qualidade técnica dos conteúdos e corroborar para a inclusão/exclusão de recursos inovadores e de interatividade.

Sobre a estrutura organizacional, podemos considerar o número de profissionais envolvidos na produção, suas funções e a hierarquia existente dentro da organização. Além disso, os custos de operação podem ser um fator determinante na configuração das práticas produtivas.

Além da inspiração para o modelo, inicialmente o canal de notícias foi promovido informalmente como a “CNN brasileira” para atrair anunciantes e assinantes. “A CNN seria o modelo de referência para a criação da Globo News, uma vez que, além de partir do zero, seria preciso buscar correspondentes no mundo todo” (Paternostro, 2006a, p. 41).

Dessa expressão deriva-se, portanto, parte do título da primeira fase da grande cobertura telejornalística proposta. Em seu processo de formatação e desenho comercial/editorial, a “GloboNews” sofreu adaptações quanto ao modelo *all news* inspirado da rede estadunidense.

O canal brasileiro não operava com telejornais “infinitos”, como a “CNN”, e nem com programação contínua. Por limitações técnicas, durante os primeiros meses, a programação consistia em 18 horas diárias de telejornais ao vivo, reapresentações e outros programas jornalísticos (Kogut, 1996, p. 3). Muito embora, fosse um desejo expresso por Roberto Irineu, herdeiro de Roberto Marinho, e que estava à frente das “Organizações Globo”, de que o canal tivesse uma estrutura de programação bem definida, semelhante à da “Globo”, consagrada na TV aberta (Marinho, 2006 *apud* Paternostro, 2006a, p. 11).

Embora contasse com equipe e redação independente no Rio de Janeiro, em termos operacionais o canal estava atrelado a estrutura do jornalismo da “Globo”, que incluía além de profissionais do jornalismo, informática, *design* gráfico, engenharia e tecnologia, as 122 afiliadas pelo país, as redações regionais em São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Recife e os escritórios internacionais em Nova York e Londres.

Dessa forma, a viabilidade financeira do projeto foi possível graças à estrutura já existente da “Globo”, já que os custos operacionais para produzir uma programação totalmente original seriam inviáveis no período. Nesse sentido, o reaproveitamento de conteúdo jornalístico da “Globo” também foi uma estratégia operacional estabelecida ainda no esboço do projeto de implantação da “GloboNews” e que perdura até os dias de hoje.

Roberto Irineu foi feliz também ao definir a política de aproveitamento pela GloboNews das reportagens produzidas pela TV Globo, e levadas ao ar em seus telejornais [...] Isso agregou qualidade ao projeto e o tornou ainda mais viável [...] (Marinho, 2006 *apud* Paternostro, 2006a, p. 11)

Em entrevista para a presente pesquisa, Paternostro (2023) indica que o processo de integração no início não foi tão simples e orgânico, já que nos primeiros quatro a cinco anos a “GloboNews” dependia fortemente dos recursos da emissora com necessidade de apoio em áreas como tecnologia, engenharia, jornalismo e até mesmo figurino e maquiagem. Paternostro (2023) relata que a integração forçada causava atritos e desgaste, especialmente nas coberturas em que a “GloboNews” e a “Globo” compartilhavam equipamentos, como microfones, câmeras e a UMJ (Unidade Móvel de Jornalismo), representada no fluxograma pelo furgão com alusão a estrutura dependente da “Globo”, sendo necessário o revezamento

pelas equipes durante as entradas ao vivo, por exemplo. O que denota, portanto, as barreiras operacionais e logísticas que dificultavam o fluxo de trabalho nessas primeiras coberturas.

Foi uma situação complicadíssima do início, dos primeiros anos da GloboNews. Eu diria dos primeiros quatro, cinco anos [...] até uma consolidação interna [...] A GloboNews nasceu dependente da estrutura da TV Globo [...] você tem tecnologia, você tem engenharia, você tem arte, você tem o próprio jornalismo e você tem camarim, vestuário, roupa, maquiagem, você tem toda uma estrutura que a TV aberta tinha e que a GloboNews não criou [...] Então, as pessoas precisavam se dividir [...] Acho que a redação da GloboNews sofreu muito por essa dificuldade de transitar e disso de fluir dentro da Globo. Não fluía, não caminhava. Estava cheio de barreiras. Não eram barreiras pessoais, eram barreiras da própria estrutura mesmo, que às vezes não dava. Então, tiveram coberturas que a gente tinha o mesmo microfone para o repórter da GloboNews e o repórter da Rede Globo (Paternostro, 2023).

A partir dessas considerações e da Análise Televisual (AT) da grande cobertura sobre a queda do avião *Fokker* 100 da TAM, representante dessas primeiras coberturas, presente no próximo capítulo, que propusemos o termo “Globo *Plus*” como a outra parte do título dessa primeira fase. Com o objetivo de definir essas coberturas na “GloboNews” como uma ampliação, uma continuidade, um aprofundamento do que se via na cobertura principal da TV aberta, na “Globo”, devido ao contexto de transição de transmissões do período e a dependência de estrutura de um canal pelo outro, consolidando, portanto, a noção de grande cobertura telejornalística multicanal, característica da gênese da cultura da convergência midiática, que exploraremos no próximo capítulo. Nesse sentido, Becker aponta que

na segunda metade do século XX, a televisão foi marcada pela transmissão de áudios e vídeos de grandes acontecimentos para todo o planeta via satélite e a cabo, culminando com a multiplicação de canais de notícias 24 horas [...] Do início dos anos 1980 até 2005, assistiu-se ao que Amanda D. Lotz chamou de transição de multicanais, na qual a experiência de ver televisão dos espectadores foi justamente transformada pela introdução de muitos tipos de canais, como canais a cabo (Becker, 2016, p. 71-72)

Desde a elaboração do projeto da “GloboNews” também havia a preocupação de que o canal não se tornasse uma espécie de repositório do jornalismo da “Globo”. A partir da Análise Documental (Moreira, 2005; Pimentel, 2001) e da Análise do Percurso Histórico do Jornalismo Audiovisual (Silva, 2020), realizadas anteriormente, identificamos esclarecimentos de diretores da “Globo” sobre essa dinâmica de operação em notas e matérias dos jornais analisados.

O GloboNews utilizará a equipe da Central Globo de Jornalismo (CGJ) mais as 150 contratadas do projeto. O diretor-geral da CGJ, Evandro Carlos de Andrade, ressalta que o GloboNews não servirá de refúgio para o material não aproveitado pelos telejornais da Globo (Gama, 1996, p. 5)

Em termos técnicos, a “GloboNews” incorporou técnicas e modos de produção do rádio e do telejornalismo clássico da TV aberta da época adaptando-os ao seu formato *all news*. Como, por exemplo, a utilização do telefone fixo para a apuração de informações e produção de pautas e o telefone celular para equipes de reportagem possibilitando a entrada ao vivo nos telejornais por chamada de voz, como visto nas coberturas da queda do *Fokker 100* da TAM, na morte de *Lady Di* e nos atentados terroristas de 11 setembro de 2001, nos EUA.

Paternostro (2023) relembra o uso compartilhado dos computadores da redação, algo que não era comum em outras redações da “Globo”. Em razão do fluxo contínuo de produção e do tempo que permanecia no ar diariamente, como em uma produção fabril as equipes iam se substituindo a cada turno na redação do canal, ocupando os postos dos colegas que encerravam as atividades do turno anterior. Desse modo, a “GloboNews” instaura na “Globo” uma linha de produção de notícia em larga escala para alimentar a parte de sua programação.

Eu lembro que a internet não era algo normal, como é hoje. Não era nessa época [...] Então, era difícil o acesso [...] Quando você queria fazer uma pesquisa, a gente tinha a pesquisa de livros. Pode ser que tinha só um computador ligado à internet. Eu não consigo me lembrar disso. [...] a gente também conseguiu na GloboNews algo interessante. Quer dizer, pela primeira vez você tinha a redação onde os computadores eram divididos. Na rede, os computadores eram, mais ou menos, um de cada, tinha pouca gente. Na GloboNews era muita gente, então você tinha o pessoal que usava aquele computador de madrugada, depois o mesmo computador de manhã, depois o da tarde e o da noite. Eles trocavam de pessoas [...] Então, era realmente uma situação diferente (Paternostro, 2023)

Dentre as inovações, destaca-se também o *script* eletrônico implementado, uma solução econômica e sustentável desenvolvida pelos departamentos de Informática e Engenharia da “Globo” para substituir o modelo tradicional impresso, já que se produzia em média 16 telejornais ao vivo por dia.

O novo formato de espelho integrou no mesmo espaço marcações técnicas como “locutor *off*”, “roda VT”, e “sobe som” junto ao texto lido pelos apresentadores no *teleprompter*. Isso permitiu que todos os envolvidos no telejornal acompanhassem o roteiro diretamente em monitores, mantendo o lado direito visível como no roteiro impresso, incluindo todas as anotações técnicas necessárias. À esquerda, foram incluídas informações para o gerador de caracteres, como créditos, nomes de entrevistados e sinalizações de conteúdo “ao vivo” ou de arquivo. Essa mudança foi inicialmente vista com estranheza pelos editores, pois nenhuma outra emissora, nem os telejornais da “Globo”, utilizavam o método (Paternostro, 2006a, p. 70-73).

A gente tinha um hábito na rede de fazer os *scripts* ‘xerocados’ e você distribuía o *script* para o apresentador, para o diretor de TV, para o assistente, para a engenharia e para a programação. Você distribuía *scripts* ali para todo mundo seguir o espelho, seguir os *scripts*. Quando a gente foi fazer isso na GloboNews, no início, que nós estávamos fazendo os pilotos, os jornais, eles eram de uma em uma hora, de meia hora [...] Então, se o editor-chefe montasse outro jornal para às 10h da manhã e fosse rodar, a máquina do xerox não dava conta de rodar. Isso é uma coisa que realmente aconteceu, eu vi acontecer. Vai inviabilizar o canal. O custo disso, você vai rodar mais de 5.000 páginas por dia no *xerox*. Não há como. Nem a máquina, nem o papel, nem ninguém ia aguentar. Então, por conta disso, nós, a engenharia com a tecnologia, com os editores, com a arte, bolamos algo que era o *script* seguir pelo *teleprompter*. Então, eles passaram a colocar o *script* todo, do jornal inteiro, no *teleprompter* [...] Isso foi uma novidade na Globo inteira e ninguém achava que fosse dar certo (Paternostro, 2023).

Na terceira dimensão “Interações das Audiência” verificamos em que espaços as audiências atribuem significações e interação com as narrativas audiovisuais. Segundo Becker (2019, p. 76), essa instância observa as audiências enquanto participantes ativos que influenciam a circulação e a recepção dos conteúdos.

Nas “Interações das Audiências” o analista deve considerar os diferentes modos pelos quais os espectadores se engajam com os programas e telejornais, incluindo a forma como reagem, comentam e compartilham as narrativas apresentadas. Esse engajamento pode ocorrer em diversas plataformas, refletindo a natureza convergente dos meios de comunicação contemporâneos.

Além disso, essa instância examina como as audiências constroem suas identidades e comunidades em torno dos conteúdos, influenciando a forma como os programas são percebidos e discutidos através da conversação digital. Portanto, traduz-se como fundamental para a verificação dos processos comunicativos, pois revela a complexidade das relações entre os conteúdos audiovisuais e o público.

Em meados dos anos de 1990, as interações da audiência com a televisão ainda eram limitadas, tanto em termos de tecnologia quanto de plataformas disponíveis. O acesso do telespectador aos meios digitais conectados (telefone móvel, computador, *laptop*) ainda era incipiente. “No início da década de 1990 surgem os primeiros telefones móveis, então enormes aparelhos acinzentados para o bolso de muitos poucos e que se limitava a realizar chamadas”.

A maioria das interações com a redação da “GloboNews” ocorria através do telefone fixo e por *e-mail*, representados no fluxograma, e, em menor escala, pelo correio tradicional. Uma caixa postal, um número de telefone da redação e o endereço de correio eletrônico geral da redação eram disponibilizados durante os telejornais e no *site* do canal. Os

telespectadores eram estimulados a participar da programação com sugestões de pauta e pedidos de reprise de programas.

Pode-se dizer que entre os anos de 1950, 1960, 1970, 1980 e até a segunda metade dos anos 1990 o sistema analógico limitou as formas de relacionamento do público com os canais de televisão. Percebe-se que fora o uso de cartas, os suportes, telefone e computador prevalecem ao centro das mediações (Cajazeira, 2015, p. 189).

A internet comercial começava a dar seus primeiros passos, mas o acesso ainda era restrito. Os *sites* das emissoras, como conhecemos hoje, também eram raros no início dos anos 1990 por seu alto custo de implantação, hospedagem e manutenção. Somente a partir da segunda metade da década, com o avanço da internet e a popularização dos computadores pessoais, os sites de TV começaram a ganhar espaço, oferecendo informações sobre a programação e formas de contato que ampliavam as possibilidades de interação. Segundo Barbosa,

[...] a década de 1990 marca, sobretudo, o início da popularização dos computadores domésticos e a diversificação do uso da informática de maneira mais intensiva, começando um longo processo de transformação nas práticas de comunicação que tem no mundo digital seu sustentáculo (Barbosa, 2013, p. 348).

Em 1998, a “GloboNews” já estava disponível na rede mundial de computadores através do *site* vinculado ao ambiente digital da “Rede Globo” (redeglobo.com.br/globonews). Apesar de simples para os padrões de hoje, o portal já oferecia recursos para a interação das audiências com a redação através do *e-mail*. Algumas reportagens e trechos de programas jornalísticos estavam disponíveis no *site* para qualquer usuário com *player* para reprodução compatível, bem como a transmissão ao vivo do canal por internet, essa exibição restrita aos usuários nos EUA e da Europa.

Na fig. 15 reproduzimos um raro registro do *site* do canal de notícias janeiro de 1998, obtido através do projeto “*Internet Archive*”, em que se anunciava com destaque a cobertura jornalística da visita histórica visita do Papa João Paulo II à Cuba e aos especiais em comemoração ao primeiro ano de atividade da “GloboNews”, com o “Festival Ano 1”.

Figura 15 – Reconstituição da *homepage* da GloboNews em jan. 1998

Fonte: Reprodução *Internet Archive* / GloboNews (2024)

Outro destaque dessa ambiência, em nossa perspectiva, é a conversação entre o público sem a mediação dos dispositivos de telecomunicação, em suas redes sociais analógicas, como representado no gráfico 4.

Na década de 1990, na televisão, produções populares, como novelas e minisséries, e programas de infotenimento como “Você Decide” e “Linha Direta” marcaram a época e se tornaram temas de conversas intensas e diárias entre as pessoas, que compartilhavam impressões, sentimentos e opiniões sobre as narrativas.

Essas conversas criavam uma espécie de comunidade interpretativa, pré-digital, onde grupos de pessoas trocavam ideias e influenciavam uns aos outros, moldando suas percepções e preferências sobre os programas e temas do noticiário.

Essas interações face a face prolongam e enriquecem a experiência de assistir à televisão, já que os debates sobre o noticiário do dia, os enredos e personagens da dramaturgia podem aumentar a conexão emocional do público com o conteúdo. Nesse sentido, não podemos desconsiderar as grandes coberturas da “GloboNews”, pautado no cotidiano e no real, nessas conversas, ainda que restrita a um grupo de assinantes do canal.

Apesar das redes sociais digitais ainda não existirem nessa época, o impacto do “boca a boca” e as discussões informais forneciam às emissoras um tipo indireto de *feedback*. As reações e impressões do público eram captadas de diversas formas e podiam influenciar decisões de programação e até mesmo ocasionar mudanças editoriais.

Por fim, na última instância verificada, “Circulação no Ambiente Convergente”, tendo a primeira fase da grande cobertura (tele)jornalística da “GloboNews” (de 1996 a 2000) com referência, buscamos detectar as formas como o conteúdo jornalístico audiovisual da grande cobertura se dissemina e se estabelece em diferentes plataformas e contextos. Esta dimensão analisa os caminhos da recepção de programas e telejornais pelo público, considerando as múltiplas vias de acesso que os espectadores têm à informação (Becker, 2020, p. 218).

A circulação abrange não apenas a transmissão tradicional pela televisão, mas também a presença dos conteúdos em plataformas digitais, redes sociais digitais e serviços de *streaming*. Essa multiplicidade de canais de distribuição permite que os conteúdos alcancem audiências mais amplas e diversificadas, ao mesmo tempo em que possibilita novas formas de interação e engajamento por parte dos espectadores.

A televisão na década de 1990 não pode ser considerada plenamente convergente no sentido contemporâneo, mas esse período foi importante para iniciar o processo que levaria à convergência midiática que conhecemos hoje.

As tecnologias, as infraestruturas e os próprios conteúdos televisivos, em sua maioria analógicos, tinham características e limitações que restringiam bastante essa interação direta entre diferentes mídias. Ainda assim, alguns avanços e experiências datam da década de 1990. Nesse sentido, consideramos o canal “GloboNews” dentro da instância de circulação no ambiente convergente por fornecer conteúdo para o site já naquela época fomentando o caminho para a convergência midiática presente a partir da próxima.

Como o sinal do canal já era digital, em razão da distribuição pelas operadoras por satélite, algumas reportagens e trechos de programas (vídeo livre no gráfico 4) eram disponibilizados no recém-criado ambiente digital da “Globo” em redeglobo.com.br/globonews, em 1998. Além dos vídeos, os usuários que estivessem nos EUA ou na Europa conseguiam assistir à programação diária, ao vivo, gratuitamente, pelo portal.

Em março de 2000, o ambiente digital da “Globo” começa a mudar com o lançamento do portal “Globo.com”, que passou a hospedar e reunir o conteúdo de entretenimento e jornalismo do grupo, além da oferta do serviço de *e-mail* e provedor de

acesso à internet discada. Com relação à “GloboNews”, o destaque é que o *site* passou a oferecer a programação do canal 24 horas por dia para assinantes brasileiros da banda larga e da TV a cabo da operadora “NET” (Duarte, 2000, p. 29). E, em 2001, o “Globo.com” hospeda a aposta em multimídia das “Organizações Globo” com o lançamento do “GloboNews.com”.

4. 1. 4 Segunda fase – Uma proposta multimídia (2001 – 2005)

Essa fase reúne sete grandes coberturas de 2001 a 2005 (ver quadro 4). Dentre elas a cobertura dos atentados terroristas de 11 set. 2001 nos EUA, trabalho jornalístico analisado no próximo capítulo. Na sequência temos a cobertura da Guerra ao Terror, ações militares de retaliação encapadas pelos EUA no Oriente Médio, iniciada com a invasão do Afeganistão, em 7 de outubro de 2001. Em 2002, a cobertura do assassinato de Marísia e Manfred von Richthofen planejado pela própria filha do casal, Suzane von Richthofen, em São Paulo. Em 2003, um novo capítulo da Guerra ao Terror com a invasão do Iraque pelos EUA e aliados em março, seguida pela caçada ao ditador Saddam Hussein culminando com sua captura em dezembro no norte do país.

ANO	GRANDE COBERTURA
2001	Atentados terroristas nos EUA
2001	Guerra ao Terror – Ato I – Invasão e conflito militar no Afeganistão e no Iraque
2002	Assassinato de Marísia e Manfred von Richthofen
2003	Guerra ao Terror – Ato II – Caçada a Saddam Hussein no Iraque
2004	Tsunami na Ásia e África
2005	Mensalão
2005	Morte do Papa João Paulo II e eleição de Bento XVI

Quadro 4 – Grandes coberturas da segunda fase (de 2001 a 2005)
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Em dezembro de 2004, um tsunami desastroso no Oceano Índico atingiu Bangladesh, Índia, Malásia, Maldivas, Mianmar, Cingapura, Sri Lanka e Tailândia. O epicentro do terremoto foi em alto-mar, a 1.600 quilômetros de Jacarta, a capital da Indonésia. O tsunami foi um dos desastres naturais mais trágicos da História, deixando cerca de 230 mil mortos e 1,7 milhão de feridos (Memória Globo, 2021b).

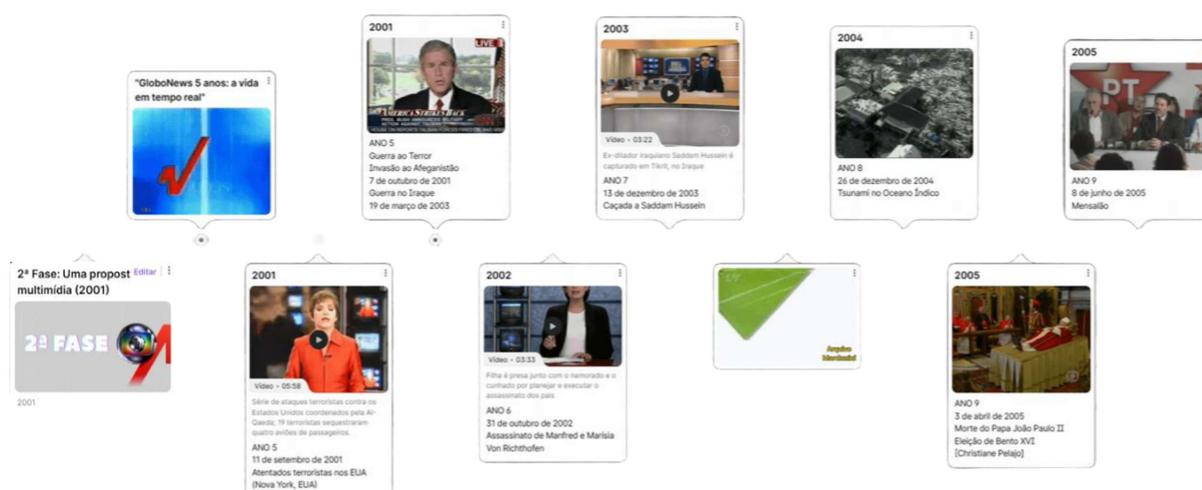
Em 6 de junho de 2005, teve início a cobertura do escândalo político-partidário conhecido como “mensalão”. Quando o então deputado federal Roberto Jefferson, do PTB-RJ, revelou em entrevista ao jornal “Folha de S. Paulo” o pagamento pelo Partido dos Trabalhadores (PT), do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, de uma espécie de “mesada” aos

deputados para votar pela aprovação de projetos do interesse do governo na Câmara dos Deputados (Lo Prete, 2005).

A cobertura acompanhou as longas sessões da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMIs) dos Correios e da Compra de Votos, que investigou no âmbito do Congresso Federal as denúncias. O desfecho do caso também foi coberto pela “GloboNews”, em 2012, com o acompanhamento das 53 sessões do julgamento dos 38 réus do processo pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

Por fim, a cobertura da morte do Papa João Paulo II e a sucessão pelo Papa Bento XVI, em 2005. Na fig. 16, apresentamos parte da linha do tempo disponível na plataforma “Padlet” com as coberturas selecionadas organizadas em ordem cronológica juntamente com as peças institucionais veiculadas pelo canal no período.

Figura 16 – Linha do tempo com as coberturas da segunda fase da grande cobertura (2001 a 2005)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Conforme citado anteriormente, algumas características das fases repetem-se dentro do escopo das instâncias em um movimento orgânico de transição. Nesse sentido, vamos concentrar nossa análise nos elementos que ainda não foram citados anteriormente ou naqueles que apresentam pequenas variações na repetição na presente fase.

As coberturas desta fase têm como semelhança os impactos do início da convergência midiática na “GloboNews”, proporcionando em muitos casos uma cobertura multiplataforma, como no trabalho jornalístico sobre os atentados terroristas de 11 set. 2001 nos EUA, com a cobertura multimídia: no canal por assinatura na TV e no portal de notícias “GloboNews.com”, com produção própria de conteúdo jornalístico, colaborativo e integrado

ao canal e demais produtos jornalísticos do grupo (jornal impresso, rádio, revista), lançado um mês antes como uma promessa multimídia das “Organizações Globo”. Inclusive, as peças publicitárias anunciando a estreia do *site* chamavam a atenção para a experiência do que denominavam como “o mais completo exemplo de convergência de mídias da história do jornalismo” (Globo, 2001b, p. 29)

A fig. 17 apresenta a reprodução da *homepage* do “GloboNews.com”, vinculado ao ambiente digital do “Globo.com”, em 1º de agosto de 2001, estreia em fase de teste do portal, onde observa-se as manchetes com notícias produzidas exclusivamente pela equipe, além de conteúdo jornalístico compartilhado do canal de notícias da televisão, do jornal “O Globo” e da “TV Globo”.

Derivamos, portanto, desse importante capítulo da história da “GloboNews”, com a imersão no ambiente do jornalismo digital, o título da segunda fase da grande cobertura: uma aposta multimídia.

Figura 17 – Site “GloboNews.com” em sua estreia em ago. 2001

The image displays two screenshots of the GloboNews.com website from August 2001. The left screenshot shows the full homepage layout, featuring a search bar at the top, a navigation menu, and various news sections. The right screenshot is a zoomed-in view of the main news area, highlighting a large headline about the Brazilian football team and a sub-headline about Argentina's economic situation.

Left Screenshot (Full Page):

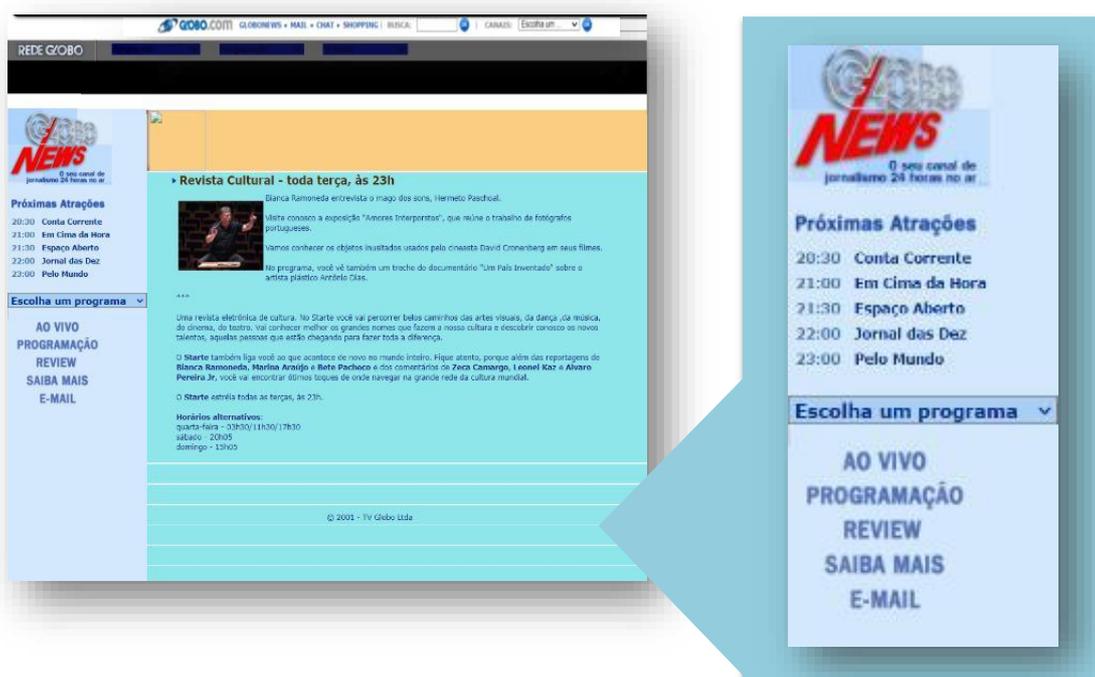
- Header:** GLOBO NEWS.com logo, search bar, and navigation links (GLOBO.COM, GLOBONews.COM, GLOBOnCHAT, GLOBOnMAIL, GLOBOnSHOPPING, PAPERAZZ).
- Main Content:**
 - Em Cima da Hora:** "Brasileirão começa hoje com doze jogos a partir das 14h30m".
 - TELEVISÃO:** "Bom-humor marca a volta de Ana Maria Braga ao 'Mais Você'".
 - Parabólica:** "Ernesto Paglia Blair é criticado por não falar das Malvinas".
 - Parabólica:** "Plantão Casseta & Planeta".
 - Parabólica:** "[Charge do dia]".
- Left Sidebar:**
 - Edições: RJ - O Globo On Line, SP - Diário Popular.
 - Busca por notícias: "Todas as edições".
 - Condições em destaque: Astral, Busca, Celebidades, Diversão & Arte, Economia, Educação, Esportes, GloboChat, GloboMail, GloboNews.com, GloboShopping, Humor, Infantil, Jogos, Música, Paparazzo, Promoções, Tecnologia, Televisão.
 - Publicações: "Escolha aqui".
 - Bolsa de Valores: "Cotações diárias mova as linhas".
 - E-VOLE: "Você concordaria com a decisão de não convocar Romário para o jogo contra o Paraguai?".
- Right Sidebar:**
 - Ofertas: SACK'S, Hidrate a pele com Victoria's Secret, COPPIAR, NOVO ESTILO, Super Promoção, Pasta Escovinha Victor Hugo, SOW LIVE, Cê Porto dos Milagres, Olímpica: Camêda suas fotos com quantidade total, CNA, Sack's, Olímpica: Camêda suas fotos com quantidade total, CNA, Sack's.
 - GLOBO SERVIÇOS: PLANETA INTEL, Escote e seu futuro intelectual aqui, Clique aqui, APOIADOR, Seu país é do tipo esportista? Temo por agonias, Clique aqui.

Right Screenshot (Zoomed View):

- Header:** GLOBO NEWS.com logo, search bar, and navigation links.
- Main Content:**
 - Em Cima da Hora:** "Brasileirão começa hoje com doze jogos a partir das 14h30m".
 - TELEVISÃO:** "Bom-humor marca a volta de Ana Maria Braga ao 'Mais Você'".
 - Parabólica:** "Ernesto Paglia Blair é criticado por não falar das Malvinas".
 - Parabólica:** "Plantão Casseta & Planeta".
 - Parabólica:** "[Charge do dia]".
- Left Sidebar (Zoomed):**
 - Edições: RJ - O Globo On Line, SP - Diário Popular.
 - Busca por notícias: "Todas as edições".
 - Condições em destaque: Astral, Busca, Celebidades, Diversão & Arte, Economia, Educação, Esportes, GloboChat, GloboMail, GloboNews.com, GloboShopping, Humor, Infantil, Jogos, Música, Paparazzo, Promoções, Tecnologia, Televisão.
 - Publicações: "Escolha aqui".
 - Bolsa de Valores: "Cotações diárias mova as linhas".
 - E-VOLE: "Você concordaria com a decisão de não convocar Romário para o jogo contra o Paraguai?".
- Right Sidebar (Zoomed):**
 - Ofertas: SACK'S, Hidrate a pele com Victoria's Secret, COPPIAR, NOVO ESTILO, Super Promoção, Pasta Escovinha Victor Hugo, SOW LIVE, Cê Porto dos Milagres, Olímpica: Camêda suas fotos com quantidade total, CNA, Sack's, Olímpica: Camêda suas fotos com quantidade total, CNA, Sack's.
 - GLOBO SERVIÇOS: PLANETA INTEL, Escote e seu futuro intelectual aqui, Clique aqui, APOIADOR, Seu país é do tipo esportista? Temo por agonias, Clique aqui.

O portal não era necessariamente institucional. Já que houve a separação entre o conteúdo sobre o canal (história, equipe, programação, programas, *e-mails*) em outro *site*, o “GloboNews TV” (redeglobo.globo.com/globonewstv), vinculado ao da “Rede Globo”, ambos no ambiente digital do portal “Globo.com” (ver fig. 18).

Figura 18 – *Site* institucional “GloboNews TV” em ago. 2001



Fonte: Reprodução *Internet Archive* / GloboNews, 2024

As “Organizações Globo” transformaram a marca do canal em uma plataforma de notícias que integrava seus principais produtos e veículos jornalísticos com a promessa de notícia em tempo real, com conteúdo jornalístico multimídia em texto, imagem, áudio e vídeo, reunindo o material dos telejornais da “Globo” (“BDBR”, “JH”, “JN”, “JG”, “SPTV”, “RJTV”, “MGTV”, “NETV” e “DFTV”), dos jornais impressos “O Globo” e “Diário Popular”, da revista semanal “Época”, da editora Globo, da rádio “CBN”, do Sistema Globo de Rádio e do portal de notícias “Globo Online”, vinculado ao impresso.

Em algumas grandes coberturas, como no 11 set. 2001, o *site* chegou a bater recorde de acessos. Com as imagens impactantes sendo transmitidas pela televisão, as pessoas recorriam ao portal de notícia para conseguir mais detalhes e acompanhar as atualizações constantes. “O Globonews.com <www.globonews.com>, entre 8h e 16h, recebeu 264 mil visitantes. Segundo o diretor de tecnologia da Globo.com, Antônio Maia, [...] o dobro de visitas de um dia normal” (O Globo, 2001a, p. 21). O episódio trágico marcou uma nova fase

no consumo de notícias, posicionando o “GloboNews.com” como uma plataforma relevante de informação em situações de crise.

A plataforma *online* não se limitava a reunir o material jornalístico de outros veículos. O conteúdo inédito produzido pelo portal também era reproduzido por esses meios, como no jornal impresso, por exemplo, que frequentemente publicava notícias sobre tecnologia, economia e política produzidas pela equipe exclusiva.

No portal, os usuários também podiam participar de enquetes, comentar as notícias, acessar sala de virtuais de bate-papo e assistir à programação ao vivo pela internet, desde que fossem assinantes do serviço “NET Virtua” no Brasil.

A experiência multimídia da “Globo” com o “GloboNews.com” durou cerca de três anos. No início do segundo semestre de 2004, o portal foi reformulado passando a concentrar apenas o conteúdo institucional e o material jornalístico produzido pelo canal por assinatura e redirecionando os usuários para os outros *sites* do grupo. Com a expansão do jornalismo digital, as “Organizações Globo” investiram na multiplicação e no fortalecimento dos *sites* próprios de cada veículo, como o “Globo Online”, do jornal “O Globo”, que estava no ar desde 2001.

A primeira grande cobertura veiculada pelo novo “GloboNews.com”, após a reformulação, foi sobre o tsunami no Oceano Índico, em dezembro de 2004, que deixou mais de 230 mil mortos (Paternostro, 2006a, p. 354), além de milhões de desabrigados com uma destruição massiva de infraestruturas. A cobertura em tempo real no *site* era atualizada com reportagens do canal por assinatura e das agências internacionais de notícias.

Figura 19 – Novo “GloboNews.com” com a cobertura do tsunami na Ásia/África em dez. 2004



Fonte: Reprodução *Internet Archive* / GloboNews (2024)

As primeiras imagens via agências internacionais começaram a chegar à redação na madrugada de 26 de dezembro de 2004. Os informes mencionavam a gravidade da situação: um terremoto submarino de magnitude 9.3 na escala *Richter*, na costa da Indonésia. O abalo sísmico gerou uma série de ondas gigantes que atingiram violentamente as costas de vários países da Ásia e da África, incluindo Indonésia, Tailândia e Índia.

A tragédia teve repercussão internacional, mobilizando ajuda humanitária em larga escala e levando à criação de sistemas de alerta de tsunamis na região do Oceano Índico para prevenir futuros desastres (Paternostro, 2006a, p. 354).

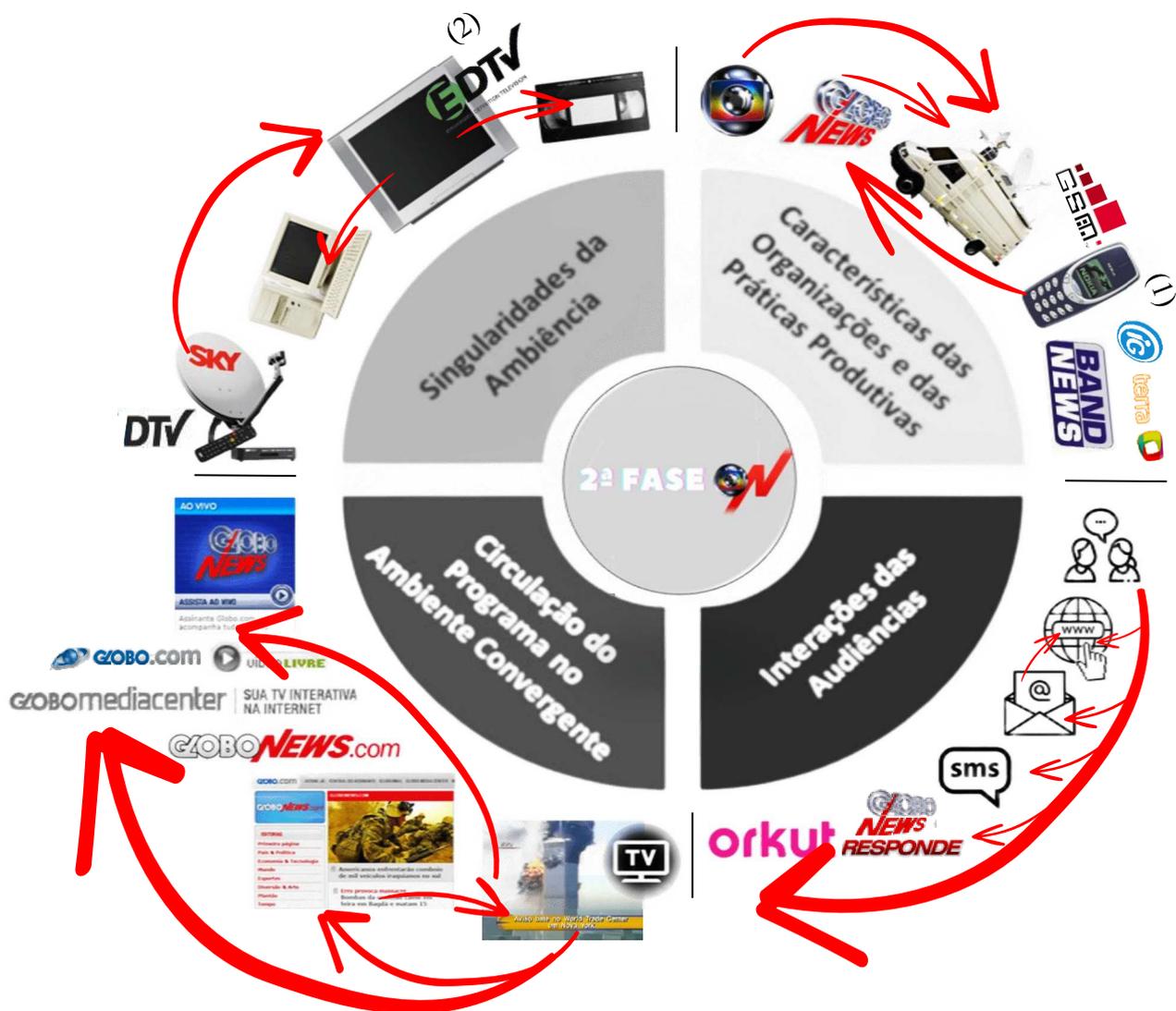
Na redação da “GloboNews”, no Rio, os editores de Internacional conseguiram o contato de uma brasileira, funcionária da ONU, que coordenaria as operações de emergência nos países atingidos no sudeste asiático. “Em entrevista exclusiva à Globo News, por telefone, Joana contou detalhes da missão de apoio às autoridades tailandesas” (Paternostro, 2006a, p. 353).

A entrevista da Comissária da ONU por telefone com informações atualizadas sobre a situação na região e as medidas de ajuda adotadas pela entidade repercutiu entre os

outros veículos das “Organizações Globo”, que passaram a reproduzir o conteúdo gerado pelo canal de notícias. “O site de notícias da Globo.com reproduziu a entrevista de Joana citando a Globo news como fonte. O áudio da entrevista foi aproveitado na matéria do Jornal Nacional realizada pelo repórter Marcos Uchôa” (Paternostro, 2006a, p. 354).

Dando sequência a ATC, o gráfico 5 apresenta, as considerações sobre as grandes coberturas da segunda fase a partir das instâncias.

Gráfico 5 – Identificação das dimensões na segunda fase da grande cobertura (2001 a 2005)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Legenda: (1) Telefone celular com tecnologia GSM; (2) Televisor CRT padrão EDTV

Na primeira instância observamos as “Singularidades da Ambiência”. Nos referimos, portanto, aos fatores contextuais que influenciam a produção e a recepção dos

conteúdos audiovisuais. O que inclui aspectos tecnológicos, econômicos e sociais que moldam a experiência do espectador e a forma como os programas são apresentados.

Como citado anteriormente abordaremos os novos elementos e/ou aqueles que tiveram alteração de uma fase para a outra nas instâncias.

No mercado televisivo brasileiro a novidade no final dos anos 1990 e primeira metade da década de 2000, foi a popularização do televisor com definição aprimorada de imagem ou televisor de definição estendida, o *Enhanced Definition Television* (EDTV), antecessor das primeiras telas de alta definição de PDP (*Plasma Display Panel*). Marcando, portanto, uma transição entre as telas de definição padrão (SDTV) e a alta definição (HDTV), sendo o EDTV uma tecnologia intermediária.

Em síntese, o sistema de EDTV aprimora a qualidade de imagem padrão (SD). Por exemplo, converte as imagens de DVD, de transmissões a cabo e via satélite que são transmitidas na resolução padrão (480i) para uma definição mais alta (480p), preenchendo as linhas faltantes utilizando um sistema sofisticado para a época, fornecendo uma imagem mais nítida do que o SDTV, porém não tão boa quanto o HDTV. Os aparelhos EDTV tinham telas com a proporção tradicional de 4:3 (mais quadrada) em vez da tela ampla em 16:9.

Para os assinantes da “GloboNews”, que possuísem o equipamento, representava um ganho considerável na qualidade de som e de imagem nas coberturas jornalísticas do canal. Como visto anteriormente, a popularização dos computadores domésticos e pessoais no início do século XXI e a melhoria na qualidade da imagem das transmissões/recepção com o EDTV, bem como a expansão da banda larga e acesso à internet no Brasil foram fundamentais para a viabilidade do projeto multimídia implantado na “GloboNews”. “As empresas de telecomunicações investiam na conexão à internet em banda larga, com maior velocidade e potência para ‘transporte’ do conteúdo audiovisual” (Becker, 2022, p. 81).

No entanto, conforme alerta Becker (2022, p. 79), o processo de digitalização da produção audiovisual não deve ser compreendido como algo linear, disruptivo. É necessário levar em conta que trata-se de um processo heterogêneo e gradual. Nessa perspectiva, Sodré (2013, p. 13) também é cauteloso ao afirmar que, em termos de tecnologias da comunicação, a passagem do século XX para o XXI representa uma “mudança tecnológica” significativa, mas não ao ponto de ser interpretada como uma ruptura ou “revolução”.

“[...] não se trata exatamente de descobertas linearmente inovadoras, e sim da maturação tecnológica do avanço científico, que resulta em hibridização e rotinização de processos de trabalho e recursos técnicos já existentes sob outras formas (telefonia, televisão, computação) [...] Hibridizam-se igualmente velhas formações discursivas (texto, som, imagem), dando margem ao aparecimento do que se tem chamado de hipertexto ou hiperímídia (Sodré, 2013, p. 13).

Na “GloboNews” há um incremento do conteúdo ofertado no ambiente digital fortalecendo o fluxo entre canal de TV e internet. Como ressaltado, a programação passa a ser oferecida para o assinante brasileiro na internet através do *streaming* ao vivo no “Globo Media Center” (GMC) integrado também ao portal “GloboNews.com” (ver fig. 19). Os vídeos livres, com reportagens e trechos de programas jornalísticos, passam a fazer parte do catálogo do serviço da emissora, sendo acessíveis de computadores e *laptops* conectados à internet. Essas ofertas vão gradativamente alterando os hábitos e a forma de consumo do telejornalismo do canal. Já que os usuários passam a assistir aos conteúdos jornalísticos audiovisuais sob demanda sem, necessariamente, depender do fluxo da programação ou pagarem pelo conteúdo no caso dos vídeos de acesso liberado a não assinantes.

Na segunda instância, “Características das Organizações e das Práticas Produtivas”, que aborda como as estruturas e os processos das emissoras de televisão e das plataformas de mídia influenciam a criação e a distribuição dos conteúdos audiovisuais, verificamos principalmente uma transição e maior independência do canal de notícias da estrutura da CGJ. Essa maior autonomia se traduz em agilidade e independência nas grandes coberturas.

Outro destaque passa a ser a intensificação no uso do telefone celular nos telejornais e coberturas com entradas ao vivo dos repórteres e correspondentes e de fontes, como no caso da cobertura do tsunami na Ásia, por chamada de voz. Os novos dispositivos móveis do início do século passam a contar com a tecnologia GSM (*Global System for Mobile Communications*), padrão internacional de telefonia, que trouxe uma melhora significativa na qualidade das ligações por voz, utilizando um sistema de transmissão de dados que reduz ruídos e interferências.

Paternostro (2023) enfatiza a importância dessas chamadas por voz nas coberturas jornalísticas da “GloboNews”, especialmente nas primeiras fases do canal, em que contava com pouca estrutura. A partir da nossa perspectiva, em um aparente processo de “remediação” (Canavilhas, 2012, p. 9), a jornalista destaca que, embora o uso do telefone no telejornalismo do canal fosse similar ao rádio, a prioridade era trazer a notícia imediatamente de onde estivesse acontecendo, independente do meio e/ou da disponibilidade de imagens.

Canavilhas (2012, p. 9) define a “remediação” como o “processo de renovação de velhos conteúdos efetuado pelos novos meios”. Significa dizer que, os novos meios de comunicação renovam os conteúdos dos meios anteriores, mantendo uma ligação entre si. A remediação pode ocorrer em diferentes níveis, variando desde uma melhoria sutil do meio antecessor até processos mais profundas, onde o novo meio pode absorver o anterior. Canavilhas (2012) menciona que, segundo Bolter e Grusin (1999), o velho meio está sempre presente, pois o novo meio depende do anterior, estabelecendo uma relação semântica entre os dois.

Ao longo do tempo, esse recurso do telefone nas coberturas transformou-se em uma característica marcante do canal, com foco na imediatidade em detrimento da estética visual.

O telefone deu uma característica universal a GloboNews. Porque mesmo sem ter nada o jornal da manhã fazia uma rodada. Tinha uma menina em Israel, tinha um menino na China, em Pequim, tinha um menino na Alemanha e eles falavam um pouco do que estava acontecendo por telefone. Coisa que não se fazia mesmo, era rádio. Tanto é que, muitas vezes, foi criticado porque a GloboNews fazia rádio e não televisão. Porque não tinha imagem em tese [...] A prioridade, o intuito, não era fazer rádio, era ter notícia. Então, era priorizar a notícia, mesmo que fosse através do telefone. Mas você tinha lá um jornalista, brasileiro, que via o que acontecia em Berlim e transmitia para os outros brasileiros. E isso não existia. Com essa assiduidade. A Globo tinha seus correspondentes, os outros tinham, mas era a imagem, era a matéria. Não era desse tipo [...] acho que uma das características era trazer a notícia pra gente onde ela estivesse (Paternostro, 2023).

A chegada ao mercado de um novo canal *all news* por assinatura, bem como dos emergentes portais de notícia²⁶ (“Terra” e “iG”) também são observadas nessa instância pelo impacto direto e indireto da concorrência na produção jornalística da “GloboNews”.

O “BandNews TV”, aposta *all news* do Grupo Bandeirantes, lançado em 2001, tinha um formato muito próximo ao da “CNN” estadunidense, com “telejornais infinitos”, que se atualizam a cada 20 minutos.

Em vista dessa a concorrência, a “GloboNews” passou a investir mais intensamente em uma programação ao vivo e nas grandes coberturas em tempo real. Na tentativa de diferenciar-se do modelo do “BandNews TV”, que adota o já citado formato de boletins informativos curtos e atualizações constantes.

Nos primeiros anos de operação a “Band” chegou a acusar a “Globo” de atrapalhar seu acordo de parceria com a “CNN” e de boicotar a oferta do canal de notícias paulistano nas operadoras vinculadas as “Organizações Globo” (Castro, 2005, p.7). Cabe

²⁶ Ambos foram lançados no início dos anos 2000 como provedores de internet e portais de notícia e contabilizavam os maiores acessos a *sites* de informação na época.

relembrar que a “Globo” já havia retirado o canal “CBS Telenotícias” da grade da “NET”, em 1997, para evitar um embate por audiência com a “GloboNews” (Lee, 2000).

Na terceira dimensão “Interações das Audiência” buscamos entender o papel das audiências como agentes ativos que moldam a experiência televisiva e contribuem para a construção de significados coletivos. Nessa dimensão as mudanças verificadas ficam em torno do aumento da interatividade do público com o canal através de plataformas próprias (site, e-mail, telefone) e das emergentes redes sociais digitais como o “Orkut”, do Google.

A rede social, lançada em 2004, tornou-se extremamente popular no Brasil, chegando a contabilizar mais de 40 milhões de usuários, cerca de 75% dos usuários com acesso à internet no país (Hamann, 2011). O *site* oferecia recursos como criação de perfis, mural de recados, e comunidades, grupos de discussão em torno de interesses comuns. Era um espaço de interação onde os usuários podiam trocar mensagens, deixar depoimentos e participar de debates sobre variados temas nas comunidades.

Capturamos para o presente estudo registros raros de comunidades no “Orkut” dedicadas ao canal “GloboNews” em que eram debatidos no fórum desde assuntos relacionados a programação até a forma como alguns temas eram abordados nos telejornais. O material preserva tópicos debatidos pelos usuários, bem como os comentários e as interações entre eles. Nesse sentido, a comunidade “GloboNews” no “Orkut” se configura como um dos primeiros espaços de discussão e conversação sobre o canal no ambiente digital que não era gerenciado pela emissora.

Figura 20 – Reprodução da comunidade dedicada a GloboNews no Orkut

The image shows a screenshot of the GloboNews community page on Orkut. The page is divided into a header section and a main content area. The header section includes the community name 'GloboNews', its logo, and basic information: 'idioma: Português (Brasil)', 'criada em: 3 de novembro de 2004', 'categoria: Outros', 'local: Brasil', and 'tipo: moderada'. Below this, there is a description of the community's purpose and a list of forum topics with their respective dates and the number of replies.

GloboNews
 idioma: Português (Brasil) criada em: 3 de novembro de 2004
 categoria: Outros local: Brasil
 tipo: moderada privacidade: público

É uma comunidade para todas aquelas pessoas, jornalistas ou não, as quais consideram que a GloboNews se firmou como uma das melhores em seu gênero de programação. Um espaço para estudantes de jornalismo e profissionais discutirem sua grade: entrevistas, programas, documentários, telejornais. Devido ao crescimento da comunidade, algumas atitudes pertinentes devem ser tomadas para não desvirtuar seu objetivo:
 1° Não serão permitidos tópicos repetidos;
 2° Não será permitido pedido de emprego - a comunidade "Trabalho para jornalistas" se destina a isso;
 3° Atitudes mal educadas, como registrei, serão sempre mal vindas;
 4° Tópicos não relacionados ao fórum e à comunidade serão previamente deletados sem aviso prévio;
 5° Componentes que não se dirigirem à comunidade e ao que ela se propõe serão banidos do fórum;
 6° Respeitemos as regras do fórum;
 Um abraço e aproveitemos a comunidade.

Fórum

Tragédia do Titanic escrita 14 anos antes
 1 resposta · Você sabia que em... 16 de abril de 2012

Pra você, por que a fome persiste no mundo?
 1 resposta · De sua opinião a veja um... 16 de abril de 2012

Jornal das 18 ganha nova apresentadora
 2 respostas · Acabou o J10... 11 de abril de 2012

Qual a pior profissão do Rio de Janeiro?
 1 resposta · Qual a pior profissão do... 6 de abril de 2012

Decepção
 1 resposta · Veja o que a Senadora Ana... 6 de abril de 2012

Patrulha evangélica deixa o Planalto acado
 1 resposta · ABSURDO! ESTAMOS INDO... 8 de março de 2012

IMPORTANTE JESUS
 1 resposta · IMPORTANTE JESUS... 31 de dezembro de 2011

ERROS NA HOMENAGEM
 1 resposta · Atenção redator(es) da... 17 de setembro de 2011

Globo News: só passa reprise.
 5 respostas · Por que qualquer reprise... 1 de agosto de 2011

Qual é o melhor âncora de telejornais
 14 respostas · piloto dura... 28 de maio de 2011

Rodrigo Carvalho
 3 respostas · Pra! Eu não sabia que ele... 5 de maio de 2011

Falha Nicolas
 1 resposta · "A praça do Vaticano... 30 de abril de 2011

Sátira bem-humorada de Globo News
 2 respostas · O vídeo chegou a 4 mil... 25 de janeiro de 2011

Nossa nem uma mensagem de fim de ano!!
 1 resposta · Mais que pobreza, será... 22 de dezembro de 2010

A verdade sobre Hugo Chaves
 4 respostas · Uma coisa que me incomoda... 28 de novembro de 2010

ver todos os tópicos

Fonte: Reprodução *Internet Archive/Orkut* (2024)

No que diz respeito a interatividade gerida pela própria emissora temos a implantação do serviço de participação nos telejornais e programas jornalísticos da “GloboNews” através de SMS, mensagem de texto. Através de um número informado no *site* e na programação era possível participar de enquetes, votações e enviar comentários para a redação. Para Cajazeira (2015), a comunicação via SMS seria um modo de alterar a forma de contato com as emissoras a fim de não sobrecarregar as linhas telefônicas funcionando também como um método de se promover perante o público. “Como uma ferramenta de autopromoção, os telejornais colocam em telas gigantes, nos estúdios de TV, a exibição das mensagens de texto enviadas pelo público” (Cajazeira, 2015, p. 187). Na área “GloboNews Responde” dentro do portal “GloboNews.com” também era possível enviar perguntas ao canal sobre a programação e coberturas. Nesse sentido, como argumenta Becker, é importante observar que

a interatividade da TV tampouco surgiu com a difusão da TV digital, uma vez que o meio sempre procurou manter uma interação com o público, seja pelo estímulo ao envio de cartas aos programas, que correspondem às mensagens encaminhadas à TV por SMS ou pela internet (Becker, 2016, p. 59-60).

Por fim, na última instância, “Circulação no Ambiente Convergente”, investigamos como as narrativas jornalísticas audiovisuais se disseminam e são consumidas em diferentes plataformas e contextos, além da televisão tradicional.

Nessa categoria os destaques são o fortalecimento da interatividade a partir do *site* “GloboNews.com”, que disponibilizava enquetes, *chats*, fóruns de debate sobre os temas relacionados às notícias da semana. Essa interatividade era um dos aspectos da convergência de mídias e de plataformas no espaço digital do canal, sendo um fenômeno comunicacional e prática tecnocultural que ganhara força no início dos anos 2000.

Ao promover o multimídia, conceito abarcado pela convergência midiática, o canal “GloboNews” ampliou o seu alcance e fortaleceu a marca junto ao público e ao mercado, adaptando-se às novas demandas de consumo e circulação de conteúdo audiovisual, bem como à complexificação nas dinâmicas de interação diante do emergente contexto da cultura digital, com público cada vez mais conectado, como vimos com o crescente acesso aos computadores domésticos e pessoais e a banda larga na virada do século XX para XXI, e demanda por participação e integração nos processos produtivos da notícia. Essas inovações criaram um ambiente fértil na promoção da participação direta e efetiva do público, ainda que mediada pelo canal, como veremos na próxima fase.

Finalmente, outro aspecto característico e que se intensificou nas grandes coberturas dessa segunda fase foi a transmissão em fluxo, ao vivo, da programação 24 horas do canal na internet pelo “GMC” aos assinantes brasileiros. Figueredo (2010, p. 26) trata da transitoriedade das narrativas e dos conteúdos que migram no contemporâneo digital.

Textos deslizam para as telas, ameaçando a centralidade do suporte impresso, filmes são finalizados no computador e distribuídos em DVD ou pela internet. Enfim, toda a produção midiática moderna converge para o computador, que, funcionando como um metameio, a armazena e distribui. Traduzidos em dados numéricos, filmes, fotografias, textos e músicas inserem-se numa rede não hierárquica de circulação. Como o sentido de uma obra depende de seus aspectos materiais, formais e de conteúdo, que são indissociáveis, as formas culturais pré-digitais, ao serem liberadas dos suportes físicos tradicionais, como, por exemplo, o papel e a película, passam por transformações que as reconfiguram. O computador é, então, algo mais que um simples atravessador, ou operador de passagens, é o ponto de partida para a constituição de uma cultura eletrônica com características próprias, que redefine as relações entre os diversos campos da produção cultural. (Figueredo, 2010a, p. 26)

Ao abordar esse movimento de “deslizamento dos conteúdos” (Figueiredo, 2010, p. 26), Becker (2016) afirma que a televisão promove uma alteração na lógica representacional das narrativas, assim como em seu *ethos* midiático, que se expande e passa a operar de modo dualístico.

Assim, desloca um conteúdo de sua lógica da representação em meio singular para a lógica intertextual da representação em rede. Nesse sentido, a TV se mantém e se

expande no ambiente midiático virtual e atua de maneira convergente e divergente ao mesmo tempo, convidando ao trânsito, mas também congregando conteúdos e estabilizando-os sob uma grade de programação, atuando como mídia massiva e como meio digital (Becker, 2016, p. 59).

Desse modo, a oferta da “GloboNews” no “Globo Media Center”, serviço de distribuição de conteúdo *online* da “Globo”, lançado em 2003, não só flexibiliza o acesso do conteúdo jornalístico do canal, mas também, em conjunto com o “GloboNews.com”, marcam efetivamente o início da operação da emissora no ambiente digital, alterando também sua lógica de produção jornalística nas grandes coberturas como veremos nas próximas fases.

4. 1. 5 Terceira fase – De cara nova: modernização televisual e na linguagem com novos formatos no ar (2006 – 2012)

Essa é a fase que agrupa o maior número de coberturas no levantamento feito pela presente pesquisa: 11 no total. Os acontecimentos variam desde acidentes aéreos, crimes, mortes a desastres naturais. A primeira grande cobertura da terceira fase foi a crise no setor aéreo brasileiro, conhecida como apagão aéreo, desencadeada em setembro de 2006. Ainda no âmbito do setor aéreo, em 17 de julho de 2007, um acidente com um avião da TAM no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, deixou 199 mortos, sendo a segunda cobertura destacada.

Na sequência, em março de 2008, a morte de Isabella Nardoni, caso amplamente noticiado pela imprensa em geral, devido, também, à grande comoção popular. Isabella, de cinco anos, foi jogada do sexto andar de um prédio na Zona Norte de São Paulo. Dois anos depois, em 2010, o pai, Alexandre Nardoni, e a madrasta, Anna Carolina Jatobá, foram condenados à pena máxima por homicídio triplamente qualificado. As investigações apontaram que Isabella foi agredida e asfixiada antes de ser jogada pela janela (Memória Globo, 2021d).

O caso teve repercussão nacional gerando debates sobre violência doméstica e proteção infantil. A cobertura espetacularizada da morte da criança impulsionou a audiência de telejornais e policiaescos em abril de 2008. Programas como o “Brasil Urgente” (da “Band”) tiveram crescimento de até 46%, enquanto o “Balanço Geral” (da Record) registrou aumento de 25% nos índices. A “Record” chegou a utilizar recursos gráficos como a recriação de cenários e dramatizações em seus programas. O destaque e tratamento dado ao caso também contribuiu para a liderança da emissora nas manhãs (Folha de S. Paulo, 2008).

Na “Globo”, o “Jornal Nacional” dedicou 37% do tempo de uma de suas edições ao caso, com uma cobertura envolvendo 18 repórteres, 8 produtores e 20 cinegrafistas, com equipes em plantão constante em vários locais (Folha de S. Paulo, 2008).

No mesmo ano uma grande cobertura internacional acompanhou a caminhada de Barack Obama à presidência dos EUA, sendo o primeiro afro-americano a ocupar o cargo.

Em 2009, a grande cobertura internacional da morte do cantor Michael Jackson permaneceu durante horas ao vivo na programação da “GloboNews”, que acompanhou os desdobramentos e a repercussão da despedida do “Rei do Pop”.

Em 2010, nas primeiras horas do ano, deslizamentos de encostas causados por fortes chuvas deixaram 50 mortos em Angra dos Reis e Ilha Grande, no litoral sul do Rio de Janeiro. Durante dias a “GloboNews” na região o canal cobriu as consequências da tragédia.

ANO	GRANDE COBERTURA
2006	Apagão aéreo no Brasil
2007	Acidente com o avião da TAM no aeroporto de Congonhas (SP)
2008	Caso Isabella Nardoni
2008	Eleição de Barack Obama como presidente dos EUA
2009	Morte de Michael Jackson
2010	Deslizamentos em Angra dos Reis (RJ)
2010	Ocupação da Vila Cruzeiro e Complexo do Alemão pelas forças de segurança
2010	Resgate dos mineiros no Chile
2011	Guerra ao Terror – Ato III – Captura e morte de Osama Bin Laden
2012	Julgamento do Mensalão pelo STF
2012	Rio+20

Quadro 5 – Grandes coberturas da terceira fase (de 2006 a 2012)

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

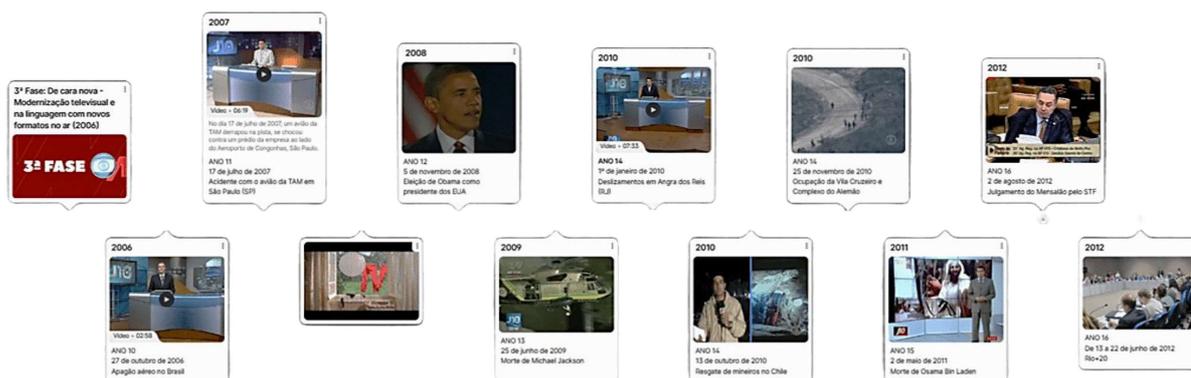
No final de 2010, uma operação de guerra no Rio de Janeiro marcou a ocupação da Vila Cruzeiro e do complexo de Favelas do Alemão pelas forças de segurança do estado. A “Globo” e a “GloboNews” permaneceram durante horas ao vivo com repórteres no local e com imagens aéreas. Ainda em 2010, o público do canal acompanhou durante dois meses a saga dos mineiros soterrados em uma mina de cobre no deserto do Atacama, no Chile. A operação de retirada dos 33 mineiros foi exibida por quase 31 horas ininterruptas na “GloboNews”, que acompanhou como em um “*reality show*” o trabalho dos resgatistas (Padiglione, 2010).

A história dos 33 mineiros do Atacama foi o maior espetáculo midiático desde os atentados de 11 de setembro de 2001. Transmissão ao vivo, *full time*, para nada menos que 28 países. A estimativa de audiência é assustadora: cerca de um bilhão de pessoas acompanharam o resgate. Os números superaram, por exemplo, os da Copa do Mundo da África do Sul, três meses antes, quando 800 milhões de pessoas viram a competição pela TV. Só nos Estados Unidos, 10,6 milhões de telespectadores

assistiram aos canais CNN, MSNBC e Fox News durante 22 horas de resgate. Outros 5 milhões acompanharam a transmissão pelo canal aberto ABC. A cobertura ao vivo da rede BBC, ininterrupta tal qual a Globo News, rendeu a terceira maior audiência da história do canal, com 6,8 milhões de telespectadores (Carvalho, 2011, p. 97-98)

Em 2011, como ato final da “Guerra ao Terror”, iniciada em outubro de 2001 pelo governo dos EUA, a grande cobertura internacional da captura e morte de Osama Bin Laden, líder do grupo terrorista Al-Qaeda, que reivindicou em abril de 2002 a autoria dos atentados terroristas nos EUA. O último ano da terceira fase é marcado pela cobertura do início do desfecho do caso do mensalão²⁷ (2005) com o julgamento dos 38 réus pelo STF e pelo trabalho jornalístico da “GloboNews” com relação à Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20.

Figura 21 – Linha do tempo com as coberturas da terceira fase da grande cobertura (2006 a 2012)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Como mencionado anteriormente, iremos direcionar nossa análise para os aspectos que ainda não foram abordados em fases anteriores e/ou para aqueles que apresentam variações significativas dentro das instâncias.

Já inseridas no ambiente digital, as coberturas desta terceira fase têm em comum a modernização/atualização na estética televisual, nos modos de produção e na linguagem telejornalística do canal.

²⁷ Segundo denúncia do ex-deputado federal Roberto Jefferson (PTB-RJ), revelada em entrevista à Folha de S. Paulo, o Partido dos Trabalhadores (PT), do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pagava uma espécie de “mesada” a deputados para garantir votos favoráveis a projetos de interesse do governo na Câmara (Lo Prete, 2005)

A primeira grande mudança na identidade visual do canal ocorreu dois anos após a estreia, em 1998, quando o ambiente da redação ganhou destaque ao fundo do principal cenário dos telejornais. Segundo Paternostro (2006a, p. 141), como já havia adquirido personalidade era possível naquele momento um distanciamento maior da marca “Globo”. Além das mudanças estéticas, ainda em 1998, novos programas jornalísticos de entrevistas e grande reportagem com foco em cultura, economia e internacional foram introduzidos na grade de programação.

É necessário resgatar as mudanças de 1998, pois somente em 2006, cerca de seis anos depois, e em 2010, houve outras reformulações profundas no canal de notícias. “A programação visual da Globo News ainda passaria, nos anos seguintes, por outras reformulações, mas nunca tão grande como em 1998... Salvo, nos dez anos, em outubro de 2006” (Paternostro, 2006a, p. 141).

Em 2006, uma nova logomarca foi lançada. Mais simples e com transparência e cores suaves, dando destaque ao “N” de *news* em vermelho, foi redesenhada para ser utilizada também no ambiente digital. Além disso, as bancadas e cenários foram reformados, bem como a linguagem visual em adequação à nova marca. O canal ainda estreou novos programas e formatos telejornalísticos com foco na sustentabilidade e no meio ambiente (“Cidades e Soluções”), no empreendedorismo e negócios (“Mundo S.A), na música e cultura popular (“Sarau”), em saúde (“Atividade”) e notícias, entretenimento e interatividade (“Estúdio i”).

Essas estreias possibilitaram uma maior experimentação e flexibilização na linguagem jornalística do canal, que passou a misturar em muitos desses formatos jornalismo e entretenimento, trazendo a informalidade e a espontaneidade como uma característica fundamental na linguagem do canal que se consolidaria ao longo dessa fase. Como os apresentadores dos programas *softnews* da grade eram os mesmos dos telejornais, a mudança no padrão de apresentação dos noticiários aconteceu de forma gradual e orgânica com a “importação” do estilo *softnews* para o *hardnews*, tendo como contexto a convergência midiática, com mais assinantes assistindo ao conteúdo pela internet, e a ampliação do perfil do público do canal com a “nova classe média” em foco, como veremos a seguir.

Ainda dentro da terceira fase da grande cobertura, quatro anos depois, em outubro de 2010, a “GloboNews” promoveu novas mudanças. No entanto, como afirma Padiglione (2010), não tratou-se apenas de uma reforma no espaço físico dos estúdios e da redação ou televisual, mas de um reposicionamento editorial e da linguagem telejornalística do canal.

Primeiro canal de notícias brasileiro, a GloboNews passou os últimos dois anos revendo o conceito que motivou sua estreia, 14 anos atrás, e promoveu uma grande reforma [...] os cenários foram devidamente reformados, sim, mas o olhar nunca

esteve tão voltado para a rua [...] a direção do canal quer mais é valorizar imagens da rua (Padiglione, 2010, p. 13)

Essas mudanças coincidem com o período de expansão da classe C brasileira, chamada de “nova classe média” nos estudos sobre emprego e renda no país²⁸. Esse crescimento fomentou também o acesso do grupo econômico à TV por assinatura. Em 2010, cerca de 25% do público da “GloboNews” estava nessa faixa de renda (Padiglione, 2010).

Ao dizer para uma seleta plateia de jornalistas de vários veículos, na sede da Globo em São Paulo, que “o objetivo de todos nós é falar de uma forma mais clara e tentar se fazer entender melhor”, Schroder não fala apenas pela Globo. É meta perseguida, ou que deveria ser, por qualquer profissional da notícia, embora nem sempre o que mais interessa a um jornalista seja de fato o que mais interessa ao leitor, telespectador ou internauta (Padiglione, 2010, p. 13).

Para Porcello e Sartori (2013, p. 6), o telejornalismo brasileiro passou por mudanças significativas, ao final da primeira década dos anos 2000, com o avanço da nova classe média, grupo que se expandiu com o aumento do poder de consumo e que se tornou uma parcela expressiva da audiência dos telejornais na TV aberta e na TV por assinatura. Nesse sentido, para alcançar e engajar esse novo público, as emissoras de TV adaptaram suas abordagens em vários aspectos.

Ao analisar os principais telejornais da TV aberta, os autores defendem que o estilo de linguagem adotado nas reportagens passou a ser mais simples e direto, permitindo que o conteúdo fosse compreendido facilmente, aproximando o discurso jornalístico da linguagem cotidiana e das experiências vividas pela nova classe média. A estética dos noticiários também sofreu alterações, integrando elementos que tornam o noticiário mais envolvente e sonoro (vinhetas, sonorização nas reportagens), com o intuito de atrair e reter a atenção desse público.

Além disso, como afirmam Porcello e Sartori (2013, p. 7), a escolha dos temas noticiados refletiu a necessidade de abordar questões que estão relacionadas aos interesses e à realidade da classe C. Assuntos com pouco destaque anteriormente, como os direitos dos trabalhadores domésticos e outras questões relacionadas ao cotidiano dessa audiência, ganharam espaço nas pautas.

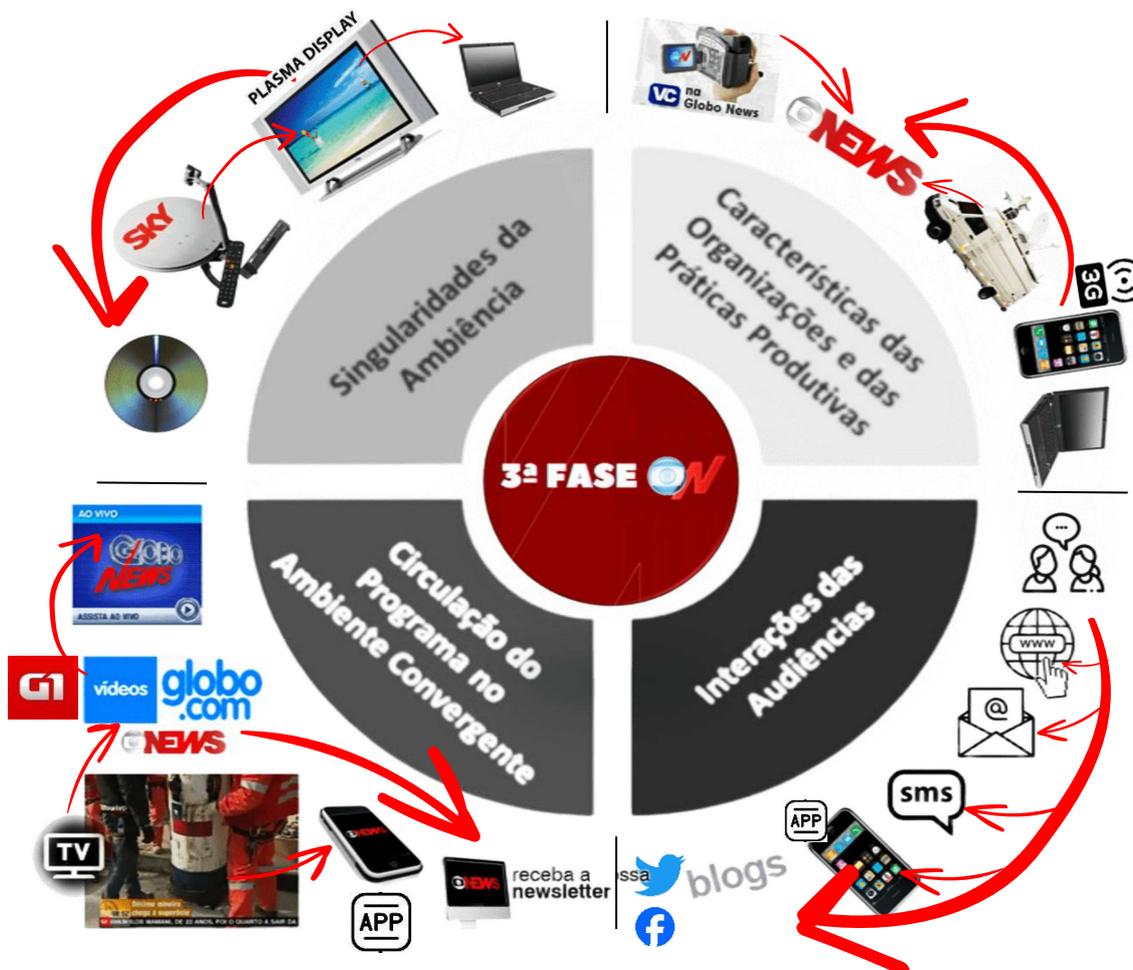
²⁸ De acordo com o estudo “A Nova Classe Média” do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS/FGV), de setembro de 2010, a classe C no Brasil incluía famílias com uma renda mensal domiciliar total entre R\$ 1.126 e R\$ 4.854 (Neri, 2010, p. 30).

A partir dessa reformulação narrativa, o telejornalismo, portanto, reverbera parte das transformações na sociedade. No entanto, Porcello e Sartori também aventam a possibilidade desse recorte televisual sobre a sociedade reforçar estigmas, ao passo que também acirraria as lutas de classe e as relações assimétricas de poder.

A partir do exposto observamos que a terceira fase representa uma mudança significativa no estilo e linguagem do canal. Em vista disso, propomos o título: “De cara nova: modernização televisual e na linguagem com novos formatos no ar” com a finalidade de refletir como tais mudanças impactaram a grande cobertura.

Seguindo com a aplicação da ATC, no gráfico 6 reunimos as principais considerações sobre as grandes coberturas da terceira fase a partir das dimensões propostas por Becker (2019, 2020).

Gráfico 6 – Identificação das dimensões na terceira fase da grande cobertura (2006 a 2012)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A partir das “Singularidades da Ambiência” detectamos uma mudança relevante no padrão dos televisores nesse período com a implantação do sinal digital terrestre pelas emissoras de TV aberta no Brasil, iniciada em 2007. Na segunda metade da década as telas de plasma (PDP), substitutas das EDTVs, e de LCD se popularizaram no mercado com a queda nos preços e a expansão do acesso ao crédito e aos financiamentos para a população. Ainda que o sinal da “GloboNews” não fosse transmitido em alta definição (HD), o que só ocorreu em 2013, os televisores de plasma e de LCD representavam um ganho considerável na qualidade da imagem do canal quando assistido pelo sistema de transmissão digital das prestadoras.

Em termos de avanço no consumo e na circulação do conteúdo das coberturas, outro destaque foi o lançamento da primeira versão²⁹ do aplicativo da “GloboNews”, em outubro de 2011, disponibilizado para usuários de *smartphones* com o sistema *Android* ou *iOS*. Um dos principais recursos era o acesso sob demanda a parte do conteúdo jornalístico audiovisual (reportagens, trechos de entrevistas, boletim informativo) e às notícias do dia atualizadas, em texto.

No entanto, como afirma Finger (2014, p. 224), a partir de pesquisa realizada entre 2012 sobre a usabilidade da plataforma da “GloboNews”, o aplicativo apresentava uma série de obstáculos para a fruição do conteúdo. As observações, denominadas “ruídos de comunicação”, dão conta, por exemplo, de reportagens muito longas e de conteúdo gráfico em proporção reduzida sendo ambos inadequados para um consumo em dispositivos móveis com telas pequenas.

Contudo, Finger (2014, p. 225) conclui que o *app* mostrou-se adequado para a atualização do usuário que deseja se informar sobre as principais notícias do dia estando fora de casa. Essa mobilidade do usuário, com o acesso ao conteúdo do canal em trânsito altera, portanto, a forma de consumo telejornalístico remodelando os espaços de exibição com a (re)distribuição do acesso entre o televisor, o computador (“GMC”, “Globo Vídeos”) e, agora, o *smartphone*.

Em julho de 2013, a plataforma foi reformulada e relançada oferecendo também acesso à programação ao vivo do canal. Partindo do contexto de um telejornalismo e de uma televisão em transição, Becker destaca, portanto, que

²⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/video/globo-news-lanca-aplicativo-para-celulares-e-tablets-android-1682193.ghtml>. Acesso em: 31 jul. 2024.

o consumo da televisão transcende à experiência doméstica de assistência aos programas em um televisor instalada em espaço destacado nas casas da maioria das pessoas [...] a televisão tem sido transmitida pela *web* com uma crescente qualidade de definição de som e imagem. [...] mudanças expressivas ao modelo tradicional de telejornalismo, porque o conteúdo audiovisual já não está mais condicionado à tela do aparelho de televisão e pode ser acessado por meio de várias plataformas e dispositivos (Becker, 2016, p. 50-51).

Nessa fase a “GloboNews” passa a disponibilizar programas especiais e grandes reportagens em DVD. Em 2008, por exemplo, foi lançado uma mídia com uma série especial de Sandra Moreyra e Mônica Sanches sobre o bicentenário da transmigração da família real portuguesa ao Brasil, intitulada “1808 – A Corte no Brasil”. Com aproximadamente quatro horas de duração, divididas em 12 episódios, a grande reportagem, exibida originalmente na “GloboNews”, reconta desde os fatos que antecederam a viagem ao período de instalação da nobreza europeia no Brasil.

Em “Características das Organizações e das Práticas Produtivas” a novidade nessa terceira fase da grande cobertura é a implantação da plataforma de conteúdo colaborativo do canal, “Você na GloboNews”, onde através de uma área no portal era possível o envio para a redação de vídeos e/ou fotos com flagrantes registrados pelos telespectadores.

Desse modo, o uso dos dispositivos móveis de captação (telefones, câmeras digitais, filmadoras) contribuiu para a ressignificação das narrativas audiovisuais com o deslocamento do receptor para a produção construindo novas formas de vínculo da audiência com os produtos (tele)jornalísticos do canal, seguindo o que acontecia com o telejornalismo de uma forma geral, também na TV aberta.

As rotinas produtivas foram impactadas, ao passo que o monitoramento da plataforma de conteúdo colaborativo pelos jornalistas foi incorporado ao processo de produção das notícias e das grandes coberturas, como, por exemplo, na cobertura da ocupação do Complexo do Alemão, em 2010, que contou com farto material produzido e compartilhado por moradores da região com a emissora. No entanto, como adverte Becker (2022, p. 82), essa participação não configura-se, necessariamente, em uma simetria nas relações estabelecidas entre produção e recepção.

A produção colaborativa em vídeo, proporcionada pela convergência, ainda serve mais como ilustração de matérias produzidas pelos jornalistas do que como conteúdos e formatos que agregam outros ângulos e pontos de vista na transformação dos fatos sociais em notícia (Becker, 2016, p. 65).

Ainda no âmbito da tecnologia, a implantação das redes de telefonia móvel da geração 3G, em 2007, foi fundamental para viabilizar o jornalismo colaborativo relevante e ágil no canal. Visto que, o usuário poderia enviar o conteúdo captado fora de casa, na rua,

quase que instantaneamente após o registro através da internet móvel de alta velocidade. A tecnologia 3G trouxe uma grande melhoria na qualidade e estabilidade da internet móvel em comparação com as gerações anteriores, como o 2G, permitindo a transmissão de dados de forma muito mais rápida e eficiente.

O novo padrão de tecnologia de conexão móvel possibilitou ainda que a transmissão de áudio e vídeo em chamadas ocorresse de maneira mais fluida e com menor taxa de interrupções. Como veremos nas próximas fases, o 3G e os *smartphones*, portanto, viabilizam a participação ao vivo, fácil e ágil, dos repórteres e a transmissão de imagens em tempo real em grandes coberturas, como, por exemplo, nas manifestações de junho de 2013.

Em “Interação das Audiências”, além das características detectadas anteriormente, observamos a disseminação dos aplicativos de comunicação e de redes sociais digitais. Nessa fase, o canal criou perfil no “X” (em maio de 2010) e no “Facebook” (em março de 2011). Inicialmente, as páginas foram utilizadas de forma moderada apenas para a divulgação do conteúdo jornalístico com *posts* que redirecionavam o usuário para o site da “GloboNews”, retirando-o da plataforma. Nas próximas fases, observaremos o evidente aprimoramento desse uso com a integração do conteúdo com a publicação de “cortes” dos telejornais e das coberturas, além de reportagens, configurando o que Mello e Coutinho (2016, p. 6) propõem como “telejornalismo expandido” nas redes sociais digitais.

Ainda no contexto do processo de midiatização do telejornalismo (Piccinin, Soster, 2012; Soster, 2013, 2014, 2015) da “GloboNews”, destacamos a criação dos *blogs* dos programas e telejornais do canal dentro do portal globonews.globo.com. Com a chamada “O que não cabe na tela da TV você vê na tela do seu computador”, os *blogs* apresentavam dicas, bastidores e conteúdo extra que estava relacionado com os temas exibidos nos programas e telejornais (ver fig. 22).

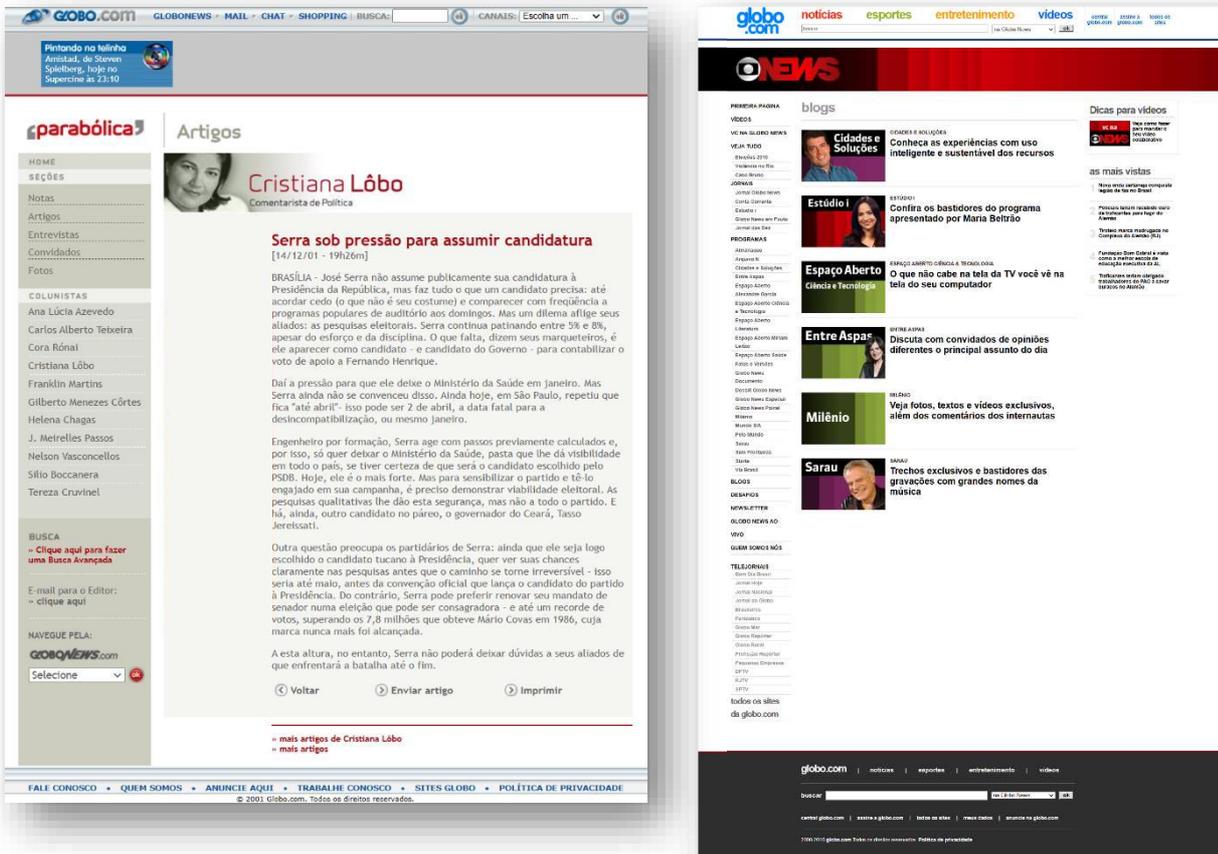
Uma primeira experiência desse tipo de interação no ambiente digital já havia sido implementada em 2001 com as colunas jornalísticas de comentaristas e de repórteres da TV no “GloboNews.com”, na seção intitulada “Parabólica”. A novidade nessa fase é que, agora, o *ethos* midiatizado (Piccinin, Soster, 2012, p. 130; Soster, 2013, 2014, 2015) dos telejornais e dos programas jornalísticos é expandido passando a compor a ambiência digital também a partir desse formato. Borges (2011, p. 77) afirma que, os *blogs* se diferenciam dos meios de comunicação tradicionais na disseminação de informações de maneira significativa, refletindo as mudanças trazidas pela digitalização e pela internet, como a possibilidade de interatividade e o *feedback* a partir dos comentários nas páginas, por exemplo. Os usuários têm a

oportunidade de interagir diretamente com os autores, comentando, questionando e até mesmo contribuindo com novas informações estabelecendo um ambiente de coautoria e diálogo.

A agilidade na publicação permite que as páginas veiculem notícias de forma mais imediata, respondendo rapidamente a acontecimentos e, em alguns casos, atravessando a cobertura da mídia tradicional. Por fim, em nossa perspectiva, a experiência com os *blogs* no *site* da “GloboNews” dá início a um movimento que, futuramente, seguirá para os perfis nas redes sociais digitais, e se consolidará como uma característica do canal: a proximidade e a “intimidade mediada” (Fechine, 2006, p. 12; Thomé, Miranda, 2016, p. 7; Miranda, 2019, p. 48) através de um conteúdo mais personalista dos telejornais e dos profissionais na rede.

Nesses espaços os jornalistas podem abordar temas de maneira mais específica e personalizada, refletindo suas opiniões e interesses individuais de modo mais flexível. Contrapondo-se a abordagem mais sóbria exigida no canal de notícias, a fim de atender a um público mais amplo e diversificado. Essa personalização permite que espaços como os *blogs* e os perfis nas redes sociais digitais se conectem de maneira mais íntima com parte da audiência, criando comunidades em torno de interesses comuns.

Figura 22 – Colunas e *blogs* no site da GloboNews em 2001 e 2010



Fonte: Reprodução *Internet Archive* / GloboNews (2024)

Na última instância, “Circulação no Ambiente Convergente”, temos o empacotamento e curadoria do conteúdo jornalístico do canal em um *newsletter* para os usuários que se cadastrassem no *site*, em mais uma forma de comunicação direta da “GloboNews” com a audiência. Fortalecendo a marca, o engajamento e a interação com o público ofertando um resumo de notícias gratuito com a seleção dos destaques pelo canal.

Nessa fase as coberturas e demais conteúdos jornalísticos do canal passam a ser disponibilizados pela plataforma “Globo Vídeos” da “Globo.com”, em substituição ao “Globo Media Center”. A navegação pelo conteúdo do canal ficou mais organizada e fluida sendo disponibilizada em *playlist* e com o recurso de busca era possível consumir vídeos antigos, até determinado período, navegando pela memória jornalística audiovisual produzida pelo canal e arquivada.

Em 2009, o portal “Globo.com” passa a hospedar o site da “GloboNews” e em 2011 o conteúdo passa a ser integrado e disponibilizado junto ao portal de notícias “g1”, marcando uma nova etapa com vinculação ao jornalismo digital da “Globo”.

4. 1. 6 Quarta fase – A notícia em HD, nas redes sociais digitais e no streaming: grandes coberturas sobre política e mobilização social e a “serialização” ao narrar (2013 – 2014)

A penúltima fase proposta é a mais breve dentre as cinco. No entanto, apresenta elementos e marcadores importantes para a grande cobertura da “GloboNews”, que a diferenciam das demais, tais como: a apropriação da “estética Ninja” na grande cobertura das mobilizações sociais na rua, apostando em uma comunicação horizontal, mais direta e próxima aos manifestantes e aos eventos (Thomé, 2013), e a “serialização” na cobertura política. No total destacamos três grandes coberturas nesse período a partir da leitura flutuante.

ANO	GRANDE COBERTURA
2013	Manifestações de junho no Brasil
2013	Visita do Papa Francisco e Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro
2014	Operação Lava-jato

Quadro 6 – Grandes coberturas da quarta fase (de 2013 a 2014)
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A primeira grande cobertura destacada é sobre as manifestações populares de junho de 2013 em várias cidades brasileiras. Os protestos tiveram início, em 6 de junho, em

São Paulo (SP), quando estudantes do Movimento Passe Livre tomaram as ruas para questionar o aumento de R\$ 0,20 na tarifa de ônibus.

Em resposta, a Polícia Militar agiu com repressão e força para dispersar os manifestantes. No decorrer do mês, protestos sucessivos, cada vez maiores e com uma participação mais diversa foram organizados. Em poucas semanas, a onda de mobilizações se expandiu para cidades de todo o país e as demandas se multiplicaram, refletindo um amplo conjunto de insatisfações. O levante popular ficou conhecido como “Jornadas de Junho de 2013”.

O acontecimento foi amplamente coberto pela “GloboNews” e pela imprensa em geral. No entanto, o formato de cobertura do canal foi reformulado ao longo dos protestos muito influenciado pela resistência que os profissionais que eram reconhecidos como sendo da “Globo” encontravam nas ruas por parte dos manifestantes e, também, pela pressão e concorrência da cobertura de coletivos de práticas alternativas de comunicação na internet, sendo o “Narrativas Independentes Jornalismo e Ação”, popularmente conhecido como “Mídia Ninja”, o que se notabilizou nesse período.

Os ninjas protagonizaram, com seus *smartphones* e câmeras uma novidade na cobertura dos protestos perante a mídia tradicional e destacaram-se pelo investimento na descentralização informativa, viabilizando uma cobertura baseada na contribuição de áudios e vídeos registrados por pessoas com mídias móveis. (Becker, 2016. p. 92).

Segundo Becker e Machado (2014, p. 55-56), a estética audiovisual do “Mídia Ninja” apresenta uma abordagem que se distancia das práticas tradicionais do telejornalismo, incorporando em suas narrativas elementos criativos e inovadores, como a produção a partir de dispositivos móveis, transmissão em tempo real da movimentação e captação de imagens na rua junto aos manifestantes.

Essa estética, portanto, se caracterizaria também por uma produção colaborativa, em rede, com narrativas que buscariam refletir a diversidade de vozes e de perspectivas presentes nas manifestações sociais, o que promoveria engajamento e mobilização na audiência. Embora seja o anseio expresso pelo grupo, não significa que na prática isso se configure plenamente, como nos adverte Becker (2022, p. 98), ao afirmar que a inserção de conteúdos audiovisuais, amadores e colaborativos, em múltiplas telas, bem como a ampliação de relatos testemunhais “não têm garantido a pluralidade e a descentralização da produção informativa audiovisual”.

A narrativa “Ninja” é marcada por uma linguagem visual que se adapta ao ambiente digital, utilizando as mídias/redes sociais digitais para a transmissão em fluxo e

publicações com formatos acessíveis e compartilháveis. O modo de produção e de circulação, portanto, permite que as narrativas sejam mais dinâmicas e interativas, rompendo com a linearidade típica da televisão.

As autoras (2014, p. 43) destacam que essa estética não apenas representa os eventos, mas também busca ressignificá-los, oferecendo uma nova forma de ver e compreender a realidade social, o que contribui para a ampliação da agenda pública e da participação cidadã.

A cobertura da “GloboNews” apresentou uma série de limitações. Embora, o canal tenha ressaltado as diferentes pautas dos manifestantes e transmitido os eventos em tempo real, incluindo a hostilidade/ataques de alguns participantes em relação à própria “Globo”, a cobertura foi criticada, principalmente nas redes sociais digitais, por sua falta de profundidade e contextualização.

Em vários momentos, a “GloboNews” utilizou na grande cobertura uma abordagem que se distanciava dos eventos, optando por reportagens e entradas ao vivo que muitas vezes eram feitas a partir do helicóptero ou de locais elevados (prédios, terraços), o que resultava em informações descritivas, previsíveis e limitadas sobre o que estava ocorrendo na rua. Contrastando com a produção engajada do “Mídia Ninja”, junto aos manifestantes e que apresentava informações mais diretas e relevantes sobre os protestos.

Na fig. 23 é possível observar o contraponto das imagens da cobertura no “J10”, da “GloboNews”, em 13 jun. 2013, captadas do “Globocop”, que sobrevoava o Centro de São Paulo, e do “Mídia Ninja”, em transmissão ao vivo, realizada pelo YouTube, em 18 jun. 2013, direto da Avenida Paulista com policiais e manifestantes frente a frente próximo a uma barricada em chamas.

Figura 23 – Ângulos diferentes na cobertura GloboNews e Mídia Ninja



Fonte: Reprodução GloboNews e Mídia Ninja / YouTube (2024)

Disponível em: https://youtu.be/T055YubIYjs?si=lQRs9WEp_abp65n-. Acesso em: 31 jul. 2024.

Enquanto a “GloboNews” tentava manter sua linha editorial, a mídia independente se mostrava mais eficaz em relatar os acontecimentos de forma mais próxima e autêntica, refletindo as demandas dos manifestantes e o desenrolar dos protestos com as ações de enfrentamento e vandalismo por parte de grupos isolados.

Esse formato de cobertura no canal só mudou dias depois do início dos protestos com a introdução de profissionais desconhecidos e equipamentos menores e descaracterizados nas ruas promovendo uma cobertura horizontal e discreta junto aos manifestantes.

O telespectador – acostumado a ver as imagens aéreas feitas por helicópteros da emissora – pôde assistir na GloboNews, por exemplo, a uma matéria sobre confronto entre policiais e manifestantes na Lapa, Rio de Janeiro, feita do chão. O vídeo mostra imagens tremidas, em uma estética diferente do padrão global, sem identificação ou passagem da repórter. Na chamada para a participação ao vivo, o âncora refere-se a “nossa reportagem...”. A partir daí, a repórter narra o que está vendo, sem aparecer, e após alguns segundos começa a tossir, em função do lançamento de bombas de gás lacrimogênio. A repórter não tinha rosto nem nome na tela da Globo (Thomé, 2013, p. 145).

A virada na cobertura possibilitou um trabalho mais robusto com o registro de flagrantes como a violência policial e o vandalismo contra equipamentos públicos e propriedade privada, além de entrevistas com as pessoas que protestavam.

Com o grande fluxo de informação a cobertura começou a ser mais contextualizada e identificada, oferecendo ao público resumos diários dos principais acontecimentos por todo o país. Percebemos uma estrutura parecida na organização do

conteúdo jornalístico também no ano seguinte com o início da cobertura da “Operação Lava-jato”.

Nesse sentido, a partir do exposto, propusemos a noção de serialização telejornalística da grande cobertura como parte do título da quarta fase acompanhado dos trabalhos jornalísticos que foram destaque no período: “as grandes coberturas sobre política e mobilização social”. Todas transmitidas em alta definição de som e imagem com a implantação do sinal HD e a digitalização da produção na “GloboNews”, em 3 de fevereiro de 2013.

A serialização na grande cobertura organiza o conteúdo jornalístico em uma sequência como partes, episódios ou capítulos, mantendo sempre uma conexão temática ou narrativa entre as divisões. A estratégia é consagrada em produções televisivas de ficção (como séries, telenovelas) e radiofônicas (*podcasts*, radionovelas), nos serviços de *streaming* (com séries documentais, ficcionais) e no universo das HQs. Em nossa perspectiva, a partir da ATC e da AT aplicada ao *corpus* selecionado, também está presente, guardando elementos singulares, em algumas grandes coberturas (tele)jornalísticas da “GloboNews”.

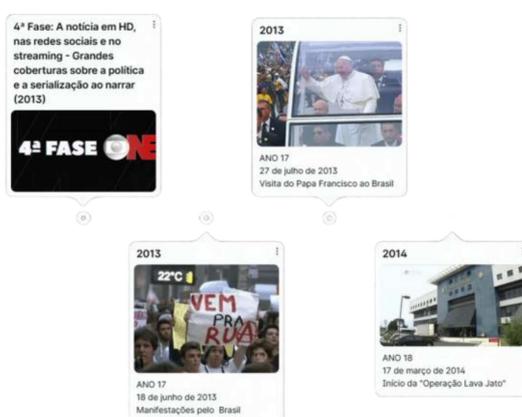
Apresentando como características: a) a divisão na estrutura em episódios, partes interligadas, de modo que a narrativa ou o assunto principal se desenvolve criando uma continuidade e deixando ganchos jornalísticos que engajam o público a retornar ou a continuar acompanhando as transmissões, sendo comum que cada parte termine com algum elemento de suspense ou tensão (perguntas retóricas, questionamentos em aberto, prospecção de novas histórias/coberturas); b) tempo suficiente no canal por assinatura, *all news*, que permite um desenvolvimento constante da “trama” jornalística com o aprofundamento nos personagens e dramas humanos, por meio de testemunhos e depoimentos, nos temas, com especialistas e pesquisadores, e na linha narrativa com editores, repórteres e apresentadores; c) a discussão pública nas redes sociais digitais do que é exibido em tempo real na cobertura que permite a adaptação e/ou reposicionamento editorial com base nas respostas e *feedback* do público. Esse ajuste contínuo pode resultar em uma experiência mais próxima e conectada com a audiência, aprimorando o conteúdo jornalístico ao longo de sua exibição.

Um exemplo contundente ocorreu em 2 de junho de 2020, durante a cobertura do assassinato de George Floyd, morto asfixiado por um policial branco, em Mineápolis, nos Estados Unidos, enquanto dizia: “Não consigo respirar”. O programa jornalístico “GloboNews Em Pauta” foi duramente criticado nas redes por apresentar um painel composto

inteiramente por jornalistas brancos discutindo desigualdade racial e violência de Estado motivada por raça³⁰. O episódio levou o canal a se reposicionar, mesmo que temporariamente, exibindo uma edição do “Em Pauta” no dia seguinte apenas com jornalistas negros abordando o tema enquanto também relatavam suas experiências com a violência de raça.

Em vista do exposto, a serialização telejornalística na grande cobertura se mostra alinhada com o contexto atual da cultura digital com estratégias relevantes para a manutenção do público envolvido, ampliando o alcance e a complexidade do conteúdo jornalístico em múltiplas ambiências.

Figura 24 – Linha do tempo com as coberturas da quarta fase da grande cobertura (2013 – 2014)



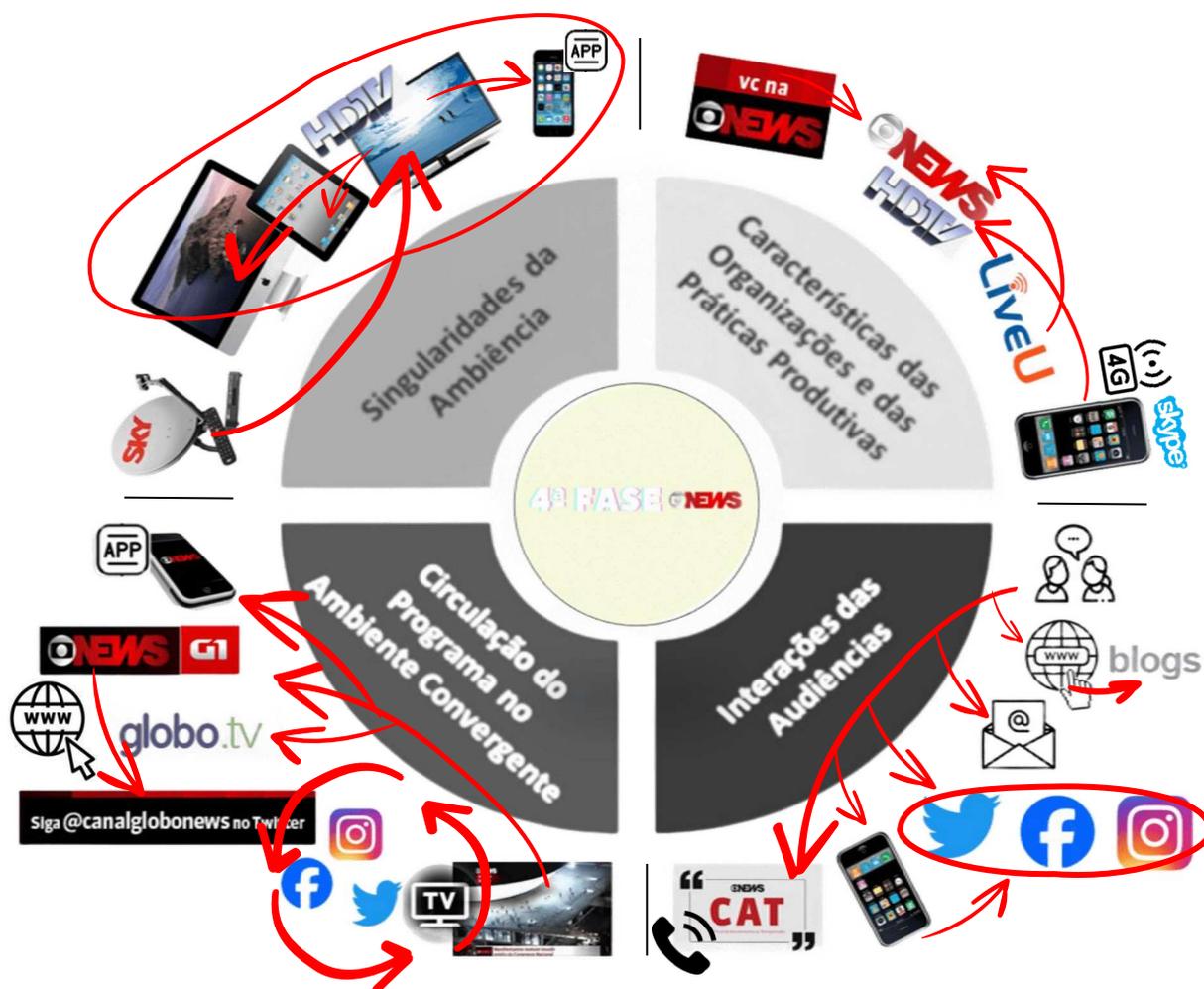
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Por fim, na quarta fase consta a cobertura da visita apostólica do Papa Francisco ao Rio de Janeiro, em razão da Jornada Mundial da Juventude na cidade, em julho de 2013. E o início da cobertura da “Operação Lava-jato”, em março do mesmo ano, que se prolongaria pela próxima fase.

Adiante apresentamos as considerações a partir da análise flutuante sobre as três grandes coberturas da quarta fase seguindo as instâncias proposta por Becker.

³⁰ Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/equidade-racial/globonews-mostra-apos-criticas-que-e-possivel-se-reinventar-para-enfrentar-o-racismo/>>. Acesso em 31 jul. 2024.

Gráfico 7 – Identificação das dimensões na quarta fase da grande cobertura (2013 a 2014)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na primeira dimensão “Singularidades da Ambiência” verificamos uma transição importante na qualidade das imagens do canal: as produções são migradas do padrão SD para o HD (*high definition*), implantado em 3 de fevereiro de 2013.

Como citado anteriormente, a qualidade HD nas coberturas telejornalísticas aprimora significativamente a experiência do público ao oferecer imagens mais nítidas, com alta resolução e contraste de cores mais vívidas. Esse padrão de qualidade permite que a audiência acompanhe detalhes nas imagens das coberturas com precisão, tornando a informação televisual mais clara e realista.

Outro destaque na categoria é a integração das plataformas/janelas de exibição/consumo proporcionada pela digitalização do conteúdo produzido a partir de então no canal. Esse processo foi fundamental para a plena convergência, pois possibilita que o

conteúdo em padrão unificado (no caso o HD) possa ser compartilhado, adaptado e acessado em diversas plataformas.

Na categoria “Práticas Produtivas” a produção em HD também é observada, visto que altera as rotinas produtivas do telejornalismo no canal. As telas da HDTV aumentam a proporção de 4:3 (quadrado) para 16:9 (retangular), ampliando o formato do quadro e incorporando mais detalhes da cena (estúdio, rua, paisagem).

No âmbito da produção a preocupação passa a ser com a captação de imagens para ilustrar as reportagens prevendo na pauta tempo suficiente e orientações técnicas (enquadramento adequado da fonte a depender do telejornal, planos fechados e abertos) para essa produção aos repórteres e repórteres cinematográficos. Na edição, o não linear deixa o processo mais ágil, porém mais detalhado com a possibilidade de inserção de recurso como filtros, legendas e outros recursos gráficos, além do tratamento da imagem diretamente na edição digital.

A introdução de dispositivos móveis dedicados à transmissão ao vivo como o “Live U”, informalmente conhecidos como “mochilink”, que combinam sinais de diferentes operadoras e oferecem uma conexão estável e de alta qualidade a partir da tecnologia 4G, expandida no Brasil em 2013, dispensa nessa fase o uso das UMJs nas transmissões, sendo empregadas apenas em casos específicos. Permitindo que repórteres e cinegrafistas façam entradas ao vivo no espaço urbano ou em lugares remotos, desde que haja cobertura de rede móvel das prestadoras, preferencialmente o 4G, ou sinal de Wi-Fi.

A nova tecnologia permite, dessa forma, que as equipes da “GloboNews” cheguem mais rapidamente aos locais dos acontecimentos, como cenas de desastres naturais, manifestações e eventos, dando agilidade a cobertura e permitindo que o público tenha acesso a informações em tempo real. Nessa fase também são incorporadas as rotinas produtivas as entradas ao vivo por videoconferência por aplicativos de comunicação, tipo “Skype”, e via *smartphone*.

Assim sendo, a redução de custos de operação para a redação com essas inovações também é um fator relevante para a sua naturalização, se comparado a estrutura anteriormente necessária, já que o uso dos *links* tradicionais, por micro-ondas, e as UMJs, por satélite, são custosas e exigem uma logística mais complexa.

Na penúltima categoria, “Interação das Audiências”, verificamos a criação do perfil do canal na plataforma “Instagram”, em outubro de 2013, consolidando, assim, presença em três das redes sociais digitais mais populares no Brasil no período.

Em mais uma forma de institucionalizar a interatividade com o público, nessa fase o canal implantou a “CAT GloboNews”, central telefônica de atendimento ao telespectador, com o objetivo de receber críticas, sugestões e elogios dos assinantes. A implantação da “CAT” desloca o fluxo de chamadas da redação para o teleatendimento padronizado. O serviço foi lançado em 2012, no entanto ganhou visibilidade em 2013, com a divulgação do contato na programação e as respostas as mensagens nos programas e telejornais.

Contudo, como observa Miranda (2019, p. 75), ao analisar os comentários do público via “CAT” selecionados pelo “GloboNews Em Pauta”, o conteúdo das mensagens exibidas é predominantemente elogioso aos profissionais e ao trabalho jornalístico, sendo raras as críticas veiculadas. O serviço foi descontinuado em maio de 2020, sob a justificativa de valorização em outras formas de interação do canal com o público, como as redes sociais digitais.

Por fim, na última dimensão “Circulação no Ambiente Convergente”, temos o lançamento do novo aplicativo da “GloboNews” para dispositivos móveis, em janeiro de 2013. A novidade com relação à versão anterior é a transmissão do sinal ao vivo do canal dentro da plataforma pela primeira vez, além dos vídeos com reportagens. Possibilitando acessibilidade e flexibilidade no consumo do conteúdo em fluxo. A inserção da transmissão canal em tempo real no aplicativo consolida a descentralização do televisor como principal janela de exibição, como veremos adiante com a proliferação de aplicativos e a comercialização de planos nos serviços de *streaming* (Globoplay+canais e Canais Globo) para o consumo da “GloboNews” exclusivamente no digital.

No final de 2012, a “Globo.com” substitui a plataforma “Globo Vídeos” pela “globo.tv+” disponibilizando o conteúdo em HD da “GloboNews” também para acesso no *site*.

Nessa fase há também uma intensa circulação e compartilhamento das narrativas audiovisuais do canal nas redes sociais digitais, facilitada inclusive por botões de compartilhamento disponíveis no próprio site e no *app* da “GloboNews”. Além do conteúdo das redes cada vez mais presente nas narrativas e pautas do canal.

Becker (2012, p. 234) avalia que a dinâmica de circulação de conteúdos televisivos e de redes sociais digitais se transformou profundamente no tocante à produção, distribuição e recepção de informações na cultura da convergência midiática, principalmente, a partir hibridização de linguagens (Becker, 2012, p. 234; 2016, p. 51), que ocorre quando conteúdos originalmente criados para a televisão, como reportagens e programas, são adaptados e divulgados em plataformas como Facebook, Twitter, YouTube e Instagram.

Por outro lado, pautas, discussões e vídeos virais originados nessas redes são frequentemente integrados a programas televisivos, evidenciando um fluxo multidirecional de influências. Becker (2012, p. 234) destaca a importância da “transmidialidade” nesse processo, enfatizando que os conteúdos não apenas circulam entre os diferentes suportes, mas também se transformam ao exigirem adaptações estéticas e estruturais que dialoguem tanto com a televisão quanto com os formatos digitais.

Portanto, as redes introduzem novas formas de interatividade e participação, permitindo ao público reinterpretar e reconfigurar os conteúdos midiáticos, ao passo que a televisão tenta incorporar essas dinâmicas para manter sua centralidade e engajamento com as audiências.

Essas mudanças se configuram em um desafio para o telejornalismo contemporâneo, especialmente diante da velocidade e da fragmentação das narrativas no digital em informações (Han, 2023, p. 27), que, se mal apropriadas, podem esvaziar o aprofundamento crítico necessário para a compreensão dos contextos noticiados no jornalismo audiovisual.

4. 1. 7 Quinta fase – Mais “ao vivo” e mais “Política” do que nunca: a audiência, os fatos políticos/econômicos, a concorrência e a Covid-19 como fatores de mudança (2015 – 2019)

Na última fase reunimos sete grandes coberturas. Uma característica importante nessa fase é a ampliação do ao vivo no jornalismo do canal, com longas horas de transmissão durante os acontecimentos.

Na quinta fase destacamos os ataques terroristas em Paris, em novembro de 2015. Os atentados foram caracterizados por explosões, ataques suicidas, tomadas de reféns e execuções em massa. No total, foram registradas três explosões em locais distintos e seis fuzilamentos coletivos, incluindo bombardeios nas proximidades do *Stade de France*, maior estádio francês. O episódio mais trágico ocorreu na casa de *shows Bataclan*, onde 89 pessoas morreram. A “GloboNews” cobriu os atentados com equipes de enviados especiais a Paris.

No mesmo período, outra grande cobertura foi a do rompimento da barragem da mineradora Samarco, no município de Mariana (MG), matando 19 pessoas. Além das perdas humanas, a tragédia causou danos ambientais irreparáveis. A massa de rejeitos liberada pelo rompimento atingiu três reservas indígenas e 41 cidades em Minas Gerais e no Espírito Santo.

Degradou mais de 240 mil hectares da Mata Atlântica e deixou cerca de 14 toneladas de peixes mortos (Ministério Público Federal, 2015).

Em 2016, o canal e a imprensa em geral acompanharam em tempo real as ações envolvendo o afastamento e o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. A tramitação do processo durou cerca de oito meses.

As negociações para a saída do Reino Unido da União Europeia (EU), no que ficou conhecido como “*Brexit*”, tiveram início em março de 2017, quando o bloco foi formalmente informado da decisão. O canal cobriu todo o processo até a saída oficial do país da EU, em 31 de janeiro de 2020.

ANO	GRANDE COBERTURA
2015	Ataques terroristas em Paris
2015	Rompimento da barragem da Samarco em Mariana, MG
2016	<i>Impeachment</i> da presidente Dilma Rousseff
2017	<i>Brexit</i> na Europa
2018	Greve dos caminhoneiros
2018	Meninos da caverna na Tailândia
2019	Rompimento da barragem da Vale em Brumadinho

Quadro 7 – Grandes coberturas da quinta fase (de 2015 a 2019)
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Em maio de 2018, uma greve nacional de caminhoneiros autônomos parou o Brasil. A grande cobertura ao vivo em parceria com as filiadas da “Globo” mostrou durante dez dias a repercussão nas principais cidades e rodovias do país.

No mesmo ano, em julho, 12 meninos com idades entre 11 e 16 anos e seu técnico de futebol desapareceram em uma caverna na Tailândia. O mundo acompanhou o drama do grupo, que lembrou o resgate dos mineiros do Chile, em 2010, durante 15 dias até que a complexa operação de resgate fosse concluída.

Por fim, consideramos o rompimento da barragem de rejeitos de mineração da Vale, em Brumadinho (MG), como a última grande cobertura do levantamento feito na presente pesquisa. A tragédia ocorreu em 25 de janeiro de 2019 e foi amplamente coberta pela “GloboNews”. Além da cobertura intensa nos telejornais, documentários, grandes reportagens, programas de entrevista e debates foram produzidos a partir do desastre ambiental.

Figura 25 – Linha do tempo com as coberturas da quinta fase da grande cobertura (2015 a 2019)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Desde, pelo menos, a quarta fase, a “GloboNews” tem intensificado cada vez mais a programação ao vivo, seja por meio de telejornais ou de *breaking news* com as grandes coberturas factuais.

Essas transmissões ao vivo têm a capacidade de atrair e reter a audiência ao produzir um sentido de imediatismo e ubiquidade, especialmente em momentos de crise ou emergências, quando o público busca informações em tempo real. Como em períodos políticos e econômicos conturbados, como no processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em 2016, a recessão econômica brasileira entre março de 2014 e outubro de 2016 (Trece *et al.*, 2024), ou na crise sanitária e humanitária global de Covid-19. Em todos esses episódios, a “GloboNews”, por exemplo, registrou um aumento expressivo na audiência durante suas coberturas³¹³² (Mazza, 2016; Padiglione, 2020).

Em um contexto semelhante Vizeu (2009, p. 77) observou esse movimento ao propor o telejornalismo com um “lugar de referência” na sociedade, devido à sua função mediadora e educativa na interpretação da realidade social. Dessa forma, o telejornalismo organizaria e apresentaria as notícias de modo a ajudar o público a compreender o contexto e a relevância dos eventos que ocorrem ao seu redor.

³¹Disponível em: <<https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/audiencia/noticia/2016/08/processo-de-impeachment-deixa-globonews-na-lideranca-da-tv-por-assinatura.html>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

³² Disponível em: <<https://folha.com/92ponfg6>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

Em um mundo com um fluxo de informação intenso, “infodêmico³³”, nos termos de Rothkopf (2003), essa mediação torna-se ainda mais essencial para que, a partir das representações, construções e ofertas de sentido do telejornalismo, os cidadãos formem sua própria compreensão da realidade.

Vizeu (2009, p. 83) ainda reforça que o telejornalismo é uma fonte primária de informação para muitas pessoas, sobretudo em contextos em que outras mídias podem não ser tão acessíveis. Assim, ele desempenha um papel fundamental na democratização do acesso ao conhecimento.

Por fim, a concorrência entre os canais de notícia e com a internet também contribuiu para a intensificação das coberturas ao vivo no telejornalismo *all news*. Com a expansão das mídias digitais (*YouTube, Dailymotion, Vimeo, Twitch*) e a hiperconexão às redes sociais digitais e às plataformas de jornalismo independente (“Ninja³⁴”, “Sumaúma³⁵”, “Alma Preta³⁶”, “Diadorim³⁷”, por exemplo) os canais de notícias, como a “GloboNews”, passaram a investir cada vez mais no conteúdo jornalístico ao vivo, atualizado e imediato.

A grande cobertura de acontecimentos combinada com as análises e comentários, tem sido uma resposta do canal para atrair e engajar a audiência. Dessa forma, a interação de fatores, como: a demanda do público, o cenário político-econômico conturbado e a competição acirrada no mercado nos últimos anos, tem impulsionado as alterações na forma como o canal opera e em sua linha editorial, reforçando o seu foco no ao vivo e pautas específicas (política, economia e internacional) como nunca.

Nesse sentido, a partir do exposto, propusemos como título da quinta fase: “Mais ‘ao vivo’ e mais ‘Política’ do que nunca: a audiência, os fatos políticos/econômicos, a concorrência e a Covid-19 como fatores de mudança”. Levando em consideração essas modificações no perfil do canal ocasionadas pelas coberturas ao vivo sobre assuntos políticos e econômicos recentes, tendo em vista também os impactos da Covid-19 nas rotinas produtivas do telejornalismo.

³³ O termo foi referenciado pela primeira vez em maio de 2003 pelo articulista e analista estadunidense do jornal “*Washington Post*”, David Rothkopf. O autor publicou a expressão em uma coluna de opinião no “*Post*”, ao abordar a epidemia de SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave). Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/opinions/2003/05/11/when-the-buzz-bites-back/bc8cd84f-cab6-4648-bf58-0277261af6cd/>>. Acesso em 31 jul. 2024.

³⁴ Disponível em: <<https://midianinja.org/>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

³⁵ Disponível em: <<https://sumauma.com/>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

³⁶ Disponível em: <<https://almapreta.com.br/>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

³⁷ Disponível em: <<https://adiadorim.org/>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

A seguir apresentamos as considerações sobre a quinta fase tomando como referência as dimensões da ATC aplicadas nas grandes coberturas citadas anteriormente no quadro 7. Como mencionado anteriormente, certas características das fases se repetem no contexto das instâncias, refletindo um movimento orgânico de transição. Diante disso, focaremos nossa análise em elementos que ainda não foram relatados ou naquelas que apresentam pequenas variações na fase atual.

Gráfico 8 – Identificação das dimensões na quinta fase da grande cobertura (2015 – 2019)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Em “Singularidades da Ambiência”, que refere-se à análise dos contextos e dispositivos que influenciam a apresentação e a recepção dos conteúdos audiovisuais, considerando como esses elementos moldam a experiência do espectador e as interações com o produto audiovisual, verificamos a consolidação da descentralização entre as transmissões pela televisão e pelos aplicativos de *streaming* (“globoplay” e “Canais Globo”).

Nesse estágio, o sinal do canal já é amplamente comercializado direto pela emissora ao consumidor através de pacotes, como o globoplay+GloboNews, para ser assistido

através dos *apps* “globoplay” e/ou “Canais Globo”. Não sendo mais necessário assinar um plano nas operadoras e assistir exclusivamente pela TV por assinatura no televisor.

Soma-se a esse fenômeno a comercialização e presença do canal em outras plataformas de vídeo, que não são de propriedade do Grupo Globo, como o “*Amazon Prime Video*”, da “*Amazon*”, algo jamais visto dada a centralização e prerrogativa de comercialização do canal pela então “Globosat”/Grupo Globo.

Ao analisar a produção do jornalismo audiovisual atual, bem como os meios como as plataformas de compartilhamento de vídeo na internet (como “*YouTube*”) e a televisão, a partir dos movimentos resultantes do processo de mídiatização, Piccinin e Soster (2012) sugerem a descentralização como uma das características presentes nas narrativas e nos meios de comunicação no contemporâneo digital.

Os autores (2012, p. 125) definem o movimento de descentralização na televisão e no jornalismo como uma característica que se manifesta nas novas maneiras de relacionamento entre a produção e distribuição de conteúdo e suas audiências. Essa descentralização é possibilitada pelo aparato tecnológico que permite a operação em rede, rompendo com a hierarquia tradicional das instituições midiáticas.

Em vez de uma estrutura rígida e hierárquica, a descentralização promove um modelo mais fluido e colaborativo, onde todos têm acesso aos conteúdos em fase de produção, o que descaracteriza a antiga fisionomia axiomática dos meios.

Assim, a descentralização reafirma a autorreferência e a correferência, integrando diferentes plataformas de entrega de conteúdo em um todo único, em contraste com o modelo anterior que via essas plataformas como adjacentes ou concorrentes.

A instância “Características das Organizações e Práticas Produtivas” avalia as estruturas, modelos de negócio e processos de produção das organizações midiáticas, investigando como essas características influenciam a criação e a distribuição dos conteúdos audiovisuais.

Destacamos o lançamento de um aplicativo de jornalismo colaborativo, em setembro de 2016, o “Na Rua GloboNews”. Anteriormente, o envio desse tipo de conteúdo ocorria através do portal e no *app* compartilhado com o catálogo de vídeos. É o primeiro *app* disponibilizado pelo canal exclusivamente para esse tipo de contribuição da audiência com flagrantes em áudio e vídeo. A chegada da internet móvel 5G também facilitou o envio de conteúdo em alta qualidade de imagem, além da participação remota dos repórteres, comentaristas e entrevistados. Posteriormente, a pandemia de Covid-19, em razão das

restrições de contato, consagrou a utilização da videochamada na gravação de entrevistas e nas entradas ao vivo no telejornalismo do canal.

Outro fator que merece destaque na instância é a concorrência de novos canais/plataformas de notícia como a “CNN Brasil” (de 2020) e a “Jovem Pan News” (de 2021) com a “GloboNews”. Alguns programas do canal de televisão do grupo Jovem Pan frequentemente disputam a liderança³⁸ com a “GloboNews”, considerando o nicho de jornalismo e informação na TV por assinatura.

A concorrência entre esses canais tem se intensificado nos últimos anos devido a alguns fatores, como: a digitalização e a midiaticização massiva (presença no ambiente digital através dos portais de notícias, *podcasts*, redes sociais digitais), ao crescimento das plataformas de *streaming* e às mudanças nos hábitos de consumo.

Com a emergência desse contemporâneo digital os canais buscam diferenciação por meio de “estratégias narrativas de exclusividade, autorreferências e/ou correferências”, nos termos de Miranda (2019, p. 108), a partir de Soster (2013, p. 2) e Piccinin e Soster (2012, p. 119), investimentos nas grandes coberturas ao vivo e na interatividade. No entanto, desafios como a fragmentação da audiência, a polarização política, a desinformação e a desigualdade no acesso a conteúdo confiável e de qualidade evidenciam um tensionamento do atual modelo *all news*.

A penúltima dimensão “Interação das Audiências” examina as dinâmicas de engajamento e participação dos espectadores, considerando como eles interpretam, reagem e interagem com os conteúdos audiovisuais, influenciando a construção de significados e a recepção das narrativas.

Além dos modos observados na fase anterior, a interação das audiências com o canal passa se dar também através da participação nos eventos organizados ou em colaboração com a “GloboNews”.

Como forma de reforçar a sua centralidade fora das telas, ao longo dos anos a emissora promoveu uma série seminários e encontros para a discussão de temas relevantes como foco na economia, na política e no desenvolvimento social e cultural. Os painéis da “GloboNews” em Davos, na Suíça, por exemplo, em atividade paralela ao Fórum Econômico Mundial são reconhecidos pelas autoridades como um importante espaço de reflexão e debate entre os conferencistas convidados.

³⁸ Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/ao-vivo-na-tv-paga-panico-vence-cnn-e-vira-pedra-no-sapato-da-globonews-80833>>. Acesso em 31 jul. 2024.

Desde 2014, a “GloboNews” tem promovido mais eventos do tipo no Brasil. Como a participação com a exibição e debates de seus documentários e grandes reportagens no Festival de Cinema do Rio com a “Mostra GloboNews” e o Festival Piauí GloboNews de Jornalismo, que reúne nomes importantes do jornalismo mundial para palestras e conversas sobre os rumos da profissão e da prática jornalística. Esses eventos reforça a marca do canal conferindo credibilidade e proximidade junto ao público.

Na interação na quinta fase a criação da conta de “*WhatsApp*” para envio de comentários, sugestões e críticas e o canal de transmissão na mesma plataforma para compartilhamento de notícias são a novidade.

Por fim, a última categoria “Circulação no Ambiente Convergente” investiga os caminhos e as estratégias pelos quais os conteúdos audiovisuais se disseminam em diversas plataformas.

Como citado anteriormente, passamos a observar o fenômeno da descentralização. A partir da quinta fase o conteúdo passa a circular entre as plataformas e redes sociais digitais de modo mais fluido, inclusive com conteúdo exclusivo para o digital, sendo produzido e não exibido no canal por assinatura. O conteúdo do canal também fica disponível e integrado ao aplicativo do “g1”.

A seguir apresentamos um quadro-síntese com as principais características observadas em cada fase a partir da leitura flutuante seguindo as instâncias da ATC.

FASES DA GRANDE COBERTURA TELEJORNALÍSTICA NA GLOBONEWS				
1^a	2^a	3^a	4^a	5^a
1996 – 2000	2001 – 2005	2006 – 2012	2013 – 2014	2015 – 2019
A “CNN brasileira”, a “Globo Plus”	Uma proposta multimídia	De cara nova: modernização televisual e na linguagem com novos formatos no ar	A notícia em HD, nas redes sociais digitais e no <i>streaming</i> : grandes coberturas sobre política e mobilização social e a “serialização” ao narrar	Mais “ao vivo” e mais “Política” do que nunca: a audiência, os fatos políticos/econômicos, a concorrência e a Covid-19 como fatores de mudança
Busca por uma rotina produtiva e linguagem televisual própria: improvisado; Dependência	Convergência midiática; Multimídia; Estabelecimento de uma linguagem	Consolidação no ambiente digital: <i>apps</i> ; redes sociais digitais; Mudanças na linguagem e na	Alta definição de som e imagem; Integração do conteúdo televisivo as redes sociais digitais;	Ampliação da programação e das coberturas ao vivo; Ênfase em fatos políticos e

<p>editorial e de estrutura da “Globo”;</p> <p>Inovações tecnológicas: sinal digital via satélite, <i>streaming</i> ao vivo no <i>site</i> para outros países, vídeos <i>on demand</i> (reportagens) no <i>site</i>;</p> <p>Presente estendido: circulação do conteúdo gravado em VHS;</p> <p>Valor-notícia de História.</p>	<p>e identidade própria: especialistas e cientistas repercutem os eventos;</p> <p>Estágio de compartilhamento da estrutura da “Globo”;</p> <p>Inovações tecnológicas: utilização do telefone celular em chamadas de voz para entradas ao vivo;</p> <p>Concorrência de outro canal <i>all news</i> e portais de notícias;</p> <p>Grande cobertura continuada/estendida (Guerra ao Terror em atos I, II e III);</p> <p>Comunidade de fãs no “Orkut”;</p> <p>Serialização e/ou elementos serializantes: o <i>flashback</i> (uso de material de arquivo, no caso da cobertura); o <i>flashforward</i> (na cobertura corresponderia as prospecções e análises sobre os acontecimentos futuros como consequência da notícia narrada); o <i>recap</i> (que na cobertura seria um resumo do “capítulo”, das notícias do dia</p>	<p>estética do canal e das coberturas;</p> <p>Ampliação dos temas das coberturas (crimes, morte de celebridade, operações urbanas);</p> <p><i>Reality show</i> noticioso (transmissões ao vivo ininterruptas);</p> <p><i>All news</i> arquivado (DVDs GloboNews);</p> <p>Interatividade e conteúdo colaborativo;</p> <p>Proximidade com o público.</p>	<p>Inovações tecnológicas: 4G, “Live U” e dispositivos móveis de gravação agregam a mobilidade e a agilidade nas coberturas;</p> <p>Grandes coberturas de acontecimentos sobre Política e mobilizações sociais;</p> <p>Adoção de novos formatos de narrativa: estética “Ninja” e as coberturas também passam a incluir uma abordagem mais serializada a depender da temática;</p> <p>Subprodutos e deslizamentos da grande cobertura (documentários, grandes reportagens, debates, entrevistas);</p> <p>Consolidação da noção de serialização e/ou elementos serializantes: o <i>flashback</i> (uso de material de arquivo, no caso da cobertura); o <i>flashforward</i> (na cobertura corresponderia as prospecções e análises sobre os acontecimentos futuros como</p>	<p>econômicos, refletindo a complexidade do cenário nacional e internacional;</p> <p>Concorrência: a crescente concorrência levou o canal a inovar em suas abordagens explorando novos formatos e estilos ainda mais ao vivo;</p> <p>Inovação tecnológica: 5G e videochamadas;</p> <p>Integração do “WhatsApp” nas rotinas produtivas e na circulação de conteúdo;</p> <p>Consolidação na grande cobertura de uma abordagem mais serializada;</p> <p>Descentralização do conteúdo, que passou a circular de forma mais fluida entre diferentes plataformas e redes sociais digitais.</p>
--	---	--	--	--

	anterior).		consequência da notícia narrada); o <i>recap</i> (que na cobertura seria um resumo do “capítulo”, das notícias do dia anterior).	
--	------------	--	--	--

Quadro 8 – Síntese das características de cada fase da grande cobertura na GloboNews
 Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A análise da grande cobertura telejornalística na GloboNews revela uma trajetória de transformações significativas em sua estética, linguagem e estilo televisual ao longo das cinco fases, de 1996 até os dias atuais.

Na primeira fase, entre 1996 e 2000, a emissora buscava construir uma identidade própria enquanto era totalmente dependente da estrutura e das decisões editoriais da “TV Globo”. Essa etapa foi marcada por inovações como o uso do sinal digital via satélite, *streaming* do canal ao vivo no *site* para residentes no exterior e livre acesso a vídeos com reportagens e trechos dos programas. O conteúdo telejornalístico também era gravado pelos telespectadores e circulava em formatos como o VHS. Tem início nesse período a constituição de algumas grandes coberturas do canal a partir de um valor-notícia histórico.

Na segunda fase, entre 2001 e 2005, a “GloboNews” consolidou uma proposta multimídia e desenvolveu uma linguagem mais independente, com especialistas e cientistas repercutindo eventos de forma analítica. Inovações tecnológicas, como o uso de chamadas por voz através dos celulares GSM nas transmissões ao vivo, começaram a moldar o telejornalismo do canal. Esse período também marcou a entrada da “GloboNews” no ambiente das redes sociais digitais, com o surgimento das primeiras comunidades de fãs em plataformas como o Orkut. Além disso, o período traz a grande cobertura continuada, como a “Guerra ao Terror”, dividida em várias etapas (atos).

Entre 2006 e 2012, na terceira fase, a “GloboNews” passou por uma modernização estética e na linguagem, ampliando os temas abordados e introduzindo as longas transmissões ao vivo, praticamente ininterruptas, o que conferiu às coberturas um caráter de “reality show noticioso”.

Essa fase foi marcada ainda pela expansão digital com a criação de aplicativos e maior presença nas redes sociais, além de iniciativas de conteúdo colaborativo e interativo. Houve também o lançamento de DVDs com registros noticiosos, ampliando e eternizando o alcance das coberturas.

A quarta fase, que compreendeu os anos de 2013 e 2014, trouxe a alta definição de som e imagem como padrão, integrando as coberturas às redes sociais digitais e adotando tecnologias móveis como o 4G e o “Live U” nas transmissões ao vivo.

Este período também introduziu narrativas mais dinâmicas e serializadas, combinando *flashbacks*, *flashforwards*, a partir de Motta (2013), e o *recap* proposto a partir da análise do fenômeno em algumas coberturas.

As grandes coberturas desse período focaram, principalmente, em acontecimentos políticos e mobilizações sociais, utilizando em um segundo momento abordagem mais ágil e estética, como na chamada “estética Ninja”, mostrando a influência da sociedade e das redes sociais digitais no reposicionamento editorial e estético da grande cobertura.

Na quinta e atual fase, que se inicia em 2015, a “GloboNews” reforça sua atuação ao vivo, especialmente em temas políticos e econômicos, enquanto enfrenta uma concorrência crescente e adota novas tecnologias, como o 5G e o uso de videochamadas nos telejornais.

As coberturas ganharam maior fluidez entre plataformas e redes sociais, com destaque para a utilização do “WhatsApp” nas rotinas produtivas e na circulação de conteúdo resultando em uma descentralização do conteúdo e sua integração em múltiplas plataformas. Essa etapa consolidou o uso de elementos narrativos serializados, como *flashbacks*, identificados na retomada de notícias a partir de material de arquivo, e *flashforwards*, observados nas análises prospectivas.

No próximo capítulo vamos nos aprofundar na leitura crítica de três coberturas que representam fases propostas nesta unidade.

5 JANELAS NO TEMPO: ANÁLISE TELEVISUAL (AT) DA GRANDE COBERTURA TELEJORNALÍSTICA NA GLOBONEWS

A metáfora das janelas que se abrem no tempo nos oferece, além de uma perspectiva poética para pensar a relação entre mídia, história e memória, uma possibilidade de análise sobre os acontecimentos passados representados pelo (tele)jornalismo.

Cada “janela” é, assim sendo, uma abertura, uma fissura no tempo, e uma moldura através da qual é possível observar os contornos de um tempo pregresso, repleto de acontecimentos, que, embora distantes no tempo e na memória, continuam a reverberar no presente e a acionar o futuro (Simões, 2014, p. 165).

Ao “abrir” essas “janelas”, os acontecimentos midiáticos se transformam em paisagem. Esse “horizonte histórico e midiático” não é estático, ele se move e se transforma conforme novos elementos são observados. Cada imagem, cada descoberta de um documento antigo, de um paratexto, ou de um testemunho, adiciona uma nova camada à paisagem. Através dessas janelas temporais, não vemos apenas os acontecimentos, mas, também, como foram registrados e interpretados, como ecoam e ressurgem.

A partir desta reflexão, neste capítulo, iremos detalhar e aplicar a metodologia de Análise Televisual (AT) (Becker, 2005, 2009, 2012, 2016) em coberturas telejornalísticas realizadas pela “GloboNews”, que nos permitirá uma leitura aprofundada da estrutura, das formas e dos estilos, ou seja, as “anatomias narrativas”, imbricadas na grande cobertura telejornalística.

A abordagem metodológica quanti-qualitativa de Becker (2005, 2009, 2012, 2016) consiste em três etapas distintas: 1. Contextualização ou descrição do material audiovisual, destacando aspectos político-econômicos e socioculturais do objeto de estudo, de seu produtor e de onde este está inserido; 2. A Análise Televisual (AT) em si, dividida em uma parte quantitativa e outra qualitativa; 3. A interpretação dos resultados obtidos.

Para esta pesquisa, analisaremos três grandes coberturas realizadas pela “GloboNews”, entre 1996 (ano de estreia do canal) e 2019 (período de consolidação do projeto final de pesquisa que originou a presente tese de doutorado).

As unidades de análise foram selecionadas a partir do que identificamos e propomos como as “fases da grande cobertura telejornalística da GloboNews” (no capítulo 4), do que a emissora destaca como os “fatos mais marcantes” já cobertos e do material jornalístico audiovisual disponível e passível de ser coletado e/ou solicitado à Globo Comunicação e Participações S.A. (TV Globo e GloboNews), detentora e gestora das

produções e do arquivo, através do departamento de relação da empresa com as instituições de pesquisa, denominado “Globo Universidade”.

Como demonstrado, as fases foram analisadas, ordenadas e descritas com a aplicação da metodologia da Análise Televisual Convergente (ATC), detalhada anteriormente. A ATC consiste em uma atualização da AT, proposta por Becker (2019, 2020), prevendo em uma etapa posterior a aplicação da Análise Televisual a inclusão de quatro novos eixos analíticos (Ambiência, Práticas produtivas, Circulação e Audiências), diante das alterações do jornalismo audiovisual pelo digital no contexto da cibercultura.

Esta metodologia revisitada ganha aqui um sobrenome, e é nomeada de Análise Televisual Convergente, agregando à AT um procedimento metodológico possível para ler relações entre imagens, palavras, dispositivos, pessoas e práticas produtivas no território virtual e ser utilizada como ferramenta para leitura crítica dos telejornais e de outras obras televisivas em pesquisas de comunicação e em processos de aprendizagem institucionais e informais (Becker, 2019, p. 72).

Logo, a atualização metodológica visa incorporar as transformações e desafios do Jornalismo e da Comunicação contemporânea, especialmente no contexto da convergência midiática. Busca compreender de forma ampla os processos comunicativos em telejornais e demais produtos audiovisuais, incluindo os disponíveis na internet, considerando não apenas o conteúdo, mas também as práticas produtivas, as interações das audiências e as características do ambiente convergente.

O *corpus* de análise contempla três grandes coberturas realizadas pela “GloboNews”, que, segundo a nossa classificação de fases da cobertura, correspondem as cinco propostas.

A seleção das unidades-análise também considera as coberturas destacadas pela emissora no conteúdo comemorativo³⁹ pelos 25 anos em atividade, publicado em junho de 2021, no “g1”, as produções armazenadas no acervo do pesquisador e as fornecidas pela emissora através do “Globo Universidade”, a saber, foram escolhidos os seguintes trabalhos jornalísticos: (1) Acidente com o avião *Fokker* 100 da TAM, 1996 (primeira grande cobertura do canal); (2) Ataques terroristas de 11 de setembro, 2001 (primeira grande cobertura

³⁹ Durante a comemoração dos 25 anos do canal pela “Globo”, foram produzidos programas especiais, séries, documentários, *podcast* e uma página com conteúdo especial no *site* de notícias “g1” rememorando os momentos da “GloboNews” nesse período. Uma das matérias, de Juliana Maselli, destaca uma seleção com as coberturas “mais marcantes”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/especial-25-anos/noticia/2021/06/02/25-anos-de-globonews-relembra-as-coberturas-mais-marcantes.ghtml>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

internacional); (3) Rompimento da barragem em Brumadinho, 2019 (última grande cobertura da “GloboNews” até a delimitação do *corpus* de análise no projeto de tese).

O procedimento metodológico está sendo utilizado no estudo com o objetivo de identificar, categorizar e analisar os formatos, o estilo e os elementos narrativos audiovisuais em cada cobertura para que seja possível definir as “anatomias narrativas⁴⁰” (Piccinin e Soster, 2012; Thomé, Piccinin e Reis, 2021), além de compará-las, a fim de indicar as mudanças e permanências nesse tipo de trabalho (tele)jornalístico, conforme previsto por Becker (2012) como uma das possibilidades na aplicação do método.

Em função do interesse da investigação em curso, quando o *corpus* eleito para pesquisa for formado por mais de um objeto de estudo de gêneros discursivos iguais ou semelhantes, poderá ser utilizada ainda uma análise comparativa. Isso permitirá um cruzamento dos dados apurados, ou seja, uma sistematização integrada dos resultados encontrados e, conseqüentemente, respostas mais amplas referentes à hipótese da análise proposta, como no caso do estudo de mais de um telejornal, de uma telenovela, ou de uma série de televisão (Becker, 2012, p. 234).

A escolha metodológica para analisar as narrativas jornalísticas audiovisuais justifica-se por esta auxiliar a um exame crítico dos conteúdos noticiosos, facilitando a interpretação mais aprofundada das informações, bem como a identificação dos elementos e estilos narrativos audiovisuais através da leitura do material em categorias.

Essa abordagem metodológica também se ancora em bases teóricas referenciais da Comunicação e do Jornalismo, como os Estudos Culturais, referencial teórico-epistemológico do presente estudo, a Análise do Discurso e a Análise Televisiva, buscando unir diferentes perspectivas para uma compreensão mais ampla e crítica dos produtos jornalísticos audiovisuais.

Para o presente trabalho, submetemos, em março de 2023, o projeto de pesquisa através da plataforma “Globo Universidade” à Globo Comunicações e Participações S.A. solicitando acesso ao material jornalístico audiovisual para estudo. O projeto foi aprovado internamente e o apoio na modalidade uso de materiais de titularidade da Globo foi concedido. Uma cópia do termo de autorização de uso assinado pelas partes encontra-se no Anexo B.

⁴⁰ As “anatomias narrativas” ou “gramáticas narrativas”, nos termos de Thomé, Piccinin e Reis (2021), referem-se às diferentes estruturas, formas e estilos de contar histórias que se manifestam nas narrativas do telejornalismo. O conceito implica uma análise das várias camadas e elementos que compõem a narrativa (tele)jornalística, incluindo a forma como as informações são organizadas, apresentadas e interpretadas. No contexto do telejornalismo, a “anatomia narrativa”/“gramática narrativa” pode incluir aspectos como a escolha de temas, a construção de enunciadores (como fontes, âncoras e repórteres), o uso de recursos visuais e gráficos, e a forma como as histórias são contextualizadas e conectadas ao público.

Inicialmente, foram solicitadas oito edições na íntegra dos telejornais “Jornal das Dez” e “Jornal GloboNews Ed. 18h”, ambos da “GloboNews”, referentes aos dias das coberturas telejornalísticas do acidente com o avião *Fokker* 100 da TAM, em 1996 e dos ataques terroristas de 11 de setembro, em 2001. As íntegras das coberturas nesses telejornais não estavam disponíveis *online* em plataformas ou *sites* da Globo como “Globoplay”, “Memória Globo” e “g1”, o que justificou a solicitação.

Contudo, foi informado pela empresa que, por “questões legais”, o acesso à íntegra dos telejornais não era permitido, sendo possível somente fornecer trechos específicos. Diante do exposto e sem o conhecimento prévio do conteúdo geral das edições, estipulamos como critério solicitar para a análise, com base na situação-problema de pesquisa (quais as “anatomias narrativas”, as mudanças e/ou permanências e quais os formatos e elementos da grande cobertura): a abertura das edições, a primeira e a segunda reportagem, entrada ao vivo de repórter e o encerramento dos telejornais referente às coberturas.

O material solicitado foi disponibilizado pela Globo entre maio e junho de 2023. Conforme previsto pelo termo assinado entre as partes, o material fornecido pela empresa não pode ser reproduzido ou disponibilizado publicamente pelo pesquisador, sendo de uso restrito para a análise e de propriedade da Globo Comunicações e Participações S.A. Sendo assim, apenas o conteúdo reunido pelo pesquisador, cedido por terceiros ou publicado pela Globo em suas plataformas oficiais será indicado na pesquisa.

Ainda complementamos todas as coberturas analisadas com o material de acervo do pesquisador (trechos da cobertura/transmissão ao vivo simultânea contendo entradas ao vivo dos repórteres e entrevistas, comentários e análises sobre os eventos cobertos) reunido nos últimos dez anos através de plataformas com conteúdo de acesso livre (“*YouTube*”, “*Dailymotion*”, “Memória Globo”, “Globoplay” e “g1”).

As amostras da terceira cobertura a ser analisada (rompimento da barragem em Brumadinho, de 2019) estão integralmente disponíveis *online* e foram reunidas pelo pesquisador através das plataformas de conteúdo jornalístico e audiovisual “Canais Globo”, “Globoplay” e “g1”. Não sendo necessário, em razão disso, solicitar acesso ao material pelo Globo Universidade.

Sendo assim, o *corpus* foi composto de forma padronizada (mesmo tipo de unidade) a fim de manter a regularidade dos resultados obtidos. O material fragmentado das unidades de análise, entretanto, não inviabiliza o estudo sendo a metodologia flexível o suficiente para ser aplicada tanto a narrativas na íntegra quanto a trechos e fragmentos de material audiovisual, permitindo uma leitura crítica dos conteúdos e formatos.

Nesse processo de construção do material de cada cobertura a ser analisado nos apropriamos ainda do princípio epistemológico da “negligenciabilidade” (Bauer; Aarts, 2003, p. 39-63) que nos permite desprezar certas partes de amostras e simplificar os resultados sem que isso represente prejuízo a análise. Ou seja, ainda que, a amostra das edições utilizada na pesquisa seja limitada, esse fator não diminui o potencial do estudo em apresentar resultados regulares, relevantes e representativos sobre o objeto empírico.

Nesta mesma perspectiva adotamos a amostragem teórica, “*theoretical sampling*”, (Glaser; Strauss, 1999, p. 45), abordagem para a seleção de amostras, amplamente empregada em estudos de caso (Yin, 2015, p. 142), para elencar as coberturas telejornalísticas que integrarão a pesquisa.

A amostragem teórica (Glaser; Strauss, 1999, p. 45) é uma estratégia amplamente utilizada nas metodologias qualitativas. Diferenciando-se da amostragem probabilística, que busca representatividade, a amostragem teórica busca aprofundar a compreensão dos casos analisados e auxiliar no desenvolvimento de conceitos, teorias e investigações. Sendo assim, a seleção é baseada na relevância teórica das unidades de estudo e no seu potencial de contribuição para o avanço do tema e elucidação da situação-problema apresentada.

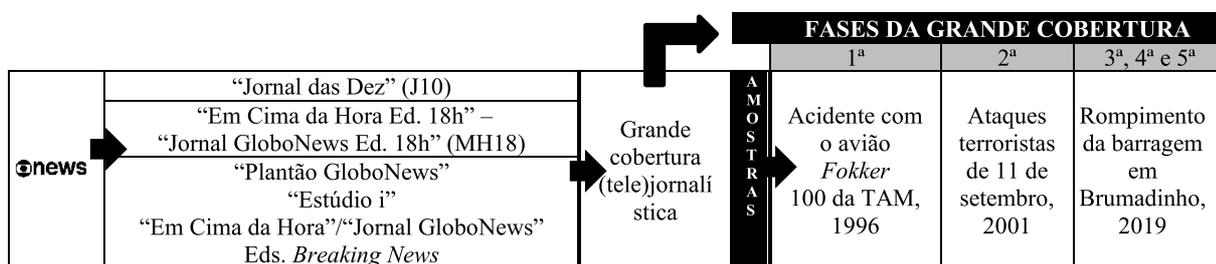
Em vista disso, as coberturas citadas anteriormente foram escolhidas também por subsidiar o desenvolvimento teórico, identificação das “anatomias narrativas”, das mudanças e/ou permanências ao longo do tempo, dos formatos e elementos estilísticos da grande cobertura, além da proposição/consolidação da noção de “fases da cobertura telejornalística da GloboNews”.

O material/unidades de análise (reportagens, entrada ao vivo de repórteres, transmissões diretas e entrevistas referentes às coberturas telejornalísticas) foi primeiramente exibido na televisão por assinatura no canal “GloboNews” dentro dos telejornais “Jornal das Dez”, “Jornal GloboNews Ed. 18h” (antigo “Em Cima da Hora Ed. 18h”) e nas transmissões ao vivo simultânea aos acontecimentos no “Plantão GloboNews” e nas edições extraordinárias do “Em Cima da Hora”, que denominamos neste estudo de “Em Cima da Hora Eds. *Breaking News*” para diferenciá-lo do “Ed. 18h”.

Em suma, o objeto empírico do estudo, a grande cobertura (tele)jornalística da “GloboNews”, foi obtido/selecionado a partir dos dois principais telejornais noturnos e de recortes da cobertura/transmissões ao vivo *breaking news*, urgentes, do canal (“Plantão” e “Em Cima da Hora Eds. *Breaking News*”), como pode ser observado no quadro 9.

As três grandes coberturas indicadas como amostras deste tipo de trabalho jornalístico também são exemplares notórios das cinco fases da grande cobertura (tele)jornalística no canal de notícia.

A ideia de fases surgiu ao longo da pesquisa, a partir da construção do histórico sobre canal e a TV por assinatura e com a leitura flutuante de material audiovisual de cerca de 30 coberturas e foi consolidada com a aplicação da AT, nas três desenvolvidas neste capítulo, e com a sistematização de todas seguindo as quatro instâncias propostas pela ATC, na unidade anterior.



Quadro 9 – Síntese do objeto empírico e do recorte
 Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

5.1 BREVE DESCRIÇÃO DOS OBJETOS EMPÍRICOS

O “Jornal das Dez (J10)” é o “principal telejornal, no fim de noite”, da “GloboNews”, colocando-se como um dos principais programas jornalísticos da TV por assinatura no Brasil (Paternostro, 2006a, p. 45).

Segundo a emissora, desde a sua primeira transmissão, em 15 de outubro de 1996, data de estreia do canal, a proposta do “J10” é debater os temas mais relevante do dia com a exibição de séries, reportagens, entrevistas, análises, comentários e crônicas, aprofundando o noticiário do dia (Paternostro, 2006a, p. 224).

Transmitido diariamente às 22h, ao vivo, com uma hora e trinta minutos de duração, dos estúdios da “GloboNews” no Rio de Janeiro, o jornalístico conta com a participação de comentaristas e repórteres de várias localidades, principalmente, de Brasília, São Paulo, Nova York e Washington. Juntamente com o “Edição das 18h” e o “GloboNews Em Pauta” ocupa a faixa horária de maior audiência diária do canal de notícias (Vaquer, 2024). Mais de 15,9 milhões de pessoas assistiram a faixa de 18h à 1h da “GloboNews”, em 2023 (Kantar Ibope, 2023).

O “J10” tem audiência média de 269 mil telespectadores por edição, alcançando cerca de 8,6 milhões por trimestre, segundo dados da Kantar Ibope Media (2023) referentes ao período de abril a junho de 2023. O levantamento ainda indica que o perfil do público que assiste ao telejornal é, em sua maioria, do sexo masculino (56%), frente a 44% do sexo feminino. Cerca de 80% desse público pertence a classe econômica AB, enquanto 17% são da C e 3% DE. A maior parte da audiência tem 50 anos ou mais (78%) (Kantar Ibope, 2023).

O “Em Cima da Hora” (desde outubro de 2010, “Jornal GloboNews”) foi o primeiro telejornal formatado da grade de programação, em 1996. Como rememora Paternostro (2006a, p. 43), “de definido, apenas o fato de que, de segunda a sexta-feira, sempre haveria um jornal entrando no ar nas horas cheias, com 30 minutos. Demos o apelido para o jornal de MH, meia hora”.

A franquia de telejornais “Em Cima da Hora” (hoje “Jornal GloboNews”) era tida como a “espinha dorsal” da “GloboNews”. Sendo o jornalístico considerado “[...] um jornal só, que atravessa a programação ao longo do dia, com notícias atualizadas, acrescida de novos enfoques a cada edição [...]” (Paternostro, 2006a, p. 101-102).

Durante a primeira década da “GloboNews”, o “Em Cima da Hora - Ed. 18h”, era produzido pela mesma equipe responsável pelas edições das 17h às 21h. Das 22 edições exibidas durante o dia, quatro tinham 25 minutos de duração e as demais cinco minutos. Por sua posição estratégica na grade de programação, horário de retorno dos trabalhadores para casa e de concorrência com o início do horário nobre na televisão aberta, o “MH 18”, como é conhecido internamente, era uma das edições com 30 minutos de duração.

Em 2008, a “GloboNews” deu início a mudanças estéticas e editoriais que resultaram no reposicionamento de sua marca, adotando, posteriormente, em 2010, o *slogan* “Nunca Desliga”. O canal começou a enfatizar, o que compreende como, suas duas principais características: a análise aprofundada dos acontecimentos, a partir dos programas de grande reportagem e de entrevista, e a cobertura jornalística em “tempo real”, que para a rede *all news* corresponde a transmissão contínua e ao vivo de um determinado evento ou assunto, não havendo, portanto, a distinção entre “tempo real” e “tempo atual” nos termos de Fachine (2008, p. 184). Com o novo enfoque editorial promoveu alterações nas edições do “Em Cima da Hora”. O primeiro telejornal da franquia a passar por essa transformação foi o “Edição das 10h”, que ganhou mais meia hora de duração, e começou a incluir debates com convidados e a focar na apresentação de pautas relacionadas a serviços.

Tradicionalmente, o fim de tarde, é o período mais movimentado do dia na redação, com o desfecho dos fatos iniciados na manhã/tarde, o fechamento do mercado de

ações, e encerramentos das discussões no Congresso Nacional, o que demanda agilidade e atenção. Nesse sentido, em outubro de 2009, o “Edição das 18h” também foi reformulado. Passou a dar mais espaço para a cobertura factual ao vivo, ampliou a participação de comentaristas e analistas, além de criar quadros de economia e cultura. A jornalista Leilane Neubarth assumiu a apresentação inserindo um tom de informalidade e dinamismo ao noticiário. A apresentadora permaneceu na função até 2020 quando foi substituída por César Tralli.

Em outubro de 2010, sob a direção de Eugenia Moreyra, foi inaugurada uma campanha institucional que impulsionou uma reformulação abrangendo os cenários e a linguagem gráfica das atrações do canal. A abordagem dos telejornais passou a ser mais acessível, e algumas edições do “Em Cima da Hora” foram ampliadas em meia hora. Outras foram descontinuados para evitar sobreposição de horários, o objetivo era desfazer a percepção de que as notícias apresentadas eram repetidas ao longo do dia. Nessa mudança visual e de marca realizada pela emissora os telejornais “Em Cima da Hora” foram rebatizados como “Jornal GloboNews”, instituindo essas mudanças no formato e na linguagem. Os objetos analisados atravessam essas mudanças do canal de modo que esperamos que seja possível observar na análise as características singulares dos formatos em cada período.

5.2 UM OLHAR NO TEMPO: O PERCURSO DA ANÁLISE TELEVISUAL (AT)

De acordo com Becker (2005, p. 33), a metodologia quanti-qualitativa, da Análise Televisual (AT), “permitiu aos alunos interpretar os telejornais e compreender a narrativa dos noticiários [...]”. Portanto, é a partir dessa possibilidade de verificação dos elementos, da produção e da oferta de sentidos nos telejornais e demais produtos audiovisuais que a AT foi constituída como metodologia do presente estudo.

O método é amparado por referências teóricas estabelecidas nos diálogos de pesquisas do campo do Jornalismo (Salaverria, 2005; Medisch, 2007, 2010 *apud* Becker, 2012, 2016), da Literacia Midiática (Ferrés, 1994; Fontcuberta, 2008; Potter, 2011; Gonnet, 2007 *apud* Becker, 2012, 2016), da Análise Televisual (Casetti, Chio, 1999; Vilches, 1984, 1995; Machado, 2001, 2003 *apud* Becker, 2012, 2016) e dos Estudos Culturais (Martin-Barbero, 2001; Kellner, 2001 *apud* Becker, 2012, 2016) e consiste em um instrumento para a leitura crítica de conteúdos e formatos noticiosos na TV e que utilizam a linguagem audiovisual e os recursos multimídia na *web*.

A estrutura metodológica indica que a primeira etapa é composta pela descrição e/ou contextualização da produção audiovisual. Ou seja, reúne-se dados sobre o produto audiovisual, destacando fatores político-econômicos e socioculturais relevantes do objeto de estudo e da organização produtiva onde este está inserido, em nosso caso, o canal de notícias “GloboNews” e os telejornalístico “Jornal das Dez” e “Em Cima da Hora/Jornal GloboNews”, bem como define-se o *corpus* a ser analisado e faz-se a coleta do material.

Esses procedimentos já foram realizados com a descrição em capítulos e subseções anteriores e o armazenamento das coberturas cedidas pela Globo e do acervo do pesquisador. No relato da análise ainda traçaremos um breve contexto dos acontecimentos abordados.

O método ainda é composto por duas etapas: o processo de Análise Televisual, propriamente dito, e a interpretação dos resultados obtidos. A AT é composta por uma análise quantitativa e uma qualitativa do *corpus* determinado.

No caso desta investigação, trata-se da análise televisual de três grandes coberturas telejornalísticas, denominadas no estudo como unidade de análise (unidade-análise), realizadas pelos plantões de notícia “Em Cima da Hora Eds. *Breaking News*” e “Plantão GloboNews” e pelos telejornais “Jornal das Dez” e “Em Cima da Hora/Jornal GloboNews Ed. 18h” da “GloboNews” (Acidente com o avião *Fokker* 100 da TAM, 1996; Ataques terroristas de 11 de setembro, 2001; Rompimento da barragem em Brumadinho, 2019). Sendo essas, correspondentes a primeira, a segunda e a quinta fases da grande cobertura no canal, proposta pelo pesquisador.

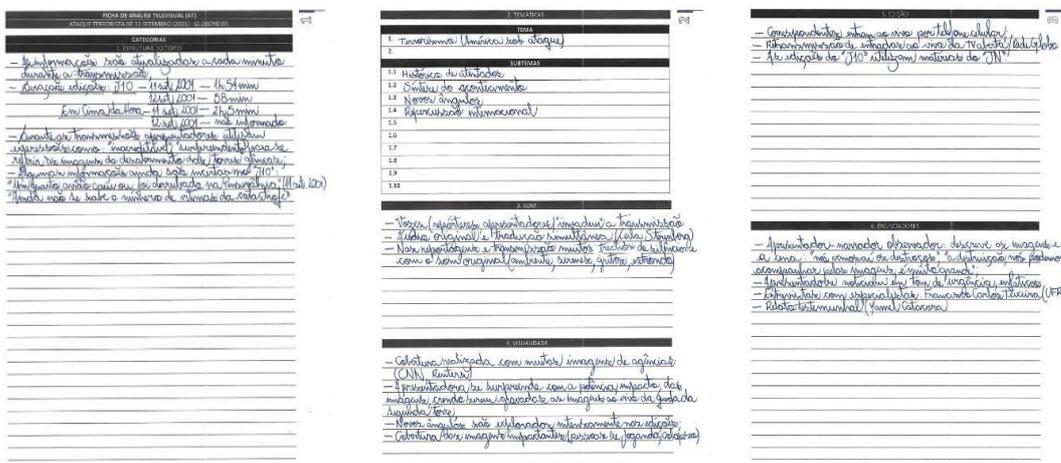
Na fase quantitativa a unidade será analisada a partir de seis categorias que nos permitirá detectar as “marcas da estrutura e da narrativa do telejornal, que auxiliam a apreensão crítica” (Becker, 2005, p. 33), a saber: a) Estrutura do texto ou Estrutura narrativa: corresponde aos elementos que caracterizam a estrutura do produto audiovisual e da narrativa. Como o produto se apresenta, é produzido e distribuído. Dados como o tempo de duração, as divisões, os formatos e unidades informativas presentes na obra e o modo de organização dos conteúdos; b) Temática ou Editorialização: corresponde aos conteúdos, editoriais, temas e/ou assuntos abordados/privilegiados pelas narrativas audiovisuais nos produtos jornalísticos; c) Enunciadores: corresponde aos atores sociais presentes (e/ou ausentes) na narrativa, assim como seus modos de enunciação; d) Visualidade: corresponde a instância cênico-visual, aos cenários e recursos gráficos; e) Som: corresponde a banda sonora. Elementos como palavras, ruídos, trilha sonora e sua função na construção de sentido da narrativa junto às visualidades;

f) Edição: corresponde ao processo de construção do produto jornalístico audiovisual. Como a combinação dos elementos da narrativa audiovisual produzem sentidos.

Após a leitura nas categorias, que fornecerá subsídios para a segunda parte da AT, aplicaremos os dados a três princípios de enunciação na fase qualitativa em que se denotam a linguagem do telejornal: a) Fragmentação: corresponde a articulação dos discursos e narrativas no telejornal. Tem relação direta com a curta duração das unidades informativas e ao caráter enxuto e condensado da linguagem televisiva; b) Dramatização: refere-se à natureza ficcional e emocional da narrativa audiovisual aplicada, neste caso, ao contexto do telejornalismo, que é estruturada para envolver o público ao construir clímax e conferir um caráter dramático aos acontecimentos. Esse princípio é caracterizado por estratégias que intensificam o ápice narrativo, empregando recursos audiovisuais que diluem as fronteiras entre realidade e ficção. Becker (2012, p. 244) observa que a dramatização é acentuada pelo uso de técnicas narrativas e elementos visuais e sonoros que transformam acontecimentos reais em experiências dramatizadas. Isso gera empatia, sedução e/ou comoção em relação aos personagens e aos temas abordados. Essa prática não apenas informa, mas também persuade e encanta, inserindo um componente emocional que pode impactar a percepção crítica do espectador sobre os eventos narrados; c) Definição de Identidades e Valores: corresponde ao modo como questões sociais e conflitos locais e globais são apresentados e qualificados.

Neste estudo a parte da Análise Televisual foi realizada a partir de fichas de análise elaboradas pelo autor para a leitura das coberturas nas categorias e aplicação aos princípios enunciativos (veja na fig. 26). A última etapa do método é composta pela interpretação, ou comparação, dos resultados obtidos a partir das duas leituras das unidades de análise.

Figura 26 – Modelo das fichas de análise utilizadas na aplicação da AT



Como forma de subsidiar os resultados utilizaremos material jornalístico de arquivo (jornal impresso e sites), obtido através da proposta metodológica para análise do percurso histórico do jornalismo audiovisual (Silva, 2020, p. 157), na fase de inventário (capítulo 3), publicações e demais bibliografia sobre as coberturas realizadas pela “GloboNews” e selecionadas para o estudo. Além de dados e informações obtidas através de entrevista com a jornalista e ex-supervisora de Jornalismo da “GloboNews” (de 1996 a 2008) Vera Íris Paternostro. As citações estão inseridas ao longo do texto e a transcrição encontra-se no Apêndice B.

A entrevista remota realizada em 7 de agosto de 2023, através da plataforma Google Meet, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora (CEP/UFJF) seguindo o protocolo de pesquisa previsto no processo 59488122.3.0000.5147 do projeto submetido pelo pesquisador em 5 de junho de 2022 e com parecer favorável emitido pelo CEP/UFJF em 6 de julho de 2022 sob o registro 5.500.026. Disponível no Anexo A.

INDICADORES	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS				
“ANATOMIAS NARRATIVAS” (Piccinin e Soster, 2012; Thomé, Piccinin e Reis, 2020)	ANÁLISE DOCUMENTAL (Moreira, 2005; Pimentel, 2001) + ANÁLISE DO PERCURSO HISTÓRICO DO JORN. AUDIOV. (Mello Silva, 2020) ENTREVISTA SEMI-ABERTA (Duarte, 2005)				
	ANÁLISE TELEVISUAL CONVERGENTE (ATC) (Becker, 2019, 2020)		ANÁLISE TELEVISUAL (AT) (Becker, 2005, 2009, 2012, 2016)		
	INSTÂNCIAS				
	1. Ambiência 2. Produção 3. Audiências 4. Circulação				
	GRANDES COBERTURAS TELEJORNALÍSTICAS “GLOBONEWS” Fases Amostras		CATEGORIAS Quantitativa	PRINCÍPIOS ENUNCIATIVOS Qualitativa	
Estrutura Forma Estilo narrativo Recursos Estética televisual Linguagem audiovisual	1ª 1996 – A “CNN” brasileira, a “Globo Plus” 2ª 2001 – Uma proposta multimídia 3ª 2006 – De cara nova: modernização televisual e na linguagem com novos formatos no ar 4ª 2013 – A notícia em HD, nas redes sociais digitais e no streaming: grandes coberturas sobre política e mobilização social e a “serialização” ao narrar 5ª 2015 – Mais “ao vivo” e mais Política do que nunca - a audiência, os fatos políticos/econômicos, a concorrência e a Covid-19 como fatores de mudança	Acidente com o avião <i>Fokker</i> 100 da TAM, 1996 Ataques terroristas de 11 de setembro, 2001 Rompimento da barragem em Brumadinho, 2019	1. Estrutura Textual/ Narrativa 2. Temáticas/ Editorialização 3. Som 4. Edição 5. Visualidade 6. Enunciadores	a) Fragmentação; b) Dramatização; c) Definição de identidades e valores	RESULTADOS COMPARATIVOS

Quadro 10 – Sistematização dos indicadores analisados e dos procedimentos metodológicos

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

5.2.1 Em São Paulo (SP), a queda do avião Fokker 100 da TAM, em 1996

O trabalho jornalístico sobre a queda do avião *Fokker* 100 da TAM, no bairro Jabaquara, em São Paulo (SP), na quinta-feira, 31 de outubro de 1996, foi a primeira grande cobertura realizada pelo canal “GloboNews”, que havia estreado há apenas 15 dias. “Pela primeira vez a programação normal da Globo News foi substituída pela transmissão contínua de uma notícia” (Paternostro, 2006a, p. 78).

O acidente ocorreu quando uma aeronave comercial da fabricante holandesa decolou às 8h26, do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo (SP), com destino ao Rio de Janeiro (RJ), e, 24 segundos depois bateu em dois prédios e caiu sobre casas na zona sul da cidade. Morreram 96 pessoas que estavam no avião, entre passageiros e tripulantes, e mais três pessoas que estavam na rua, local da colisão.

De acordo com as investigações, a causa do acidente aéreo foi uma falha no reversor de empuxo da turbina direita (uma espécie de freio) da aeronave, que se abriu inesperadamente durante a decolagem. Esse incidente resultou no recuo repentino da alavanca de potência, responsável por controlar a aceleração e desaceleração do motor do *Fokker*.

Apesar de alertas sonoros e visuais estarem programados para indicar o problema, nenhum deles foi acionado na cabine, levando a uma resposta equivocada da tripulação. Como consequência, o piloto perdeu o controle da aeronave, já que um motor acelerava enquanto o outro desacelerava, provocando movimentos opostos e descoordenados. Ao se aproximar da rua onde caiu, situada a cerca de dois quilômetros do aeroporto, o avião arrancou o telhado de um sobrado, fazendo a primeira vítima em solo (Memória Globo, 2021c, 2022; Maselli, 2021). Diante do exposto sobre o contexto dos fatos do acidente, seguimos a análise da cobertura telejornalística da “GloboNews” com os dados da leitura das categorias.

No quadro 11 listamos apenas parte do conteúdo utilizado na análise e que encontra-se publicado na internet em plataformas oficiais da Globo. Como informado anteriormente, por razões legais o conteúdo fornecido pela empresa através do “Globo Universidade” não pode ser reproduzido publicamente ou disponibilizado pelo pesquisador, sendo de uso interno e exclusivo para o estudo conforme especificado no termo assinado pelas partes. Sendo assim, o material disponibilizado pela emissora está identificado como de “acesso restrito”.

DATA	TÍTULO	TIPO DE CONTEÚDO	DISPONÍVEL EM:
31 out. 1996	“Em Cima da Hora - Ed. <i>Breaking News</i> ” – Cobertura ao vivo do acidente aéreo do <i>Fokker</i> 100 da TAM no bairro de Jabaquara em São Paulo (Tarde)	Transmissão ao vivo	https://globoplay.globo.com/v/4905739/
31 out. 1996	“J10” – Com apresentação de André Trigueiro, traz as informações sobre o acidente do <i>Fokker</i> 100 da TAM em São Paulo (narração: Sérgio Aguiar)	Reportagem	https://globoplay.globo.com/v/5390358/
31 out. 1996	“J10” – Abertura e primeira reportagem (narração: Sérgio Aguiar) e entrada ao vivo de repórter (Mariana Kotscho)	Nota, reportagem e entrada ao vivo	Acesso restrito
31 out. 1996	“J10” - Segunda reportagem (narração: William Bonner)	Reportagem	Acesso restrito
31 out. 1996	“J10” – O repórter José Roberto Burnier e o cinegrafista Moacir Mendonça registram as primeiras imagens dos destroços do <i>Fokker</i> da TAM	Reportagem	https://globoplay.globo.com/v/2314815/
1º nov. 1996	“J10” - Abertura (Primeira reportagem: Marcelo Rezende e segunda reportagem: não identificada)	Reportagem	Acesso restrito
1º nov. 1996	“J10” - Entrada ao vivo de repórter: Mariana Kotscho	Entrada ao vivo	Acesso restrito

Quadro 11 – Unidades-análise da primeira cobertura
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na primeira, Estrutura do texto ou estrutura narrativa, observamos o modo como a cobertura telejornalística se apresenta a partir de seus elementos. Analisamos o estilo narrativo, as unidades informativas, a dinâmica e as divisões da cobertura.

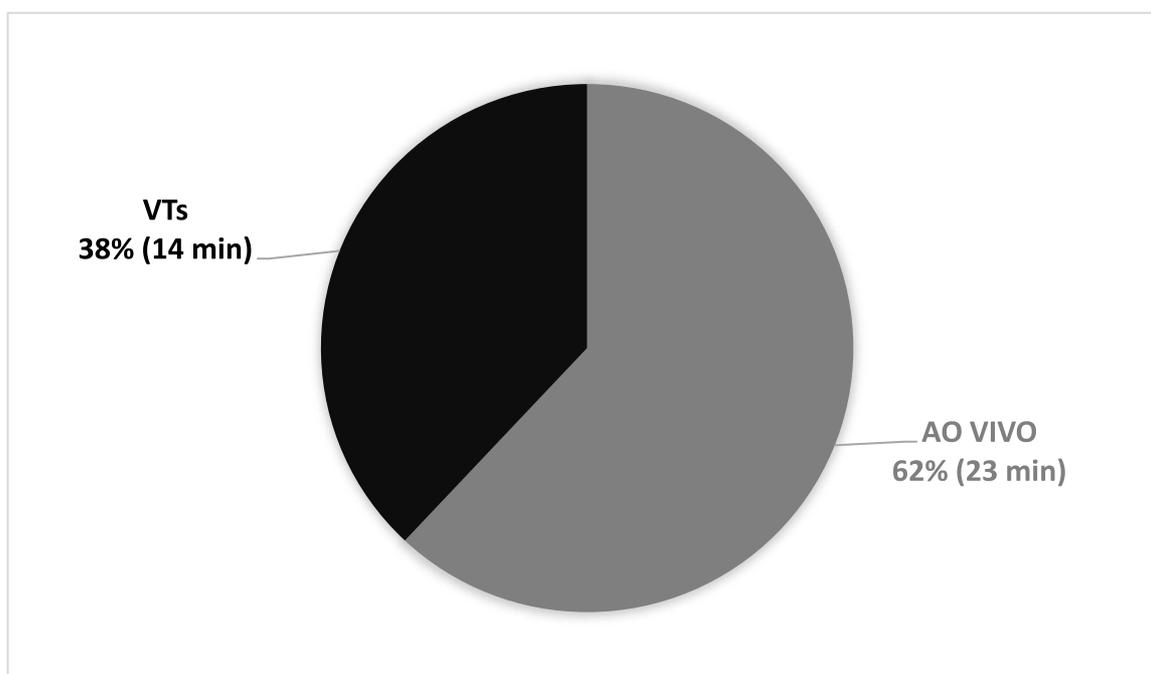
Em 31 de outubro de 1996, o “Jornal das Dez” teve cerca de uma hora de duração. A edição do dia seguinte (1º nov. 1996), que deu continuidade a cobertura da queda do avião, durou cerca de 52 minutos. Segundo nos informou a Globo, não foram encontradas edições da cobertura do “Em Cima da Hora Ed. 18h” no acervo. No total, analisamos 36 minutos e 50 segundos de material audiovisual (abertura dos telejornais, primeira e segunda reportagem, entrada ao vivo de repórter, imagens, encerramento e transmissão ao vivo simultânea) desta primeira grande cobertura do canal.

Na grande cobertura da queda do avião da TAM, a partir das unidades que coletamos e analisamos, observamos que as matérias têm em média dois minutos e 48

segundos de duração. Todas as cinco reportagens⁴¹ foram exibidas no “J10” (em 31/10/1996 e 1/11/1996). Portanto, o total de conteúdo gravado corresponde a 14 minutos e 1 segundo.

As entradas ao vivo dos repórteres no “J10” têm em média um minuto e 26 segundos. Também coletamos e analisamos parte da transmissão direta simultânea (na “Ed. *Breaking News*”), com imagens aéreas e/ou com a participação de repórteres e entrevistados, exibida durante a tarde de 31/10/1996, com cerca de 20 minutos. No total, o conteúdo ao vivo tem 22 minutos e 49 segundos nas unidades-análise coletadas.

Gráfico 10 – VTs e AO VIVO na cobertura da “GloboNews” da queda do *Fokker* 100 da TAM



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

O gráfico 10 demonstra a distribuição entre o conteúdo gravado e ao vivo no material coletado para a análise. Cerca de 62% (23 min) são de conteúdo ao vivo (com imagens aéreas, entradas de repórteres e/ou de especialistas) e 38% (16 min) de produções gravadas (VTs, notas cobertas). Podemos observar, portanto, uma tendência à cobertura ao vivo, a partir do material analisado, se tomarmos a parte (amostra) como um todo, universalizando o resultado para o restante da cobertura. Ao passo que, esse tipo de conteúdo corresponde a mais da metade das produções obtidas/analizadas.

⁴¹ A Globo informou que não foram localizadas pelo acervo as edições do telejornal “Em Cima da Hora – Ed. 18h” (MH18) referentes aos dias 31 out. 1996 e 1º nov. 1996.

Destacamos no texto das reportagens o tom poético, lírico, rimado, utilizado na construção da narrativa pelo “J10”. Enquanto a cabeça da matéria, lida pelo apresentador André Trigueiro, é clara e objetiva, a principal reportagem do dia 31 out. 1996, com uma síntese do acontecimento, apresenta um texto subjetivo e com estilo de crônica.

A reportagem de Sérgio Aguiar e da editora Sheila Vaz faz uso de frases como “[...] é a cor de uma tragédia num dia de sol. Dia de sol, céu de brigadeiro [...]” e “a viagem deveria durar 45 minutos. Durou apenas um piscar de olhos para os passageiros” logo no início para descrever as condições do tempo naquela manhã e a interrupção trágica da viagem. O texto lírico e a narração dramática de Aguiar são acompanhadas das fortes imagens do incêndio e da destruição causados pelo choque do avião (fig. 27).

Figura 27 – Imagens do acidente na reportagem principal do “J10” em 31 out. 1996



Fonte: Reprodução Globoplay (2024)

Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4905739/>> <<https://globoplay.globo.com/v/5390358/>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

A cobertura, a partir das unidades de análise, foi marcada por longas transmissões diretas, com imagens aéreas geradas a partir do Globocop e com entradas ao vivo dos repórteres do Aeroporto de Congonhas, local de partida do avião, e na rua Luís Orsini de Castro, no bairro do Jabaquara.

Em vista disso, destacamos o movimento que denominamos de cobertura narrada ao vivo, quando a própria prática jornalística engendra o conhecimento, as informações e a dinâmica da cobertura telejornalística a partir da narração em tempo real.

Este trabalho específico, portanto, consistiu na ampla descrição pelos apresentadores e repórteres do que era exibido nas imagens à medida que as informações eram liberadas/apuradas ao longo do dia, como a quantidade de mortos, o nome das vítimas, a identificação dos corpos pelo IML, por exemplo.

Paternostro e Márcio Gomes, apresentador da “GloboNews” nesse período, destacam a técnica empregada durante aquela transmissão ao vivo.

Márcio Gomes e Maria Beltrão viveram, na bancada do estúdio, a primeira experiência de improviso e de narração ao vivo [...] Márcio olhava para o vídeo e acrescentava informações. “Eu aproveitava o que conhecia para narrar, enquanto as imagens se sucediam (Paternostro, 2006a, p. 79).

Em vista disso, ressaltamos que, pela análise das reportagens da edição do dia do acidente, exibidas no “J10”, estas caracterizam-se como um resumo da cobertura em si, realizada ao longo do dia pelo canal, com trechos das entradas, planos-sequência e entrevistas realizadas ao vivo pelos repórteres, por exemplo, e não necessariamente como uma matéria produzida especificamente para a síntese dos fatos.

A reflexão de Paternostro (2006a, p. 80) no livro “GloboNews – 10 anos, 24 horas” (Ed. Globo, 2006) corrobora com esse dado da análise ao lembrar da prática produtiva na redação nessa cobertura em que “os fatos se sucediam, a equipe trabalhava sem parar. Tudo o que entrava no ar era reeditado em pequenas matérias para reapresentação ao longo do dia”.

Na categoria Temática ou Editorialização identificamos e analisamos os temas e subtemas apresentados a partir da cobertura. Como o tema principal fica em torno do acidente aéreo, a “Tragédia da ponte aérea Rio-SP” (para a “GloboNews”), tratamos de estabelecer também quais foram os subtemas presentes e o que eles indicam sobre a construção narrativa da cobertura a partir desse assunto abrangente.

Gráfico 11 – Fluxo de tema e subtemas identificados – Acidente *Fokker* 100



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

O tema acidente aéreo mobiliza o interesse da imprensa em geral por seu valor-notícia. Por serem eventos relativamente raros, especialmente considerando o alto volume de voos realizados diariamente. Todavia, quando ocorrem, costumam ter consequências trágicas

e fatais, com múltiplas vítimas. Essa combinação de raridade e impacto significativo torna-os noticiáveis e atraentes para o público.

Os acidentes aéreos levantam ainda questões importantes sobre a segurança da aviação, gerando debates sobre regulamentações, protocolos de segurança e mudanças na indústria da aviação como medidas para evitar futuros acidentes. O Jornalismo, portanto, informa o público sobre essas questões e agenda a discussão sobre como garantir voos mais seguros.

No caso específico da cobertura analisada, o tema principal é identificado como “tragédia da ponte aérea Rio-São Paulo”, visto que esse era o percurso original do voo, o trecho aeroviário mais movimentado do país. Esses fatores contribuem para a personalização do tema na cobertura e reforça o interesse da imprensa. Essa expressão, para referir-se ao acidente/cobertura, foi amplamente utilizada nas reportagens e nas transmissões ao vivo na “GloboNews” e na “TV Globo”.

Além do tema geral, foram identificados oito subtemas na cobertura que nos indicam a ordem de desencadeamento do acontecimento jornalístico construída na narrativa telejornalística. O primeiro subtema observado é a “síntese da cobertura”, como destacado anteriormente, quando o telejornal apresenta em suas edições um compilado da cobertura telejornalística do dia para informar sobre a queda do avião.

Na sequência temos “número de mortos e identificação” quando apresentadores e repórteres se ocupam de reunir informações sobre as vítimas do acidente com a localização de parentes e reprodução da lista de passageiros do voo. Em um estágio adiante na cobertura temos a exibição de imagens de um cinegrafista amador, externa a estrutura do Jornalismo da emissora, captadas minutos após a queda do avião por pessoas próximas ao local, o que caracterizamos como “novos ângulos da tragédia”, o terceiro tópico dentro do tema geral.

No quarto subitem, a cobertura se dedica a esclarecer as “possíveis causas do acidente e os supostos responsáveis”. Esse movimento vem seguido, no quinto subtema, pela reconstituição da “dinâmica do acidente”, baseados nas análises e nos testemunhos obtidos pelo telejornal.

Com o decorrer da cobertura observamos a ênfase dada no avanço da perícia legista do caso, a partir da qual identificamos o sexto subtópico com o “reconhecimento das vítimas/corpos” pelos especialistas e familiares. Por fim, detectamos a busca por reparação como o último subtema, quando o telejornal aborda o “apoio e a indenização” dos supostos responsáveis pelo acidente para as famílias das vítimas.

Como é possível concluir, a sucessão dos subtemas revela também a estrutura narrativa da cobertura do acidente com o *Fokker* 100, em que vários assuntos são agendados a partir do desenvolvimento dos fatos. Criando uma narrativa coesa que apresenta início, auge com uma intriga bem delimitada, “plano da estória” (Motta, 2013, p. 137) e um desfecho, mesmo que em curto tempo.

Na categoria Som observamos como o áudio é articulado na narrativa telejornalística. Sendo possível, portanto, identificar longos trechos de silêncio nas reportagens e nas transmissões ao vivo. Prática que acentuou a dramaticidade da cobertura.

O som ambiente do local do acidente também foi explorado como conteúdo com as sirenes das ambulâncias e dos carros das forças de segurança que davam o tom de urgência a cobertura, os gritos e choro explorando o drama humano e o barulho do fogo queimando os destroços da aeronave, as casas e carros denotando a gravidade do evento. Deste modo, a utilização do som constrói uma sensação de imersão na cobertura narrada.

Além disso, com uso de material da TV aberta pelo canal de notícias identificamos notas cobertas narradas pelo apresentador do “Jornal Nacional” William Bonner utilizadas também no “J10”. Esse tipo de uso foi abolido posteriormente por tratar-se de uma voz característica de outro produto jornalístico do grupo. Mas nessa cobertura isso evidencia a dependência da “GloboNews” da estrutura da “TV Globo” em seus primeiros anos de operação. Como conta Paternostro (2023), em entrevista concedida exclusivamente para o pesquisador para a realização do estudo, “a GloboNews nasceu dependente da estrutura da ‘TV Globo’. Com muitas dificuldades, ela conseguia ser ela sozinha, mas não conseguia porque precisava dessa estrutura”.

Na Edição foram analisados os processos de montagem do material audiovisual para entender como o texto verbal e a imagem combinados produzem sentido. Nesta categoria chamamos a atenção mais uma vez para a forma de utilização de imagens, sonoras e entradas ao vivo da transmissão direta do dia na cobertura do telejornal a partir da inserção desses trechos nas matérias do “J10”.

Alguns boletins informativos ao vivo da “TV Globo” foram retransmitidos durante a cobertura da “GloboNews”, bem como, já citado, as matérias do “Jornal Nacional”, foram reaproveitadas nos telejornais na ocasião e outras coberturas. Paternostro (2006b, p. 50) relata que “os repórteres da TV Globo de São Paulo compartilhavam com a Globo News suas entradas ao vivo, informando e atualizando a notícia o tempo inteiro”.

No material do “J10”, as sonoras com testemunhas do acidente obtidas pelos repórteres da “Globo” em São Paulo foram sobrepostas como uma janela, como destacado na

fig. 28, em cima das imagens do incêndio causado pelos destroços do avião. Em alguns trechos da reportagem observamos uma transição de imagens atípica no telejornalismo em geral e da “Rede Globo”, cuja principal forma de sucessão de imagens aplicada na edição é o corte seco.

No entanto, os recursos de *fade out* e *fade in*, saída suavizada da imagem primária de quadro e entrada gradual da cena seguinte, foram utilizados em segmentos que apresentavam os destroços do avião e o incêndio nas casas da rua atingida aumentando o tom dramático na narrativa jornalística (fig. 28).

Figura 28 – Bricolagem telejornalística com imagens sobrepostas na cobertura do “J10”



Fonte: Reprodução Globoplay (2024)

Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5390358/>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

Essa prática, que denominamos nesse contexto de bricolagem telejornalística da grande cobertura, é embasada pelo conceito de “videoteratura” (Távola, 1981, p. 30; Reis, Thomé, 2017, p. 582, 2020, p. 227), desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF), e pelo que propõe Jacques Derrida (1973, p. 129), a partir dos estudos de Claude Lévi-Strauss (1989, p. 32), da bricolagem como um saber instintivo, focado no improvisado e na combinação de diversos materiais, que surge através da figura do *bricoleur*.

Este termo tem sua origem em *bricolage*, ou seja, as atividades manuais que podem englobar reparos domésticos, a pintura, o artesanato, a decoração, a jardinagem, entre outros, realizados de forma autônoma, sem a necessidade de profissionais especializados. Direcionados, portanto, principalmente por um saber intuitivo, de tentativa e acerto/erro.

Assim sendo, Derrida (2013, p. 129), ao tratar da linguagem, observa nesse tipo de conhecimento construído pelo *bricoleur*, dinâmica significativa de singularidade na elaboração de discursos e na apropriação das formas de expressão, pela maneira como absorve, rearranja e atribui novos sentidos e significados.

A bricolagem telejornalística é muito significativa na cobertura da “GloboNews” da queda do avião da TAM, seja pela inexperiência dos profissionais, falta de estrutura do recém-lançado canal, ou pela inexistência de uma linguagem telejornalística própria, consolidada somente anos depois. Sendo assim, a produção apresenta uma estética audiovisual quase artesanal nesse estágio quando comparada ao material jornalístico produzido nos telejornais da “Rede Globo”.

Na Visualidade avaliamos a instância cênico-visual. A cobertura concentra-se na maior parte do tempo na região do acidente com imagens aéreas e do solo.

A maioria das imagens leva o selo da “Rede Globo” seja no conteúdo exclusivo obtido com cinegrafistas amadores ou naquelas produzidas pelo Globocop. Os VTs utilizam imagens tremidas, com os repórteres fora de foco e/ou enquadramento e com pouco tratamento na edição (escuras ou saturadas) o que potencializa a “imersividade narrativa” (Mello Silva; Yanaze, 2020, p. 155) e o “efeito de real” (Barthes, 2012, p. 188; Motta, 2013, p. 199) no conteúdo (fig. 29). O que resultou no improvisado televisual e na estetização da tragédia como principais características estilísticas dessa primeira grande cobertura jornalística da “GloboNews”.

Figura 29 – Imersividade e “efeito de real” potencializados pelas imagens do “J10”



Fonte: Reprodução Globoplay (2024)

Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4905739/>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

“O cenário era parecido com o de filmes com efeitos especiais: o avião sobre as casas, carros em chamas e, na rua, um ‘rio de combustível’ que, por onde passava, pegava fogo”, foi como descreveu o comandante da reserva do Corpo de Bombeiros Leopoldo Augusto Correa Filho, a partir do que viu quando chegou ao local acidente (Ribeiro, 2006). Certamente das imagens produzidas pela cobertura da tragédia em 1996, a mais impactante é a dos corpos das vítimas envoltos por plásticos pretos e enfileirados na calçada da via. A cena chocante foi amplamente reproduzida por toda a imprensa brasileira na época e intensamente utilizada tanto na transmissão ao vivo da “GloboNews” quanto na cobertura do “J10”.

Ao analisar os Enunciadores foram consideradas as vozes na cobertura telejornalística, ou seja, os atores sociais que integram, ou se ausentam, da narrativa audiovisual, observando os comentários, os testemunhos e as entrevistas.

Devido a pouca estrutura da recém-lançada “GloboNews”, na capital paulista, os repórteres da Editoria São Paulo, do Jornalismo da “TV Globo”, trabalharam intensamente na cobertura do canal de notícias. Como relata o repórter José Roberto Burnier ao *podcast* “As Histórias na GloboNews” (“GloboNews” e “g1”), em agosto de 2021, em que lembra as dificuldades de conciliar a produção de conteúdo para os telejornais da rede e as entradas ao vivo para o canal.

[...] a Globo News quando ela surgiu, como nós é que fazíamos a GloboNews, nós da Rede Globo, a gente tinha que parar a reportagem. A GloboNews começou como um problema, porque às vezes a gente estava num local muito privilegiado numa tragédia, por exemplo, como eu estava lá, e eu tinha que sair desse lugar e ir lá para um ponto onde estava o caminhãozinho de transmissão, de *link*, que em geral não era uma boa posição, porque esse caminhão tinha que ficar fora da área onde tudo aconteceu, fora do cerco dos bombeiros, esperar um ‘tantão’ para fazer entrada ao vivo para depois retomar a minha reportagem (Burnier, 2021).

A cobertura foi conduzida principalmente pelos repórteres e apresentadores contando com informações prestadas por testemunhas, especialistas e autoridades. Parentes de vítimas e pessoas que acompanharam a queda do avião ou tiveram as casas atingidas ganharam amplo espaço com os testemunhos que exploravam o drama humano. As autoridades de segurança também participavam como fonte primária das reportagens.

Um aparato tecnológico fundamental para o desenvolvimento deste trabalho jornalístico foi o telefone, utilizado nas entrevistas com especialistas e nas entradas ao vivo dos repórteres, uma espécie de rádio-telejornalismo no *all news*.

Como contava com pouca estrutura de transmissão externa na época, sendo totalmente dependente da “TV Globo”, a solução viável para manter a cobertura da “GloboNews” atualizada eram as chamadas por voz. Essa prática conferia à televisão o dinamismo do rádio. Um modo de produção jornalística comparável ao praticado pela “CBN”, rádio *all news* do grupo Globo.

Paternostro (2023) defende sua importância para o canal, como um meio que possibilitava manter as coberturas e os telejornais sempre atualizados, e como essa prática se consolidou como uma característica do trabalho jornalístico do canal.

[...] aí surgiu o ao vivo e na GloboNews, nessa época, surgiu algo muito interessante que é o telefone. [...] Como esse ao vivo, sabendo que poderia ser feito ao vivo, estava se achando o caminho da cobertura dela, de como ela seria, de como faria essa cobertura ao longo dos anos e isso só foi se consolidando ao longo do tempo (Paternostro, 2023).

Essa primeira grande cobertura foi ancorada do estúdio no Rio de Janeiro por apresentadores que se revezaram ao longo do dia na bancada. No final daquela noite de 31 de outubro de 1996, o “J10” foi coapresentado por André Trigueiro (RJ) e Lilian Amarante, que estava em São Paulo.

Uma característica da “GloboNews” é a ancoragem das coberturas sempre a partir do estúdio. Os repórteres vão até a notícia, mas, em raras ocasiões, há o deslocamento dos âncoras, que permanecem na “bancada” regendo no ar o trabalho das equipes ao vivo e dos entrevistados por telefone ou no estúdio.

Após essa categorização seguiremos para a análise a partir da enunciação. Na aplicação dos princípios enunciativos avaliamos que:

a) Na Fragmentação, responsável pela articulação do discurso rápido e fragmentado da televisão, a cobertura do “J10” apresenta em geral, pelas edições analisadas, ritmo médio, intercalando entradas ao vivo dos repórteres, entrevistas com especialistas e matérias, e formato fragmentado com matérias de curta a média duração, sendo as mais sintéticas aquelas exibidas originalmente no “Jornal Nacional” (Rede Globo). Nesta cobertura, o conteúdo produzido pela “GloboNews” ainda não apresenta uma linguagem audiovisual consolidada, produzindo reportagens bricoladas com recortes da cobertura do dia e com ritmo de programa de grande reportagem em oposição ao estilo *hard news*, característico do modelo de jornalismo dos canais *all news*;

b) A Dramatização, que refere-se à natureza ficcional e emocional da narrativa audiovisual aplicada ao contexto produtivo do telejornal, está muito presente no noticiário. A partir da análise qualitativa é possível compreender como a cobertura no “J10” se constrói como um espetáculo da atualidade e como um telejornalístico cênico por meio dos recursos gráficos e do cenário e, principalmente, dos enunciadores através dos arquétipos.

Como na “dramaturgia do telejornalismo” (Coutinho, 2012, p. 140) foi possível observar a partir da categorização os “papéis” desempenhados por alguns enunciadores dignos dos dramas televisivos, como: o repórter justiceiro, em busca das causas do acidente e de reparação para as famílias atingidas, o apresentador-narrador observador, que conduz o desenvolvimento da narrativa com o que vê nas imagens e ouve nas entrevistas, os parentes-vítimas, que ganham espaço na exposição do drama humano com a perda de pessoas próximas na tragédia. Outro aspecto é o desenvolvimento da grande cobertura telejornalística com abordagens/enquadramentos editoriais que a conduzem do início para a intriga e, posteriormente, seguem para o final da trama naquele dia de cobertura;

c) Na Definição de Identidades e Valores, partimos das entrevistas, entrevistados, depoimentos, enunciação dos jornalistas, para compreender como a cobertura do “J10” define o papel de cada ator social representado. Observamos que a população entrevistada é sempre creditada pelo telejornal como “testemunha” e que esse tipo de relato tem muita força nessa cobertura sendo utilizado como base para os textos das matérias e para reconstituição do acidente.

A morte é um valor-notícia por excelência muito explorado pela cobertura. Existe uma curiosidade natural sobre a finitude e as circunstâncias que a cercam. Ao explorar amplamente essa questão, o “J10” oferece ao público possibilidades de reflexão sobre um desejo humano de compreender e fazer sentido da vida e da morte.

Possibilita a criação de uma narrativa clara e potente. As reportagens apresentam histórias de vida e da finitude com um arco dramático inerente que pode ser facilmente reconhecido pelo público, facilitando a criação de uma narrativa vinculante e que gera engajamento, mobilizando a atenção da audiência. Ao passo que também ajuda a nutrir o interesse dos telespectadores em histórias dramáticas e impactantes, estabelecendo o “telejornalismo como um lugar de segurança” (Vizeu, 2009, p. 77).

Nesse sentido, a morte explorada pela cobertura da queda do *Fokker* 100 tem o potencial de atrair a atenção, provocar respostas emocionais e gerar curiosidade e interesse definindo, portanto, identidades e produzindo valores.

5.1.2 Nos Estados Unidos da América, os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001

A cobertura jornalística dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, mobilizou a imprensa mundial, inclusive a “GloboNews”, no Brasil, que permaneceu “por mais de dez horas” ao vivo (Paternostro, 2006b, p. 55). No *podcast* “As Histórias na GloboNews”, a apresentadora Maria Beltrão, uma das âncoras dos telejornais do canal de notícias no período em que ocorreram os ataques, afirma que “essa foi uma das primeiras grandes coberturas internacionais da GloboNews” (Beltrão, 2021).

Os ataques terroristas nos EUA tiveram início na manhã do dia 11 de setembro de 2001, quando quatro aeronaves comerciais de passageiros, com destinos dentro do próprio país, foram sequestradas por membros do grupo terrorista *Al-Qaeda*.

Os dois aviões sequestrados, que partiram de Boston, foram lançados contra duas torres do conjunto de edifícios *World Trade Center*, no sul de *Manhattan*, em Nova York, às

8h45 e às 9h (horário local), respectivamente. Alguns minutos após o choque do primeiro avião, agências de notícias e canais *all news* estadunidenses começaram a transmitir em tempo real imagens do incêndio na torre sul para o mundo todo.

“O *World Trade Center* está pegando fogo!”, alerta a editora de Internacional Sandra Coutinho ao se aproximar de um dos monitores na redação da Globo News [...] A Globo News foi a primeira emissora brasileira a transmitir as imagens dos atentados de 11 de setembro de 2001 (Paternostro, 2006a, p. 264)

O terceiro voo sob poder dos terroristas foi arremessado contra o Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos EUA, na região metropolitana de Washington, cerca de uma hora depois. O quarto Boeing caiu em uma área de campo aberto em *Shanksville*, na Pensilvânia. No total, cerca de três mil pessoas, entre vítimas e terroristas, morreram nos atentados.

DATA	TÍTULO	TIPO DE CONTEÚDO	DISPONÍVEL EM:
11 set. 2001	“Plantão da GloboNews” – Com apresentação de Leila Sterenberg, traz as primeiras informações sobre a ataque terrorista ao <i>World Trade Center</i>	Transmissão ao vivo	https://globoplay.globo.com/v/5390473/
11 set. 2001	“Plantão GloboNews” – Atentados ao World Trade Center em NY (11 set. 2001) (Apresentação: Leila Sterenberg e Luís Ernesto Lacombe; Correspondentes: Edgard Júnior e Jorge Pontual)	Transmissão ao vivo	https://youtu.be/5Fm9GE1hQy8
11 set. 2001	“Em Cima da Hora - Ed. <i>Breaking News</i> ” – 11 de setembro de 2001 - A queda da torre norte WTC/GloboNews ao vivo (Apresentação: Leila Sterenberg e Luís Ernesto Lacombe; Correspondente: Jorge Pontual)	Transmissão ao vivo	https://youtu.be/mR1YMPu8UKk
11 set. 2001	“Em Cima da Hora - Ed. <i>Breaking News</i> ” – Cobertura atentados <i>World Trade Center</i> (Tarde) – GloboNews (Apresentação: Maria Beltrão, Leila Sterenberg, Ana Paula Padrão e Carlos Nascimento; Correspondente: Heloísa Villela; Comentarista: Prof. Francisco Carlos Teixeira)	Transmissão ao vivo	https://youtu.be/6WYrwq8BeSs
11 set. 2001	“MH18” – Novas imagens do choque dos aviões no WTC (Apresentação: Eduardo Grillo e Luciana Ávila)	Nota coberta	Acesso restrito ⁴²

⁴² Por razões legais, o material sinalizado como “acesso restrito” foi disponibilizado pela empresa por meio do “Globo Universidade” e não pode ser reproduzido ou compartilhado pelo pesquisador, sendo restrito ao uso específico para o estudo, conforme estipulado no termo assinado.

11 set. 2001	“MH18” – Líderes mundiais se manifestam (Apresentação: Eduardo Grillo)	Reportagem	Acesso restrito
11 set. 2001	“J10” – Abertura (Apresentadores: André Trigueiro e Maria Beltrão)	Nota	Acesso restrito
11 set. 2001	“J10” – Primeira reportagem - Atentados de 11 de setembro em Nova York (Correspondente: Edney Silvestre)	Reportagem	https://youtu.be/6wAE8qoQq1k
11 set. 2001	“J10” – Segunda reportagem (Correspondente: Jorge Pontual)	Reportagem	Acesso restrito
11 set. 2001	“J10” – Jorge Pontual fala das investigações das autoridades estadunidenses sobre os possíveis responsáveis e entrevista médico brasileiro sobre o estado de saúde dos novaiorquinos	Entrada ao vivo	Acesso restrito
12 set. 2001	“Em Cima da Hora - Ed. <i>Breaking News</i> ” – Cobertura atentados terroristas - GloboNews (Manhã) (Apresentadora: Leila Sterenberg)	Transmissão ao vivo	https://youtu.be/XI5qPK2cRIw
12 set. 2001	“J10” – Primeira e segunda reportagens (Correspondentes: Edney Silvestre e Luís Fernando Silva Pinto)	Reportagem	Acesso restrito
12 set. 2001	“J10” – Jorge Pontual fala dos impactos dos atentados na economia e entrevista o economista Albert Fishlow	Entrada ao vivo	Acesso restrito

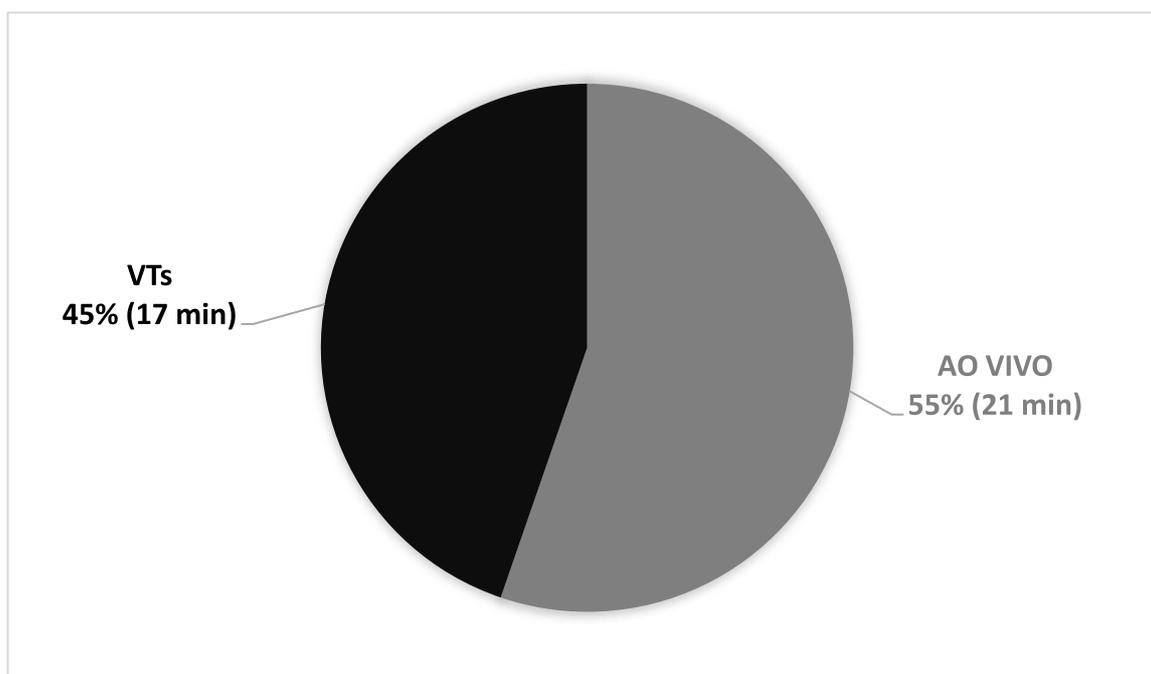
Quadro 12 – Unidades-análise da segunda cobertura
 Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na categoria Estrutura do texto observamos que as edições do “Em Cima da Hora Ed. 18h” e do “Jornal das Dez” do dia 11 de setembro de 2001 tiveram aproximadamente duas horas de duração cada. No dia seguinte (12 set. 2001), a cobertura se concentrou nas consequências dos atentados, a edição do “MH18” não foi localizada, segundo nos informou a Globo. O “J10” teve cerca de uma hora de duração. No total, analisamos 38 minutos e 4 segundos de material audiovisual (abertura dos telejornais, primeira e segunda reportagem, entrada ao vivo de repórter, imagens, encerramento e transmissão ao vivo simultânea).

Na grande cobertura dos atentados terroristas de 11 set. 2001, nos Estados Unidos, a partir das unidades que coletamos e analisamos, observamos que as matérias têm em média dois minutos e 47 segundos de duração. Da amostra coletada duas reportagens foram exibidas no “MH18” (em 11/9/2001) e outras quatro foram veiculadas no “J10” (em 11/9/2001 e 12/9/2001). Assim sendo, o total de conteúdo gravado corresponde a 16 minutos e 44 segundos.

As entradas ao vivo dos repórteres no “J10” têm em média dois minutos e 44 segundos. De acordo com a Globo, não houve entrada ao vivo de repórteres nos dias 11 e 12 set. 2001 no telejornal “MH18”. As transmissões diretas simultâneas (nas “Eds. *Breaking News*”), coletadas e analisadas, com a narração dos apresentadores, imagens aéreas e/ou com a participação de repórteres e entrevistados, exibidas durante as manhãs e as tardes de 11 e 12 set. 2001, têm aproximadamente 16 minutos. No total, o conteúdo ao vivo tem 21 minutos e 20 segundos, a partir das amostras obtidas (entradas “J10” + transmissão direta simultânea manhãs/tardes).

Gráfico 12 – VTs e AO VIVO na cobertura da “GloboNews” dos atentados terroristas de 11 set. 2001



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A partir das amostras obtidas, o gráfico 12 sistematiza a distribuição de conteúdo gravado e ao vivo no material coletado para a análise. Cerca de 55% (21 min) são de conteúdo ao vivo (com narração dos apresentadores, imagens aéreas, entradas de repórteres/correspondentes e/ou de especialistas) e 45% (17 min) de produções gravadas (VTs, notas cobertas). Destacamos, portanto, uma predisposição à cobertura ao vivo, a partir do material analisado, se universalizarmos o resultado do gráfico para toda a cobertura da “GloboNews”, já que, o referido tipo de conteúdo representa mais da metade do *corpus* coletado/analísado.

Na análise detectamos que as informações nessa cobertura jornalística foram atualizadas a cada minuto e que os jornalistas trabalhavam com um fluxo grande de informações.

Em alguns trechos da transmissão ao vivo as notícias apresentadas pelos repórteres sobrepunham-se as imagens e a narração dos apresentadores como em um *feed* contínuo e, por vezes, desordenado. Coube, portanto, às edições dos telejornais analisados (“MH18” e “J10”) a tentativa de organização do “mosaico de notícias da cobertura” diária, ainda que as investigações estivessem em andamento e as informações incompletas.

A proporção dos eventos e da cobertura midiática que se sucedeu foi tamanha, que mesmo ao fim do dia muitos dados ainda não haviam sido confirmados. Em um primeiro momento do trabalho jornalístico da “GloboNews”, detectamos a imprecisão e a ausência de informações em algumas notícias do “MH18” e do “J10”. “Um quarto avião caiu ou foi derrubado na Pensilvânia”, diz Maria Beltrão, sem confirmar o motivo da queda do voo 93 da *United Airlines*. “Ainda não se sabe o número de vítimas da catástrofe”, complementa André Trigueiro, de forma inconclusiva, na abertura do “J10”.

A incerteza expressa em partes da narrativa jornalístico pode ser justificada pela grandiosidade do acontecimento, que desvela temporalidades distintas, as quais nos adverte Ramonet (1999, p. 71-72), com o “tempo midiático”, característica do Jornalismo, mas, principalmente, da grande cobertura telejornalística, que seria a temporalidade própria das redes de notícias e da internet, por exemplo, ao noticiar, ancorada no imediatismo e em uma noção própria de “tempo real”. E o “tempo político”, mais lento, próximo ao tempo da vida social, que permite que as investigações ocorram e as causas sejam determinadas ou não.

Nesse sentido, o “tempo midiático” do “J10” e de toda imprensa, em geral, que buscou responder de forma imediata questões fundamentais referentes as motivações dos atentados e suas consequências, como o número de vítimas e/ou a dinâmica do sequestro das aeronaves, confronta-se com o “tempo político” em que as investigações das autoridades de segurança estadunidenses ocorreram. Por exemplo, o relatório final⁴³ da Comissão Nacional sobre Ataques Terroristas nos Estados Unidos, criada pelo Congresso Nacional daquele país

⁴³ O relatório final é um documento oficial de mais de 500 páginas produzido pela Comissão Nacional sobre Ataques Terroristas nos Estados Unidos (*9-11 Commission*) composta por parlamentares do Congresso estadunidense. A comissão revisou mais de 2,5 milhões de páginas de documentos, entrevistou mais de 1.200 pessoas em dez países e coletou mais de 160 depoimentos públicos de testemunhas dos atentados. Foi apresentado: um panorama detalhado dos eventos que levaram aos ataques de 11 de setembro de 2001; o total definitivo de mortes diretas e indiretas relacionadas a catástrofe; e identificado as falhas cruciais nas ações de inteligência e segurança do governo. Disponível em: <<http://govinfo.library.unt.edu/911/report/911Report.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

para investigar as circunstâncias do evento, foi divulgado somente em 22 de julho de 2004, cerca de três anos depois dos atentados, com um levantamento detalhado dos eventos de 11 de setembro.

O “tempo midiático” na grande cobertura, contudo, pode ser interpretado como uma forma possível e necessária, de organização do mundo e da vida social pelo (tele)jornalismo, se nos apropriarmos do que intenta Vizeu (2009, p. 47).

O autor argumenta que a televisão, especialmente através do telejornalismo, atua como um “lugar de referência” que organiza o cotidiano. Vizeu sugere que o noticiário televisivo não apenas transmite informações, mas, conforme observado na análise da cobertura da “GloboNews”, a partir também do “tempo midiático” (Ramonet, 1999, p. 71), prepara e apresenta uma realidade possível, um tempo real midiático, que pode contribuir com os sujeitos na percepção e interpretação do mundo, permitindo que façam sentido dos eventos e conflitos que ocorrem.

A potência das imagens destacou-se na estrutura narrativa da cobertura. Mesmo com poucas informações sobre o atentado no início da cobertura as imagens do WTC em chamas e de pessoas se jogando do alto das torres gêmeas foram transmitidas ao vivo. Desse modo, o interesse e o valor jornalístico estavam manifestos nas imagens ao vivo, em tempo real. Durante a cobertura as cenas surpreenderam os apresentadores que utilizavam recorrentemente expressões como “inacreditável” e “impressionante” para descrever o que era exibido tamanho o choque e a afetação para eles que narravam enquanto assistiam junto com os telespectadores.

Na análise detectamos que a cobertura do canal brasileiro foi ancorada, principalmente, no trabalho desenvolvido pela rede de notícias “CNN”. Além da retransmissão das imagens geradas nos EUA, as primeiras com tarjas e logomarca da emissora estadunidense, a cobertura na “GloboNews” ficou marcada pelas primeiras traduções simultâneas realizadas pelos jornalistas do canal. Foram traduzidos os pronunciamentos do então presidente George W. Bush e de outras autoridades, e, também, o próprio sinal da “CNN” com informações dos âncoras e de repórteres. Em entrevista, Paternostro (2023) relembra o que considera um marco para a grande cobertura do canal que se consolida com esse trabalho nos ataques de 11 setembro.

Quando chega 2001, que é o 11 de setembro, você tem no ar a Leila Sterenberg, que era uma apresentadora [...] e que fala quatro ou cinco línguas [...] ela então põe a transmissão da CNN no ouvido e começa a falar aquilo que estava ouvindo e a gente fica no ar o mesmo, igualzinho a CNN. A gente estava horas, horas e horas no ar com ela falando e aquilo deu uma potência também, um salto. Significou um salto na cobertura da GloboNews. Bastante importante, bastante marcante. É um ponto de virada mesmo (Paternostro, 2023).

Outro elemento percebido na análise, a partir da noção de “elementos paratextuais⁴⁴” (Coutinho, 2016, p. 10, 2018, p. 192, 2020, p. 174), foi o ineditismo com a primeira cobertura simultânea da “GloboNews” na TV e na internet através do *site* de notícias “GloboNews.com”, projeto de convergência de mídias das então Organizações Globo, que estreara, em caráter experimental, dois meses antes dos atentados (Gugliano, 2001, p. 23).

O conteúdo do portal contava com material exclusivo e produzido originalmente para o canal (reportagens, entrevistas, análises, nota) e, também, com informações de outros veículos do grupo como “O Globo”, a revista “Época” e a rádio “CBN”. Todas as produções eram editadas e tinham curadoria de uma equipe própria de jornalistas e do canal também (Gugliano, 2001, p. 23).

Durante a cobertura uma editoria foi criada no *site*, intitulada “Cobertura especial: Terror nos EUA”, para reunir as notícias. As matérias apresentaram um panorama da situação no país refazendo a partir de infográficos a rota dos aviões sequestrados antes da colisão, rememorando com fontes de arquivo os atentados ocorridos em décadas passadas (*World Trade Center*, em 1993, Capitólio, Oklahoma e *Pearl Harbor*), análises sobre a situação da economia e os impactos, bem como a situação dos brasileiros nos EUA e um guia com telefones úteis (fig. 30).

⁴⁴ Segundo a Coutinho (2016, p. 10), partindo do conceito de Genette (2009), os “paratextos” são os dados que acompanham o texto principal contribuindo adicionalmente para a leitura e interpretação. Na materialidade audiovisual os “elementos paratextuais” podem ser identificados como os acessórios contextuais do produto em áudio e vídeo em questão, tais como: as vinhetas, a programação, o *teaser*, a descrição do formato, entre outros. Tomando essa proposta como base, entendemos que o *site* “GloboNews.com” compõe o ecossistema midiático do canal “GloboNews” na conjuntura da convergência de mídias promovida pelas Organizações Globo.

Figura 30 – Cobertura jornalística no portal de notícias “GloboNews.com”

The figure consists of three screenshots of the GloboNews.com website, each highlighting a specific date of news coverage:

- 11 set. 2001:** The page is titled "COBERTURA ESPECIAL: TERROR NOS EUA". It features a prominent map of Manhattan, New York, with a red dot indicating the World Trade Center. The main headline reads "Veja os locais e prédios usados nos ataques".
- 15 set. 2001:** The page is titled "COBERTURA ESPECIAL: EUA EM GUERRA". The main headline is "Talibã e afegãos: 'Preparam-se para guerra suavia'". Other headlines include "Fetado nos EUA primeiro prívio ligado aos atentados" and "Bin Laden capturado".
- 16 out. 2002:** The page is titled "COBERTURA ESPECIAL: GUERRA AO TERROR". It features a vertical timeline of events, starting with "Bush assina resolução do Congresso contra o Iraque" and continuing with "O Iraque ameaça a paz e a soberania da região", "Rússia querita forte, os países Unidos estão realizando debate aberto sobre o assunto", and "O Conselho de Segurança da ONU vota a favor de uma resolução que exige o cessar-fogo no Iraque".

Fonte: Reprodução *Internet Archive*/GloboNews.com (2024)

Dias depois dos atentados, o título da seção foi alterado para “Cobertura especial: EUA em Guerra”, com as notícias destacando as primeiras movimentações do governo W. Bush para a retaliação militar no Oriente Médio. Em um movimento de “suíte⁴⁵” e/ou de “cauda longa no jornalismo⁴⁶” (Schmitt; Fialho, 2007, p. 200), a “GloboNews” na TV e o “GloboNews.com” na internet também cobriram simultânea e colaborativamente os acontecimentos posteriores ao sequestro dos aviões, do que ficou conhecido como “Guerra ao Terror”, com a invasão ao Afeganistão, em 2001, e a Guerra contra o Iraque, em 2003.

⁴⁵ Faz referência a cobertura em série, em sequência, de um acontecimento. O jargão no Jornalismo designa a reportagem que explora os desdobramentos de um fato que foi notícia anteriormente.

⁴⁶ Diante das transformações provocadas pelo digital no jornalismo, Schmitt e Fialho (2007, p. 200) propõem o conceito de “cauda longa no jornalismo” a partir de duas dimensões: a “cauda longa do tempo”, a qual refere-se à capacidade das notícias de manter relevância ao longo do tempo, e a “cauda longa da abundância de conteúdo”, que destaca o crescimento e a diversidade de fontes de informação disponíveis *online*, especialmente através de *blogs* e outras plataformas digitais, sobre determinado acontecimento. Desse modo, em nossa perspectiva, a cobertura da “GloboNews”, em duas frentes (TV e *site*), sobre os atentados criaria uma cauda longa nessa grande cobertura a conectando à outras grandes coberturas (invasão do Afeganistão e Guerra no Iraque).

Em 2002, outra mudança. A editoria (“EUA em Guerra”), no portal de notícias do canal, é novamente renomeada, desta vez com *design* gráfico remodelado apresentando nova fonte tipográfica e cor verde militar, incorporando o conteúdo jornalístico produzido nas coberturas anteriores. Porém, é apresentada como “Cobertura especial: Guerra ao Terror”. Indicando, portanto, o início de uma nova grande cobertura (tele)jornalística.

Essa “cauda longa” na grande cobertura jornalística (estabelecida pela continuidade do trabalho jornalístico conjunto no canal e no *website*), tendo a renomeação das coberturas e a mudança no enquadramento das pautas (consequências econômicas, retaliação militar) como exemplo, estabelece uma espécie de conexão e, ao mesmo tempo, de *cliffhanger*⁴⁷ telejornalístico, um gancho narrativo, na transição de uma grande cobertura para outra, como em uma série tipo *spin-off* ou em uma série ficcional televisiva do tipo antológica⁴⁸, que apresenta um novo subtítulo, com possibilidade de manutenção de elementos anteriores e/ou adição de novos enredos e personagens a cada uma nova temporada.

Na categoria Temática ou Editorialização identificamos que a expressão “Atentados terroristas nos EUA” (para a “GloboNews”) e “Terror nos EUA” (no “GloboNews.com”) é o assunto principal abordado na grande cobertura. Embora, inicialmente, o fato tenha sido tratado como um acidente aéreo, logo que as informações são confirmadas e o presidente estadunidense faz um pronunciamento ao vivo, transmitido pelo canal, é adotada nas tarjas e nos textos a expressão “atentados terroristas” para referir-se ao evento em todos os programa e telejornais da “GloboNews”.

A figura 31 apresenta a sequência na transmissão em tempo real em que a denominação da cobertura é definida. No momento do impacto do segundo avião, por volta das 9h no horário local, pelas informações que tinha disponível, a “GloboNews” ainda tratava como um acidente aéreo em Nova York. Trinta minutos depois, W. Bush faz o primeiro pronunciamento à nação dizendo que o país sofreu um “aparente ataque terrorista”. A partir

⁴⁷ O *cliffhanger* é um recurso narrativo utilizado em textos que consiste na interrupção, fechamento da narrativa em um momento de alta tensão, suspense ou revelação, gerando expectativa pela resolução e/ou continuidade da trama. Essa técnica narrativa tem como objetivo prender a atenção do público, estimular a curiosidade e garantir a audiência para as próximas partes da história, sendo muito utilizada em telenovelas, séries, filmes e outros formatos narrativos. A técnica pode ser utilizada com a função de aumentar a audiência, manter o suspense, criar um senso de urgência e fortalecer a conexão com a trama e seus personagens.

⁴⁸ Entendemos por série antológica a coleção de histórias independentes (capítulos, episódios) unificadas (volume, temporada) por um tema ou premissa comum oferecendo uma abordagem diversificada e flexível à narrativa para o público.

de então, em torno de 10h, com imagens de parte do prédio do Pentágono desabando, a tarja atualizada indica que aquela trata-se de uma cobertura dos atentados terroristas nos EUA.

Figura 31 – Sequência na definição temática da cobertura de 11 set. 2001

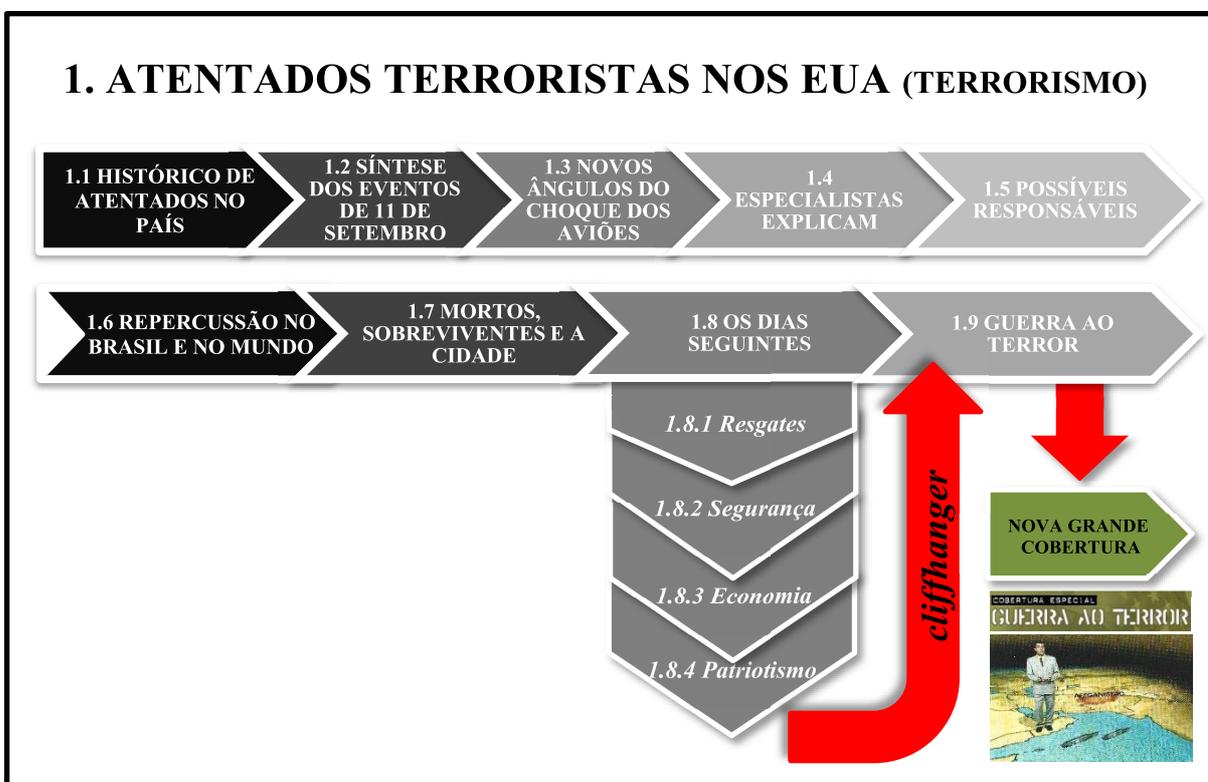


Fonte: Reprodução YouTube (2024)

Disponível em: <[https:// https://youtu.be/5Fm9GE1hQy8](https://youtu.be/5Fm9GE1hQy8)>. Acesso em: 11 ago. 2024.

Além do tema principal, identificamos nove subtemas ao longo da cobertura analisada, sendo que o último tópico apresenta quatro subdivisões que servem de “cliffhanger” para o último item observado.

Gráfico 13 – Fluxo de tema e subtemas identificados – Ataques terroristas de 11 set. 2001



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Nas edições dos telejornais e transmissões simultâneas analisadas, o primeiro subtema identificado foi o “histórico de atentados” em território dos EUA, com destaque na narração dos apresentadores e nas entradas ao vivo dos repórteres para a detonação de um carro-bomba no subsolo do WTC, em 1993, por terrorista da *Al-Qaeda*, e para o ataque militar dos japoneses a base naval estadunidense de *Pearl Harbor* no Havaí, em 1941.

Na sequência a cobertura apresenta uma “síntese dos eventos de 11 de setembro”, com a cronologia dos atentados desde a colisão do primeiro avião na torre norte do WTC. Em seguida, “novos ângulos” da tragédia são exibidos com imagens capturadas por cinegrafistas amadores e redes de televisão.

Tanto nas transmissões ao vivo quanto nos telejornais a presença de “especialistas” (historiadores, engenheiros, diplomatas) na tentativa de contextualizar e explicar os acontecimentos foi constante, destacando-se como um subtema dentro da cobertura.

Após as contextualizações, o principal assunto abordado pela “GloboNews” foi a “busca por responsáveis e por inimigos do Ocidente”, o histórico de atentados e a contextualização dos especialistas foi importante nas conjecturas desse momento do trabalho jornalístico. A “repercussão” no Brasil e no mundo dos líderes e autoridades é mais um tópico observado. Nos telejornais noturnos analisados, com as informações mais consolidadas, as manifestações de repúdio e de condolências de países como Rússia, França, Alemanha e Brasil e de órgãos como o Secretariado-geral da ONU foram exibidas.

Com dados mais concretos a cobertura passa a estimar o número de vítimas e de sobreviventes dos atentados. Outro aspecto que pode ser destacado é o questionamento dos jornalistas nas entradas ao vivo e nas reportagens sobre como fica Nova York, como a cidade lidará com o trauma e com o luto a partir da tragédia. Nesse sentido, os “mortos, sobreviventes e a cidade” configuram o sétimo subtema.

Uma sequência temática semelhante à descrita até aqui também foi detectada por Emerim (2012), em pesquisas realizadas durante o período de doutoramento da autora, em que se investigou a estrutura e a função das entrevistas no telejornalismo. Os trabalhos analisaram justamente as coberturas da “GloboNews” e da “Rede Globo” do dia dos atentados terroristas (11 set. 2001) e do dia da invasão ao Iraque pelos Estados Unidos (15 mar. 2003).

Emerim (2012) indica que a cobertura do 11/9, através da transmissão direta do “MH18”, estrutura-se do ponto de vista temporal, de forma retrospectiva, contextualizando o terrorismo no país e apresentando a dinâmica dos acontecimentos, e somente então parte os possíveis desdobramentos do evento. “Somente a partir de um dado momento, depois que a

tragédia foi internalizada, é que se passa a pensar prospectivamente em termos de suas prováveis consequências” (Emerim, 2012, p. 101).

Além dos subtemas já citados, identificamos ainda o que denominados de “os dias seguintes”, quando nas últimas unidades-análise observamos uma preparação para uma transição de enquadramento noticioso e de cobertura, que se caracterizou por avaliações e projeções na cobertura jornalística sobre o futuro dos EUA e do mundo no pós-atentado.

Esse oitavo subtema (1.8) é composto por quatro subdivisões constatadas na análise. Os quatro itens dão indícios, pistas, e nos conduzem a acontecimentos que ocorreriam na sequência (a invasão ao Afeganistão e ao Iraque pelas tropas estadunidenses) e, conseqüentemente, revelam um último subtema (1.9), que tornou-se, posteriormente, uma nova grande cobertura no canal e no portal de notícias, como citado.

Portanto, identificamos as seguinte subdivisões nas representações presentes na cobertura: (1.8.1) o trabalho de “resgate” e de busca por sobreviventes pelas forças de segurança, presente nas imagens das máquinas escavadeiras e dos bombeiros trabalhando, exibidas ao vivo e nas reportagens, que gera empatia e comoção na audiência, ao passo que potencializa a construção de sentido da esperança, da persistência e do heroísmo estadunidense na audiência; (1.8.2) a questão do reforço na “segurança” dentro do país e nas fronteiras, com as imagens de policiais armados e patrulhas móveis nas cidades, que está relacionada diretamente ao medo e ao pânico instaurados naquela sociedade, produzindo/reforçando audiovisualmente o imaginário de um “inimigo” externo a ser combatido; (1.8.3) os fatores ligados a “economia”, com a especulação positiva do mercado financeiro sobre a situação, a partir da avaliação de economistas entrevistados pelos telejornais, com a intensificação do volume de investimentos a ser feito pelo governo na reconstrução dos equipamentos destruídos, no reestabelecimento/fortalecimento do sistema de segurança e na resposta militar; (1.8.4) por fim, o “patriotismo”, o nacionalismo representado, por exemplo, nas reportagens com imagens da bandeira dos EUA hasteada nas casas e pelas sonoras dos estadunidenses falando sobre o orgulho que sentem pelo país e da necessidade de retaliação/responsabilização pela tragédia.

O item “Os dias seguintes” também era uma divisão dentro da “Cobertura especial: Guerra ao Terror” no portal “GloboNews.com”, que reunia as notícias sobre os resgates, o luto da população e os relatos de intolerância religiosa que cresceram no país.

O gancho narrativo, *cliffhanger* telejornalístico na grande cobertura, evidenciado pelas subdivisões da subtemática “os dias seguintes”, contribuiu para a identificação do último subtema “guerra ao terror”, em que as unidades-análise (entrevistas e projeções de

especialistas, sonoras do presidente Bush e de aliados e a própria imprensa, que também era fonte de informação) indicavam que a resposta militar dos EUA era iminente.

Cerca de 25 dias depois dos eventos de 11 de setembro, com a invasão do Afeganistão, em 7 de outubro, a subseção temática (1.9) tornou-se uma nova grande cobertura no canal e no “GloboNews.com”.

As guerras no Afeganistão e no Iraque, iniciadas pelos Estados Unidos quase um mês depois do atentado em Nova York, foram acompanhadas dia após dia, oferecendo ao telespectador ampla cobertura sobre o fato (Memória Globo, 2021, p. 1).

Na categoria Som observamos que o silêncio é muito presente na cobertura. Os apresentadores fazem pausas e acompanham com o telespectador os acontecimentos. Com isso, temos contato com o áudio original em vários momentos (os ruídos do ambiente, as sirenes, os gritos das pessoas, o estrondo do impacto do segundo avião e das explosões).

Em outras partes, principalmente nas transmissões diretas, há sobreposição de vozes com repórteres, especialistas e apresentadores falando ao mesmo dado o fluxo intenso de informações que chega. A transmissão da “Rede Globo” também é “plugada⁴⁹”, ou seja, a “GloboNews” aproveita parte da cobertura da TV aberta com a entrada ao vivo de repórteres, por exemplo. Em alguns momentos vozes não identificadas anteriormente, como a dos então apresentadores do “Jornal Hoje”, Carlos Nascimento, e do “Jornal da Globo”, Ana Paula Padrão, “invadem” a transmissão do canal de notícias nessa reutilização de conteúdo.

Outro destaque desta categoria é a utilização do áudio original sobreposto com a tradução simultânea realizada pelos apresentadores nas transmissões ao vivo de entrevistas com autoridades estadunidense, uma inovação na época. Como citado anteriormente, o sinal da rede “CNN” também era plugado e traduzido simultaneamente, o que tornava a cobertura brasileira em uma reprodução do canal estrangeiro.

Na Edição destaca-se a agilidade e a dinamicidade da cobertura com a abundância de imagens e de informações dos jornalistas. As reportagens apresentam cenas curtas utilizando muitas imagens, com ângulos variados, para cobrir o texto.

A captação com a câmera em movimento resulta em imagens tremidas, saturadas e desfocadas. Esse material fora do padrão técnico do que é convencionalmente utilizado no jornalismo da “TV Globo” é valorizado pela edição com cortes rápidos e sobe som de gritos,

⁴⁹ Jargão profissional utilizado nas emissoras de televisão para referir-se à exibição de algum sinal/linha de transmissão disponível, geralmente, de agências de notícia, ao vivo de repórteres, participação via *web* ou outro canal/emissora.

choros e das sirenes produzindo um efeito de sentido de extrema tensão e de urgência na narrativa jornalística audiovisual (fig. 32).

Figura 32 – Imagens utilizadas na reportagem do “J10” sobre o atentado



Fonte: Reprodução YouTube (2020)

Devido à dificuldade de comunicação através dos *links* ao vivo por satélite, com parte das linhas de transmissão em Nova York interrompidas ou congestionadas, muitos repórteres participaram por chamada através do telefone. O correspondente Jorge Pontual contou ao *podcast* “As Histórias na GloboNews” que fez entradas ao vivo por telefone para a “GloboNews” de dentro de um táxi no trajeto de volta do aeroporto, onde embarcaria para uma pauta em Washington antes do voo ser cancelado, para *Manhattan*.

O Hélio [Alvarez, então cinegrafista da Globo em Nova York] e eu entramos num táxi e o motorista falou: “mas está tudo fechado, não tem pontes nem túnel para entrar em *Manhattan*”. Falamos: “vamos para o mais perto que você conseguir de uma das pontes, que aí a gente vai a pé”. Estava tudo engarrafado, ficamos assistindo as duas torres, que já estavam pegando fogo, e nós dentro do carro. E eu no telefone com a GloboNews ao vivo, tentando contar o que estava acontecendo. Eu estava em pânico porque o meu filho André trabalhava num prédio que ficava grudado no *World Trade Center*. Aquela angústia, o que aconteceu com o meu filho? E eu, ao mesmo tempo, tentando contar o que estava acontecendo (Pontual, 2021).

Também nas edições da cobertura do 11 de setembro os telejornais reexibiram integralmente matérias do “Jornal Nacional” (fig. 32). Além do sinal da TV aberta, transmitido simultaneamente na cobertura ao vivo do canal de notícias, os repórteres/correspondentes da “Rede Globo” também colaboravam nos telejornais analisados com entradas ao vivo logo após a participação no “JN”. Em 2001, a “GloboNews” ainda não contava com equipe própria no escritório da “Globo” em Nova York. Somente em 2008, com a chegada da repórter Sandra Coutinho, a “GloboNews” passou a contar com uma jornalista que atendia exclusivamente as demandas do canal.

Figura 33 – O repórter Edney Silvestre na mesma matéria exibida no “JN” e no “J10”



Fonte: Reprodução YouTube (2020); Globo Comunicação e Participações (2001)

As edições do “J10” e do “MH18” também utilizaram, de forma moderada, recursos gráficos como mapas e infográficos, por exemplo, como forma de contextualizar a cobertura. Ao traduzir um grande volume de informações relevantes, como a localização geográfica das torres atingidas, o itinerário dos voos e o horário das ocorrências, em representações visuais intuitivas, esses recursos desempenham um papel fundamental na compreensão e retenção da notícia pelo público.

Figura 34 – Recursos gráficos utilizados nos telejornais em 11 set. 2001



Fonte: Reprodução YouTube (2020)

Nesta cobertura a categoria Visualidade é uma das mais relevantes pelo emprego das imagens nas produções telejornalísticas. É um trabalho ancorado na potência das imagens captadas, em sua maioria, pelas agências de notícias e ao vivo. A maioria tem a logomarca e as tarjas da “CNN” ou, pelo menos, alguma indicação de que as imagens foram geradas pela emissora estadunidense.

Em algumas partes, os apresentadores relatam incredulidade no que assistem chegando a desconfiar se o que é exibido é transmitido em tempo real ou trata-se de uma

repetição das imagens, como no caso do desabamento da segunda torre do WTC narrado por Leila Sterenberg ao vivo.

Chegam informações agora que a segunda torre, a torre norte do *World Trade Center*, caiu. Essas que nós acreditávamos serem imagens gravadas, eram, na verdade, imagens ao vivo. E a segunda torre, a torre norte do *World Trade Center*, desabou (Sterenberg, 2001).

Nestas exibições os jornalistas atribuem um valor histórico as imagens que estão sendo transmitidas falando repetidas vezes na transmissão direta e nos telejornais analisados da importância e do momento histórico que presenciam, se definem também como testemunhas oculares da história. “Pontual, você foi testemunha ocular desse momento histórico, da história sendo escrita”, diz Maria Beltrão (2021) ao correspondente da “TV Globo” no *podcast* “As Histórias na GloboNews”. Na transmissão direta, Sterenberg fala sobre potencial ineditismo das cenas e sobre a inscrição daquelas imagens na memória coletiva

É uma imagem jamais vista essa nuvem de fumaça sob a parte sul da ilha de *Manhattan* [...] é uma imagem que nós, com certeza, não vamos esquecer, infelizmente a imagem de uma tragédia (Sterenberg, 2001)

Como veremos na categoria seguinte, os testemunhos, de repórteres e da população, foram muito utilizados na cobertura da “GloboNews” dos atentados. Em vista disso, descrevemos esse trabalho telejornalístico como sendo uma cobertura dominada pelas imagens (históricas, impactantes, televisuais, a partir do choque dos aviões com os edifícios, as pessoas se jogando das janelas, o incêndio, o colapso das estruturas e a coluna de fumaça), pelo silêncio (dos enunciadore e da edição em alguns momentos da cobertura) e pelo testemunho (utilizado para dimensionar o impacto da tragédia).

Nos Enunciadores observamos que a condução da cobertura é realizada pelos apresentadores-narradores observadores, que descrevem, destacam e se surpreendem, enquanto narram as imagens exibidas: “nós vemos aí os destroços”, “a destruição, nós podemos acompanhar pelas imagens, é muito grande”, são algumas frases ditas por Leila Sterenberg e Luiz Ernesto Lacombe, âncoras do “Plantão” e do “Em Cima da Hora Ed. *Breaking News*”, durante a transmissão ao vivo dos atentados.

Os longos períodos de silêncio no ar e a incredulidade dos âncoras com as imagens também denotam certo nervosismo e insegurança durante a cobertura. Paternostro (2006a) lembra, ao citar o depoimento de Lacombe, que os jornalistas foram alertados pelos editores para que narrassem com mais firmeza e emoção: “O Dudu [editor-chefe] reclamou que nós estávamos narrando sem emoção [...] ele queria nos mostrar que precisávamos passar

a emoção que estávamos sentindo” (Lacombe, 2006 *apud* Paternostro, 2006a, p. 267). Em determinados trechos das unidades-análise percebemos que os apresentadores passam a empregar um tom de urgência e de ênfase na transmissão.

Assim como na cobertura jornalística do acidente do *Fokker* 100 da TAM, em 1996, em que os apresentadores Márcio Gomes e Maria Beltrão utilizaram o que sabiam de São Paulo e da região do acidente para contextualizar a audiência, nos atentados em Nova York a experiência de Leila Sterenberg de ter morado na cidade e conhecer Washington também foi empregada na cobertura como um elemento importante na confirmação das informações e localização, por exemplo.

Os depoimentos de moradores de Nova York e de testemunhas dos atentados foram amplamente utilizados em todo o material produzido. A reportagem principal do “J10” no dia 11 de setembro, por exemplo, conta com seis depoimentos de pessoas que estavam próximas ao WTC durante o choque dos aviões e desmoronamento dos edifícios. A dimensão da tragédia é estabelecida na narrativa a partir dos relatos de desespero, angústia e incredulidade das fontes, que narram terem vistos pessoas se jogando das janelas, outras feridas correndo da nuvem de destroços.

Mesmo quando o relato era somente por telefone, sem imagens, era colocado no ar acompanhado dos créditos de identificação ou alguma “máscara”, “santinho”, como são chamadas as aplicações de recursos gráfico com a foto e a localização em substituição a imagem ao vivo (fig. 35).

Em uma cobertura com características radiofônicas, um rádio-telejornalismo no *all news*, as fontes eram acionadas por telefone e, em alguns casos, tratava-se de indicação de colegas e/ou pessoas próximas aos jornalistas da redação.

Renata Vasconcellos, que estava em casa de licença-maternidade [...] depois de algumas tentativas, conseguiu falar com um amigo, Carlos Frederico Farina, que morava em Nova York. Ele fazia ginástica num prédio próximo ao WTC quando aconteceram os atentados. Minutos depois, por telefone, ele contou o que tinha testemunhado aos assinantes da Globo News (Paternostro, 2006a, p. 269).

Figura 35 – Recursos gráficos utilizados nos relatos por telefone



Fonte: Reprodução YouTube (2020)

Essa estratégia já tinha sido experimentada e bem-sucedida na cobertura da morte da princesa de Gales, Diana Spencer, na França, em agosto de 1997, quando a “GloboNews”, foi um dos primeiros veículos jornalísticos brasileiros a cobrir ao vivo o acidente, com a participação de repórteres por telefone, e a confirmar o falecimento de *Lady Di*, antes mesmo da “CNN” e da “BBC”, graças a um boletim de notícias da “*Agence France-Presse*” divulgado na madrugada de domingo (Paternostro, 2006a, p. 89).

Na manhã de domingo a “GloboNews” consegue um furo jornalístico graças à persistência do então editor Wagner Matheus. Coloca no ar uma entrevista ao vivo, por telefone, direto de Paris, com o médico brasileiro Leonardo Esteves Lima, que havia socorrido a princesa assim que ela chegou ao hospital na capital francesa (Paternostro, 2006a, p. 91).

Nós colocamos pelo telefone uma entrevista com um médico brasileiro que estava no hospital onde a princesa Diana foi submetida a uma cirurgia no Hospital da Salpêtrière, em Paris. Esse médico, que agora não me recordo o nome, falou ao vivo na GloboNews, por telefone, por volta de oito, nove horas da manhã de domingo. A princesa Daiana sofreu um acidente no sábado, durante a madrugada, e foi operada. No domingo ela faleceu. E esse médico falou ao telefone, uma conquista de um dos editores, que era amigo de um amigo [...] contando os últimos momentos da princesa Diana, da cirurgia, como é que eles a receberam ali, a dificuldade de salvá-la. Eu lembro que eu estava na redação nesse momento, ouvindo ele falar, e foi dramático. Ele contou coisas delicadas desse momento trágico (Paternostro, 2023).

Outro destaque da categoria, muito presente nas unidades-análise, foi a participação expressiva de especialistas na cobertura, tanto na transmissão ao vivo quanto nos telejornais. Historiadores, diplomatas, engenheiros, pilotos da aviação comercial, entre outros, participaram de debates e de longas entrevistas na bancada da “GloboNews”. Como o historiador e então professor titular da UFRJ, Francisco Carlos Teixeira, que “foi o comentarista que passou mais tempo na bancada da GloboNews durante a transmissão” (Paternostro, 2006a, p. 277). Além dos comentários nos telejornais em 11 de setembro, Teixeira ainda auxiliou a equipe como consultor na produção de um programa especial sobre os ataques terroristas exibido no mesmo dia.

Várias autoridades e especialistas foram entrevistados durante toda a programação com a cobertura dos atentados terroristas. Assim como no trabalho jornalístico da morte de *Lady Di*, em que o canal pautou a imprensa com o furo do relato do médico brasileiro, a “GloboNews” passou a ser fonte de informação e a compartilhar os contatos dos especialistas com outros veículos.

Foram tantos entrevistados no ar que começamos a ser consultados por colegas até de outras emissoras, que assistiam aos comentários e pediam os contatos (Paternostro, 2006, p. 268).

A partir da análise da participação dos especialistas no material de pesquisa, identificamos as principais características dessas intervenções na grande cobertura dos atentados: a) precisão e confiabilidade – com o conhecimento aprofundado em suas áreas de atuação forneceram dados e avaliações completas e relevantes; b) contextualização – apresentaram contexto histórico, científico e/ou técnico possibilitando uma melhor compreensão dos eventos (os atentados) e temas tratados (terrorismo, guerra); c) função educativa na desmistificação de temas complexos – ao abordar assuntos envolvendo a geopolítica, a diplomacia, a soberania nacional, o terrorismo, a guerra e a economia, os especialistas, além da possibilidade de agregar novos conhecimentos ao público sobre tópicos complexos, ajudaram a traduzir jargões e conceitos específicos em uma linguagem acessível a audiência do canal.

Com a categorização realizada e os dados gerados, seguiremos para aplicação dos princípios enunciativos:

a) O princípio da Fragmentação elucidada como a cobertura, principalmente a transmitida ao vivo, é “atravessada” por um grande fluxo de informações (imagens, informações dos repórteres, comentários dos especialistas, sinal “plugado”) que chegam a todo instante, tornando-a ágil, dinâmica, mas por vezes com incongruências e sem coesão.

Como observado na sobreposição de imagens na tela dos mais variados ângulos do choque das aeronaves com as torres gêmeas, que levou os apresentadores e a equipe do “Plantão GloboNews” a acreditarem que as imagens de um prédio também em chamas, exibidas na sequência, tratava-se ainda do WTC, quando, na verdade, eram do Pentágono, em Washington, que também havia sido atacado.

Sterenber (2021) relembra o momento em que, em meio a tantas imagens, desconfiou de que o que estava sendo exibido não era um terceiro ataque em Nova York.

Muita gente achou que era um novo ataque em Nova York [...] eu tinha morado em Nova York não muito tempo antes, ali no fim dos anos 1990, e tinha ido a Washington algumas vezes. De repente, aparece a imagem do que parecia um parque, um lugar arborizado, na verdade. E disseram: “é o *Central Park!* É o *Central Park!*”, no meu ponto [eletrônico]. E, eu disse: “não, não é o *Central Park.*” Quer dizer, eu pensei. Por que cadê os prédios? De repente, caiu a ficha. Eu acho que veio uma imagem do [*National*] *Mall*, de Washington, que é aquele lugar super manjado que a gente mostra quando tem posse de presidente, aquela coisa toda, com os monumentos, enfim. Ou eu vi algum prédio que caiu a ficha, era Washington, sabe? E aí eu banquei [a informação de que tratava-se de outra cidade] (Sterenber, 2021)

b) Na Dramatização, destacamos os subtemas apresentados na cobertura, principalmente, o penúltimo (1.8 Os dias seguintes), que se subdivide, estando relacionado as consequências dos atentados. Esses subitens estabelecem uma tensão e consolidam a intriga

da narrativa jornalística, ao passo que operam como *cliffhanger* telejornalístico para outro subtema e grande cobertura. Em um movimento semelhante ao da ficção televisiva seriada clássica, que pode produzir *spin-offs*⁵⁰, ou das séries tipo antológicas, que constroem novos enredos a partir do mesmo argumento original, na cobertura telejornalística analisada a narrativa principal é explorada (os atentados terroristas de 11 set.), contudo deixa como possibilidade e/ou indicação outros trabalhos jornalísticos na iminência dos novos acontecimentos. Paternostro corrobora com nossa proposição, sustentada a partir da análise televisual, ao descrever as coberturas secundárias na “GloboNews”, advindas daquele primeiro trabalho jornalístico em 11 de setembro de 2001.

A cobertura do atentado ao *World Trade Center* foi a primeira de uma sequência de grandes transmissões para os profissionais da Globo News. Uma grande jornada que teve muitos desdobramentos com a ofensiva norte-americana ao Afeganistão, as ameaças de um ataque com armas biológicas aos EUA, a invasão do Iraque e a captura de Saddam Hussein (Paternostro, 2006a, p. 277).

c) Na Definição de Identidades e Valores, avaliamos que a cobertura se baseia, sobretudo, nas informações das agências de notícia mas, principalmente, no modelo da “CNN” estadunidense, com a retransmissão do sinal da emissora em alguns períodos, o que reproduz, em partes, a narrativa construída a partir daquela realidade, daquela perspectiva sobre o mundo.

Todavia, a inserção de especialistas na programação, contextualizando os acontecimentos sob o ponto de vista brasileiro e avaliando como as consequências do episódio de terrorismo afetariam o país e a América Latina serviram como um importante contraponto durante a cobertura. A análise dos acontecimentos permitiu que as informações fossem explicadas de acordo com a realidade social, econômica e política local.

O *gatekeeping*, seleção de informações, pelos jornalistas em colaboração com os especialistas, sob o intermédio dos valores-notícia e da linha editorial, destacou ainda que aspectos dos acontecimentos eram mais relevantes, filtrando aqueles com maior impacto e/ou interesse para público do canal (a dimensão da tragédia e suas consequências, o drama humano, as histórias dos sobreviventes, os trabalhos de resgate).

⁵⁰ Refere-se a uma obra derivada, que é criada a partir de uma produção original, seja na literatura, no cinema, na televisão, quadrinhos ou outras formas de mídia. Um *spin-off* foca em personagens, eventos, ou elementos do universo da obra original, mas desenvolve sua narrativa de modo independente.

5.1.3 Em Brumadinho (MG), o rompimento da barragem da Vale, em 2019

A grande cobertura jornalística do rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Vale, em Brumadinho (MG), na Região Metropolitana de Belo Horizonte, teve início na “GloboNews” às 13h58 do dia 25 de janeiro de 2019, quando a apresentadora Maria Beltrão interrompeu uma notícia no programa jornalístico “Estúdio i” com informações de última hora sobre a tragédia em Minas Gerais.

O trabalho jornalístico começa com a reprodução da notícia do portal “g1 Minas Gerais” e com imagens gravadas por pessoas que estavam na região através de dispositivo móvel e compartilhadas nas redes sociais e reproduzidas pelo *site* e, posteriormente, pela “GloboNews”.

Tinha início, portanto, a grande cobertura sobre um dos maiores desastres socioambientais da mineração no Brasil. Às 12h28, a barragem 1 da mina Córrego do Feijão, em Brumadinho (MG), operada pela mineradora Vale, rompeu-se abruptamente, ocasionando, em sequência, o colapso de outras duas barragens, liberando aproximadamente 10 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração, o que equivale, a título de comparação, a 32 vezes o volume total da Lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte.

Parte da massa atingiu a calha do ribeirão Ferro-Carvão até sua confluência com o rio Paraopeba, que também foi atingido, propagando o rejeito até o remanso entre os municípios de Curvelo e Pompéu, a cerca de 150 quilômetros de Brumadinho.

Na tragédia, 272 pessoas morreram. Entre as vítimas estavam funcionários da mineradora e de empresas terceirizadas, moradores do município e visitantes (Ministério Público do Estado de Minas Gerais, 2020, p. 433). Até abril de 2024, três pessoas ainda não tinham sido localizadas pelo Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais.

De acordo com o MPMG, as consequências do desastre foram devastadoras, tanto para o meio ambiente quanto para as comunidades afetadas. A massa tóxica contaminou rios e áreas de preservação, causando a morte de diversas espécies e prejudicando a biodiversidade local e regional. Cerca de 26 municípios foram atingidos.

Ainda segundo a instituição estadual, a tragédia gerou um profundo trauma psicológico nas vítimas e seus familiares e levou ao aumento da incidência de doenças infecciosas e agravamento de doenças crônicas pré-existentes na população afetada (Ministério Público do Estado de Minas Gerais, 2020, p. 448).

O caso de Brumadinho não foi um evento isolado. Nos últimos anos, o Brasil já havia testemunhado outras tragédias socioambientais, que tiveram ampla cobertura da imprensa brasileira e internacional, dada a grandiosidade do impacto socioambiental.

O evento mais notável ocorrera quatro anos antes, em 5 de novembro de 2015, em Mariana (MG), quando a barragem de Fundão, operada pela Samarco, empresa controlada pelas mineradoras brasileira Vale e pela anglo-australiana *BHP Billinton*, se rompeu, causando um desastre sem precedentes na história da mineração no país.

A ruptura da estrutura resultou no despejo imediato de cerca de 40 milhões de metros cúbicos de resíduos de minério de ferro e sílica. A massa de rejeitos soterrou grande parte do subdistrito de Bento Rodrigues, matando 19 pessoas e desalojando várias famílias. Cerca de 41 cidades e três reservas indígenas foram afetadas nos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo (Ministério Público Federal, 2015).

DATA	TÍTULO	TIPO DE CONTEÚDO	DISPONÍVEL EM:
25 jan. 2019	“Estúdio i” - <i>Breaking News</i> – Barragem se rompe em Brumadinho, na Grande BH (Apresentadora: Maria Beltrão)	Transmissão ao vivo	https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/video/barragem-se-rompe-em-brumadinho-na-grande-bh-7329014.ghtml
25 jan. 2019	“Estúdio i” - <i>Breaking News</i> – “O Brasil não aprendeu a lição do episódio de Mariana”, comenta André Trigueiro. Uma barragem se rompeu e lama invadiu a região de Brumadinho	Transmissão ao vivo	https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/video/o-brasil-nao-aprendeu-a-licao-do-episodio-de-mariana-comenta-andre-trigueiro-7328970.ghtml
25 jan. 2019	“Estúdio i” - <i>Breaking News</i> – “As cobranças da natureza chegam”, diz especialista em gerenciamento de risco. Gerardo Portela afirmou que houve falha de competência técnica no rompimento da barragem de Brumadinho (Apresentadora: Maria Beltrão)	Transmissão ao vivo	https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/video/as-cobranças-da-natureza-chegam-diz-especialista-em-gerenciamento-de-risco-7329178.ghtml
25 jan. 2019	“MH18” – Rompimento de barragem da Vale em Brumadinho/MG deixa cerca de 200 desaparecidos, dizem bombeiros (Apresentadora: Leilane Neubarth, Repórter: Liliana Junger)	Abertura e entrada ao vivo	https://canaisglobo.globo.com/assistir/c/p/v/7330241/
25 jan.	“J10” – Três anos e dois meses depois do pior desastre	Abertura, reportagens e	https://canaisglobo.globo.com/assistir/c/p/v/7330465/

2019	ambiental do Brasil, em Mariana, uma barragem desativada da mineradora Vale se rompe em Brumadinho, também em Minas, e despeja 13 milhões de metros cúbicos de lama	entrada ao vivo	
26 jan. 2019	“J10” – Tragédia em Brumadinho (MG) deixa 34 mortos, 23 feridos e mais de 250 desaparecidos; governo anuncia que barragens do país vão passar por vistorias	Abertura, reportagens e entrada ao vivo	https://canaisglobo.globo.com/assistir/c/p/v/7332338/
27 jan. 2019	“MH15” - Ed. <i>Breaking News</i> – Polícia Civil informa que 16 corpos foram identificados. Nomes das 16 vítimas identificadas em Brumadinho (MG) foram divulgados (Apresentadora: Elisabete Pacheco, Repórter: Diego Sarza)	Transmissão ao vivo	https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews/video/policia-civil-informa-que-16-corpos-foram-identificados-7332757.ghtml
28 jan. 2019 ⁵¹	“MH18” – Ações da Vale caem 24% após tragédia em Brumadinho/MG. Sobe para 65 o número de mortos no desastre. Há 279 desaparecidos.	Abertura, reportagens e entrada ao vivo	https://canaisglobo.globo.com/assistir/c/p/v/7336362/

Quadro 13 – Unidades-análise da terceira cobertura
 Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No que se refere a Estrutura narrativa, as edições do dia do rompimento da barragem em Brumadinho (sexta-feira, 25 jan. 2019) dos telejornais “Jornal GloboNews – Ed. 18h” e “Jornal das Dez” registraram 1 hora e 54 minutos e 1 hora e 46 minutos de duração, respectivamente. No dia seguinte (sábado, 26 jan. 2019), o “J10” apresentou uma edição mais curta com 56 minutos. Ainda no fim de semana (26 e 27 jan.), as edições regulares do “MH18” foram substituídas pela transmissão ao vivo e ininterrupta das operações de resgate na região durante as manhãs e tardes, alguns trechos desse trabalho jornalístico também foram selecionados para análise, conforme consta no quadro 13, assim como foi feito nas outras

⁵¹ Não há edições dos dias 26 jan. e 27 jan. (sábado e domingo) do “Jornal GloboNews Ed. 18h” disponíveis na plataforma “Canais Globo” <<https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18h/t/X9mZLvQBRW/>>. Sendo assim, coletamos a edição seguinte disponível no *site* para a análise (28 jan. 2019). A partir da íntegra das edições (“MH18” e “J10”), selecionamos as unidades-análise semelhantes as utilizadas nas outras coberturas. Mantendo um padrão aproximado a fim de evitar distorções no resultado do estudo compreendido.

coberturas do presente estudo. Em 28 janeiro de 2019 (segunda-feira), três dias após o início da cobertura, o “MH18” teve 2 horas e 9 minutos de duração.

A partir dos recortes que fizemos no material disponível (íntegra das edições, entre outros), nos atentando para as unidades-análise indicadas anteriormente (abertura dos telejornais, primeira e segunda reportagem, entrada ao vivo de repórter, imagens, encerramento e transmissão ao vivo simultânea), no total, analisamos cerca de 1 hora e 8 minutos de conteúdo audiovisual referente a esta grande cobertura telejornalística.

O noticiário “MH18” começa exibindo uma sequência de imagens captadas durante a tarde em Brumadinho, mas o texto de abertura da apresentadora Leilane Neubarth relembra o rompimento da barragem em Mariana, em novembro de 2015.

Durante a cobertura os telejornais empregam um tom crítico no geral ao reforçar a repetição da tragédia e que pouco foi feito pelas empresas e pelo poder público desde o colapso da barragem em Mariana. “É uma tragédia que se repete e não por falta de aviso”, adverte Neubarth.

Mais cedo, no começo da tarde, quando teve início a grande cobertura, a apresentadora Maria Beltrão enfatizou a reincidência de um desastre ambiental causado pela mineração em Minas Gerais no *breaking news* durante o programa jornalístico “Estúdio i”. “É mais uma notícia que é uma crônica da tragédia anunciada”, afirma Beltrão. É, portanto, uma cobertura que começa com um intenso apelo à memória em um movimento de comparação e acionamento da tragédia passada.

O estilo de narração utilizado pelos apresentadores nos primeiros dias do trabalho jornalístico é o de “urgência na forma de contar”. E tem como características nessa parte inicial da grande cobertura telejornalística da “GloboNews” elementos que transmitem a sensação de rapidez, tensão e imediatismo, tais como: a) a predominância de frases curtas e diretas com ação contínua, cujo foco está no acontecimento e/ou nos eventos imediatos ao rompimento da barragem, sem pausas para descrições longas ou introspecções detalhadas (Exemplo: “O Brasil está em meio a mais um desastre ambiental. De novo em Minas Gerais. De novo o rompimento de uma barragem” – Heraldo Pereira, “J10”, 25 jan. 2019); b) o uso de advérbios e verbos dinâmicos, de ação, que intensificam o ritmo da narrativa e podem acentuar ainda mais a sensação de urgência (Exemplo: Com o selo de “URGENTE” e a indicação de “Ao Vivo” na tela, a apresentadora introduz: “Nós começamos o ‘Edição das 18h’ indo direto para o local da tragédia” – Leilane Neubarth, “MH18”, 25 jan. 2019); c) o ritmo acelerado na transição uma notícia para outra, possibilitando a manutenção da audiência engajada no movimento constante da “trama” (Exemplo: “Fabiana [Almeida, de Belo

Horizonte] muito obrigada! Qualquer novidade é só chamar e a gente volta a falar com você. Agora, eu vou voltar a Brasília, dessa vez com o Nilson Klava [...]” – Leilane Neubarth, “MH18”, 25 jan. 2019); d) um discurso de tensão constante com sentido de perigo e/ou incerteza, que pode transmitir a ideia de que algo ruim está prestes a acontecer novamente, gerando ansiedade (Exemplo: “O tamanho do desastre ainda é impossível de se calcular. O mar de lama devastou uma região a cerca de 60 quilômetros de Belo Horizonte. E abalou mais uma vez o país com um desastre ambiental, uma tragédia humana. Nossas equipes estão em Brumadinho desde ontem e, acompanharam, hoje, durante todo o dia, o trabalho de resgate e a busca das famílias pelos parentes desaparecidos” – Elisabete Pacheco, “J10”, 26 jan. 2019).

Outro destaque observado é a utilização do telefone em longas entrevistas ao vivo, como visto nas coberturas anteriores. Conferindo também a essa cobertura da quinta fase características radiofônicas, de um rádio-telejornalismo no *all news*, identificadas inicialmente nas primeiras fases. Contudo, essa prática fica concentrada nas primeiras horas da cobertura (edições *breaking news*). No “MH18” e “J10” as interações com as fontes e repórteres se concentram no estúdio ou já são viabilizadas pela tecnologia de transmissão móvel (UMJ, mochilink e/ou *smartphone*).

Durante a participação no “J10” (em 25 jan.) o repórter Victor Ferreira explica ao público que parou na estrada entre Brumadinho e o Complexo da Mina Córrego do Feijão, onde o sinal de internet móvel (4G) estava disponível para realizar a entrada ao vivo, e por isso, não era possível gerar imagens de outros pontos naquela área devido à indisponibilidade da rede.

O *smartphone* e, principalmente, a internet móvel foram as tecnologias que se destacaram nesta grande cobertura, proporcionando mobilidade e viabilizando o compartilhamento rápido das imagens e a transmissão em tempo real dos repórteres em campo.

Ao podcast “As Histórias na GloboNews”, de Maria Beltrão, Ferreira conta como conseguiu, dois dias após o rompimento, ser a primeira equipe de jornalismo a entrar na “zona quente”, como é conhecida a região exata do rompimento e de trabalho das forças de segurança, que estava com acesso restrito pela Vale, onde uma barragem secundária de água ameaçava colapsar, e como o *smartphone* e o *WhatsApp* foram instrumentos importantes para reportar aquele momento.

Domingo de manhã a gente estava se deslocando de um ponto para outro para fazer uma entrada ao vivo e [...] acabou entrando no meio de uma comitiva de caminhonetes [...] e na hora falei para o motorista: “vamos continuar seguindo nesse comboio”. No meio do caminho [...] ele falou: “olha, aquele primeiro carro com uma antena enorme é carro que circula dentro de mina, ele vai para as barragens, porque

essa antena enorme é justamente para caso aconteça alguma coisa, tem uma antena alta ali para identificar que tem um carro pequeno andando” [...] Como ninguém perguntou, a gente foi seguindo. Eu percebi que já estava na barragem, mas eu já fui gravando com o celular de dentro do carro e narrando. Cada vídeo que eu gravava com o celular eu já mandava para a redação com medo de vir algum segurança, alguém querer ficar com as imagens ou tentar segurar meu celular, ou fazer apagar as imagens. Então, eu já fui mandando por mensagem para a redação. E quando a gente parou [...] o Leandro Matoso, cinegrafista que estava comigo, ficou um pouco frustrado na hora, mas eu falei: “Matoso, não desce do carro, porque você vai estar com uma câmera profissional e vai vir todo mundo pra cima”. Eu desci do carro sozinho, fiquei gravando com o celular e ninguém perguntou nada (Ferreira, 2021).

Ferreira revela nessa passagem, portanto, as vantagens do uso do aparelho, pequeno e portátil, frente ao equipamento profissional de gravação de que dispunham, em uma situação em que o registro do que estava acontecendo era necessário, ainda que contra o desígnio da empresa, como ficou evidente com a retirada da equipe da “GloboNews” da mina após o repórter ter se identificado como jornalista para um dos advogados da Vale após a gravação das imagens e das passagens, segundo relatou. O material produzido pelo repórter (imagens, matérias, entradas ao vivo) foi exibido ao longo da cobertura de domingo⁵² e nas edições analisadas do “J10” (de 27 jan. 2019) e do “MH18” (de 28 jan. 2019).

Sendo assim, além da mobilidade e da agilidade na transmissão do conteúdo, nessa grande cobertura os dispositivos móveis foram preponderantes ao facilitar o registro de um fato importante, sendo menos intrusivo. No caso reportado, trava-se de uma inspeção do Ministério Público de Minas Gerais e de executivos da mineradora ao local do rompimento diante do iminente risco de um novo colapso, dessa vez na barragem de água ao lado.

Em consequência à adoção dos dispositivos móveis na cobertura, o que se viu nas telas foi a consolidação de uma variante estética da linguagem audiovisual tradicionalmente utilizada pelo canal nas fases analisadas anteriormente.

O fenômeno do “jornalismo *selfie*”, abordado por Alves e Silva (2018, p. 150; 2019, p. 25), dentro do contexto do “telejornalismo expandido” (Silva, Coutinho, 2016), presente nesta cobertura, garante um estilo audiovisual em consonância com o encontrado no ambiente digital, como nas redes sociais, por exemplo. A seguir reproduzimos alguns frames do material produzido por Ferreira em que ele aparece segurando o telefone em modo *selfie* para gravar as passagens das matérias, além de imagens tremidas captadas a partir do carro da

⁵² No domingo (27 jan. 2019), a equipe da “GloboNews” foi a primeira a mostrar imagens diretamente da área da mina que se rompeu em Brumadinho. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/27/exclusivo-globonews-mostra-primeiras-imagens-da-area-da-mina-em-brumadinho.ghml>>. Acesso em: 2 set. 2024.

equipe, outros vídeos com o quadro na posição vertical e, também, com a utilização do recurso de *zoom* da câmera.

Figura 36 – Material produzido com o uso de *smartphone* na cobertura



Fonte: Reprodução GloboNews (2024)

A chegada de repórteres da “GloboNews”, do Rio de Janeiro (Diego Sarza, Mariana Queiroz, Bárbara Carvalho e André Coelho) e de São Paulo (Victor Ferreira e Gabriel Prado), a Brumadinho, diminuiu a dependência da cobertura do canal *all news* da estrutura da regional mineira da “TV Globo”, que, ainda assim, continuou a contribuir com a cobertura do canal de notícias.

Nesse sentido, o deslocamento dos profissionais conferiu mais autonomia e agilidade ao trabalho, ao passo que puderam atender prioritariamente as demandas dos telejornais e programas jornalísticos do canal, colaborando, eventualmente, até mesmo com os telejornais da TV aberta, em um processo orgânico de integração das equipes de jornalismo evidenciado no vídeo.

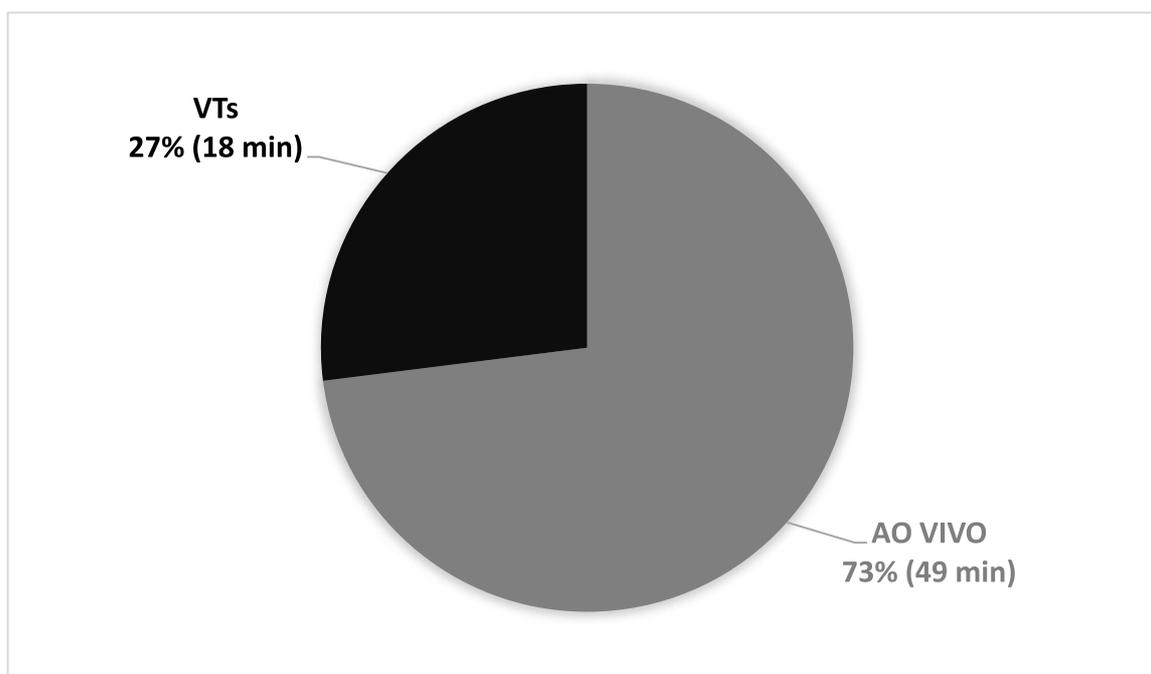
Nesta cobertura, a partir das unidades que coletamos e analisamos, verificamos que as matérias têm em média três minutos de duração. Mas não estão presentes em todos os telejornais como, por exemplo, na edição do “MH18”, de 25 janeiro de 2019, que conta somente com entradas ao vivo dos repórteres, comentaristas e entrevista e análise de especialistas no estúdio, não tendo nenhum VT exibido. O total de matérias coletadas e analisadas dos telejornais, seis reportagens, corresponde a 18 minutos e 12 segundos.

As entradas ao vivo, das quatro coletadas e analisadas, nas quatro edições dos dois telejornais (“MH18”, 25/1/2019, “J10”, 25/1/2019, “J10”, 26/1/2019 e “MH18”, 28/1/2019) têm em média cinco minutos e 42 segundos, com variação máxima de nove minutos e 30

segundos (“MH18”, 25/1/2019) e mínima de dois minutos e 10 segundos (“J10”, 25/1/2019). Totalizando 22 minutos e 51 segundos de participação ao vivo de repórteres nas unidades-análise extraídas referente a esta grande cobertura. Reforçamos que a minutagem, de VTs e ao vivo, não se refere ao total exibido nos telejornais, e, sim, ao conteúdo coletado.

Nas “Eds. *Breaking News*” (“Estúdio i”, 25/1/2019 e “MH15”, 27/1/2019) coletamos cerca de 26 minutos e 51 segundos de conteúdo. O material é integralmente composto pela transmissão ao vivo simultânea com a narração dos apresentadores, entradas de repórteres e de especialistas analisando o evento. Não contém, portanto, material gravado.

Gráfico 14 – VTs e AO VIVO na cobertura da “GloboNews” do rompimento da barragem da Vale



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

O gráfico 14 apresenta a distribuição de conteúdo gravado e ao vivo no material coletado para a análise. Cerca de 73% (49 min) são de conteúdo ao vivo (com entradas de repórteres e/ou de especialistas) e 27% (18 min) de produções gravadas e editadas (VTs). Nesse sentido, é possível concluir, a partir da amostragem analisada, que essa grande cobertura se estrutura majoritariamente com conteúdo ao vivo, sendo este responsável por quase $\frac{3}{4}$ do trabalho telejornalístico produzido/exibido pela “GloboNews” sobre o rompimento da barragem em Brumadinho, presente na amostra.

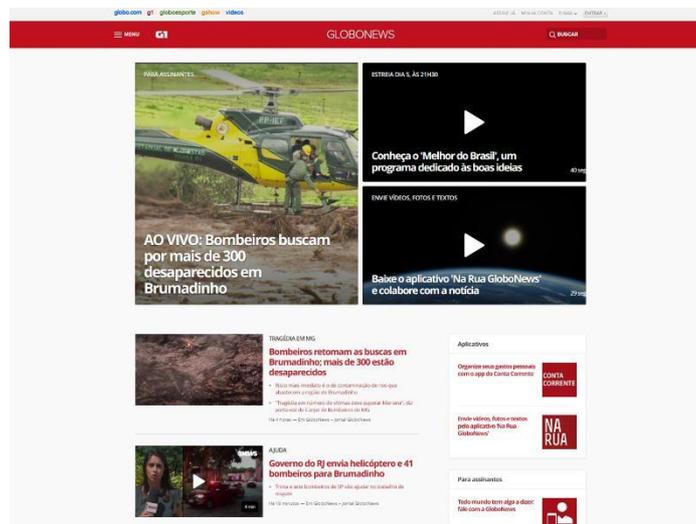
As longas transmissões ao vivo destacam-se nesse trabalho. Logo nas primeiras entradas no “MH18”, por exemplo, a repórter Liliana Junger, da “TV Globo” em Minas,

chegou a ficar cerca de 10 minutos ao vivo entrevistando o porta-voz do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais. No domingo (27 jan.), o repórter Diego Sarza, da “GloboNews” do Rio de Janeiro, fez entradas ao vivo, solo, de Brumadinho, com média de 10 minutos.

Ainda no fim de semana da tragédia (26 e 27 jan.), as transmissões diretas de Brumadinho ocorreram quase que ininterruptamente durante as manhãs e as tardes na “GloboNews”. Acompanhando, como em uma espécie de “*reality show* noticioso”, cada desdobramento, cada atualização, da busca por desaparecidos pelas equipes de resgate, reforçando o conceito *all news* do canal na TV difundido desde os primeiros anos. No entanto, como trataremos adiante, a presente grande cobertura destaca-se também por seu potencial “*always on*”, sempre conectada e disponível em qualquer espaço.

Na construção narrativa dessa grande cobertura ressaltamos a ambiência em que ela esteve inserida, por ter sido, também, multiplataforma, como já se observara no trabalho jornalístico dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, ainda que, em menor escala. Ambas distinguindo-se, todavia, da cobertura multicanal da “TV Globo” e da “GloboNews”, focada na TV aberta e ampliada na TV por assinatura, do acidente com o *Fokker 100* da TAM, em 1996. Tendo em vista que, nesse período, a produção jornalística *online* nos portais da emissora ainda era incipiente.

Figura 37 – Cobertura do rompimento da barragem da Vale no site “g1 GloboNews”

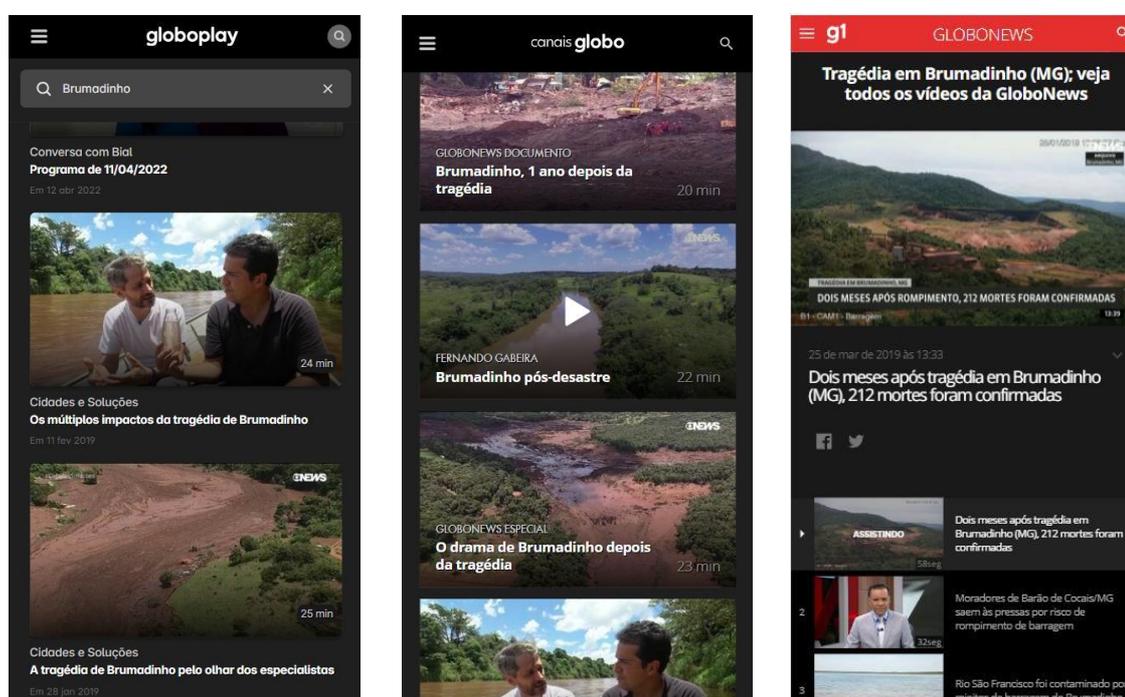


Fonte: Reprodução g1 (2019)

Entretanto, a grande cobertura sobre o rompimento da barragem da Vale apresenta um aprofundamento no ambiente digital, em comparação as demais coberturas da presente análise, ao passo que, é também realizada nos perfis oficiais das redes sociais digitais

(Facebook, Instagram e X) da “GloboNews”. Ademais, o conteúdo da cobertura (reportagens, edições dos telejornais e programas jornalísticos, *podcasts*) também é disponibilizado nas plataformas de *streaming* do grupo (globoplay⁵³, Canais Globo⁵⁴ e g1⁵⁵), o que não era feito nas outras coberturas analisadas, possibilitando, nesse caso, o estabelecimento de um arquivo audiovisual *online* da tragédia, ampliando, portanto, o ecossistema jornalístico de cobertura do canal para além dos meios/janelas utilizados anteriormente (o canal por assinatura – no caso da queda do avião *Fokker* 100 – e, também, o portal de notícias – com o “GloboNews.com” nos atentados terroristas de 11 set. 2001).

Figura 38 – *Playlists* com a cobertura do rompimento da barragem nas plataformas da Globo



Fonte: Reprodução globoplay, Canais Globo e g1 (2024)

Nesse sentido, a partir do observado, propomos a noção de grande cobertura (tele)jornalística *always on*⁵⁶, com conteúdo em 360°, estando sempre disponível, ativa e

⁵³ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/busca/?q=Brumadinho>>. Acesso em: 15 set. 2024.

⁵⁴ Disponível em: <<https://canaisglobo.globo.com/busca/?q=Brumadinho>>. Acesso em: 15 set. 2024.

⁵⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/playlist/tragedia-em-brumadinho-mg-veja-todos-os-vidEOS-da-globonews.ghtml#video-7479594-id>>. Acesso em: 15 set. 2024.

⁵⁶ A noção de “grande cobertura (tele)jornalística *always on*” (“sempre conectada, sempre disponível”, em nossa tradução) no presente trabalho foi elaborada a partir do conceito de “*always on*” abordado por Pellanda (2011, p. 169). O autor refere-se a um ambiente de mídia em que a conexão da sociedade à rede é constante e ininterrupta. Isso resulta na onipresença da mídia e dos sujeitos, permitindo que estejam conectados a vários espaços simultaneamente, com um mínimo de deslocamento físico. Sendo possível, portanto, aos criadores/produtores se concentrarem em conteúdos que circulem por esses espaços, já que os usuários podem fruir, interagir e compartilhá-los o tempo todo no ecossistema midiático.

atualizada para o público independentemente da plataforma/janela de acesso (canal por assinatura, portal de notícias, serviços de *streaming* e/ou redes sociais digitais).

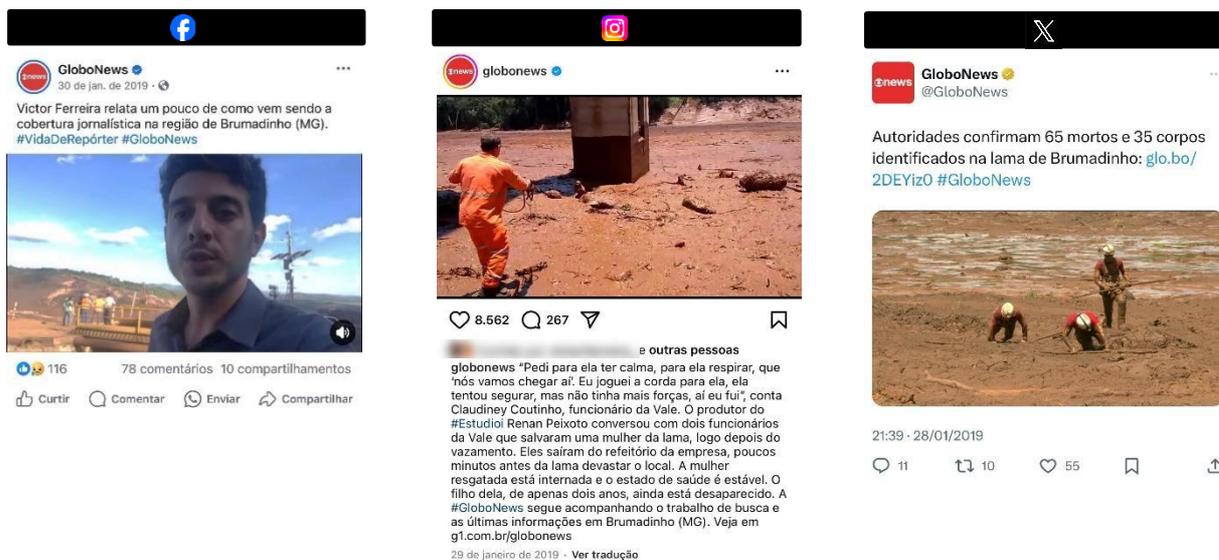
A ideia se caracteriza pela presença permanente, integrada e imediata da marca e do conteúdo jornalístico da “GloboNews”, principalmente as grandes coberturas, nas mais variadas plataformas, garantindo o acesso ao público o tempo todo com o mínimo de deslocamento. De modo que, oferta uma experiência ampla, em tempo real ou em arquivo, em diferentes formatos e janelas de exibição.

Ou seja, a “GloboNews” com a grande cobertura nessa quinta fase oferece informações atualizadas e imediatas, seja por meio de reportagens no canal e no *site* e nos serviços de *streaming*, além de textos, sonoras, vídeos exclusivos e demais interações nas redes sociais digitais.

Ainda que haja, em algumas postagens, o redirecionamento dos usuários das redes sociais para os vídeos no *site* “g1 GloboNews” e para a cobertura ao vivo no canal por assinatura, em uma aparente “estratégia narrativa de correferencialidade” e de “autopromocionalidade” (Miranda, 2019, p. 108), as postagens também apresentam conteúdo exclusivo sobre os bastidores da cobertura, como, por exemplo, o relato de repórteres sobre os desafios e as percepções do acontecimento e do trabalho jornalístico, em um movimento narrativo estratégico de “autorreferencialidade” e de “atorização” (Miranda, 2019, p. 108). Bem como, os perfis trazem nessas publicações informação atualizada e imediata sobre a tragédia para os usuários/seguidores, em um processo de “descentralização” da narrativa jornalística (Miranda, 2019, p. 108) no canal.

A figura 39 apresenta uma reprodução de postagens com a cobertura nos perfis oficiais do canal nas redes sociais Facebook, Instagram e X.

Figura 39 – Cobertura do rompimento da barragem nos perfis do canal nas redes sociais digitais



Fonte: Reprodução Facebook, Instagram e X (2024)

Na segunda categoria analisada, Temática ou Editorialização, identificamos que a “Tragédia em Brumadinho” (na “GloboNews” e no *site* “g1 GloboNews”) se configura como o tema principal da grande cobertura. Sendo exibido nas tarjas durante a cobertura.

Em que pese a explicação sobre o acontecimento estivesse presente no discurso dos apresentadores e dos repórteres, em alguns momentos durante o primeiro dia da cobertura no “J10”, os caracteres que apresentam o tema da cobertura na tela ignoram o que teria de fato motivado a “tragédia em Brumadinho”: a atuação falha da mineradora Vale, que levou ao rompimento da barragem de rejeitos da extração de minério.

O tema destacado pelo “J10” no vídeo pode ser observado na figura 40, bem como a insuficiência de informação no crédito, quanto ao que teria acontecido. Desse modo, parte da significação do acontecimento recai sobre a imagem, que é potencializada por essa carência no texto da tarja.

Figura 40 – Tarja apresenta o tema principal da grande cobertura no “J10” de 25 jan. 2019



Fonte: Reprodução GloboNews (2024)

A partir do tema principal, nove subtemas são verificados com o desenvolvimento da cobertura. O fluxograma (no gráfico 15) apresenta-os, portanto, na ordem em que foram identificados na grande cobertura, tendo como referência a sequência dos dias e as unidades analisadas, indicados anteriormente no quadro 13.

Gráfico 15 – Fluxo de temas identificados – Rompimento da barragem em Brumadinho



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

O primeiro subtema identificado é “panorama da tragédia”, em que as edições dos telejornais apresentam um contexto sobre o rompimento da barragem, explorando aspectos espaciais (localização, proximidades, população da região etc.), técnicos (tipo de construção da barragem, volumetria, tipo de material armazenado etc.) e possível dinâmica do ocorrido.

A “atualização do acontecimento”, englobada em “panorama da tragédia”, destaca-se por apresentar as últimas informações ao vivo, em tempo real, diretamente do local do acontecimento. Bem como, suas consequências, o posicionamento dos agentes envolvidos (governo, empresa, forças de segurança pública, organizações da sociedade civil etc.) e uma tentativa de compreensão/explicação da dinâmica da tragédia.

O item “impactos socioambientais” aparece na sequência pela grande repercussão feita pelos jornalistas e especialistas. Os repórteres acompanham a situação ao vivo diretamente na área afetada e nos municípios vizinhos, mostrando como o deslocamento da massa de rejeitos liberada no rompimento impacta o sistema de captação de água, a agricultura e a pesca na região. Também mostram as perdas materiais, o deslocamento forçado das famílias atingidas em busca de abrigo e o estado de saúde dos sobreviventes.

O terceiro assunto identificado é “tragédia anunciada”, modo como os enunciadorees na cobertura referem-se frequentemente ao rompimento da barragem em Brumadinho retomando implicitamente o acontecimento em Mariana quatro anos antes.

As análises realizadas no estúdio pelos especialistas e pelos comentaristas consideram que pouco foi feito ou se avançou com relação à fiscalização e o rigor no monitoramento das estruturas de rejeitos no pós-rompimento em Mariana. Os telejornais ainda destacam que a barragem da mina Córrego do Feijão já era classificada como “risco alto”. Ou seja, havia um fator iminente de rompimento.

O quarto subitem observado, “vítimas”, aparece em função da atualização do estado de saúde e do número dos atingidos resgatados e levados para os hospitais em Belo Horizonte e para o centro de apoio em Brumadinho. A situação foi abordada por repórteres em entradas ao vivo em frente as unidades hospitalares e nos pontos de apoio.

Na sequência detectamos a “política” como um subtema que atravessa a grande cobertura. Cabe contextualizar que a tragédia em Brumadinho ocorreu no primeiro mês da gestão do Presidente Jair Bolsonaro, em janeiro de 2019.

Nesse sentido, além da grandiosidade da tragédia, devido aos impactos socioambientais citados anteriormente, o que já seria um valor-notícia suficientemente considerável para uma grande cobertura, o trabalho jornalístico no canal também teve especial interesse na repercussão política do acontecimento, direcionando lhe parte do tempo da cobertura nos telejornais.

Centrada em Brasília, essa parte da cobertura acompanhou as ações do governo recém-empossado, bem como a manifestação de parlamentares e do Poder Judiciário. Nas análises e comentários os jornalistas enfatizavam como a tragédia tinha implicações políticas, sobretudo pós-Mariana, seja na questão da proposição/atualização de ordenamento pelo Legislativo federal ou na recomposição/ampliação da fiscalização das estruturas pelo Executivo, por exemplo, e como a gestão Bolsonaro enfrentara o primeiro grande desafio, ao ter que apresentar uma resposta adequada à tragédia e a sociedade. Ressaltamos nesse trabalho jornalístico da “GloboNews” as longas transmissões ao vivo de pronunciamentos do Presidente da República e demais membros do governo e as entrevistas coletivas dos diretores da Vale e das autoridades de segurança pública em Brumadinho.

O sexto tópico “prevenção” tem relação direta com o anterior, à medida que os jornalistas e especialista começam a analisar o que pode ser feito para evitar novos desastres dessa mesma natureza.

Com a ubiquidade, característica da linguagem telejornalística (Becker, 2005, p. 76), a grande cobertura “desloca-se” por diversas regiões (Brasília, centro do poder político, regulador; Rio de Janeiro, sede da empresa; Belo Horizonte, onde se concentrou os atendimentos de saúde aos sobreviventes e a identificação das vítimas) a partir da participação de repórteres por meio dos *links* de transmissão ao vivo e das fontes (especialistas, autoridades, cientistas), muitos contactados pela internet, na busca das informações que constroem a cobertura.

Denominamos como “memória Mariana” o sétimo subtema verificado que trata dos acionamentos de memória feitos pelas edições ao retomar imagens, notícias e dados do rompimento ocorrido no município de Mariana, em 5 de novembro de 2015. A comparação, com a finalidade de contextualização, está presente desde o início do trabalho jornalístico na “GloboNews”.

No penúltimo subtópico temático destacamos os “resgates ao vivo e testemunhos”. A partir do dia seguinte ao rompimento a cobertura na “GloboNews” dedicou-se a acompanhar em tempo real as operações de resgate com imagens aéreas da região da mina geradas pelo “Globocop” e diretamente da “zona quente” com entrada ao vivo dos repórteres.

Além das informações dos salvamentos, a cobertura também deu destaque aos depoimentos das pessoas atingidas, sobreviventes e parentes das vítimas. A humanização da notícia e o engajamento emocional através dos relatos foi perceptível durante toda a grande cobertura em Brumadinho.

No nono item “responsabilização” observamos nas edições analisadas a busca por esclarecimento sobre as causas do rompimento e os possíveis responsáveis, bem como as leis que teriam sido infringidas, os crimes cometidos e as penas e medidas de reparação a serem aplicadas. Dessa forma, foram entrevistados juristas, ex-ministros e ambientalistas que avaliaram a situação.

Na categoria Som destacamos o silêncio durante as transmissões ao vivo simultâneas das operações de resgate. Assim como o trabalho dos resgatistas, o dos jornalistas também era silencioso em alguns momentos para que não interferisse na identificação de possíveis pedidos de ajuda na área do rompimento. Durante algumas entradas ao vivo os repórteres falam baixo, intercalando as informações com períodos em silêncio, o que conferiu um tom tenso e dramático à transmissão.

Em um movimento de “correferencialidade” (Piccinin, Soster, 2012, p. 124), em que o jornalismo utiliza-se de seus pares para referenciar tanto o jornalismo feito por si quanto

o realizado por outros meios, a cobertura se vale de trechos de uma entrevista do presidente Bolsonaro a rádio “Regional FM” de Brumadinho, em que avaliou a situação da fiscalização de barragens. Na reportagem de Nilson Klava (“J10”, 25 jan.), a edição utiliza o áudio da rádio e ilustra a fala com uma arte com a foto do presidente.

Na submissão à categoria Edição verificamos a utilização de mapas e outros recursos gráficos para contextualizar e localizar a tragédia. Além disso, imagens aéreas e de satélite foram utilizadas para estabelecer o antes e o depois da região afetada pela massa de rejeitos. Recurso muito utilizado em sites de notícia.

Assim como identificado em outras grandes coberturas, o canal também utiliza no caso de Brumadinho matérias produzidas para outros telejornais da “TV Globo”. Além disso, recobrando o conceito de bricolagem telejornalística da grande cobertura, visto anteriormente na primeira fase em razão do trabalho jornalístico da “GloboNews” sobre a queda do *Fokker* 100 da TAM, na edição de 26 de janeiro o “J10” apresenta a reportagem de abertura neste mesmo molde.

A produção é uma junção de trechos de entrevistas com autoridades, transmissões ao vivo simultâneas dos resgates, VTs de diferentes repórteres e telejornais e sonoras com os atingidos e parentes de vítimas o que origina uma nova reportagem. Ou seja, retoma o material já produzido à medida que também atualiza-o. Esse tipo de conteúdo estrutura-se, portanto, como um híbrido de reportagem que informa sobre o acontecimento e, também, compila a cobertura telejornalística em si realizada pelas equipes durante o dia no canal. Editando temporal e discursivamente o acontecimento jornalístico construído ao vivo nas transmissões simultâneas.

No conjunto Visualidade, penúltima categoria, constatamos a profusão de imagens aéreas geradas a partir do helicóptero (“Globocop”), relevante fonte de captação para o jornalismo em acontecimentos que envolvem desastres ambientais, emergências climáticas e acidentes, por exemplo, modo de produção consagrado em outras coberturas.

Esse tipo de imagem nas grandes coberturas tem como objetivo principal oferecer uma visão ampliada e contextualizada de acontecimentos complexos e de grande dimensão mostrando ao público a extensão dos eventos e ajudando-o a se localizar quanto ao espaço.

Todavia, na cobertura de Brumadinho esse tipo captação também foi possível com o auxílio de drones, que tem como diferencial o menor custo de operação se comparado a uma aeronave, além disso assegurou a grande cobertura imagens mais detalhadas e próximas da área atingida devido à possibilidade de voo baixo do equipamento acessando lugares específicos na área.

Ainda no campo da análise das imagens da cobertura algumas destacam-se por terem se fixado como um registro, como uma marca do acontecimento e da grande cobertura em Brumadinho, como o exato momento do colapso da estrutura captado por câmeras de monitoramento.

Nas outras coberturas analisadas esse fenômeno também ficou evidente como o choque dos aviões contra as torres do *World Trade Center* e a explosão que se seguiu nos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 e os corpos embalados em sacos pretos espalhados nas calçadas do bairro do Jabaquara, em São Paulo, em 1996.

Em vista disso, acionamos Rosa (2012, 2014), que propõe a noção de “imagens-totens”, que contribui na elucidação sobre o fenômeno das imagens-documento, imagem-memória na grande cobertura telejornalística. Rosa (2014, p. 3) traduz as “imagens-totens” como imagens midiáticas que ultrapassam sua função de representação de um evento específico para se tornarem referências duradouras e estruturantes na sociedade.

Desse modo, essas imagens se fixam no imaginário coletivo de forma que assumem um “poder simbólico”, hierarquizando a interpretação de eventos e, muitas vezes, balizando a criação de outras imagens alternativas. Ancorada em Cassirer e Durkheim, Rosa ressalta que a “imagem-totem” ganha uma força quase mítica que atua na construção da memória coletiva e se transforma no próprio acontecimento, mantendo-se presente através de sua reprodução e circulação constante nos meios de comunicação.

No caso de Brumadinho, inicialmente, a “TV Bandeirantes” foi o primeiro veículo jornalístico a divulgar, às 9h47, de 1º de fev. de 2019, uma imagem da câmera de monitoramento posicionada em uma das esteiras da mina do momento em que a massa de rejeitos invade a área de operação. O material foi amplamente utilizado pela “GloboNews”, com a informação de que foi cedido pela “Band”. A repetição, portanto, na programação também tem uma função importante na fixação das imagens na grande cobertura.

Figura 41 – Imagens de câmera de monitoramento obtida pela “Band” e pela “GloboNews”

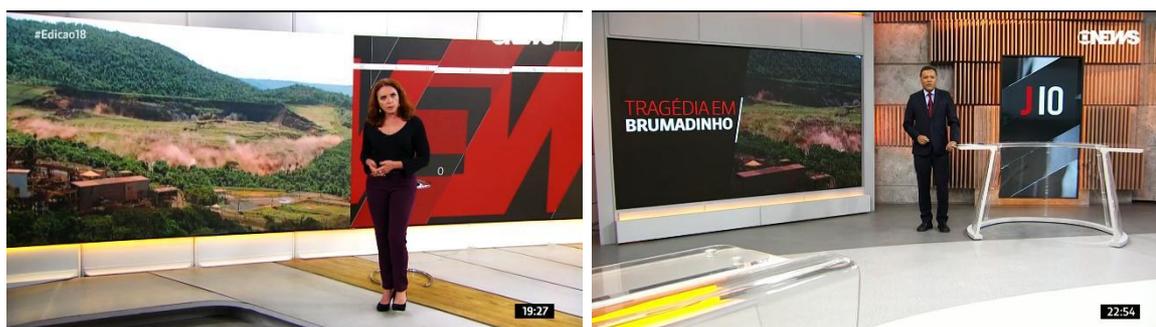


Fonte: Reprodução GloboNews (2024)

Contudo, às 14h34, a “GloboNews” exibe pela primeira vez, no jornalístico “Estúdio i”, a imagem que se tornaria o principal registro desta grande cobertura no canal: a cena captada em frente a barragem do exato momento em ela se rompe. O conteúdo, obtido com exclusividade pela “TV Globo” em Minas Gerais, foi amplamente exibido e analisado nos telejornais e programa jornalísticos do canal a partir de então, fixando-se como imagem-documento da grande cobertura, sendo utilizada inclusive como selo gráfico e como parte do “cenário” (com a exibição contínua no telão para ilustrar assunto correlato ao rompimento) nos telejornais.

A fig. 42 mostra que o trecho do vídeo do colapso da estrutura é utilizado tanto no telão para ilustrar a chamada de um assunto correlato no “MH18” compondo o cenário do telejornal quanto como marcador televisual do tema a partir de elementos gráficos dentro do “J10”.

Figura 42 – Usos da imagem do rompimento como cenário no telão e como selo



Fonte: Reprodução GloboNews (2024)

Destacamos ainda o valor da exclusividade na divulgação da imagem. Durante a exibição do material no canal, obtido a tarde pela “TV Globo”, o crédito de “EXCLUSIVO” aparece na tela como um marcador para o público.

Nessa perspectiva, como observado em contextos anteriores, a “exclusividade” opera como uma estratégia narrativa do canal (Miranda, 2019, p. 108). Configurando-se, portanto, por ofertar ao público um sentido, uma ideia de acesso a um conteúdo jornalístico audiovisual que, em tese, não está disponível a outro *player*. Com o objetivo de destacar-se dos outros veículos e reforçar sua relevância e autoridade junto ao público. De modo que, o sentido de exclusividade pode indicar que o canal tem acesso a fontes confiáveis e consegue, muitas vezes, informações que outros não têm.

De acordo com Oliveira (2014, p. 593), a “notícia exclusiva trata-se da principal notícia veiculada por um meio de comunicação referente a um fato extraordinário, não

noticiado pelos demais veículos [...]”. Na perspectiva de Schudson (1987) as notícias de “última de hora”, “exclusivas”, tinham grande relevância em um período em que a publicação das informações poderia demorar dias até chegar às pessoas.

Segundo Miranda (2019, p. 108), a noção de exclusividade está mais relacionada com o prestígio, com a legitimação e com a forma como os jornalistas querem ser percebidos por seus pares do que, necessariamente, com a oferta de conteúdo em primeira mão ao público.

Ainda no âmbito dessa imagem-documento, refletimos sobre a difusão dessas imagens de videovigilância (Andrade, 2018, p. 76) e amadoras (Mata, 2017, 2020) no atual cenário de imersão tecnológica e digital da sociedade, que se mostra distinto do contexto da cobertura do *Fokker 100* em 1996, por exemplo, em que o acesso/distribuição das imagens geradas por não jornalistas/profissionais da imprensa foi mais limitado.

Andrade (2014) descreve o uso de câmeras de videovigilância no telejornalismo como uma prática que influencia a forma de construção das narrativas jornalísticas ao priorizar imagens de flagrantes, especialmente aquelas associadas a eventos trágicos ou de risco, caso do rompimento em Brumadinho.

O uso dessas imagens é associado à “naturalização do ato de vigiar” (Bruno, 2008 *apud* Andrade, 2014, pág. 60) na contemporaneidade, tornando as câmeras de vigilância uma fonte recorrente para cenas de crimes ou situações dramáticas, que são absorvidas pelos telejornais devido à sua capacidade de atrair a atenção da audiência. Como observado anteriormente a “GloboNews” incorporou rapidamente em sua cobertura as imagens de videovigilância obtidas e cedidas pela “Band” com o “flagrante” da massa de rejeitos tomando o pátio de operações da mina, até que conseguiu nova imagem, exibindo-a também imediatamente.

Essas imagens, por sua estética particular (ângulo superior, tons neutros, posição fixa) e pela ausência de elementos de produção profissional, passam a ideia de imediação e imparcialidade. No entanto, pondera Andrade, constroem sim determinado tipo de narrativa, com perspectiva, por muitas vezes destacarem o “quê” (o evento trágico em si, por exemplo), minimizando outros elementos do fato, como o “quem”, “onde”, e “por que”.

Nesse sentido, esse enquadramento da videovigilância reforça a tragicidade, caso de Brumadinho, e o risco, elementos que, no telejornalismo, podem impactar na percepção do público sobre o que é notícia e sobre a função da videovigilância na sociedade.

Seguindo para a última categoria de submissão das unidades-análise temos os Enunciadores, em que identificamos os sujeitos que participam ou estão ausentes na narrativa jornalística.

As fontes oficiais, primárias, como as autoridades do Estado, das forças de segurança e de resgate, como o então Tenente do CBMMG Tenente Pedro Aihara, são uma das principais vozes e fontes de informação na cobertura. Com longas entrevistas coletivas e sonoras exclusivas sendo transmitidas ao vivo com informações sobre o desastre e os trabalhos de resgate. Também ressaltamos o trabalho dos especialistas em meio ambiente, em mineração e em gerenciamento de risco, que participaram intensamente das análises e comentários.

Os repórteres também foram muito atuantes na cobertura. Em um primeiro momento, assim que ocorre o rompimento, os profissionais da Editoria Minas (jornalismo da “TV Globo” em Belo Horizonte) realizam o trabalho com entradas ao vivo para o canal. Os mesmos profissionais também reportavam para os telejornais da rede (“H1”, “BDBR”, “JH”, “JN” e “JG”) e para os locais (“BDMG”, “MG1” e “MG2”), todos na TV aberta. À noite, os primeiros repórteres da “GloboNews” (Victor Ferreira, de São Paulo, e Diego Sarza, do Rio de Janeiro) começam a chegar a Brumadinho e assumem a cobertura para o canal de notícias com colaborações para a rede.

Como verificamos, essa troca impacta consideravelmente a narrativa jornalística da cobertura, de modo que a perspectiva dos repórteres enviados é mais abrangente e, em razão disso, é mais contextualizadora nos relatos sobre a região, sobre os habitantes e sobre o rompimento em si do que a dos profissionais da Editoria Minas, que, por trabalharem em Belo Horizonte, sede mineira da “TV Globo”, e, eventualmente, realizarem produções jornalísticas em Brumadinho, que fica na região metropolitana, já tem algumas dessas informações internalizadas, ponderando não serem relevantes para o público.

Em contrapartida, a angulação dos repórteres da Editoria Minas, evidenciado a partir dos textos e dos relatos ao vivo analisados, compreende nuances culturais, sociais e históricas do lugar. Dialogando com questões que afetam a comunidade e, por isso, pode apresentar uma abordagem mais próxima as pessoas. Tendo, por vezes, priorizado assuntos que, de fato, refletem os interesses e preocupações dos locais, como por exemplo, o acesso a água potável durante a tragédia que contaminou os mananciais da região ou as rotas de fuga indicadas pelas autoridades para a população em caso de novo rompimento/emergência.

Após a aplicação das categorias prosseguiremos para a análise dos dados a partir dos princípios enunciativos. Nesse movimento detectamos que:

a) Na Fragmentação a cobertura apresenta em geral um ritmo acelerado constante com cortes rápidos e transições de um repórter para o outro nas entradas ao vivo, conferindo um tom de urgência as edições.

Destacamos ainda a hierarquização na cobertura com prioridade para as informações ao vivo com a interrupção de análises e comentários para a transmissão de entrevistas coletivas, pronunciamentos das autoridades e notícias de última hora.

Outro aspecto observado, no âmbito dos elementos paratextuais (Coutinho, 2016, 2018, 2020), foi a proliferação de produtos jornalísticos da cobertura como documentários, programas de grande reportagem, de debates e entrevistas. Esse fenômeno havia sido verificado nas outras coberturas, no entanto, escalou com a tragédia em Brumadinho. Portanto, além da cobertura *hard news* a programação do canal também contou com programas especiais que aprofundaram o tema, fragmentando a cobertura a partir do formato de cada programa.

b) Na Dramatização percebemos o envolvimento dos repórteres e apresentadores na cobertura através da emoção (Becker, Thomé, 2022; Reis, Thomé, 2022, p. 41). Em alguns momentos na transmissão o cansaço e a tristeza eram relatados pelos jornalistas e em um movimento de “atorização” (Piccinin, Soster, 2012; Soster, 2013) passaram a compor a narrativa telejornalística;

c) Na Definição de Identidades e Valores observamos o tom testemunhal nas entrevistas com a população. Construindo uma dimensão subjetiva na narrativa, permitindo que o público acesse os acontecimentos sob a perspectiva de quem vivenciou e/ou testemunhou diretamente os fatos relacionados ao rompimento (Ribeiro; Sacramento, 2020). O testemunho e a emoção configuram elementos de estratégias de subjetivação (Thomé, 2021) que se intensificaram no jornalismo contemporâneo, sobretudo durante a pandemia.

O tom testemunhal permite, portanto, que a cobertura telejornalística da “GloboNews” explore uma diversidade de perspectivas e vozes, principalmente em temas áridos como a perda, a morte, o luto. Ao visibilizar os testemunhos, a cobertura oferece um recorte do contexto, ofertando ao público pontos de vista que talvez não tivessem visibilidade de outra maneira.

5.2.4 Em busca de resultados: comparando os dados obtidos

Seguindo os procedimentos da AT, após a análise das categorias e princípios enunciativos, avançamos para a comparação dos dados em busca de resultados que contribuam para elucidar a situação-problema proposta no presente estudo.

Sendo assim, nosso foco na compilação dos dados em busca de resultados será destacar as “anatomias narrativas” da grande cobertura na “GloboNews” e as mudanças e permanências nesse tipo de trabalho (tele)jornalístico no canal levando em consideração os seguintes elementos: estrutura, forma, estilo narrativo, recursos, estética televisual e linguagem audiovisual.

A primeira grande cobertura da “GloboNews”, realizada em 1996, sobre o acidente com o *Fokker* 100 da TAM, foi um marco no início das operações da “GloboNews” e no desenvolvimento do estilo e da linguagem do telejornalismo do canal. Com apenas 15 dias em funcionamento, a “GloboNews” abandonou sua programação regular para transmitir ao vivo, ininterruptamente, a cobertura da tragédia da ponte aérea Rio-SP, algo, até então, inédito para o canal e raro no cenário da televisão aberta no Brasil.

Embora, tenha experimentado um texto lírico e subjetivo em algumas matérias e reportagens bricoladas, como denominamos, no geral, a cobertura adotou uma linguagem simples e direta na transmissão ao vivo, com atualização das informações pelos repórteres e outras fontes, mantendo um estilo narrativo semelhante ao do jornalismo da “TV Globo”.

A cobertura da queda do avião em São Paulo contou com a participação de especialistas e comentaristas com análises aprofundadas e conjecturas sobre o acidente, ainda que, o foco tenha sido a narração do acontecimento, com a figura do apresentador-narrador observador, e a atualização das informações, garantindo que o público tivesse uma experiência em tempo real com a ampliação dos fatos.

Em vista disso, observamos que a “GloboNews” operou como um canal secundário a “Globo”, que também cobria o acidente, no sentido de repercutir e ampliar a cobertura desse canal principal (TV aberta), devido a dependência do canal por assinatura da estrutura, da logística e dos profissionais da Central Globo de Jornalismo (CGJ). Realizando, portanto, uma grande cobertura multicanal, ampliando e detalhando o acontecimento em relação a cobertura da “Globo”.

A grande cobertura dos atentados terroristas de 11 set. 2001 pela “GloboNews” marca uma nova fase, mais conectada, pelas possibilidades da convergência midiática com o portal de notícias “GloboNews.com”, e uma abordagem com profundidade contextual, além

de uma estrutura de operação consolidada. Minutos após o choque do primeiro avião contra o WTC, tem início na “GloboNews” uma longa transmissão que se estendeu por mais de dez horas, fazendo com que o canal mergulhasse intensamente no evento, algo que ainda não havia sido experimentado pela equipe naquelas circunstâncias.

Diferentemente da anterior, em que o ecossistema midiático da “Globo” ainda era reduzido, apontamos no trabalho jornalístico sobre os atentados de 11 set. 2001 para uma cobertura multiplataforma da “GloboNews”. O portal de notícias “GloboNews.com” foi um dos primeiros a realizar de forma integrada uma cobertura simultânea na TV e na internet, o que representou um avanço significativo na forma como as notícias eram disseminadas. Essa abordagem permitiu que o canal alcançasse um público mais amplo e diversificado, aproveitando as vantagens da internet para complementar a transmissão televisiva.

No sentido da hipótese de “serialização” da narrativa telejornalística da cobertura evidenciamos a noção de *cliffhanger* jornalístico na grande cobertura, que refere-se a uma técnica narrativa que cria suspense e expectativa no público, servindo, também, como “gancho” para outras narrativas (ou, nesse caso, coberturas). Essa técnica é utilizada, principalmente, na teleficção para prender a atenção da audiência e estimular a curiosidade sobre o que acontecerá a seguir, garantindo que eles permaneçam sintonizados para acompanhar a continuidade da história.

Na cobertura da “GloboNews”, essa abordagem de *cliffhanger* se revela de forma significativa, especialmente durante eventos de grande impacto, como os atentados de 11 de setembro. A cobertura foi marcada por momentos de incerteza e dramaticidade, onde a interrupção da narrativa em pontos críticos (como o impacto dos aviões e as reações das autoridades) gerou um senso de urgência e envolvimento emocional com os acontecimentos. Gerando engajamento (audiência) e fortalecendo a conexão do público com a trama e os personagens envolvidos na cobertura.

A cobertura dos ataques nos EUA na “GloboNews” teve uma carga emocional intensa em razão dos acontecimentos e das cenas perturbadoras que eram exibidas. As imagens das torres gêmeas em chamas em Nova York após o choque das aeronaves e das pessoas se lançando do alto dos edifícios, captadas ao vivo, foram incessantemente repetidas, construindo as imagens-documento da grande cobertura, que tornaram-se emblemáticas reforçando o impacto visual da tragédia e a produção de memória coletiva.

A reincidência das cenas na tela, intercalada com as análises e comentários de especialistas/pesquisadores e entradas ao vivo dos correspondentes relatando pânico e incredulidade, conferiram à cobertura um tom dramático e o evento foi abordado quase como

uma produção cinematográfica, hollywoodiana, ao vivo, com uma narrativa intensa que combinava choque e urgência.

A terceira grande cobertura analisada, realizada em 2019, sobre o rompimento da barragem da mineradora Vale em Brumadinho, representou um avanço em termos de mobilidade e de imersão tecnológica e digital para a “GloboNews”. O trabalho jornalístico, sobretudo, nos primeiros momentos da cobertura, adotou uma abordagem crítica, investigativa e técnica, evidenciando o desenvolvimento do canal em termos de estrutura, de recursos tecnológicos e da prática jornalística em si.

A cobertura destaca-se na parte tecnológica e visual com imagens aéreas captadas pelo helicóptero e por drones, além de recursos gráficos (antes e depois, mapas e imagens de satélite) que mostraram a extensão do impacto ambiental e humano e pelo uso do *smartphone* e internet móvel como importantes dispositivos na comunicação com a redação, na captação de imagens e na transmissão ao vivo na cobertura, proporcionando mobilidade e agilidade aos repórteres e facilitando a divulgação das informações.

A estética televisual da primeira cobertura, em 1996, reflete o contexto tecnológico e operacional da época. Algumas imagens, por exemplo, eram desfocadas e muitas vezes tremidas, em movimento, capturadas com equipamentos de gravação maiores e mais pesados em fitas magnéticas da década de 1990, em meio ao cenário de destruição nas ruas do Jabaquara, em São Paulo. Essa estética televisual, que construía um sentido de gravidade do evento de forma impactante, enfatizando a urgência e a atualidade da cobertura ao vivo, embora difundida na época pelo programa jornalístico-policialesco “Aqui Agora”, do “SBT”, não era muito usual no jornalismo da “Globo”.

Sendo assim, a cobertura foi marcada pela “imersividade narrativa” (Mello Silva; Yanaze, 2020) e “efeito de real” (Barthes, 2012; Motta, 2013) com as imagens, tendo poucos recursos gráficos/visuais ou sem edições elaboradas, o que acabou por enfatizar o potencial das imagens capturadas no local do acidente como produtoras de sentido de urgência e de um tipo de “real”.

No caso dos atentados terroristas, em 2001, a estética televisual também refletiu transformações em relação ao que a “GloboNews” havia apresentado em 1996. As imagens eram mais nítidas, sendo a maioria vinda das agências de notícia, e as transições entre os segmentos de notícias eram mais orgânicas, com maior atenção aos detalhes visuais e gráficos.

Ao longo da transmissão, a “GloboNews” recorreu a sobreposições de imagens, gráficos e mapas para ilustrar a localização dos ataques, o que auxiliou na contextualização do

espectador. Além disso, o estilo narrativo implementado pela “GloboNews” nessa cobertura foi marcado por uma abordagem interpretativa e contextualizadora dos eventos.

Além de narrar os acontecimentos a cobertura trouxe especialistas em segurança e terrorismo, em relações internacionais e historiadores e os correspondentes internacionais, como Jorge Pontual, que estava em Nova York, e Luís Fernando Silva Pinto, em Washington, o que ampliou a abrangência e a profundidade no trabalho jornalístico.

Na cobertura analisada, realizada em Brumadinho, em 2019, a estética televisual adotada refletiu a crescente capacidade tecnológica da “GloboNews”. O uso de mapas interativos e gráficos dinâmicos permitiu que os jornalistas ilustrassem a dinâmica do rompimento e mostrassem a extensão dos danos causados à região, tanto em termos ambientais quanto humano. A partir desses elementos gráfico-visuais, o espectador pode entender a geografia do desastre e visualizar os dados técnicos, como a velocidade e a trajetória da massa de rejeitos, fundamentais para a compreensão da dimensão e alcance da tragédia.

No que diz respeito ao estilo narrativo, como citado anteriormente, a cobertura de Brumadinho foi marcada por um tom crítico e investigativo, demonstrado pela indignação dos apresentadores e comentaristas e pelos questionamentos quanto as causas do rompimento e as possíveis falhas de operação/manutenção da estrutura e da fiscalização. A cobertura contou com a participação de especialistas de diversas áreas, incluindo engenharia, segurança ambiental e geologia, para contextualizar a tragédia e debater questões de regulamentação e segurança de barragens no Brasil. Esse tom investigativo foi fundamental para que a cobertura fosse além da notícia factual e oferecesse uma análise crítica sobre o papel das empresas e do governo em prevenir a repetição tipo de desastre.

Destacamos ainda as longas transmissões ao vivo com a exibição de imagens e das operações de resgate com entradas ao vivo dos repórteres e entrevistados como uma das características dessa grande cobertura.

Retomando a primeira cobertura, os recursos limitados ou inexistentes reforçaram o tom improvisado da transmissão. A estrutura operacional da cobertura era majoritariamente dependente da infraestrutura da CGJ, que fornecia suporte técnico e parte da equipe de repórteres em São Paulo.

Como o canal ainda não tinha a estrutura necessária para cobrir acontecimentos dessa magnitude, muitas imagens, sonoras e transmissão ao vivo foram reaproveitadas de telejornais da “Globo”, como o “Jornal Hoje” e o “Jornal Nacional”. Esse suporte foi fundamental para que a cobertura fosse realizada, mas também trazia uma limitação em

termos de autonomia para o canal de notícias. Sob essas circunstâncias, a “GloboNews” apresentou uma cobertura contínua e urgente, adotando pela primeira vez um modelo de “últimas notícias” (*breaking news*) que se tornaria característico no futuro.

Sobre a segunda cobertura (11 set.), a estrutura da cobertura foi organizada de modo a explorar os vários ângulos do evento. Todos os correspondentes da “Globo” nos EUA foram deslocados para a cobertura dos ataques. Nesse período a “GloboNews” ainda não contava com equipe exclusiva, tendo que compartilhar os profissionais com a “Globo”.

Nos estúdios no Rio de Janeiro, os apresentadores se aprofundavam nas consequências políticas e de segurança internacional com os especialistas, enquanto os repórteres no Brasil traziam a repercussão e os impactos dos atentados para o país, em uma estratégia narrativa de aproximação do fato internacional a realidade dos brasileiros. Diferente das outras coberturas analisadas, que foram locais/regionais em seu escopo e impacto, a “GloboNews” apresentou a cobertura dos atentados como parte de uma narrativa global, conectando o público brasileiro a um acontecimento que ressoava no ocidente e no oriente.

O fluxo contínuo do ao vivo foi fundamental para o desenvolvimento da cobertura e reforçou o caráter dramático e cinematográfico do evento para o público brasileiro, que pode acompanhar cada atualização em tempo real na TV e no portal de notícias. A combinação de dramaticidade, profundidade analítica, convergência e qualidade visual marcou uma nova fase para o jornalismo do canal, que se destacou ao transformar a tragédia em uma cobertura extensa e envolvente, que contextualizou o evento sob uma perspectiva global e ofereceu um panorama detalhado das implicações do ataque para o mundo. Para além da informação ao público, mas, também, como meio televisivo, envolveu emocionalmente o espectador, refletindo o impacto histórico, o drama humano e o sentimento de vulnerabilidade desencadeado pelos ataques.

Por fim, a cobertura de Brumadinho, foi estruturada de modo a permitir uma visão ampliada e acessível do evento. A “GloboNews” utilizou diversos *players* na cobertura, que incluem o “ao vivo” no canal por assinatura e o *full time/real time* (o tempo todo/tempo real) nas redes sociais digitais, *site* de notícias e plataformas de *streaming* da “Globo”, criando um ecossistema jornalístico para uma cobertura *always on*, rizomática, sempre conectada e disponível ao usuário, como propomos. Permitindo uma atualização constante do conteúdo jornalístico e em múltiplos formatos, atendendo à demanda de uma audiência que busca informações imediatas e de fácil acesso.

Com o uso dessas janelas de exibição e de compartilhamento de conteúdo, a cobertura assumiu um caráter hiperconectado e interativo, algo impensável nas primeiras

coberturas do canal e que atualmente indica um novo modelo de jornalismo ao vivo no *all news*, cada vez mais *all news everywhere*. Algo que já aparecia no plano de implantação da “GloboNews” ainda, em 1996, mas que só possível efetivamente graças as tecnologias e plataformas atuais e ao processo de convergência de mídias. João Roberto Marinho, então vice-presidente das “Organizações Globo”, chegou a relatar no prefácio do livro “GloboNews – 10 anos, 24 horas no ar”, de Paternostro (2006a), a aposta de que a rápida expansão dos dispositivos móveis e da internet de alta velocidade viabilizariam as operações do canal de notícias brasileiro, expandido a sua penetração.

Quando [...] a Globo News foi lançada, o panorama das comunicações no Brasil era muito diferente. Em 1996, havia apenas 1,6 milhão de telefones celulares, caros, analógicos e em grande medida pouco confiáveis. Os usuários de Internet, que acabara de ganhar a sua interface gráfica com a popularização do *Netscape Navigator*, eram poucos; simplesmente não havia a chamada banda larga. Nossa aposta era que esse quadro mudaria rapidamente, tornando tecnologicamente possível e com custos razoáveis uma emissora que, por definição, deveria estar todos os lugares, em todos os momentos, pronta para entrar no ar sem demora (Marinho, 2006 *apud* Paternostro, 2006a, p. 9)

Outro ponto que merece destaque são testemunhos e entrevistas que captaram o drama das vítimas e dos moradores de Brumadinho. Esse aspecto ajudou a equilibrar a análise técnica com o impacto humano, mostrando a angústia e a resiliência dos atingidos. Portanto, a cobertura de Brumadinho representa a consolidação da identidade da “GloboNews” como um canal de notícias ancorado na transmissão ao vivo e repercussão dos eventos.

A seguir, elaboramos um quadro com uma síntese dos resultados apurados. O quadro 14 consolida a comparação entre as fases a partir das colunas “Permanências” e “Mudanças”. Os dados das cinco colunas nos auxiliam na composição do bloco com a proposta da “anatomia narrativa da grande cobertura na ‘GloboNews’”.

“ANATOMIAS NARRATIVAS”				
(Piccinin e Soster, 2012; Thomé, Piccinin e Reis, 2021)				
1ª COBERTURA	2ª COBERTURA	3ª COBERTURA	PERMANÊNCIAS	MUDANÇAS
Acidente com o avião <i>Fokker 100</i> da TAM, 1996	Ataques terroristas de 11 de setembro, 2001	Rompimento da barragem em Brumadinho, 2019		
Estilo de reportagem bricoladas; Estilo narrativo experimental: subjetivo,	Tempo midiático: onde a organização do noticiário e dos eventos foram estruturadas de forma a criar	Discurso crítico e de responsabilização; Tensionamento político da	Estrutura narrativa telejornalística clássica na grande cobertura (com início, desenvolviment	Da cobertura multicanal, passando pela multimídia até a cobertura <i>always on</i> ;

<p>poético/lírico;</p> <p>Falta de consolidação da linguagem audiovisual;</p> <p>Formato narrativo clássico (cobertura com início, desenvolvimento/intriga e desfecho);</p> <p>Foco na narração e na atualização (com o apresentador-narrador observador);</p> <p>Início das grandes transmissões ao vivo no canal e da ubiquidade;</p> <p>Imagem-documento: “corpos ensacados” na calçada;</p> <p>Estrutura altamente dependente;</p> <p>Utilização de chamadas de telefone para entrevistas;</p> <p><i>Flashback</i> (uso de material de arquivo, no caso da cobertura), <i>flashforward</i> (na cobertura corresponderia as</p>	<p>uma realidade possível, coerente e imediata nas telas;</p> <p>Análise contextual e histórica;</p> <p>Especialistas e analistas como parte da construção da narrativa;</p> <p>Utilização de chamadas de telefone para entrevistas;</p> <p>Continuidade das transmissões ao vivo, em tempo real, e imediatas;</p> <p>Formato narrativo clássico com suspense e <i>cliffhanger</i> telejornalístico, conduzindo para uma nova cobertura;</p> <p>Cobertura integrada, colaborativa, entre TV e internet a partir do <i>site</i> “GloboNews.com”;</p> <p>Estrutura de cobertura com equipe compartilhada;</p>	<p>tragédia alinhado com a agenda global de emergências climáticas e meio ambiente;</p> <p>Estrutura de cobertura com equipe própria;</p> <p>Uso de tecnologias integradas à cobertura/fazer jornalístico: drones, <i>smartphone</i>, internet móvel, <i>WhatsApp</i>;</p> <p>Narrativa visual/imagética impactante e detalhada;</p> <p>Fontes de imagens contemporâneas (câmeras de monitoramento, <i>smartphone</i>, drones)</p> <p>Ênfase nos testemunhos e narrativas de vida;</p> <p>Cobertura <i>always on</i>, descentralizada, em diversos <i>players</i>;</p> <p>Conteúdo (tele)jornalístico temático nas redes sociais digitais</p>	<p>o/intriga e desfecho);</p> <p>Efeito bricolagem em algumas reportagens;</p> <p>Imediaticidade: a busca pela divulgação imediata de informações continua a ser uma característica central da grande cobertura. O “tempo midiático”, que prioriza a rapidez na transmissão de notícias, ainda é um elemento fundamental;</p> <p>Utilização de chamadas por telefone para entrevistas;</p> <p>Uso de imagens impactantes, criando imagens-documento;</p> <p>Elementos serializantes;</p> <p>Contextualização;</p> <p>Rádio-telejornalismo no <i>all news</i>;</p> <p>Produtos</p>	<p>Da utilização do telefone para chamadas as novas tecnologias: <i>smartphone</i>, internet móvel, <i>WhatsApp</i>;</p> <p>Da pouca interatividade a conversa nas redes sociais digitais;</p> <p>Da dependência de estrutura para a autonomia;</p> <p>Da cobertura “obrigatória” a cobertura colaborativa e integrada entre canais: “Globo” e “GloboNews”;</p>
--	---	---	---	---

<p>prospecções e análises sobre os acontecimentos futuros como consequência da notícia narrada) e o <i>recap</i> (que na cobertura seria um resumo do “capítulo”, das notícias do dia anterior).</p> <p>Cobertura multicanal.</p>	<p>Exibição de imagens impactantes: imagem-documento ou as “imagens-totens”, nos termos de Rosa (2012, 2014);</p> <p><i>Flashback</i> (uso de material de arquivo, no caso da cobertura), <i>flashforward</i> (na cobertura corresponderia as prospecções e análises sobre os acontecimentos futuros como consequência da notícia narrada) e o <i>recap</i> (que na cobertura seria um resumo do “capítulo”, das notícias do dia anterior).</p>	<p>(Facebook, Instagram e X) e no <i>streaming</i> (g1, globoplay e Canais Globo);</p> <p><i>Real time</i> e <i>full time</i> (<i>reality show</i> noticioso): com longas transmissões ao vivo sobre a tragédia conduzidas pelos repórteres em campo;</p> <p><i>Flashback</i> (uso de material de arquivo, no caso da cobertura), <i>flashforward</i> (na cobertura corresponderia as prospecções e análises sobre os acontecimentos futuros como consequência da notícia narrada), <i>recap</i> (que na cobertura seria um resumo do “capítulo”, das notícias do dia anterior) e o <i>cold open</i> (que no trabalho telejornalístico da “GloboNews” estaria relacionado ao uso de imagens impactantes/espetaculares antes da escalada, logo na abertura do telejornal ou</p>	<p>jornalísticos derivados da cobertura: documentário, grande reportagem, programa de debates e entrevistas;</p> <p>Cobertura ao vivo, em tempo real, e atualizações constantes.</p>	
---	---	--	--	--

		<p>na volta do intervalo);</p> <p>Indícios de transição do modelo televisivo de <i>all news</i> para o <i>all news everywhere</i>.</p>		
ANATOMIA NARRATIVA DA GRANDE COBERTURA NA “GLOBONEWS”				
<p>Serialização (elementos serializantes) (Estrutura narrativa telejornalística clássica na grande cobertura com início, desenvolvimento/intriga e desfecho; <i>cliffhanger</i> telejornalístico, produtos derivados da cobertura), <i>Flashback</i> (uso de material de arquivo, no caso da cobertura), <i>flashforward</i> (na cobertura corresponderia as prospecções e análises sobre os acontecimentos futuros como consequência da notícia narrada), <i>recap</i> (que na cobertura seria um resumo do “capítulo”, das notícias do dia anterior) e o <i>cold open</i> (que no trabalho telejornalístico da “GloboNews” estaria relacionado ao uso de imagens impactantes/espetaculares antes da escalada, logo na abertura do telejornal ou na volta do intervalo);</p> <p>Longas transmissões ao vivo (cobertura <i>em tempo integral, real time, reality show</i> noticioso);</p> <p>Imediatismo e “tempo midiático”;</p> <p>Utilização de recurso tecnológicos disponíveis (<i>smartphone</i>, chamada de voz convencional, drones, internet móvel);</p>				
<p>Rádio-telejornalismo no <i>all news</i>;</p> <p>Efeito bricolagem nas reportagens;</p> <p>Ênfase no drama humano e social;</p> <p>Uso de imagens impactantes, criando imagens-documento, que constroem a memória coletiva;</p> <p>Análise contextual e histórica;</p> <p>Hiperconectividade (<i>site</i>, redes sociais digitais, <i>WhatsApp</i> serviços de <i>streaming</i>);</p> <p>Cobertura <i>always on</i>;</p> <p>Inserida em um modelo televisivo de <i>all news</i> e <i>all news everywhere</i>.</p>				

Quadro 14 – Síntese dos resultados
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A análise comparativa entre as fases da grande cobertura telejornalística evidencia tanto permanências quanto mudanças significativas nos aspectos tecnológicos, estéticos, estilísticos e de linguagem televisual.

Entre os elementos que permanecem, destaca-se a estrutura narrativa clássica do telejornalismo, que organiza as coberturas em início, desenvolvimento e desfecho, garantindo uma lógica compreensível para o público. A imediatividade continua a ser uma característica central, com a manutenção do “tempo midiático” como prioridade na rápida transmissão de informações. Além disso, a utilização de imagens chocantes, chamadas por telefone para entrevistas e o efeito bricolagem em algumas reportagens ainda são práticas recorrentes, assim como a produção de imagens-documento que eternizam/cristalizam o impacto visual das notícias.

As mudanças demonstram a evolução do telejornalismo frente às demandas tecnológicas e sociais. O formato de cobertura passou de multicanal para multimídia e, mais recentemente, para o modelo “*always on*”, em que as transmissões são contínuas e descentralizadas. A variação entre o uso exclusivo de chamadas telefônicas para a integração de novas tecnologias, como o Skype/Google Meet, os *smartphones*, a internet móvel e o “WhatsApp”, reflete a adaptação à era digital. A interatividade também evoluiu de forma significativa, saindo de um modelo quase inexistente para a criação de diálogos e conversas nas redes sociais digitais.

Houve também a mudança de uma estrutura dependente para maior autonomia nas coberturas. O que possibilitou a transformação de uma atuação quase “obrigatória” dos profissionais para um modelo colaborativo e integrado entre a “Globo” e a “GloboNews”. Outro avanço relevante é o desenvolvimento de elementos serializantes, com maior contextualização e a produção de produtos jornalísticos derivados, como documentários, grandes reportagens, programas de debates e entrevistas.

Por fim, a grande cobertura telejornalística, em tempo real, com atualizações constantes, segue sendo um pilar do telejornalismo da “GloboNews”, agora potencializada pela integração tecnológica e pela ampliação das possibilidades narrativas e visuais. Essa evolução é consequência de conflitos e equilíbrio entre a preservação de fundamentos tradicionais e a adaptação às novas realidades midiáticas e tecnológicas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filósofo e historiador mineiro José Carlos Reis traz como título de um de seus livros uma definição simples e direta da História: “A ciência dos homens no tempo”. Graças a ocupação da disciplina em investigar a experiência humana em sua dimensão temporal, como rupturas e continuidades que ocorrem ao longo do tempo em razão dos pensamentos, ações e interações dos seres humanos.

Sem pretensões, apenas para fins didáticos, tomando o título de Reis por empréstimo, poderíamos interpretar a presente tese desenvolvida nessas páginas como um olhar sobre a prática telejornalística do humano no tempo. A partir dessa perspectiva, entendemos que o telejornalismo não apenas reporta os acontecimentos, mas os organiza em narrativas que conectam passado, presente e futuro, estruturando a percepção humana sobre o mundo. Ou seja, especialmente em seu formato *all news*, transcende a função informativa, tornando-se um espaço onde a sociedade pode se ver, registrando sua trajetória e revisitando suas escolhas.

A presente pesquisa dedicou-se a investigar de forma abrangente a estrutura da grande cobertura telejornalística no canal “GloboNews” em um período de mais de 20 anos, descrevendo e analisando suas características narrativas, estéticas e estilísticas em um contexto de transformações sociais, tecnológicas e culturais. Na fundamentação teórica e metodológica, articulamos conceitos que vão desde o acontecimento, a midiaticização, o *bios* midiático até as teorias próprias do telejornalismo como a dramaturgia e o jornalismo audiovisual expandido, além de explorar as especificidades do modelo *all news* no telejornalismo brasileiro.

Nossos resultados apontam que a grande cobertura atual não se limita a uma narrativa linear dos acontecimentos, deslizando, portanto, de forma rizomática para outras plataformas, mas sempre constituindo-se como um espaço de referência e de segurança para a audiência.

A partir da análise de eventos como a queda do avião *Fokker* 100 da TAM, dos atentados terroristas de 11 de setembro e do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, constatamos que a grande cobertura da “GloboNews” destaca-se pela combinação de agilidade, profundidade e recursos tecnológicos. E, dessa forma, constitui suas estratégias narrativas que aproximam o público dos eventos, atribuindo-lhes significado social e histórico.

O estudo ainda confirma a hipótese de que a serialização narrativa também é uma característica distintiva da grande cobertura. Os “elementos serializantes” utilizados na ficção seriada audiovisual e adaptados ao contexto das coberturas na “GloboNews” como: o uso de *flashbacks* (a memória na grande cobertura), o *flashforward* (com as prospecções futuras dos jornalistas e especialistas), o *recap* (retomada das notícias anteriores em forma de resumo), o *cliffhanger* telejornalístico (gancho narrativo na transição de uma grande cobertura para outra ou de uma edição para a seguinte) e o *cold open* (que na cobertura está relacionado ao uso de imagens impactantes/espetaulares antes da escalada, logo na abertura do telejornal ou na volta do intervalo) favorecem a compreensão e o engajamento da audiência em todas as plataformas em contextos de grande volume informacional.

Outro aspecto relevante observado foi a evolução das práticas telejornalísticas em resposta às demandas da audiência e aos avanços tecnológicos. Nesse sentido, a expansão da internet móvel, a introdução de equipamentos compactos e versáteis, e o desenvolvimento de novas funções e competências profissionais foram determinantes para a consolidação das coberturas.

A nossa proposição das fases compreendeu as transformações observadas na grande cobertura da “GloboNews” ao longo do tempo, captando dinâmicas operacionais e culturais de cada época. A periodização não é meramente cronológica, trata-se de uma segmentação sensível em que cada fase revela características distintas, marcadas tanto por inovações quanto por adaptações às demandas específicas do público e do cenário midiático.

A fase inicial da “GloboNews”, por exemplo, caracteriza-se pela busca de uma identidade jornalística. Nesse período, a grande cobertura era marcada pela experimentação e improviso, mas, de modo geral, sempre reproduzindo as narrativas lineares e formatos mais tradicionais já utilizados pela “Globo”. Com o avanço da tecnologia e a maturação do canal, observou-se uma transição para coberturas mais dinâmicas, em que a mobilidade das equipes, a sofisticação da narrativa visual e a exploração de novos dispositivos, como mochilink e drones, ampliaram o alcance e a qualidade das coberturas.

Nas fases mais recentes, a integração gradual entre o telejornalismo *all news* da “GloboNews” e as plataformas digitais refletiu o impacto da convergência midiática e da midiatização. Adotando no início uma abordagem multicanal, passando pela multiplataforma, permitindo que as grandes coberturas transcendessem os limites da televisão tradicional, até a cobertura *always on*, sempre disponível em todas as plataformas do ecossistema midiático.

Apesar das contribuições significativas, o estudo também tem limitações e lacunas a serem exploradas em pesquisas futuras. A análise se concentrou em três eventos específicos

e em um único canal de notícias, o que aponta para a necessidade de investigações comparativas entre diferentes veículos, bem como o aprofundamento em coberturas das fases não contempladas (terceira e quarta).

A nossa proposição acerca da transição do modelo do telejornalismo *all news* para o *all news everywhere* reflete uma transformação paradigmática no jornalismo audiovisual contemporâneo, impulsionada pela convergência digital e pela ubiquidade da informação na era tecnológica.

Enquanto o modelo clássico de *all news*, pensado a mais de 60 anos a partir das transmissões da “XETRA-FM”, centraliza a transmissão contínua de notícias em um único meio (rádio ou televisão), a noção de “*all news everywhere*” expande essa lógica para as múltiplas plataformas, simultaneamente ou não, distanciando-se do conceito clássico. Essa transição é especialmente significativa no caso da “GloboNews”, que, ao longo de sua trajetória, apostou na integração da televisão linear a *sites* de notícia, redes sociais digitais, aplicativos e outras interfaces interativas.

O modelo “*all news everywhere*” representa uma resposta às novas demandas da audiência, que busca consumir notícias de forma personalizada, instantânea e fragmentada. Portanto, essa migração não é apenas uma adaptação às novas tecnologias, mas uma reconceituação da própria lógica do telejornalismo midiático e das audiências, onde a informação é pensada para circular no ecossistema digital de maneira rizomática, atravessando formatos como vídeos curtos, transmissões ao vivo e infográficos interativos, por exemplo.

Por fim, a presente tese reforça a relevância do telejornalismo como ferramenta para a construção do conhecimento e da memória social, bem como a importância das grandes coberturas telejornalísticas no *all news* no estabelecimento de narrativas que superam o momento imediato inscrevendo-se na memória e na História. O trabalho contribui para o avanço das investigações acadêmicas no campo da Comunicação, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos para análises futuras sobre a interseção entre acontecimento, narrativas e telejornalismo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Bia. Em sua estreia, Record News imita o padrão Globo, mas *talk-show* se destaca. Folha de S. Paulo. São Paulo, 03 out. 2007. Ilustrada. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0310200713.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2024.
- ALVES, Yago Modesto; SILVA, Edna de Mello. As narrativas em formato de Stories no Instagram e Snapchat no telejornalismo. In: EMERIM, Cárlica; FINGER, Cristiane; COUTINHO, Iluska (org.). Estudos contemporâneos em telejornalismo: Narrativas de jornalismo para telas. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2018. v. 1, cap. 2, p. 138-151.
- ALVES, Yago Modesto; SILVA, Edna de Mello. O jornalismo selfie como extensão do jornalismo móvel digital nas mídias sociais. Ícone, [s.l.], v. 17, n. 1, p. 24-37, 29 mar. 2019. Revista Ícone. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.34176/icone.v17i1.237670>>. Acesso em: 11 ago. 2024.
- AMORIM, Silvia *et al.* Edir Macedo abre novo canal de TV e ataca ‘monopólio’ da Globo. O Estado de S.Paulo. São Paulo, 28 set. 2007. Nacional, p. 12.
- ANATEL, AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. Dados TV por Assinatura. Brasília: ANATEL, 2024. Disponível em: <<https://informacoes.anatel.gov.br/paineis/aceessos/tv-por-assinatura>>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- ANDRADE, Ana Paula Goulart. Telejornalismo apócrifo: Perspectivas sobre o uso de imagens amadoras e de videovigilância na construção da narrativa telejornalística. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27236/27236_1.PDF>. Acesso em: 11 ago. 2024.
- _____. Telejornalismo apócrifo: a construção da notícia com imagens amadoras e de vigilância. Florianópolis: Insular, 2018. 164 p.
- _____. Telejornalismo na quarentena: a estreia da CNN Brasil na pandemia de Covid-19. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 18., 2020, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Sbpjor, 2020. p. 1-16. Disponível em: <<https://pantheon.ufjf.br/bitstream/11422/14647/1/APGAndrade.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2024.
- ARAÚJO, M. Globosat é lançada com 4 canais exclusivos. [S. l.], 21 dez. 2010. Disponível em: <<https://www.tvmagazine.com.br/noticias/globosat-e-lancada-com-4-canais-exclusivos,8676>>. Acesso em: 11 ago. 2024.
- BALAN, C. R.; ZAMBON, R. E.; SANCHES, W. Sociedade da informação e do conhecimento. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S. A., 2015. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/cm-cls-content/LIVROS_UNOPAR_AEDU/Sociedade%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20e%20do%20Conhecimento.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2024.
- BARBOSA, Marialva. A morte imaginada. In: ANAIS DO 13º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2004, São Bernardo do Campo. Anais eletrônicos..., Campinas, Galoá, 2004.

Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2004/trabalhos/a-morte-imaginada?lang=pt-br>> Acesso em: 24 ago. 2024.

_____. História da comunicação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2013. 389 p.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARTHES, Roland. “O efeito de real”. In: O rumor da língua. Trad. M. Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BATISTA, Liz; LEITE, Edmundo. A história confirmada por Lapouge. O Estado de S.Paulo. São Paulo, 01 ago. 2020. Internacional, p. 17.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, 2ª ed., 39-63 p.

BECKER, Beatriz. A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2005. 179 p.

_____. Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção. Estudos em Jornalismo e Mídia, [s. l.], v. 6, n. 2, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n2p95/11279>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

_____. Mídia e Jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leituras críticas das narrativas jornalísticas audiovisuais. In: BECKER, Beatriz; TEIXEIRA, Juliana; MATEUS, Lara (org.). Pensando e Fazendo Jornalismo Audiovisual. [S. l.]: E-papers, 2012. p. 39–65.

_____. Televisão e telejornalismo: transições. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

_____. Análise Televisual Convergente: um procedimento metodológico para leitura crítica dos processos comunicativos de telejornais e programas televisivos. Galáxia (São Paulo), [S.L.], n. 42, p. 69-81, dez. 2019. FapUNIFESP. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/39781/30398>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

_____. Jornal Nacional. Alceu, [S.L.], v. 20, n. 40, p. 206-225, 10 jul. 2020. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/54/56>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

_____. A construção audiovisual da realidade: uma historiografia das narrativas jornalísticas em áudio e vídeo. Rio de Janeiro: Mauad, 2022.

BECKER, Beatriz; MACHADO, Monica. Brasil entre as telas e as ruas: Produção e consumo das narrativas jornalísticas audiovisuais sobre os protestos nacionais de junho de 2013. In: Discursos fotográficos. Londrina: UEL, v. 10, n. 17, p. 39-60, jul./dez. 2014. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/19604/15720>>. Acesso em 25 ago. 2024.

BECKER, Beatriz; THOMÉ, Cláudia. Subjetivação como estratégia do telejornalismo na defesa da ciência. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, [S. l.], v. 21, n. 47, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/72173>. Acesso em: 25 ago. 2024.

BELL, Daniel. *O Advento da sociedade pós-industrial : uma tentativa social*. Tradução: Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1973.

BELTRÃO, Maria Coutinho. As Histórias na GloboNews #1: desastres aéreos. 2021. [S.l: s.n.]. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/podcast/as-historias-na-globonews/noticia/2021/08/10/as-historias-na-globonews-1-desastres-aereos.ghtml>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

BERGER, C.; TAVARES, F. M. B. Tipologias do acontecimento. Em: BENETTI, Marcia; DA SILVEIRA FONSECA, Virginia Pradelina (org.). *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 121–142.

BORGES, P. P. Os blogs, o jornalismo e a fragmentação do discurso e da ação política. *Multitemas*, [S. l.], n. 39, 2016. DOI: 10.20435/multi.v0i39.349. Disponível em: <<https://multitemasucdb.emnuvens.com.br/multitemas/article/view/349>>. Acesso em: 24 ago. 2024.

BRASIL, Antonio; FRAZÃO, Samira Moratti. Reflexões sobre o acesso aos arquivos de telejornais brasileiros. *Revista Sessões do Imaginário, Porto Alegre*, n. 28, 2012, p. 11-21. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/famecos/article/view/12256>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

BRITTOS, Valério Cruz; SIMÕES, Denis Gerson. *Para entender a TV digital: tecnologia, economia e sociedade no século XXI*. São Paulo: Intercom, 2011. 130 p. Disponível em: <<https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Para-entender-a-TV-digital.pdf>>.

BURNIER, José Roberto. As Histórias na GloboNews #1: desastres aéreos. 2021. [S.l: s.n.]. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/podcast/as-historias-na-globonews/noticia/2021/08/10/as-historias-na-globonews-1-desastres-aereos.ghtml>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo. A participação no jornalismo em TV: do analógico ao digital. In: PORCELLO, Flavio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (Orgs.). *Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo*. Florianópolis: Insular, 2015. p. 181–205.

CANAVILHAS, João. Da remediação à convergência: um olhar sobre os media portugueses. *Brazilian Journalism Research*, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 7-21, 30 jun. 2012. Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/369/362>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

CANDIL, J. H. *BandNews TV: o conceito de “telejornal sem fim”, um produto midiático*. 2013. 72 f. - Faculdade Cásper Libero, [s. l.], 2013. Disponível em:

<<https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/02/JOS%C3%89-HUMBERTO-CANDIL.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

CAPELLO, A. O. S. Pequeno Manual do Pesquisador: sobre indicadores de produção científica. Rio de Janeiro: Museu Nacional UFJF, 2021.

CARVALHO, Rodrigo. Vivos embaixo da terra: o testemunho de um repórter no resgate histórico dos 33 mineiros no Chile. São Paulo: Globo, 2011.

CASTRO, Daniel. Outro Canal: Paz 1. Folha de S. Paulo, São Paulo, 02 ago. 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0208200204.htm>> . Acesso em: 11 ago. 2024.

_____. Band acusa a Globo de barrar seus canais. Folha de S.Paulo. São Paulo, 7 jun. 2005. Ilustrada, p. 4.

_____. Record acerta com Telefônica e estuda DTH. Folha de S.Paulo. São Paulo, 13 fev. 2007. Ilustrada. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1302200704.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

_____. Tragédia de Eloá aquece audiência e tira TV do traço. Folha de S.Paulo. São Paulo, 21 out. 2008. Ilustrada. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2110200804.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

CHARAUDEAU, P. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2019.

COUTINHO, Iluska. Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora, MG. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

_____. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade:: a análise da materialidade audiovisual como método possível. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. Anais [...] . São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

_____. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual: da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In: EMERIM, Cárlica; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (org.). Epistemologias do telejornalismo brasileiro. Florianópolis: Insular, 2018. p. 175–194.

_____. Um método em fluxo: análise da materialidade audiovisual como percurso possível. In: EMERIM, Cárlica (org.). Metodologias de pesquisa em telejornalismo: o jornalismo para telas. Florianópolis: Insular, 2020. p. 171–181.

DEMARCHI, Célia. TV Jovem Pan inicia suas transmissões em maio. Meio & Mensagem, [S. l.], 26 fev. 1990. Disponível em: <<http://www.tv-pesquisa.com.pucRio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=11673&PageNo=1>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

DERRIDA, J. Gramatologia. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005, p. 62-83.

DUARTE, Patrícia. Portal Globo.com entra em operação amanhã. O Globo, Economia, p. 29, 25 mar. 2000.

EMERIM, Cárlica. As entrevistas na notícia de televisão. Florianópolis: Insular, 2012.

EMERIM, Cárlica; BRASIL, Antonio. Coberturas em Telejornalismo. In: Anais do XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Recife, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/r6-1276-1.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2024.

EMERIM, Cárlica; CAVENAGHI, Beatriz. Cobertura ao vivo em telejornalismo: propostas conceituais. In: Anais do 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Curitiba, 2012.

ESCOBAR, A. F. A qualidade da informação na mídia all news e o papel dos intelectuais. 2010. 147 f. - Universidade Federal do Rio de Janeiro, [s. l.], 2010. Disponível em: <https://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese_aescobar_2010.zip>. Acesso em: 2 ago. 2024.

ESTADO DE S. PAULO, O. O Estado de S.Paulo (ed.). ‘The New York Times’ ganhou mais de 340 mil novos assinantes desde eleição de Trump. 2017. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/the-new-york-times-ganhou-mais-de-340-mil-novos-assinantes-desde-eleicao-de-trump/>>. Acesso em: 30 ago. 2024.

FAUSTINO, J.; CAMPOS, A. Relatório final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito. [S. l.: s. n.], 1994. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/85083/RF_CPMI_jovempan_1994.pdf?sequence=4&isAllowed=y>. Acesso em: 2 ago. 2024.

FECHINE, Yvana. Uma proposta de abordagem do sensível na TV. In: ANAIS DO 15º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2006, Bauru. Anais eletrônicos..., Campinas, Galoá, 2006. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2006/trabalhos/uma-proposta-de-abordagem-do-sensivel-na-tv?lang=pt-br>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

_____. Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008. 256 p.

FELTRIN, Ricardo. GloboNews e Viva lideram com folga ibope na TV paga; veja o ranking. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/oops/2021/03/16/globonews-e-viva-lideram-com-folga-ibope-na-tv-paga-veja-o-ranking.htm>. Acesso em: 3 ago. 2024.

FERRARETTO, L. A. Radiojornalismo no Brasil: do noticiário à convergência, alguns fragmentos históricos. In: MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). Setenta anos de radiojornalismo no Brasil, 1941-2011. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011. p. 17–41. Disponível em: <https://www.santoandre.sp.gov.br/PESQUISA/ebooks/410594.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2024.

FERREIRA, Victor. As Histórias na GloboNews #7: desastres de Mariana e Brumadinho. 2021. [S.l: s.n.]. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/podcast/as-historias-na-globonews/noticia/2021/09/21/as-historias-na-globonews-7-desastres-de-mariana-e-brumadinho.ghtml>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. Narrativas em trânsito. *Contracampo: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação*, n. 21, p. 26-39, ago. 2010a.

_____. Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema. Rio de Janeiro: 7Letras: Ed. PUC-Rio, 2010b. 288 p.

FINGER, Cristiane. O telejornalismo na hipertelevisão: os desafios dos produtores e dos receptores das notícias multitelas. In: VIZEU, Alfredo et al. (Orgs.). *Telejornalismo em questão*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 213–231.

FOLHA DE S. PAULO. Abril adia por 1 ano canal de notícias. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 ago. 1997. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi020810.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

_____. Novos jornais estréiam no SBT. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 08 mar. 1998a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv08039808.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

_____. CBS terá 24 horas em português. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 mar. 1998b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv22039813.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

_____. Band lança em janeiro canal de um só telejornal. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 dez. 2000. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2812200004.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

_____. Lançamento do Band News vira evento político. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 mar. 2001a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2003200119.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

_____. Páginas oferecem conteúdo multimídia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 05 set. 2001b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/informat/fr0509200108.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

_____. Caso Isabella Nardoni faz audiência de telejornais crescer até 46 %. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 abr. 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2008/04/393376-caso-isabella-faz-audiencia-de-telejornais-crescer-ate-46.shtml>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

_____. Após vitória de Trump, jornais dos EUA registram alta de assinaturas. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 20 nov. 2016. Mercado. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/11/1833553-apos-vitoria-de-trump-jornais-dos-eua-registram-alta-de-assinaturas.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

FONSECA, Marcela. TV esquece os internautas, diz apresentador do “Link Brasil”. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 16 jul. 2008. Ilustrada. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2008/07/423161-tv-esquece-os-internautas-diz-apresentador-do-link-brasil.shtml>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. O Jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXVIII, 2005, Rio de Janeiro. Anais [...] . Rio de Janeiro: Intercom, 2005. p. 1-15. Disponível em: <<https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/147309229542103229423892634820623515117.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

GAMA, Júlio. Prata da casa ganha espaço no Globo News. O Estado de São Paulo p. 5 ,25 ago. 1996.

GARCEZ, B. Band News origina “provedor”. Folha de S. Paulo, São Paulo, 18 mar. 2001. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv1803200110.htm> >. Acesso em: 11 ago. 2024.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. Discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research. Somerset, NJ, USA: AldineTransaction, 1999.

GLOBO, O. Globo *On Line* e Globonews.com batem recordes. O Globo p. 21 ,12 set. 2001a

_____. Self-service de informação. O Globo, p. 29 ,13 set. 2001b.

_____. Telejornais da GloboNews registraram audiência 15% maior da soma dos canais de notícias concorrentes. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/ancelmo-gois/post/2022/11/telejornais-da-globonews-registraram-audiencia-15percent-maior-da-soma-dos-canais-de-noticias-concorrentes.ghtml>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

GRUPO DE MÍDIA (São Paulo). Mídia Dados Brasil 2024: TV por assinatura. São Paulo: Grupo de Mídia São Paulo, 2024. Disponível em: <https://midiadados.gm.org.br/view-content/tableau@fce04b81-88bb-46b0-b4a1-e17c3dbb4268?category=tv_assinatura>. Acesso em: 30 jul. 2024.

GUGLIANO, Mônica. Internet: Organizações Globo lançam oficialmente o portal GloboNews.com. O Globo. Rio de Janeiro, 14 set. 2001. Economia, p. 23-23.

HAMANN, Renan. O tamanho do Orkut no Brasil. 2011. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/infografico/8273-o-tamanho-do-orkut-no-brasil.htm>>. Acesso em: 24 ago. 2024.

HAN, Byung-Chul. A crise da narração. Petrópolis: Vozes, 2023.

HARVEY, D. Condição pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. São Paulo: Edicoes Loyola, 1992.

HAUSSEN, D. F. A construção e a circulação da informação em emissoras radiofônicas do Brasil, Argentina e Uruguai. In: MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). Setenta anos de radiojornalismo no Brasil, 1941-2011. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011. p. 167–179. Disponível

em: <https://www.santoandre.sp.gov.br/PESQUISA/ebooks/410594.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2024.

HJARVARD, S. A midiatização da cultura e da sociedade. São Leopoldo: Unisinos, 2014. 2014.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua: Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102107>>. Acesso em: 30 ago. 2024.

JENKINS, H. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2013.

JIMENEZ, Keila. BandNews salta para o 2º lugar no ranking da DirecTV. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 30 ago. 2005. Caderno 2, p. 7.

_____. Record News x NET. O Estado de S.Paulo. São Paulo, 19 set. 2007. Caderno 2, p. 10.

_____. Band chega nos EUA. O Estado de S.Paulo. São Paulo, 28 jun. 2007. Caderno 2, p. 6.

_____. Emissora sonha em ser rainha do baile e estar em festas maiores. Folha de S.Paulo, [s. l.], Esporte, 2 out. 2011. p. 16.

JOST, François. Seis lições sobre televisão. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. Compreender a televisão. Porto Alegre: Sulina, 2007.

KOGUT, Patricia. Novos Canais de notícias preparam entrada no ar. O Globo. Rio de Janeiro, 1996, p. 3.

KOSELLECK, R. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

_____. Estratos do tempo: estudos sobre história. Tradução: Marcus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014. 2014.

KRIEGER, Gustavo. CPI DA TV JOVEM PAN TEM 1ª REUNIÃO. Folha de S. Paulo, São Paulo, 5 maio 1993. Disponível em: <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=21523&PageNo=2>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

LE GOFF, J. A história deve ser dividida em pedaços? São Paulo: Unesp, 2015.

LEANDRO, Paulo Roberto. Atentado: a pálida atuação do repórter. O Estado de S.Paulo. São Paulo, 19 maio 1981. Caderno 2, p. 23.

LEE, Anna. Acordo com Globo tira CBS Telenotícias do ar. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 fev. 2000. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2802200004.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

LO PRETE, Renata. Jefferson denuncia mesada paga pelo tesoureiro do PT. Folha de S. Paulo p. 4–6 ,6 jun. 2005. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u69402.shtml>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

LOBATO, Elvira. Governo dá concessões para TV via satélite - 14/7/1996. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/7/14/brasil/29.html>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

MACHADO, Arlindo. A Televisão levada a sério. São Paulo: Senac São Paulo, 2000.

MAFFESOLI, Michel. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Barueri: Forense Universitária, 2014.

MASELLI, Juliana. 25 anos de GloboNews: relembre as coberturas mais marcantes. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/especial-25-anos/noticia/2021/06/02/25-anos-de-globonews-relembre-as-coberturas-mais-marcantes.ghtml>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

MATA, Jhonatan Alves Pereira. O Amador no Audiovisual: a incorporação de conteúdos gerados por cidadãos comuns às produções jornalísticas da televisão brasileira' 14/12/2017 201 f. Doutorado em Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6576>>. Acesso em: 24 ago. 2024.

_____. O amador no audiovisual: a incorporação de conteúdos gerados por cidadãos comuns às produções jornalísticas da TV brasileira. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2020.

MAZZA, Florença. Processo de impeachment deixa GloboNews na liderança. Disponível em: <<https://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/audiencia/noticia/2016/08/processo-de-impeachment-deixa-globonews-na-lideranca-da-tv-por-assinatura.html>>. Acesso em: 24 ago. 2024.

MCLUHAN, M. Os meios de comunicação: como extensões do homem. Tradução: Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

MEDISTSCH, Eduardo. O Jornalismo é uma forma de conhecimento? BOCC: 1997. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2024.

MEDITSCH, Eduardo. BETTI, Juliana Gobbi. O formato *all news* no rádio brasileiro: importação, estranhamento e adaptação. Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 07, n. 02, pp. 36-57, jul./dez., 2016.

MELLO SILVA, Edna; YANAZE, Leandro Key Higuchi. Telejornalismo imersivo: aspectos históricos e conceituais da narrativa imersiva na televisão brasileira. *Discursos Fotográficos*, [S. l.], v. 15, n. 26, p. 142–170, 2020. DOI: 10.5433/1984-7939.2019v15n26p142. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/35028>. Acesso em: 24 ago. 2024.

MELLO, Edna; COUTINHO, Iluska. Telejornalismo Expandido: o conteúdo jornalístico televisivo nas redes sociais. In: *ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO*, 14., 2016, Palhoça. Anais [...] . Palhoça: Sbpjor, 2016. p. 1-19.

MEMÓRIA GLOBO. Guerra Civil na Iugoslávia. 2021a. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/guerra-civil-na-iugoslavia/noticia/guerra-civil-na-iugoslavia.ghtml>. Acesso em: 11 ago. 2024.

_____. Tsunami na Ásia. 2021b. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/tsunami-na-asia/noticia/tsunami-na-asia.ghtml>. Acesso em: 11 ago. 2024.

_____. Acidente Aéreo TAM – 1996. 2021c. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/acidente-aereo-tam-1996/noticia/acidente-aereo-tam-1996.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2024.

_____. Caso Isabella Nardoni. 2021d. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/caso-isabella-nardoni/noticia/caso-isabella-nardoni.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2024.

_____. Acidente com o Fokker 100 da TAM. 2022. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-hoje/coberturas/noticia/acidente-com-o-fokker-100-da-tam.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2024.

MERGUIZO, M.; LAJOLO, M. Record almeja ser líder no horário nobre com os Jogos. *Folha de S.Paulo*, [s. l.], Esporte, 2 out. 2011. p. 16.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. DENÚNCIA. Procedimento Investigatório Criminal n.º MPMG-0090.19.000013-4 – Inquérito Policial n.º PCMG7977979. Brumadinho: 2ª Vara Criminal da Comarca de Brumadinho, 2020. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7719037/mod_resource/content/2/Denuncia%20MPMG-%20Vale%20T%C3%BCv%20S%C3%BCd.pdf. Acesso em: 11 ago. 2024.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. 2015. O desastre. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-samarco/o-desastre>. Acesso em: 24 ago. 2024.

MIRANDA, M. D. A. A pauta jornalística na convergência digital: outros caminhos e novos desafios. 2011. 130 f. - Universidade Estadual Paulista, [s. l.], 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/b95c473b-19a7-470e-bd55-aa727e95fffd>. Acesso em: 2 ago. 2024.

MIRANDA, Pedro Augusto Silva Miranda. Intimidade mediada: as estratégias narrativas do GloboNews Em Pauta na comunicação com o público. Orientadora: Cláudia de Albuquerque

Thomé. 2019. Dissertação (Curso de Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em:
<<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/9334>>. Acesso em: 30 ago. 2024.

MIRANDA, Pedro Augusto Silva; THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. Telejornalismo, Linguagem e Sentidos: uma análise crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais do GloboNews Em Pauta. In: Anais do XIII Encontro Regional de Comunicação. Juiz de Fora-MG, 2015.

_____. GloboNews Em Pauta em duas telas: análise do uso e da interação do telejornal nas redes sociais. In: 39º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, 2016.

_____. Construindo um Telejornal Midiatizado: O GloboNews Em Pauta e a Segunda Tela. In: Anais do 14º Encontro Regional de Comunicação. Juiz de Fora-MG, 2016.

_____. Memória e Identidade: o GloboNews Em Pauta como lugar de resgate histórico de elementos do Telejornalismo. In: Anais do IV Encontro Regional Sudeste de História da Mídia. Niterói-RJ, 2016.

_____. Narrativas em Movimento: Perda de hierarquia e quebra de promessa no GloboNews Em Pauta. In: Anais do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Volta Redonda-RJ, 2017.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Jornalismo na rádio Jornal do Brasil. In: ORTRIWANO, Gisela Swetlana (Org.). Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais. São Paulo: Com-arte, 1987.

_____. Análise documental como método e técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005, p. 269-279.

MORETZSOHN, S. Jornalismo em “tempo real”: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise Crítica da Narrativa. Brasília: Editora UnB, 2013, 254 p.

NEGRINI, Michele; BRANDALISE, Roberta. Hipóteses de trabalho na realização de uma cobertura jornalística em televisão. Revista Comunicare, Volume 14 – Nº 2 – 2º Semestre de 2014.

NERI, Marcelo Cortês. A Nova Classe Média: o lado brilhante dos pobres. [S.l: s.n.], 2010. Disponível em:
<https://www.cps.fgv.br/ibrecps/ncm2010/NCM_Pesquisa_FORMATADA.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2024.

NOTÍCIAS DA TV. Âncora da GloboNews foi demitido porque recusou redução de salário. [S. l.]: Daniel Castro, 25 jan. 2019. Disponível em:
<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/jornalista-da-globonews-foi-demitido-porque-recusou-reducao-de-salario--24549?cpid=txt>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

OBSERVATÓRIO DA TELEVISÃO. GloboNews cresce 79% em audiência e supera canais infantis. 2016. Disponível em: <<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/audiencia-da-tv/2016/12/globo-news-cresce-79-em-audiencia-e-supera-canais-infantis>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves. A natureza do furo de reportagem: da perspectiva histórica para uma construção teórica. *Comunicação & Informação* v. 17, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/cei.v1i1.27756>>. Acesso em: 24 set. 2024.

PADIGLIONE, Cristina. Transmissão em pool e plateia local ditam ritmo de reality show. *O Estado de S.Paulo* p. 20, 14 out. 2010

_____. BandNews inaugura hoje seus novos estúdios. *O Estado de S.Paulo*. São Paulo, 10 mar. 2011. Caderno 2, p. 6.

_____. Record News atingiu 35 mi em 2014. *O Estado de S.Paulo*. São Paulo, 12 jan. 2015. Caderno 2, p. 6.

_____. 2020 foi o melhor dos quase 25 anos da GloboNews em audiência - 28/12/2020 - Zapping - Cristina Padiglione. Disponível em: <<https://folha.com/92ponfg6>>. Acesso em: 24 ago. 2024.

PATERNOSTRO, Vera Íris (org.). *Globo News: 10 Anos, 24 Horas no ar*. 1ed. São Paulo: Editora Globo, 2006a.

_____. *O texto no TV: Manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006b.

_____. Entrevista concedida a Pedro Augusto Silva Miranda, 7 ago. 2023.

PELLANDA, E. C. A conexão entre lugares e espaços proporcionada pela rede Foursquare. *Intexto*, Porto Alegre, n. 24, p. 164–175, 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/16490>>. Acesso em: 24 set. 2024.

PEREIRA, Pablo; BERALDO, Paulo. Aos 96 anos, morre o cronista de sete décadas. *O Estado de S.Paulo*. São Paulo, 01 ago. 2020. *Internacional*, p. 16.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. Da anatomia do telejornal midiaticado: metamorfoses e narrativas múltiplas. *Brazilian Journalism Research*, São Paulo, v. 8, n. 2, p.118-134, 05 jul. 2016. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/427>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

PIKE, S. *Nós mudamos o mundo: um pioneiro revela a história da CNN International*. Barueri: Editora Manole Ltda, 2006.

PIMENTEL, Alessandra. O método da pesquisa documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, nº 114, p. 179-195, nov. 2011. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n114/n114a08.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

PLASSE, Marcel. TV brasileira ignora guerra na Iugoslávia. O Estado de S. Paulo. [S. l.], 11 abr. 1999. Telejornal, p. 2.

PORCELLO, Flávio A. C.; SARTORI, Débora. Telejornalismo no Brasil: a linguagem verbal e não verbal para atrair a Nova Classe Média. Sessões do Imaginário v. 18, n. 29, p. 3–9, 2013. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/famecos/article/view/14268/9511>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

QUÉRÉ, Louis. O caráter impessoal da experiência. In: LEAL, Bruno S.; GUIMARÃES, César G.; MENDONÇA, Carlos M. C. (Org.). Entre o sensível e o comunicacional. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 19-38.

RAMONET, Ignacio. A tirania da comunicação. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1999. 141 p.

RÊGO, S. C. Estratégias transmídias e construção do *ethos* do Jornal da Record News. 2017. - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Comunicação, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPE_34c6f99052e57b841553061629354ed1>. Acesso em: 11 ago. 2024.

REIS, Marco Aurelio. Crise leva o jornalismo impresso do Rio a reinventar seu negócio. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, v. 5, n. 17, p. 6, 22 jun. 2018. Disponível em: <<https://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/195/122>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

REIS, Marco Aurelio; THOMÉ, Cláudia Albuquerque. ‘Videoteratura’: uma proposta de análise do cronismo na televisão. Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 564–585, 2017. DOI: 10.7867/1981-9943.2017v11n3p577-598. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/6228>. Acesso em: 24 ago. 2024.

_____. O narrador dialógico na reconfiguração do Jornalismo pós-guina subjetiua. Rizoma, v. 11, n. 2, p. 27-47, 12 dez. 2022.

REIS, Marco Aurelio; THOMÉ, Cláudia de Albuquerque; MIRANDA, Pedro Augusto Silva. Novas funções e competências do Telejornalismo brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. Anais [...]. Joinville: Intercom, 2018. p. 1-13. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0728-1.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. Televisão e memória: entre testemunhos e confissões. Rio de Janeiro: Mauad, 2020. 160p.

RIBEIRO, Sílvia. Avião em chamadas parecia filme com efeito especial, diz bombeiro. Disponível em: <<https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,AA1331472-5605,00-AVIAO+EM+CHAMAS+PARECIA+FILME+COM+EFEITO+ESPECIAL+DIZ+BOMBEIRO.html>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

ROSA, Ana Paula. *Imagens-totens: a fixação de símbolos nos processos de midiaticização*. UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3429?show=full>>. Acesso em: 24 set. 2024.

_____. *Imagens-totens e circulação: a chancela jornalística no caso Michael Jackson*. E-Compós, [S. l.], v. 17, n. 2, 2014. DOI: 10.30962/ec.1052. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1052>. Acesso em: 24 set. 2024.

ROTHKOPF, David J. *When the Buzz Bites Back*. 2003. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/opinions/2003/05/11/when-the-buzz-bites-back/bc8cd84f-cab6-4648-bf58-0277261af6cd/>>. Acesso em: 24 ago. 2024.

SCHMITT, V.; FIALHO, F. A. P. *A Cauda Longa e o jornalismo. Como a teoria da Cauda Longa se aplica no jornalismo*. E-Compós, [S. l.], v. 9, 2007. DOI: 10.30962/ec.159. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/159>. Acesso em: 24 nov. 2024.

SCHOLES, R.; KELLOG, R. *A natureza da narrativa*. São Paulo: McGraw-Hill, 1977.

SCHUDSON, Michael. *Reading the news. A pantheon guide to popular culture*. New York: Pantheon Books, 1987.

SCIREA, B. W. *Notícia em tempo real: as implicações da instantaneidade na legitimidade e na credibilidade telejornalísticas*. 2016. 138 f. - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [s. l.], 2016. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7036>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

SILVA, Edna de Mello. *Fases do telejornalismo: uma proposta epistemológica*. In: EMERIM, Cárlica; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (org.). *Epistemologias do telejornalismo brasileiro*. Florianópolis: Insular, 2018. p. 19–35.

_____. *Proposta metodológica para análise do percurso histórico do jornalismo audiovisual: o jornal impresso como fonte documental*. In: EMERIM, Cárlica (org.). *Metodologias de pesquisa em telejornalismo: o jornalismo para telas*. Florianópolis: Insular, 2020. p. 157–169.

_____. *A TV no papel: uma narrativa da inauguração da PRF 3 TV Tupi de São Paulo e do primeiro telejornal “Imagens do Dia”*. In: EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (org.). *Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas*. Florianópolis: Insular, 2020. p. 87–97.

SIMÕES, Paula Guimarães. *O acontecimento e o campo da Comunicação*. In: FRANÇA, Vera Veiga; ALDÉ, Alessandra; RAMOS, Murilo César (Orgs.). *Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas*. Salvador: Edufba, 2014. p. 157–178. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/15894>>.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 268 p.

SIMÕES, Paula Guimarães. O acontecimento e o campo da Comunicação. In: FRANÇA, Vera Veiga *et al.* Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas. Salvador: Edufba, 2014.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Dialogia e atorização: características do jornalismo midiaticizado. In: 11º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2013, Brasília. Anais do 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Brasília: [s. n.], 2013.

_____. O jornalismo midiaticizado e a reconfiguração das vozes narrativas. In: III Colóquio Semiótica das Mídias, 2014, Japaratinga. Anais do III Colóquio Semiótica das Mídias. Japaratinga: [s. n.], 2014.

SOTERO, Paulo. TV reforça importância com crise. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 17 ago. 1990. Internacional, p. 11.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. Gêneros e formatos na televisão brasileira. São Paulo: Summus, 2004.

_____. Seja o primeiro a saber: a CNN e a globalização da informação. São Paulo: Summus, 2005.

STERENBERG, Leila. As Histórias na GloboNews #5: 20 anos do 11 de setembro. 2021. [S.l: s.n.]. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/podcast/as-historias-na-globonews/noticia/2021/09/07/as-historias-na-globonews-5-20-anos-do-11-de-setembro.ghtml>>. Acesso em: 25 nov. 2024.

STRAUSS, C. O pensamento selvagem. Campinas: Papirus, 1989.

TAVOLA, Artur da. A crônica na televisão: de Rubem ao Saltimbanco. 29 set. 1981. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, p. 30.

THOMÉ, C. A. Política sem partido e notícia sem empresa jornalística-um olhar sobre a crise evidenciada nas manifestações de junho de 2013. Anuário Unesco/Methodista de Comunicação Regional, v. 17, n. 17, 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/AUM/article/view/5507>. Acesso em: 15 ago. 2024.

THOMÉ, C.; PICCININ, F.; REIS, M. A. Anatomias narrativas do telejornalismo contemporâneo e seus elementos certificadores. In: EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (org.). Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas. Florianópolis: Insular, 2020. p. 159–177.

THOMÉ, Cláudia; REIS, Marco Aurelio. Videoteratura como estratégia do telejornalismo: um olhar epistemológico sobre produtos das emissoras TV Globo e GloboNews. In: MAIA, Marta; PASSOS, Mateus Yuri (Orgs). *Narrativas midiáticas contemporâneas: epistemologias dissidentes*, Santa Cruz do Sul: Catarse, 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/44448044/Narrativas_Midiaticas_Contempor%C3%A2neas_Epistemologias_Dissidentes>. Acesso em: 11 ago. 2024.

THOMÉ, Cláudia; SILVA, Edna de Mello; REIS, Marco Aurélio; ANDRADE, Ana Paula Goulart de. As fases da cobertura da pandemia no telejornalismo local do Rio de Janeiro. In: *Anais do 43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*. Salvador, 2020. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0560-1.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

TRECE, Juliana *et al.* A datação dos ciclos econômicos brasileiros de 1970 a 2023. [*S.l: s.n.*], 2024. Disponível em: <https://portalibre.fgv.br/sites/default/files/2024-05/td13-datacao-dos-ciclos-economicos-brasileiros_0.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2024.

VAQUER, Gabriel. GloboNews domina ibope da TV paga; Jovem Pan vence CNN - 05/03/2024 - Televisão. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2024/03/globonews-amplia-dominio-de-audiencia-na-tv-paga-apos-mudancas-jovem-pan-vence-cnn.shtml>>. Acesso em: 24 nov. 2024.

VILAS BÔAS, Valéria Maria. Convenção e disputa na atuação do repórter: Carlos Spera e os primeiros anos de telejornalismo no Brasil. *Logos*, [S. l.], v. 28, n. 3, p. 54, 2022. DOI: 10.12957/logos.2021.62602. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/62602>. Acesso em: 23 ago. 2024.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. *Revista Famecos*, [S.L.], v. 16, n. 40, p. 77, 21 dez. 2009. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2009.40.6321>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/6321>. Acesso em: 2 ago. 2024.

_____. *A audiência presumida no jornalismo: o lado oculto do telejornalismo*. Florianópolis: Insular, 2015.

VIZEU, Alfredo, CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo. *A sociedade do telejornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

WOLF, Mauro. *Teoria das Comunicações de Massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

YAHYA, H. Poder 360 – Canais de TVs de notícias têm no máximo 195,6 mil telespectadores. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/poder-midia/canais-de-tvs-de-noticias-tem-no-maximo-1953-mil-telespectadores/>>. Acesso em: 3 ago. 2024.

YIN, Robert K. *Estudo de Caso: planejamento e método*. Tradução Cristhian Matheus Herrera. Porto Alegre: Bookman, 2015. 290 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ESTADO DA ARTE

TESES E DISSERTAÇÕES					
	TEMA	AUTOR	TÍTULO	ANO	RELAÇÃO COM A PESQUISA DESENVOLVIDA
T E S E S	<i>All news</i>	Andréa Frasseti Escobar	A qualidade da informação na mídia all news e o papel dos intelectuais	2010	Aborda o conceito de <i>all news</i> e a qualidade da informação das notícias perante o imediatismo
	GloboNews	Ana Carolina Vanderlei Cavalcanti	Tecnologias da Mobilidade e modos de produção da notícia internacional na TV: estudo de caso da GloboNews	2022	Investiga como os dispositivos móveis alteraram as produções de pautas e as coberturas internacionais
D I S S E R T A Ç Õ E S	Ao vivo	Bruna Weis Scirea	Notícia em tempo real: as implicações da instantaneidade na legitimidade e na credibilidade telejornalísticas	2016	Trabalha com noções como instantaneidade e tempo real em coberturas ao vivo da “GloboNews”
	Coberturas telejornalísticas	Juliana Motta de Oliveira	Os testemunhos na cobertura ao vivo do incêndio na Boate Kiss	2016	Aborda o destaque dado aos relatos testemunhais a partir do imediatismo das coberturas ao vivo
		Larissa Flávia Monteiro Silva Rosa	Da manutenção à ruptura do silêncio: a cobertura jornalística da Rede Globo sobre os estupros cometidos pelo médium “João de Deus”	2020	Analisa as escolhas editoriais e a produção de sentido em coberturas telejornalísticas
	GloboNews	Mozarth Dias de	A pauta jornalística na convergência	2011	Investiga como a digitalização da

	Almeida Miranda	digital: outros caminhos e novos desafios		TV no Brasil impactou a produção nos telejornais da “GloboNews” e do “BandNews TV”
	Regina Augusto da Silva Lucas	Mobilização antirracista e representatividade pós George Floyd: um estudo de caso sobre a inédita bancada negra do programa jornalístico Em Pauta	2022	Tensiona como a mobilização do público nas redes sociais digitais influenciou no reposicionamento editorial da GloboNews em uma cobertura sobre violência racial
	Camila Maurer	Deliberação mediada na esfera de visibilidade pública: Análise do debate mediado pelo Jornal GloboNews – Edição das 18h sobre as eleições 2022 no Brasil	2023	Apresenta como objeto o telejornal “Jornal GloboNews – Ed. 18h” em que analisa uma cobertura sobre política/eleições

ARTIGOS				
TEMA	AUTOR	TÍTULO	ANO	RELAÇÃO COM A PESQUISA DESENVOLVIDA
C O M P Ó S Acontecimento no audiovisual	Roberto Tietzmann; Miriam de Souza Rossini	O registro da experiência no audiovisual de acontecimento contemporâneo	2013	Investiga a formação e a legitimação de uma estética Específica no audiovisual para retratar acontecimentos do cotidiano
	Miriam Cristina Carlos Silva	O narrador e as narrativas midiáticas: entre o fato e o acontecimento	2013	O trabalho analisa as operações e lógicas produtivas de um comunicador informal ao identificar nos acontecimentos valores-notícia para narrativas

				audiovisuais na grande imprensa
	Felipe Polydoro	Realismo, verdade e política em vídeos amadores de acontecimentos	2016	Aborda o efeito de verdade a partir de vídeos amadores de acontecimentos

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM VERA ÍRIS PATERNOSTRO

Data: 7 de agosto de 2023

Modalidade: Remota (Google Meet)

Duração: 1 hora e 22 minutos

Pedro Miranda (entrevistador)

Vera, a partir deste momento, estamos gravando. Como eu lhe informei, essa nossa entrevista é para esse processo de construção de tese. Então, vou repassar com você alguns pontos daquele termo de consentimento que eu lhe enviei por e-mail. Essa entrevista está sendo feita para essa pesquisa sobre as grandes coberturas telejornalística na GloboNews, que tem por objetivo, então, identificar e investigar essa parte na história do canal. Essa entrevista está sendo gravada por essa plataforma Google Meet. Repassando alguns pontos importantes: a qualquer momento, se você não quiser responder alguma pergunta, você pode ficar à vontade. Não precisa se justificar, é só solicitar que a gente passe para a próxima; você pode, mesmo depois do processo de concessão da entrevista, solicitar, a qualquer momento, qualquer tipo de edição ou de nova resposta, ou pode pedir a exclusão de alguma resposta a qualquer tempo, até a publicação do trabalho; em algum momento na tese eu posso citar trechos dessa entrevista e fazer citação ao seu nome. Então, esses são os pontos.

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

De acordo com todos.

Pedro Miranda (entrevistador)

Obrigado! Então, vamos começar a nossa entrevista. Naquelas perguntas que eu te mandei [por e-mail], a primeira pergunta que faço é baseada no seu livro. Nesse livro, você vai falar, entre outras coisas, um pouco sobre as grandes coberturas. Você cita exemplos como, a primeira realizada pela CNN em 1986, né? A questão do ônibus espacial *Challenger*, que explodiu. Você também cita a cobertura produzida pela GloboNews, em outubro de 1996, a partir da queda do avião da TAM, em São Paulo. Queria saber como que você definiria essas grandes coberturas? Quais os elementos e características desse tipo de produção jornalística em televisão?

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Ok, sim. Então, eu queria fazer uma distinção. Você falou de duas coberturas: da primeira cobertura internacional da CNN e da primeira cobertura nacional da GloboNews, em 1996. A da CNN não me lembro da data, mas você lembrou aí. Bom, eu acho que a CNN e a GloboNews, na sua origem, na sua gênese, são diferentes. Você vai dizer, mas a GloboNews é também um canal de notícias 24 horas. Sim. A CNN foi uma ideia lá do Ted Turner, que tinha um transponder e tal, e o que que aconteceu? Ele era um cara muito inteligente e ele percebeu que os hotéis precisavam, que os executivos precisavam, ter um serviço de notícias internacional. Porque os executivos viajavam dos Estados Unidos para a Ásia, para a Europa, para o Oriente Médio e ficavam sem informações. Então ele começou a vender um serviço de

notícias para hotéis de executivos e isso que deu origem a CNN. Então, era um serviço de notícias 24 horas internacional, em que foi realmente se expandido e se tornou um *case* mundial, um fenômeno mundial, né? E, depois, é copiado, né? Vamos dizer assim, que outras televisões no mundo se inspiraram nesse modelo. Acho que a GloboNews tem coisas diferentes. Ela se inspirou no modelo CNN ou no modelo de uma televisão 24 horas, *all News*, mas ela tinha uma característica de ser: o telejornalismo nacional, quer dizer, em um primeiro momento e até hoje, ela abrange o Brasil. A CNN era emitida dos Estados Unidos para vários lugares do mundo. A GloboNews tem uma diferença fundamental nisso. Era e é emitida do Brasil.

Pedro Miranda (entrevistador)

Para o Brasil.

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Para assinantes do Brasil, então, a característica dela como jornalismo *all news*, 24 horas, é uma característica diferente. É uma televisão de brasileiros, feita para brasileiros. Então, ela buscou na sua gênese, na sua origem, esse olhar, esse viés: como é que você faz noticiário do Brasil e do mundo para brasileiros? Então, acho que isso é uma coisa que a gente pode ressaltar. E, nessa época, quando a GloboNews foi inaugurada, em 1996, o brasileiro médio e grande parte da população já estava muito acostumada com televisão, com televisão aberta, é verdade, mas tinha o noticiário. Ele assistia novela, tinha um hábito de ver televisão. Então, também se associou a isso, de trazer o brasileiro. O brasileiro médio, naquela época, podia pagar a assinatura, ele teria uma opção de notícias no canal a cabo feita para ele. Quer dizer, a CNN já estava passando aqui, já estava sendo transmitida. Não era um canal estrangeiro falando notícias, era um canal brasileiro fazendo notícias para o público brasileiro. Então, a GloboNews inaugurou com esse viés e eu acho isso importante. E aí, como era? Uma experiência, né? A primeira cobertura que você citou, o acidente com o Fokker 100 da TAM, que, se não me engano, foi em 31 de outubro de 1996. A GloboNews inaugurou em 15 de outubro de 1996, 15 dias depois. Ou seja, acho isso também importante. O canal ainda estava praticamente recém-nascido, estava na UTI. Eu diria ainda, porque estava ali tentando se consolidar. Ele estava recém-nascido e, recém-nascido, frágil, recém-nascido, ainda com muitas, com muitas brechas, com muitas, com muitas falhas e com muitos erros ainda com muita dificuldade para subir com as próprias pernas, não é? E aconteceu o acidente do Fokker. E aí, é com uma certa, eu diria assim, uma expertise de intuição, talvez mais intuitiva do que regrada ou técnica. Houve uma cobertura ao vivo do acidente do Fokker, e aí eu acho que isso é importante a CNN fazia isso. Ela fez. Com o Peter Arnett naquela guerra [do Golfo] onde via os bombardeios e tal, ao vivo. E o ao vivo passou a ser uma distinção do canal GloboNews. É diferenciado da TV aberta até então, porque a TV aberta não faz. Fazia raramente coberturas raríssimas, né? Coberturas de um acontecimento ao vivo, eu diria que ela faria o futebol. Era uma coisa que a TV aberta fez ao vivo, né? O futebol está acontecendo, está lá. Era ao vivo. É um nicho, é uma especialidade. Mas noticiário em geral, eu acho que a TV aberta no Brasil não fazia. E a TV Globo lançando o canal dela de notícias, a GloboNews, naquela época, nós percebemos que podíamos fazer. Primeiro, porque você estava fazendo coisas que não era, não tinha ainda medida, na época, né? Não se media audiência. O que é muito importante. Então, você tinha liberdade de fazer, né? E de acontecer com uma maior liberdade, né? E isso facilitaria o fato de você não ter uma preocupação com

números, né? De ibope, como a gente fala, mas são números, indicadores de audiência. A gente queria fazer o que a gente achava naquela época, o melhor jornalismo mesmo. E aí, passou-se a usar o ao vivo. Eu acho que foi dessa época em diante que deu pouquinho de virada de chave nessa nesse tipo de cobertura que a CNN já fazia em assuntos internacionais e no Brasil não existia quem fizesse de assuntos nacionais. Então, acho que essa é uma característica importante disso, como você pergunta no início, como é que você definiria esses elementos, essas características. Acho que a GloboNews ser uma televisão criada por jornalistas brasileiros para o público brasileiro é uma diferença fundamental. É como podia, sem ter a medição de audiência ou a medição de público, e por ser um canal fechado, você poderia incorrer e fazer esses tipos de coberturas que ousassem, que fossem mais inusitadas. Você não tinha preocupação da audiência, então, aí surgiu o ao vivo e na GloboNews nessa época surgiu algo muito interessante que é o telefone. É uma coisa bacana e importante. Como esse ao vivo, sabendo que poderia ser feito ao vivo, estava se achando o caminho da cobertura dela, de como ela seria, faria essa cobertura ao longo dos anos e isso só foi se consolidando ao longo do tempo. Durante muitas conversas, não sei. É essa característica desse início, né? Essa diferença da CNN, então ela não é uma cópia da CNN. Na verdade, ela se inspirou na CNN com características muito brasileiras. Eu acho que essa é a resposta.

Pedro Miranda (entrevistador)

Entendi. No livro, você faz uma distinção também entre grandes coberturas e grandes transmissões. Eu queria entender qual a diferença que você estabelece?

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Eu acho que transmissões, como eu falei, a gente já estava muito acostumado com as transmissões de futebol. As transmissões de futebol são transmissões ao vivo, sempre foram no Brasil. Estava acostumado na TV aberta com isso, né? Então, quando você fala em transmissões, ela é de tal forma ininterrupta e ao vivo e com produções que se acumulam, por exemplo. Você tem lá alguma coisa acontecendo, você tem um repórter e um câmera lá e está transmitindo ao vivo e tem um produtor que leva um entrevistado, aí tira o entrevistado, leva outro entrevistado, aí mostra uma sessão do Congresso Nacional. Aquilo ali vai acontecendo e a transmissão continua. Então, aquilo é uma transmissão, tem uma votação, você está transmitindo com comentários. A cobertura eu a acho mais sofisticada, por exemplo, que a transmissão. Ela é mais consistente. Ela é mais competente no seu acerto das coisas. Então, como assim? Eu acho que ela contextualiza melhor, eu acho que ela traz elementos. Mas não só de informação, mas também de complementação de pesquisa, de arquivo, de entrevistas que dão outros olhares ou que trazem informações diferenciadas. A transmissão é aquilo que está acontecendo e você reproduz aquilo que está acontecendo. Você tem um ou outro entrevistado ao vivo e é aquilo que está acontecendo. A cobertura é algo mais pensado. Acho que é mais planejado, de forma que aquilo fique mais orgânico, entendeu? Ou seja, algo que te dê, que dê ao telespectador, ao público, uma contextualização, quase como a gente fala aqui: *storytelling*, que tem que começar uma história com começo, meio e fim. Acho que a cobertura ela tem esse pacote, começo, meio e fim, com enxertos de contextualização, por isso mais consistente. Em termos de conteúdo, né?

Pedro Miranda (entrevistador)

Entendi. Seria quase como uma “narrativização”, né? Quase como se estivesse contando mesmo uma historinha.

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Exato. É isso mesmo. É.

Pedro Miranda (entrevistador)

E aí, você vai fazendo para vir em capítulo.

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

É, eu acho. A gente chegou nisso. Falando aqui, acho que isso é. Você resumiu bem. Eu acho que ela é uma narrativa própria e uma narrativa onde ela tem não só o fato, vamos dizer assim, como a transmissão, mas ela tem o fato, suas consequências, seu contexto, seu cenário. O todo do fato, né? Então, é um relato mais completo. É um relato mais denso. É um relato que você está dando ao público algo mais potente, mais forte. Eu acho que é, pode ser a diferença.

Pedro Miranda (entrevistador)

Entendi. Eu vou passar já para a questão 4, porque a 3 você acabou, de alguma forma, respondendo ali na primeira pergunta.

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Verdade, verdade.

Pedro Miranda (entrevistador)

Foi ótimo. Eu cito aqui esse podcast “As histórias na GloboNews”, que foi um podcast feito pela Maria Beltrão, onde ela recebeu alguns repórteres. Nesse primeiro episódio, o José Roberto Burnier, que participou dessa cobertura do acidente da TAM para a rede, no caso, para São Paulo, para a TV Globo lá, em São Paulo, fala que era muito difícil, porque eles tiveram que fazer um trabalho de entender o que era a GloboNews, né? Porque antes eles estavam acostumados a fazer a cobertura só para os telejornais onde eles eram designados. Só que a partir da chegada da GloboNews, eles também tiveram que passar a dividir o tempo entre transmitir, fazer a cobertura para a GloboNews, e, também, depois fechar o material deles para o telejornal da rede. Ele fala dessa dificuldade, que eles demoraram a entender, né? Eu queria saber, você acredita que esse trabalho duplo, essa integração de profissionais, é uma característica dessas e das demais coberturas na GloboNews? Nesse primeiro momento, é possível afirmar que existia uma certa dependência da estrutura da TV Globo?

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Sim, eu acho. Acho que o Burnier está certíssimo quando ele fala isso, dessa dificuldade não só de entender o que era a GloboNews e dificuldade dele numa cobertura, de se dividir. De repente, surgiu algo que ele precisava dividir quando ele estava acostumado a fazer uma cobertura para a aberta, TV Globo. Ele nem sabia exatamente o que era. Acho que foi uma situação complicadíssima do início, dos primeiros anos da GloboNews. Eu diria dos primeiros quatro, cinco anos da GloboNews, chegaria até uns quatro, cinco anos até uma consolidação

interna. E menos competitiva, sim. A GloboNews nasceu dependente da estrutura da TV Globo. Com muitas dificuldades, ela conseguia ser ela sozinha, mas não conseguia porque precisava dessa estrutura, e eu acho que também, principalmente, da boa vontade e má vontade, vamos dizer assim, de todas as áreas da Globo, que você precisa para instalar uma televisão ou uma emissão de um canal e distribuir esse canal. Você tem tecnologia, você tem engenharia, você tem arte, você tem o próprio jornalismo e você tem caminho. Camarim, vestuário, roupa, maquiagem, você tem toda uma estrutura que a TV aberta tinha e que a GloboNews então não criou. Essa estrutura a GloboNews não tinha. Estrutura, ela realmente trabalhava, começou trabalhando, com essa estrutura da Rede Globo. Então, as pessoas precisavam se dividir, por isso, que eu estou falando da boa vontade, da má vontade, porque foi muito nesse início da boa vontade das pessoas dividirem e dá má vontade de não quererem. Entendi então essa dificuldade que ele fala. Primeiro, ele falou assim, mas de repente eu estou aqui, eu trabalho há, sei lá, cinco anos aqui para a Rede Globo, TV aberta, de repente surge uma coisa, eu não trabalho só para uma, trabalho para duas. Como é que funciona isso? Então, eu acho que isso foi assim, um trabalho difícilimo e a gente sofreu muito. Acho que a redação da GloboNews sofreu muito por essa dificuldade de transitar e disso de fluir dentro da Globo. Não fluía, não caminhava. Estava cheio de barreiras. Não eram barreiras pessoais, eram barreiras da própria estrutura mesmo, que às vezes não dava, né? Então, às vezes tiveram coberturas que a gente tinha o mesmo microfone. Para o repórter da GloboNews e o repórter da Rede Globo. Então, a Rede Globo entrava ao vivo, o Burnier ou outro repórter, acabava e dava o microfone para a repórter da GloboNews. A repórter da GloboNews olhava, entrava ao vivo, acabava, devolvia o microfone. Então, isso foi nos primeiros anos, foi algo de muito desgaste, eu diria. Inclusive, é para as duas equipes. Entender o que estava acontecendo. Quer dizer, a Globo tinha a partir daquele momento, o canal onde a notícia era prioridade, diferentemente da TV aberta, onde a notícia era parte da programação e na GloboNews a notícia era a programação. Acho que essa é uma diferença importante também. Na TV aberta, o jornalismo é parte de um conjunto e numa TV como a GloboNews, que é *all news*, ele é toda a televisão, ele é a programação, né? Ele pode ser de diferentes formas, formatos, programa, noticiário, comentário etc. Mas é notícia, sempre notícia. Então, acho que isso é uma coisa, não tem um programa de humor, vamos dizer assim, como tem na TV aberta. Então, isso eu acho que é uma coisa que foi difícil se entender. E difícil, eu acho que a gente passou uma dificuldade muito grande, também quando o repórter conseguiu uma coisa única ou um furo, eu diria, mas acho que furo é uma palavra um pouco fora, mas diria alguma coisa única e ficava guardando para o Jornal Nacional, que era o que se fazia. E aí, nessa época, a gente disputava isso, que na GloboNews tinha que entrar, assim que chegasse na redação aquele assunto tinha que ir para o ar. Mas por quê? Se aquilo era... E muitas vezes se guardou fita debaixo do braço para esperar o Jornal Nacional. E quanto que você poderia estar dando pela Rede Globo desde 1h da tarde, vamos dizer assim. Então, isso realmente era essa dificuldade que o Burnier conta, ela tem vários aspectos, então aqui mesmo já te contei alguns. Então, essa dificuldade existiu e durante muitos anos essas arestas tentaram ser aparadas e foram melhorando aqui e ali. Mas eu confesso a você que a GloboNews hoje, talvez nos últimos anos, talvez nos últimos seis, sete anos, oito anos talvez, ela realmente, hoje ela domina ali as estruturas junto, sabe, e está mais junto da rede aberta, no mesmo patamar. Quando uma pessoa da engenharia fala, bom, nós vamos fazer o Carnaval. Como é que a GloboNews vai fazer o Carnaval e como é que a Rede vai fazer o Carnaval? Então, vamos fazer para que dê para fazer para os dois. Hoje, eu acho que já tem

esse pensamento, mas você vê, tem 25 anos a televisão, então demorou, né? Demorou para isso.

Pedro Miranda (entrevistador)

Interessante essas informações que você vai trazendo, essa do microfone, essa coisa de segurar a pauta ali, segurar uma informação, isso é muito bacana. Dentro disso, o Burnier cita um exemplo, ele fala que nessa cobertura do Fokker 100, teve uma hora que ele conseguiu acesso ao telhado de onde uma parte do avião caiu. E aí ele estava lá, conseguindo entrevista e conseguindo as melhores imagens, de repente ligaram para ele e falaram “você tem que sair daí, que você tem que ir lá para UMJ para entrar ao vivo para a GloboNews”. E ele falou “poxa, mas eu custei tanto a conseguir essa posição privilegiada e de repente vou ter que me deslocar até a UMJ para fazer a entrada para GloboNews”. Então, ele relata, né, que se sentiu um pouco frustrado com isso, naquele momento, porque ele não entendia justamente isso, essa coisa de estar dividido, de ter que estar ali, presente também tanto para uma quanto para outra. É interessante.

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

É isso aí, essa dificuldade persistiu. Não é um privilégio do Burnier, acho que vários repórteres tiveram isso. A GloboNews tinha menos repórteres, então ela tinha um repórter em São Paulo. Então, vamos dizer, nesse caso do Fokker da TAM tinha um ou dois repórteres a GloboNews e a Globo, a editoria São Paulo, tinha dez. Então, lógico que eles estavam com melhor cobertura. Lógico que precisava dar apoio, mas era muito difícil você entender isso exatamente quando você está conseguindo algo exclusivo diferenciado, você fala, espera aí, eu vou ali fazer um vivo para a GloboNews, que eu não tenho nada a ver com isso, mas sou obrigado a fazer, né? E volto aqui depois subir no telhado de novo. Realmente era difícil, mas demorou. Acho que para isso, eu não sei, talvez se o *start* tivesse sido dado diferente, agora já foi. Mas talvez mais integrado, né? Com menos separatismo. E aí, todo mundo trabalhando em conjunto. Então, não sei, eu estou falando isso aqui uma hipótese. Não sei, não sei. Demorou, demorou para que as coisas se integrassem, se tornassem de uma forma mais orgânica. Demorou muito, com certeza. O sofrimento da redação da GloboNews foi muito grande também.

Pedro Miranda (entrevistador)

Entendi. É, olha só, uma coisa que eu observo muito, eu tenho muito interesse por História, até por isso o meu trabalho acaba flertando um pouco com essas noções de História, de temporalidade e de historiografia mesmo. Olhando para o material da GloboNews, para as vinhetas antigas, o material institucional da GloboNews. Essa noção de tempo e de História, sempre foram muito presentes na comunicação do canal. Isso é uma coisa muito, muito evidente. Se a gente observar, por exemplo, os *slogans*, as vinhetas de programação, a gente sempre vai encontrar exemplos, né? “A vida em tempo real”, “levando até você os fatos e as ideias que contam a História do nosso tempo” e em um mais recente eles trabalham com a ideia de “História ao vivo, enquanto a notícia acontece”. Eu queria saber, na sua opinião, porque que o canal tenta se firmar, então, como um mediador desse tempo presente e da história? Você acha que as coberturas jornalísticas da GloboNews, adquirem um certo *status* de documento, de arquivo histórico? Como é que você pensa isso?

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Eu acredito que sim. As coberturas da GloboNews se tornaram, ao longo do tempo, e como elas foram adquirindo uma qualidade interessante, importante e boa no seu conteúdo, eu acredito que sim, elas hoje fazem parte de uma documentação do seu tempo, né? Desses últimos 25 anos. Acho que no Brasil, talvez, a gente não dá tanta importância ao arquivo, a arquivologia, né, vamos dizer assim. Ao que é história e documentação histórica. Nós temos pouca admiração ou pouco respeito. Eu estou falando no povo em geral, não estou falando nem a academia, nem a intelectualidade, nem nada. Mas, no geral, a gente dá pouca importância a documentação histórica do nosso tempo. Eu acho que nesses 25 anos, se você fizer um retrospecto das coberturas da GloboNews, olhar para trás, você vai achar ali, talvez de duas décadas e meia, os principais fatos eles estão cobertos, né? Foram, mereceram coberturas de grande porte, e de grande porte histórico, quer dizer, sedimentando, de certa forma, essa arquivologia, esse arquivo histórico, que a gente tem, que o jornalismo sempre teve na sua origem, é parte do jornalismo. Eu vou fazer um parêntese aqui só para te contar. Eu escrevi uma biografia esse ano, acabei de escrever a biografia de um advogado da qual a família dele era uma família de advogados. Então tinha o bisavô, o avô, o pai e ele, todos advogados e todos militantes da vida pública do Brasil desde o século XIX. E aí, esse bisavô lá do século XIX, do interior de Minas Gerais, escrevia num jornal chamado “O Rebate”. Ele era um contestador. Ele era um cara, era advogado, jornalista, político... Naquela época em que eles eram tudo e ele escrevia contestando, enfim, a política do coronelismo, né, dos latifundiários, dos proprietários. Ele era ferrenho ativista contra isso. E eu fui procurar, eu estava com uma pesquisadora, eu falei, vamos ver se acha alguma coisa dele em algum desses jornaizinhos do interior de Minas, de 1900, início do século XX, né? E a gente achou. Então a gente achou um texto, não achamos muitos, achamos um publicado nesse jornal com artigos que ele chamava de “Cartas de um montanhês”, uma coisa assim, que ali ele dizia o que estava acontecendo nas montanhas de Minas, nas cidades montanhosas, e publicava aquilo. Então eu fiquei numa felicidade, porque eu achei tão bacana você conseguir pesquisar num arquivo e achar aquilo. Então eu acho que o jornalismo tem esse papel, é isso que eu quero falar. É um documento histórico. Se o cara escreveu contra o coronelismo, está publicado no jornal do século XIX, quase final do século, e eu achei. Aquilo é um documento histórico importantíssimo. Então eu acho que a GloboNews, hoje, ela tem, vamos dizer assim, uma lista imensa de grandes coberturas, de coberturas de porte importante, relevantes e, também, que trazem consequências para a sociedade. Porque um canal de notícias só é válido quando ele dá à sociedade, no meu ponto de vista, algo a mais. Quer dizer, não é só um relato simples e factual, acho que ele precisa trazer elementos. Por isso, que às vezes comentarista é importante, arquivo é importante, imagens antigas, você resgatar coisas que trazem àquela cobertura um peso maior. Então eu acho que sim, sim, é um documento, é um arquivo histórico. Eu acho que se fizesse um trabalho, espero que isso nunca acabe, né, quer dizer, precisaria estar sempre atualizando esses arquivos para você tê-los, porque eu acho que ele é um documento para a posteridade. Não tenho a menor dúvida, as coberturas.

Pedro Miranda (entrevistador)

Entendi. Então seria, nesse sentido, de ter ciência dessa questão do jornalismo como referencial histórico, que eles mexem tanto com essa noção de temporalidade. Essa coisa de

querer a história, né? Eles têm noção, têm consciência, então de que estão produzindo de certa forma algo que vai ficar como material histórico, né?

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

É, eu acho que sim, Pedro, sabe por quê? Porque o dia a dia do jornalista, você sabe, é um dia a dia sempre muito atribulado, né? E ele vem na vida numa história atribulada, né? Ele faz hoje uma coisa, que amanhã aquela cobertura, essa cobertura de hoje, amanhã ela já está esquecida, porque ele já está fazendo outra cobertura, né? A vida de um jornalista tem essa dinâmica, né? Você não fica guardando aquilo ali, né? Você cobre, acaba, no dia seguinte, você está fazendo outra coisa, as vezes completamente diferente, né? Então eu acho que essa consciência que você falou, acho que ela não é imediata. Eu acho que ela acontece à medida que o tempo foi consolidando o canal. Quer dizer, eu acho que, como você falou, o primeiro slogan já era “a vida em tempo real”. Olha que coisa louca! Está considerando, inclusive, que as coberturas jornalísticas representam a vida das pessoas, né? Então maior ainda. Mas é isso. Eu acho que a história do nosso tempo, desse tempo, está registrada, com certeza, como documento histórico de um canal de notícias, no caso, a GloboNews.

Pedro Miranda (entrevistador)

Entendi. Na minha pesquisa, uma das propostas desse projeto eu divido a história dessas grandes coberturas em algumas fases. Então eu coloquei com uma sugestão, como primeira fase, esse período inicial de 1996 até os anos 2001, mais ou menos. E aí seria então marcado por esse período de consolidação do canal, de reestruturação.

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Concordo.

Pedro Miranda (entrevistador)

Aí depois ali, a partir de 2001, com a cobertura do 11 de setembro para frente, já começaria mais com essa ideia de um jornalismo transmídia, até que tem aquele lançamento daquele portal globonews.com, que reunia o site de O Globo, o site do jornalismo da TV aberta também, tudo em um único site. Então já começa esse potencial de transmídia. E aí, depois ali para a frente, em 2008, eu já sugiro uma outra fase, a terceira fase, que seria então uma certa modernização de uma linguagem e da estética do canal, né? Porque, se não me engano, é nesse período que você tem ali uma mudança no logotipo, na identidade do canal. Então já proponho uma outra fase. Depois eu vou propondo outras também, uma quarta fase, uma quinta fase até os tempos mais recentes. Eu queria saber se você concorda? Se você acha que seria possível a gente pensar nessa ideia de fases? Se a gente poderia observando então um pouco da história do canal, essas mudanças, se seria possível a gente pensar nisso?

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Acho a sua perspectiva para essa história vai por aí mesmo. Acho que você tem um período embrionário, como eu já falei um pouco aqui, né? Da origem do canal, bem difícil. Depois uma consolidação, não que as coisas ficaram mais fáceis, mas ela estava mais respeitada. É, eu lembro da história, eu acho que está no livro, não sei, da cobertura da princesa Daiana, que foi em 1997, foi antes um pouco. Mas eu lembro direitinho que quando nós colocamos pelo telefone uma entrevista com um médico brasileiro que estava no hospital onde a princesa

Daiana foi submetida a uma cirurgia no hospital da Salpêtrière, em Paris. Esse médico, que agora não me recordo o nome, ele falou ao vivo na GloboNews, por telefone, por volta de oito, nove horas da manhã de domingo. A princesa Daiana sofreu um acidente no sábado, durante a madrugada ela foi operada, foi uma confusão, mas aí no domingo ela faleceu. E esse médico falou ao telefone, uma conquista lá de um dos editores, que era amigo de um amigo, enfim foi muito bacana e esse médico comentou, falou no telefone para a GloboNews, contando os últimos momentos da princesa Daiana, da cirurgia, como é que eles a receberam ali, a dificuldade de salvá-la, vamos dizer assim. E eu lembro que eu estava na redação nesse momento, ouvindo ele falar e, foi dramático, foi uma situação... Ele contou coisas delicadas desse momento trágico e, assim que despediu, desligou, acabou aquilo, eu lembro muito bem que os telefones da redação começaram a tocar. Eu mesma atendi um telefonema era da redação do “Estado”, da sucursal do “Estado de S. Paulo”, aqui no Rio de Janeiro, e ele dizia assim, como vocês conseguiram essas informações? A gente precisa ter esse contato... Esse médico é de verdade? Claro que é de verdade! Mas esse médico estava mesmo na cirurgia? Estava! Mas brasileiro? Brasileiro! Nossa, e a gente pode ter o contato e tal, e aí a gente passou a dar. E ligou “O Globo”, ligou “O Estado”, ligou outras pessoas. E aí, eu falei, gente tem alguma coisa acontecendo, porque se as redações estão assistindo a GloboNews e agora estão vendo que a gente fez algo diferente que eles tinham e eles não tinham isso e eles estão ligando aqui para saber como a gente conseguiu, a gente pode ser respeitado diferente daqui para frente, né? A gente conseguiu e está dando uma informação verdadeira, forte, um furo, uma coisa interessante e importante que todo mundo está olhando e respeitando. Daí eu acho que a gente deu a virada. E aí, quando chega 2001, que é o acidente, o 11 de setembro, você tem no ar a Leila Sterenberg, que era uma apresentadora, eu lembro bem, também, e que fala quatro ou cinco línguas, uma menina muito culta, jovem jornalista. Ela então põe a transmissão da CNN no ouvido e ela começa a falar aquilo que ela estava ouvindo e a gente fica no ar o mesmo, igualzinho a CNN. Aí a gente estava horas, horas e horas no ar com ela falando e aquilo ali deu uma potência também, um salto. Significou um salto na cobertura da GloboNews. Bastante importante, bastante marcante. É um ponto de virada mesmo, né. E, depois, quando você fala, eu acho importante também, essa parte da linguagem e da estética do casal, porque, voltando ao início da GloboNews, a GloboNews foi feita com a estrutura da TV Globo, né? A gente já sabe. Por isso, a estética visual dela era feita a partir da TV Globo. A arte que fez a estética da GloboNews era a arte que fazia a da Rede Globo, da Globo, do Jornalismo da Globo. Então eles tiveram ali uma, vamos dizer, era um *spin-off*, tirando dali e fazendo a GloboNews. Acho que nesse momento aqui, com a consolidação, a imagem, estética, a estética do canal e a imagem da marca se distanciam totalmente da Globo, da “Globo mãe”, para se tornar uma pessoa independente, né? Algo independente, algo com a sua marca, a sua estética, a sua linguagem, e não mais esse *spin-off*, e sim algo que consolidasse ela de forma diferenciada. Então quando você vê o Jornalismo da Globo é uma coisa, quando você vê o Jornalismo da GloboNews é outra, você distingue um do outro, né? E mais. Acho que, hoje, depois de 25 anos, é importante, dentro dessa sua perspectiva de fases, dizer quanto a estética e a linguagem da GloboNews também influenciaram o Jornalismo da TV Globo, porque eu acho que você tem isso também numa das fases mais recentes. Porque aí entra, vamos lá, um pouco de internet e conteúdos digitais em outras mídias que fizeram com que o Jornalismo da Globo, o jornalismo da TV aberta, precisasse se reorganizar, se readaptar, se reolhar para ele mesmo, para poder continuar. Porque havia tanta coisa acontecendo de formas diferentes, que se ele não se olhasse, o próprio jornalismo da TV aberta, ele ia ficar defasado. E ele olhou. E aí eu acho que veio com a experiência da

GloboNews. Tanto é que, hoje, a gente tem muitos repórteres da GloboNews que passam para o Jornalismo da rede nacional. Porque eles trazem um pouquinho de uma linguagem que eles fazem ali que eles podem adaptar melhor a rede aberta, ao jornalismo da rede aberta.

Pedro Miranda (entrevistador)

Há pouco tempo, eu estava vendo uma entrevista, recente, da Christiane Pelajo e ela estava falando desses desafios, você até chegou a comentar sobre isso, né? E aí, ela conta que o computador lá da redação, só um computador era conectado à internet, né? E aí, em termos de linguagem e de estética... Você tem que chegou a falar sobre isso, né? Que era a arte da TV Globo que fazia arte da GloboNews, a estética acabava variando, né? Então acho que a gente acabou dando conta sim dessa...

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

É, mas eu queria falar. Eu não me lembro de que tinha só um computador da redação ligado à internet. Eu lembro que a internet não era algo normal, como hoje é. Não era nessa época. Ela era difícil. 1996 a gente está falando, né? 1996 já existe internet, mas, nossa, não tinha metade desse *boom*. Não era isso a internet. Nada disso. Então era difícilíssimo o acesso. Você ficava horas ali com aquele computador fazendo assim, assim, quando você queria fazer uma pesquisa. A gente tinha outro tipo de pesquisa. A gente tinha pesquisa de livros e tal. Pode ser que tinha só um computador ligado à internet. Eu não consigo me lembrar disso. Mas eu acho que a tecnologia, eu só queria falar que acho que a gente também conseguiu na GloboNews algo interessante. Quer dizer, pela primeira vez você tinha redação onde os computadores eram divididos. Na [redação da] rede, os computadores eram mais ou menos um de cada, tinha pouca gente. Na GloboNews era muita gente, então você tinha o pessoal que usava aquele computador de madrugada, depois o mesmo computador de manhã, depois o da tarde e o da noite, eles trocavam de as pessoas, mas usavam a mesma cadeira, vamos dizer assim. Trocavam de pessoa, mas na mesma cadeira, né? O editor-chefe que chegava de manhã, sentava naquele lugar, naquele computador. O da tarde no mesmo lugar. À noite, no mesmo lugar. Então era realmente uma situação diferente. Eu lembro de uma coisa muito incrível, que foi o seguinte: a gente tinha um hábito na rede de fazer os *scripts* xerocados e você distribuía o *script* para o apresentador, para o diretor de TV, para o assistente, para a engenharia, para a programação. Você distribuía dez *scripts* ali para todo mundo seguir o espelho, seguir os *scripts*. Quando a gente foi fazer isso na GloboNews, no início, que nós estávamos fazendo pilotos, os jornais, eles eram de uma em uma hora, de meia hora. Então entrava um jornal às 8h que durava até 8h30, aí entrava o outro jornal às 9h que durava até 9h30, às 10h até 10h30... Tinha o Bom Dia Brasil no meio, mas era jornal de uma em uma hora, levando meia hora no ar. Então se o se o editor-chefe montasse outro jornal para às 10h da manhã e fosse rodar, a máquina do xerox não dava conta de rodar. Isso é uma coisa que realmente aconteceu, eu vi acontecer. Vai viabilizar o canal. O custo disso, vocês vão rodar mais de 5000 páginas por dia no xerox. Não há como. Nem a máquina, nem o papel, nem ninguém ia aguentar. Então, por conta disso, nós, a engenharia com a tecnologia, com os editores, com a arte, bolaram algo que era o *script* seguir pelo teleprompter. Então eles passaram a colocar o *script* todo do jornal inteiro, no teleprompter. Na época, só se colocava as cabeças dos apresentadores. Mas nós colocamos o *script* por quê, para não rodar tantas cópias na xerox em tão pouco tempo. Então você rodava cinco cópias do *script*, distribuía para as pessoas principais e o resto todo mundo seguia, inclusive o diretor de TV, seguia pelo *script* no

teleprompter. Isso foi uma novidade na Globo inteira e ninguém achava que fosse dar certo. Porque “ah, e se o teleprompter travar?” É, se o teleprompter travar, fala desculpa. Porque não tinha mais na mão deles. Então isso aí eu acho que foi uma coisa, vamos dizer assim, o primeiro, lá naquela época, lá atrás, de várias modificações tecnológicas e da engenharia de comunicações, que foram acontecendo ao longo do tempo na GloboNews. Então, realmente, os desafios, eles faziam com que trouxessem um novo olhar para as situações que eram padronizadas. As situações padrões, elas foram tendo que ser revistas, porque eram muitos desafios para resolver.

Pedro Miranda (entrevistador)

Pelo que você fala essas soluções vão surgindo também a partir do entendimento de como funciona essa máquina, né? Porque quando você coloca essa questão do computador compartilhado, que só mudava o operador é quase que uma lógica industrial, né? Porque na verdade você está ali numa indústria da notícia, né? Você tem uma produção em escala quase que industrial, então você cria dinâmicas, por exemplo, como essa de não gerar tanto papel, né? Quer dizer, isso simplifica, a partir dessa solução de colocar tudo ali no *script* eletrônico.

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

É isso mesmo.

Pedro Miranda (entrevistador)

Então, isso vai surgindo desse entendimento do que é o próprio canal.

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Eu acho que você falou aí uma frase interessante, que é isso, a indústria da notícia. Acho que a gente sentia um pouco, em alguns momentos, que era sim uma “fábrica de notícias” como a gente nunca tinha trabalhado antes. Da forma que estávamos trabalhando nós nunca tínhamos trabalhado antes. Então, eu acho que isso é uma coisa interessante porque, talvez possa ser uma palavra exagerada, mas revolucionário no sentido não de mudar tudo, mas de transformar situações padrões da forma que elas vinham. Os processos vinham todos dentro de regras, por muitos anos, e ali quando você tinha o desafio dessa novidade dentro de uma estrutura padronizada, todos aqueles padrões foram tendo que ser quebrados para que as coisas andassem e quebrados por pessoas, que eu acho que isso fica mais legal, que estavam acostumadas ao padrão, mas que se viram ali naquele momento desafiadas para largar aquele padrão. Então, também era uma questão interna, pessoal. “Mas, já está trabalhando dessa forma, está dando certo. Por que que eu vou me meter a mudar? Pode não dar certo”. Mas ali era uma equipe jovem, uma equipe muito entusiasmada. Eu acho que tem uma frase no livro [*GloboNews – 10 anos, 24 horas no ar*]: “jornalistas que gostam do que fazem”. Porque eram apaixonados por aquilo, e quando você se via diante de um desafio, você não vinha para trás, ao contrário, você se jogava, mergulhava no desafio para poder ir para frente. Então eu acho que nesse caso, a GloboNews, assim, quem participou desse momento inaugural, teve um privilégio de participar de algo que internamente revolucionou, mudou e transformou o *status quo*, quer dizer aquilo que estava de uma forma estabilizado.

Pedro Miranda (entrevistador)

Queria saber se você acha que a GloboNews conseguiu criar uma linguagem própria para essas coberturas? Se sim, que elementos você acha que são característicos dessa cobertura jornalística da GloboNews? Qual seria então essa identidade de uma cobertura na GloboNews que você não veria em um canal como o BandNews ou você não veria na Record News, por exemplo? Qual é essa linguagem própria de uma cobertura na GloboNews?

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Eu acho que ela criou uma linguagem que hoje você até vê no BandNews, no SBT News, na Record News. Porque pioneira ela foi, desde o início. E na transformação, quando você coloca nas suas fases das transformações, ela também buscou mudar. Quando, por exemplo, uma das coberturas importantes: as coberturas de eleições, por exemplo. A GloboNews passou a fazer uma cobertura intensa de eleições no Brasil de forma muito particular e peculiar. Porque aí sim, ela usava a estrutura das afiliadas, que é da Rede Globo, e com isso ela tinha um potencial de informação que distinguia ela de tudo das outras e da própria rede. Então, ali se caracterizava uma grande diferença. Acho que, vou falar de novo, a transmissão ao vivo, originária, lá atrás dos telefonemas, do uso do telefone, que você destaca que foi fundamental na cobertura do “11 de setembro”. Eu acho que, eu coloquei no livro isso, não foi só na cobertura de “11 de setembro”. O telefone deu uma característica universal a GloboNews, porque eu lembro muito bem que, mesmo sem ter nada, o jornal da manhã fazia uma rodada. Tinha uma menina em Israel, tinha um menino na China, em Pequim, tinha um menino na Alemanha e eles falavam um pouco do que estava acontecendo por telefone. Coisa que não se fazia mesmo, era rádio. Tanto é que, muitas vezes, foi criticado porque a GloboNews fazia rádio e não televisão, porque não tinha imagem em tese, né? Sim, fazia. Mas a prioridade ou o intuito não era fazer rádio, era ter notícia. Então, era priorizar a notícia, mesmo que fosse através do telefone. Mas você tinha lá um jornalista que estava lá, brasileiro que via em Berlim o que estava acontecendo e transmitia para outros brasileiros. E isso não existia. Com essa assiduidade. A Globo tinha seus correspondentes, os outros tinham, mas era a imagem, era a matéria. Não era desse tipo. Então, eu acho que essa consolidação da GloboNews lá nos seus primórdios, você falou sobre qual seria essa característica. Acho que uma das características foi, desde o início, trazer a notícia de onde ela estivesse e como pudesse. Por que não era a forma ideal? Por telefone, não, claro. Você vai falar que é rádio. Mas era uma forma. Então, você priorizava a notícia e não a forma. Você priorizava o conteúdo e não a forma. A forma era o rádio, era o telefone. Foi bom? Foi bom, foi muito importante!

Pedro Miranda (entrevistador)

E, de certa forma, acabava fazendo certas concessões que talvez a gente não visse na rede, né? Por que imagina alguém entrar por telefone? Só se a história fosse assim um escândalo ou um acontecimento do século para esse profissional entrar pelo telefone apenas com a fotinho dele ali, o “santinho” dele ali, né? E na GloboNews isso acaba, de certa forma, ganhando muito espaço justamente tendo como prioridade a notícia, né? Quer dizer, se tem informação, se a informação é relevante, seja da forma que for, vai entrar.

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

É. E trazendo o mundo de uma forma diferenciada para o Brasil, né? Era uma forma de você ter um jornalista brasileiro, vários espalhados pelo mundo, e eles na casa deles pelo telefone,

trazia ao Brasil, para o público brasileiro daqui, alguma coisa que estivesse acontecendo no lugar a tantos quilômetros de distância que dificilmente aquele público saberia o que estava acontecendo. Então era a priorização da notícia. E isso acho que talvez tenha sido a premissa mais importante e mais longeva desde o início da GloboNews: a priorização da notícia, da informação, do fato, da vida real, do fato acontecendo, da notícia acontecendo naquele tempo. Eu acho que essa priorização é muito importante.

Pedro Miranda (entrevistador)

Eu lembro uma vez, quando eu estava lá, teve um atentado em Toronto, se não me engano, e a gente estava recebendo aquelas imagens da Reuters e não sabia muito bem como tratar aquilo, o que era. Ainda tínhamos poucas informações. E eu lembro que a primeira movimentação que aconteceu na redação foi de buscar pessoas que estivessem ali na região, brasileiros, sobretudo, para dar o relato, né? Então acho que isso do testemunhal, essa coisa do relato, talvez tenha se intensificado mais com o 11 de setembro, né? Em 2001, a gente viu muito esse tipo de participação nas coberturas, né? Mas eu lembro que isso era uma característica muito forte da GloboNews. Em qualquer atentado, qualquer coisa que aconteça, a gente já ia logo em busca do testemunho. Essa ideia do relato, de ouvir quem estivesse ali para trazer isso, né?

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Então, olha só agora, recente, quantos brasileiros na Ucrânia a gente ouviu na rede? Quantos testemunhos, relatos de brasileiros que vivem em cidades sob bombardeio na Ucrânia que falaram, por exemplo, como eles saíram da cidade? Então, essa origem está aí, eu acho. Hoje ela se consolida nas coberturas internacionais ou nacionais a partir dessa origem de buscar o testemunho brasileiro, de buscar a identidade, que é um dos mecanismos do *storytelling*. Eu acho que é muito importante o *storytelling* como mecanismo de identificação entre o que você está falando, entre a história que você quer contar com a notícia, com a história que você quer contar e a pessoa que vai ouvir, o público que vai ouvir. Ele precisa estar identificado com aquela história. É uma ferramenta importante entender quem vai contar histórias e ele precisa levar àquele público, algo que identifique ele, ou é medo ou é criança ou é emoção ou é tristeza. Falando no caso da guerra: fome, falta de água, falta de roupa, deixar a casa, você pode usar esses elementos para contar a história de forma que esses elementos se identifiquem com as pessoas que estão assistindo aquela história. E isso são mecanismos usados no *storytelling* para você contar histórias. Então é importantíssimo ter essa identificação e, talvez, a GloboNews, intuitivamente, lá no seu início foi fazendo isso e trazendo esses testemunhos de brasileiros que moravam lá, que se identificavam por serem brasileiros com os brasileiros que assistiam o canal como o público. É uma coisa simples se hoje você olhar.

Pedro Miranda (entrevistador)

Entendi. Então é isso que eu iria complementar agora. Então, no fundo, a partir disso que você está dizendo, na GloboNews, a gente pode pensar assim: além de jornalistas, no sentido duro da palavra, naquela ideia do rigor, da objetividade... A GloboNews, de certa forma, foi desenvolvendo também então contadores de história, né? Interessante isso.

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Tem um tempo que eu falo do *storytelling* no jornalismo e eu gosto muito de identificar essas particularidades do *storytelling* no jornalismo, na história jornalística. Porque eu acho que elas

têm, às vezes de forma intuitiva, mas às vezes de forma técnica, elas têm esse *approach*. Elas são isso. Então eu acho importante a gente perceber: a intuição é legal para você contar história, mas também tem técnicas. Então vamos juntar a intuição com a técnica que você tem algo mais interessante.

Pedro Miranda (entrevistador)

No livro você destaca as cinco grandes coberturas da GloboNews...

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

... mas nessa época, né?

Pedro Miranda (entrevistador)

Nessa época, de 1996 a 2006, você delimita isso...

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

... é bem pouco tempo, né.

Pedro Miranda (entrevistador)

Eu queria saber se além dessas que você destaca nesse quadro... o Fokker 100, a morte da princesa Diana, o ônibus um 174, os atentados de 11 de setembro, a invasão do Iraque... Que outras coberturas, você acha que mereceriam destaque?

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Olha, eu acho, como eu já falei que a GloboNews cresceu muito na cobertura das eleições brasileiras de todos os níveis, quer dizer, as eleições presidenciais, as eleições gerais e as eleições legislativas. Eu acho que a GloboNews fez um grande trabalho, grandessíssimo trabalho na cobertura da... e cresceu muito, de uma forma consistente, na cobertura de Brasília, vamos dizer assim, do Congresso Nacional, do Poder Executivo e, algo inédito, acho que do Poder Judiciário, nós nunca tivemos coberturas tão intensas e extensas dos três poderes da República como agora, de uma forma lúdica quase, de uma forma com imagem, imagética. Quando você vê ali quantos julgamentos no Supremo. Quantas coberturas no Supremo que a gente via eles, os juízes, com aquelas capas, coisas que a gente não sabia, vamos dizer assim, no nosso dia a dia, que eles se sentavam daquela forma, que eles usavam aquela capa, que aquela capa impõem um certo tipo de autoridade, que eles ali dentro, naquela corte, eles têm um poder, né? Na verdade, eles têm ali o poder supremo do país, no caso da Justiça e, ao mesmo tempo, no Congresso vendo um pouco a precariedade e um pouco aquela pluralidade confusa dos congressistas nacionais. Nós nunca vimos isso. E a GloboNews ao transmitir, às vezes aquela coisa longa, extensa, uma sessão do Supremo, uma sessão do Congresso de votação de alguma coisa, mas ao tempo está mostrando para o brasileiro, para a nossa população algo que não era mostrado até então. A gente tinha ali em Brasília como um... a gente sempre falou isso, Brasília é um mundo a parte, é um ciclo fechado. Hoje a gente, o brasileiro que assiste GloboNews e, às vezes, essas transmissões mais longas do Congresso, do Supremo, de alguma outra coisa, fala assim “nossa, como é que eles se sentam naquelas cadeiras... Quem não vai a Brasília nunca viu o Congresso, não sabe como é que é, ou o Supremo. Então eu acho que isso é um *plus*, vamos dizer assim, é um a mais da cobertura, é dar ao país uma imagem do poder nacional que a gente não tinha. Fora isso, eu acho que tem

outras grandes coberturas quando a gente fala de situações fora do eixo Sul-Sudeste, que é um eixo que a gente sabe que concentra situações do Nordeste, situações do Norte, que hoje são muito importantes para o país. Hoje, a gente tem um país muito mais integrado do que tinha há 20 anos atrás, talvez 25. O Nordeste era uma ilha. “O que você conhece lá? Pernambuco”. “O que você sabia do Norte? Amazonas”. Nem sabia mais nada. Hoje a gente sabe muito mais, né? Hoje, então, acho que a GloboNews também teve um papel também de distribuição de informação sobre essas regiões brasileiras que fizeram com que o país fosse mais integrado. Então eu acho que você pergunta de outras coberturas realizadas, eu não sei te citar, é uma outra, outra, outra... assim de cabeça, nem sei te citar. Mas eu sei que isso mudou. As coberturas da GloboNews transformaram o público brasileiro num público que vê algumas coisas que antes não via tanto da parte política, econômica... quanto da parte do próprio território nacional.

Pedro Miranda (entrevistador)

Entendi. Você fala dessa questão da cobertura dos três poderes. Isso é uma característica. É uma curiosidade até... porque se se a gente pensar caso americano, né, eles têm aquela imprensa robusta deles lá, mas o Supremo deles, a Suprema Corte deles é completamente *low profile*, né? As sessões não são transmitidas, acho que nem podem ser transmitidas, né? Os juízes, os ministros lá eles não dão entrevistas.

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

É completamente diferente.

Pedro Miranda (entrevistador)

Você tem uma cobertura muito mais distante, né? Tanto é que quando vem alguma decisão da Suprema Corte, geralmente eles publicam uma “fotinho” só de quem esteve ali presente na sessão. E é isso que a gente fica sabendo. Aqui não, né? Parece que a gente está sentado ali no Tribunal, no Supremo. E isso também acho que vai dizer muito, de certa forma, desse prestígio, desse trânsito que o jornalista ali da GloboNews acaba tendo, né? Se você pensar, por exemplo, nessas fontes que são cativadas. Eu já vi, por exemplo, jornalista da GloboNews falando... a Natuza Nery, por exemplo... disse: “eu estava apurando com o ministro Alexandre de Moraes, que acabou de me falar isso, isso, isso...”. Quer dizer, esse trânsito também, de certa forma, que o profissional do canal acaba tendo com o poder, né?

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Eu acho que esse trânsito, alguns profissionais da imprensa escrita, de outras eras, de outras épocas também tinham. Eles também tinham as suas fontes e fontes fortes, fontes poderosas, né? Eles tinham, eles tinham conhecimento de coisas, mas... como tudo acontece, né?... Acho que a televisão, no caso a GloboNews, popularizou é esse tipo de trâmite de Brasília, como você falou, essa tramitação das pessoas e fontes, dos jornalistas e das fontes. Realmente mexe um pouco com o ego de todos. Eu acho que tem a ver. Porque desde que eu nasci na televisão, alguém falava para mim que quando você aparece na televisão a sua vida muda, né? E é. E aí você também é picado pela mosca azul. Então você se transforma em uma pessoa diferente. Isso sempre ouvi falar, desde que eu sou criancinha na televisão e acontece. O entrevistado ou a fonte, ela gosta. Hoje ela tem o prazer, né? Porque isso é agregar valor para ela. Não sei se é ou não, mas para ela é. Então ela gosta que a Natuza Nery diga isso. Ele gosta, o Alexandre.

Ah, eu estou aqui... e ele fala, é, eu sou fonte dela. E ela fala a verdade através da palavra dele, né? Tem um aval. Então ali é uma dupla dinâmica também, né? Uma missão ali pelos dois, é uma troca boa, é uma troca importante. Claro, depende da sensibilidade dela também. Mas, com certeza, a GloboNews ajudou muito a essa transformação para o público, quer dizer o público ter mais acesso a esse mundo, a esses mundos. Não estou falando nem só de Brasília, como eu falei, acho que da Amazônia, do Nordeste, do Sul. A gente teve mais acesso, por que aquilo está constantemente acontecendo, está no ar, aconteceu está no ar. Onde quer que seja, né? Na cidade desse tamanho, como na grande cidade. Então aquilo faz com que as pessoas se identifiquem mais com o próprio país, né? Acho importantíssimo esse trabalho da GloboNews nesse sentido.

Pedro Miranda (entrevistador)

Bom, a gente já acabou dando conta de outras perguntas...

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

... é foi misturando, né, Pedro? Também vi aqui.

Pedro Miranda (entrevistador)

A conversa quando flui assim, é boa. Então eu já vou partir aqui para a minha penúltima, que que seria... a gente já falou, então dessas mudanças, né... em termos de linguagem, em termos de estética, né, que a gente foi percebendo ao longo do tempo, das coberturas... Em termos de política editorial, o que você poderia dizer? Você acha que a gente tem uma mudança? Tem permanências?

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Bem, eu acho que tem sim, Pedro. Eu acho que tem uma mudança importantíssima. Que é o seguinte, entre o... vamos dizer, o início e depois na sua consolidação e os tempos de agora, né? No início a gente já viu e a gente já falou aqui o quanto ela era atrelada... a GloboNews a estrutura da Rede Globo, né? A gente detalhou aqui bastante coisa, né, da estrutura da Rede Globo. Então, editorialmente ela era atrelada ao Jornalismo, editorialmente atrelada ao Jornalismo da Rede Globo. Então, tudo que era regra no jornalismo da rede era a regra básica, nem se discutia como possibilidade de mudança, então regras mesmo. Não entrevistar assassino, bandido... cuidado com as imagens, não colocar a propaganda do jogador de futebol que vai com a camisa de propaganda... Enfim, o cara não é nunca bandido, ele só é suspeito. Porque não foi julgado... e há várias coisas. Tudo aquilo na regra. A visão geral da ética, do que é moral, enfim, o politicamente correto e apoiado pelo “Padrão Globo”, que chamava “Padrão Globo de Qualidade” em todos os sentidos... técnicos, mas também disso, dos valores e princípios. Então, nem se discutiu o que a GloboNews poderia ser, em termos editoriais, se encapou. Aquilo era aquilo. Acho que, ao longo do tempo, junto com a linguagem visual, com a estética visual, como você chama, e junto também com a consolidação e, principalmente, pelo fato que, eu acho muito importante citar, que a redação da GloboNews era formada por uma grande parte por jovens jornalistas e uma menor parte de jornalistas sênior, como eu. A maior parte eram de jornalistas já formados, eles não eram estagiários. Eles eram formados, já tinha um ano e pouco, eles fizeram um curso e a gente trouxe eles. Esses jornalistas, eles tinham um estímulo importante para fazer o jornalismo acontecer. Eles se sentiam responsáveis também para correr atrás de forma corajosa e ousada

para fazer um jornalismo que caracterizasse aquele canal, a GloboNews. Intuitivamente? Intuitivamente. Mas você sentia aquilo. Eu lembro de uma das coisas que aconteceram... eu não tenho a data, mas me lembro quando o Rodrigo foi ao afundamento da plataforma P...

Pedro Miranda (entrevistador)

P-36

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

P-36. E o Rodrigo Alvarez com o cinegrafista que era o Eglédio... eles iam e voltavam lá para Macaé, para a região de Campos, onde a plataforma estava afundando devagarinho. E um dia e um dia, eu lembro disso, o Rodrigo Alvarez, que já era uma pessoa assim muito corajosa, ele falou assim... eu lembro daquela conversa e ele falou: “eu quero voltar lá, eu quero voltar lá e ficar na outra plataforma onde eles estão comandando o afundamento daquela plataforma. Eu quero ficar lá, eu quero ficar lá. Deixa eu ir, deixa eu ir. Acho que ainda tem matéria”. E ele e o Eglédio como cinegrafista foram. E foram para ir nesta plataforma, outra, onde ele viu os petroleiros, naquele momento exato, da outra plataforma vendo a plataforma P-36 afundar e com pessoas lá dentro, né? Porque não tinham conseguido tirar. E ele pega aqueles homens... eu lembro tanto essa imagem, até me arrepio... grandes, fortes, petroleiro, chorando, e aí ele é obrigado a sair e ele vai na sua coragem, na sua ousadia de jovem, ele antes de sair, de subir no helicóptero, ele faz uma passagem na plataforma dizendo “sou obrigado a sair daqui, porque a plataforma vai afundar”. E aí ele sobe no helicóptero e o helicóptero sobrevoa e a plataforma afunda. E ele voltou para a redação e ele falou “eu tenho isso aqui”. Quando viu, foi para o Jornal Nacional. Aquela imagem com a cabeça dele, só a cabeça dele, narrada pelo William Bonner, mas a passagem dele, e aqueles homens chorando e a plataforma inteira para o mar. Então, o que eu quero dizer é que... Não quero dizer que mudança editorial é essa, é que acreditar na ousadia de um de um jovem que fala assim “eu acho que ali vai ter coisa, deixa eu ir que vai ter coisa”. Acho que isso não é uma mudança editorial, mas é uma mudança de comportamento importante numa redação de jornalismo e que traz talvez um olhar novo, um olhar de forma diferente para as regras editoriais. Não, não pode. A plataforma vai afundar, é perigoso e tal. Então você equilibra de outra forma, você dá outro calibre às regras. E eu acho que isso é importante. Eu acho que a GloboNews com isso, foi adquirindo facilidades e brechas que deram a ela uma característica editorial diferente. Mudanças? Houve mudanças? Houve. Antes ela seguia basicamente as regras estabelecidas e, ao longo do tempo, ela consegue ir furando brechas e abrindo caminhos dentro da estrutura editorial estabelecidas. Sim, houve mudanças.

Pedro Miranda (entrevistador)

Entendi. Então talvez até essa ideia de uma de uma certa... Quando ela consegue adquirir, então, essa independência, essa certa experimentação, né? Porque também era um lugar de experimentação, coisas que você não podia fazer lá na rede, no JN, talvez na GloboNews fosse... Então, pode, vai, tenta lá, vamos ver.

Vera Íris Paternostro - jornalista (entrevistada)

Pode usar isso aí, essa palavra porque acho que a GloboNews ela tem... Aí eu acho que ela sempre teve também essa característica de experimentar. Mas experimentar em todos os sentidos, experimentar a arte, experimentar o uso da música, o uso da redação aberta. Foi a

primeira vez que se viu a redação... no Jornal Nacional não se via a redação, era no estúdio fechado... ela tinha jovens inexperientes, vamos dizer assim, fazendo as suas matérias, ela tinha as transmissões que não tirava, ela colocava no ar imagens brutas... Tem um assunto, eu não estou me lembrando, mas a gente colocou... as imagens que chegavam e a gente punha no ar “imagens brutas, sem estarem editadas...” ...da fita mesmo do cinegrafista, o que é uma estética completamente fora dos padrões de qualidade. E então isso tudo realmente era um canal de experiência, de experimentar até hoje, eu acho que até hoje ele é. Menos, mas é.

ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP UFJF PELA APROVAÇÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Titulo da Pesquisa: AO VIVO, TUDO O QUE VOCÊ PRECISA SABER: a anatomia e as fases da grande cobertura (tele)jornalística na GloboNews

Pesquisador: CLAUDIA DE ALBUQUERQUE THOME

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 59488122.3.0000.5147

Instituição Proponente: Faculdade de Comunicação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.511.571

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa.

"Pesquisa quali-quantitativa desenvolvida no âmbito do grupo de pesquisa "Narrativas Midiáticas e Dialogias" (certificado pela UFJF/CNPq) e do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. O estudo se propõe a identificar e a analisar a forma narrativa e as fases da grande cobertura (tele)jornalística na GloboNews. A primeira etapa do trabalho é composta pela revisão bibliográfica de autores e demais referências pertinentes ao tema de pesquisa. A segunda etapa será feita a partir da análise documental do material (impresso, digital e audiovisual) coletado em acervos e repositórios virtuais e outros bancos de dados online referente ao objeto de estudo. A terceira etapa é composta pela pesquisa de campo que comporta entrevistas semi-estruturadas com jornalistas (diretores, repórteres, apresentadores, produtores, editores) do canal GloboNews a serem realizadas de modo remoto com o suporte de softwares de videochamada. A estruturação das fases e do histórico do canal se dará, também, a partir dos relatos desses profissionais. A última etapa da pesquisa se concentrará na consolidação das fases identificadas, na análise televisual (AT) de uma grande cobertura da última fase proposta e no fechamento do texto da tese a ser apresentado. Outras informações estão contempladas na seção sobre metodologia."

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **E-mail:** cep.propp@uff.br



Continuação do Parecer: 5.511.571

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário: Definir e analisar a estrutura da grande cobertura (tele)jornalística em um canal all news e identificar as fases do telejornalismo da GloboNews."

"Objetivo Secundário: • Identificar e definir as fases do telejornalismo da GloboNews de 1996 a 2020; • Identificar e definir as coberturas (tele)jornalísticas de destaque do canal all news; • Analisar as características e a estrutura da grande cobertura (tele)jornalística em um canal all news; • Analisar os formatos e elementos narrativos audiovisuais de cada período da grande cobertura (tele)jornalística na GloboNews. • Definir o conceito de grande cobertura (tele)jornalística e de cobertura grande aplicados ao contexto dos canais em formato all news."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"A proposta apresenta gradação de risco mínimo aos participantes, tendo em vista todas as medidas a serem adotadas, detalhadas a seguir, para resguardar os voluntários. O risco mais evidente na pesquisa está relacionado à gravação audiovisual da entrevista com o participante sobre o histórico e a atuação do profissional nas coberturas jornalísticas no canal GloboNews, podendo sem ter a intenção expor rotinas de produção e conteúdo empresarial confidencial, e sua possível identificação nominal e referente ao cargo que ocupa durante a entrevista (esse último com anuência expressa pelo participante mediante concordância verbal com o TCLE). Portanto, para minimizar os possíveis efeitos de constrangimento organizacional o TCLE será repassado com cada participante de maneira clara e objetiva. Ainda a fim de evitar possíveis constrangimentos e consequências negativas ao profissional os pesquisadores se comprometem a realizar as perguntas de modo claro, a fim de evitar dupla interpretação pelo participante ou induzilo a possível erro de compreensão. O participante ainda poderá a qualquer tempo, até a publicação da versão final da pesquisa, solicitar a supressão de trechos ou a totalidade de seus relatos. As entrevistas serão realizadas e gravadas, prioritariamente, de modo remoto através da plataforma Google Meet, a fim de preservar a saúde e o bem-estar físico dos participantes no cenário persistente de contaminações pelo vírus da Covid-19. Benefícios: Considerando que o telejornalismo é um recorte, uma representação, sobre os acontecimentos e a realidade, o presente estudo fornece um importante material histórico sobre os canais de notícia na TV brasileira e o modo como cobriram/cobrem jornalisticamente temas do cotidiano dos brasileiros nas últimas duas décadas, pelo menos. Destacamos também a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o jornalismo all news em televisão. Essa é uma modalidade de telejornalismo que se expandiu, principalmente na década de 1990, e nos últimos anos com a chegada de novos canais de notícia, impulsionado, principalmente, pela crise sanitária global, pelo cenário político e

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
 Bairro: SAO PEDRO CEP: 38.038-900
 UF: MG Município: JUIZ DE FORA
 Telefone: (32)2102-3788 E-mail: cep.propp@uff.br



Continuação do Parecer: 5.511.571

econômico nacional e internacional. Esse projeto se insere dentro desse contexto e é necessário para estimular novas pesquisas sobre o telejornalismo por assinatura. Os participantes serão beneficiados ao passo que terão acesso a importante material científico que poderá auxiliá-los no aprimoramento de suas rotinas produtivas e práticas (tele)jornalísticas.".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a, b, d, e, f, g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas no Manual Operacional para CEPs. Apresenta DECLARAÇÃO de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra h.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
 Bairro: SAO PEDRO CEP: 38.036-900
 UF: MG Município: JUIZ DE FORA
 Telefone: (32)2102-3788 E-mail: cep.propp@uff.br



Continuação do Parecer: 5.511.571

norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: abril de 2023.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e com a Norma Operacional Nº001/2013 CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1771279.pdf	06/07/2022 00:46:05		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado_ajustado.pdf	06/07/2022 00:13:00	PEDRO AUGUSTO SILVA MIRANDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_anuencia_ajustado.pdf	06/07/2022 00:12:18	PEDRO AUGUSTO SILVA MIRANDA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	08/06/2022 22:34:06	PEDRO AUGUSTO SILVA MIRANDA	Aceito
Outros	curriculo_pedro.pdf	06/06/2022 13:47:17	PEDRO AUGUSTO SILVA MIRANDA	Aceito
Outros	curriculo_claudia.pdf	06/06/2022 13:46:12	PEDRO AUGUSTO SILVA MIRANDA	Aceito
Outros	instrumento_coleta.pdf	05/06/2022 23:32:05	PEDRO AUGUSTO SILVA MIRANDA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_sigilo.pdf	05/06/2022 23:30:07	PEDRO AUGUSTO SILVA MIRANDA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	estrutura_projeto.pdf	05/06/2022 23:27:16	PEDRO AUGUSTO SILVA MIRANDA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
 Bairro: SAO PEDRO CEP: 38.038-900
 UF: MG Município: JUIZ DE FORA
 Telefone: (32)2102-3788 E-mail: cep.propp@ufjf.br



Continuação do Parecer: 5.511.571

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JUIZ DE FORA, 06 de Julho de 2022

Assinado por:
Jubel Barreto
(Coordenador(a))

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **E-mail:** cep.propp@ufjf.br

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO FINAL PARA USO DE MATERIAL TITULARIDADE TV GLOBO

Rio de Janeiro, 22 de Junho de 2023.

A
Pedro Augusto Silva Miranda, Universidade Federal de Juiz de Fora, doutorado em Comunicação.

A/C:

Ref.: Autorização Para Uso de Materiais de Titularidade da Globo

Prezados Senhores,

Vimos, pela presente, em atenção à sua solicitação, autorizar o aluno Pedro Augusto Silva Miranda (“Autorizado”) a utilizar imagens, fotos, videos, entrevistas concedidas por seus empregados/ contratados e/ou demais materiais de titularidade da Globo Comunicação e Participações S.A. (“Globo”), descritos no Anexo I, doravante simplesmente “Materiais”, única e exclusivamente no para fins de produção de estudo/ pesquisa acadêmicos, no âmbito do projeto “**A HISTÓRIA AO VIVO ENQUANTO A NOTÍCIA ACONTECE: as fases e a anatomia narrativa da grande cobertura (tele)jornalística na GloboNews**” para apresentação, e/ou exibição e/ou distribuição, sem finalidade lucrativa, na Universidade Federal de Juiz de Fora.

A autorização ora realizada possui caráter gratuito e se dá a título universal, não exclusiva e restrita à utilização do Material no Projeto, nas condições acima mencionadas, sendo expressamente vedada a reprodução, exibição ou utilização em qualquer meio, inclusive internet, para fins comerciais ou não, sem a obtenção de uma autorização prévia e expressa da Globo. Assim, fica proibido todo e qualquer tipo de utilização que não tenha sido expressamente autorizada pela Globo, devendo V. Sas. responsabilizarem-se por qualquer utilização diversa da ora autorizada.

A autorização ora realizada se refere tão somente aos direitos de titularidade da Globo, ficando expressamente vedada a realização de montagem, alteração, manipulação e/ou transformação do Material, por qualquer meio ou processo. Caso o Material contenha marcas ou logotipos da Globo, estes deverão ser mantidos pelo Autorizado, sendo vedada a inclusão de qualquer tipo de publicidade, marca e/ou patrocinadores, que possa ser relacionada ao Material, salvo se com autorização expressa da Globo. A Globo não autoriza a dublagem de voz/atuações contidas no Material.

Neste ato, ficam Vossas Senhorias cientes de que a autorização ora concedida restringe-se aos

direitos da **Globo**, cabendo ao **Autorizado** a obtenção de toda e qualquer autorização de terceiros retratados no **Material**, incluindo artistas, intérpretes, músicos, apresentadores, empregados/contratados e espectadores, bem como para a inclusão de interpretações, obras musicais e demais obras intelectuais de terceiros no **Projeto**, arcando, ainda, com os custos relativos à obtenção das mencionadas autorizações, quando cabíveis, isentando, desde já, a **Globo** de todo e qualquer pleito ou reivindicação de terceiros, incluindo custas judiciais e honorários advocatícios, obrigando-se, ainda, a excluir imediatamente a **Globo** de eventuais lides caso a mesma seja demandada em razão de violação dos direitos de terceiros, bem como a indenizar regressivamente a **Globo**, caso essa venha a ser condenada ao pagamento de qualquer valor, seja a que título for.

Ressaltamos, ainda, que V. Sa. não poderão, em hipótese alguma, ceder ou permitir que terceiros utilizem-se do **Material**, seus extratos, trechos ou partes, sem a devida autorização prévia e expressa da **Globo**, sob pena de responder pela utilização indevida.

O **Autorizado**, ciente do alto valor estratégico e mercadológico do **Material**, concorda em restringir o uso do **Material** ao estritamente disposto nos termos deste documento. O autorizado deverá utilizar o **Material** apenas para fins de desenvolvimento da pesquisa acadêmica, restringindo o acesso ao **Material** somente a si, e não deverá revelá-las e/ou permitir o acesso a terceiros. Qualquer outro uso do **Material** por parte do **Autorizado** é terminantemente vedado.

O **Autorizado** reconhece que a violação, por ação ou omissão, do acima disposto poderá causar danos irreparáveis à **Globo** e que esta, além de outras medidas, poderá se valer de medidas liminares ou cautelares para fazer cessar qualquer violação indicada neste documento. As obrigações de confidencialidade aqui assumidas deverão subsistir ao término do desenvolvimento da pesquisa acadêmica

Estando V.Sa. ciente do acima, solicitamos a aposição do seu “de acordo” no espaço indicado abaixo, bem como a devolução da segunda via da presente após sua assinatura.

As Partes elegem o foro da Comarca do Rio de Janeiro para dirimir quaisquer questões relativas ao presente Termo, com renúncia a quaisquer outros, por mais privilegiados que sejam ou venham a ser.

Sem mais, subscrevemo-nos,

DocuSigned by:

URIADIANA TERESA BERTOLINI

4B4BHC3AC04549C

DocuSigned by:

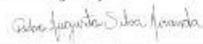
Paula Carvalho Colombaretti

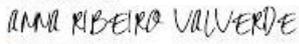
45961F89F4A743E

DocuSign Envelope ID: 509BD456-3186-410B-8E26-6A961AB4F758

Globo Comunicação e Participações S.A.

Ciente e de Acordo:

DocuSigned by:

Pedro Augusto Silva Miranda

DocuSigned by:

ANNA RIBEIRO VALVERDE

ANEXO I
[Descrição do Material]

IMAGENS DE ACERVO – GLOBONEWS

JORNAL DAS DEZ (J10) :

31 OUT. 1996
1 NOV. 1996
11 SET. 2001
12 SET. 2001
12 OUT. 2010
13 OUT. 2010
17 JUN. 2013
20 JUN. 2013

EM CIMA DA HORA 18H (MH18):

31 OUT. 1996
1 NOV. 1996
11 SET. 2001
12 SET. 2001

JORNAL GLOBONEWS ED. 18H (MH18):

12 OUT. 2010
13 OUT. 2010
17 JUN. 2013
20 JUN. 2013

ANEXO C – LEVANTAMENTO HISTÓRICO DOS CANAIS DE NOTÍCIA NO BRASIL
NOS JORNAIS IMPRESSOS “FOLHA DE S. PAULO”, “O ESTADO DE S. PAULO” E “O
GLOBO”.

Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1muYcqq1N-L5mk2yM17z_Gl3SKba7ofZ/view?usp=drive link](https://drive.google.com/file/d/1muYcqq1N-L5mk2yM17z_Gl3SKba7ofZ/view?usp=drive_link)>. Acesso em 31 jul. 2024.

